

ANTES DE SETE

Este tipo deve ser usado

Número máximo de linhas 10
Comprimento máximo de cada linha —

SETE A OITO

Este tipo deve ser usado em

Número máximo de linhas 15
Comprimento máximo de cada linha 10 cm.

OITO A NOVE ANOS

Este tipo deve ser usado em livros de

Número máximo de linhas 20
Comprimento máximo de cada linha 9,3 cm.

NOVE A DOZE ANOS

Este tipo deve ser usado em livros destinados a

Número máximo de linhas 22
Comprimento máximo de cada linha 9,3 cm.

ACIMA DE DOZE ANOS

Este tipo deve ser usado em livros destinados a crianças de

Número máximo de linhas 24
Comprimento máximo de cada linha 9,3 cm.

de ler bem. Para tanto é necessário fazer mais do que comumente se faz. É preciso tomar o livro de leitura como uma fonte de sugestões, de idéias, de lembranças, de conversações, de exercícios, de pronúncia e de redação, de vocabulário e de desenho, o que dá à aula de leitura nova perspectiva.

Como motivar a aula de leitura.

- Referências do professor sobre a lição que vai ser estudada e lida, como alguma coisa capaz de informar, deleitar e sugerir.
- Referências a respeito de seu vocabulário, mostrando a importância que devemos atribuir à aquisição de novas palavras.
- Despertar na criança o desejo de ler bem, de ler para o enriquecimento da vida intelectual e moral. Ler trechos da lição e mostrar que aproveitamento pode fazer deles.
- Mostrar à criança como nos deleita uma leitura corrente, bem feita e expressiva.
- Mostrar à criança quantas notícias podemos colher através da leitura e quantas sugestões nos fornece um bom livro.
- Provocar por variados processos o interesse dos alunos, já com a criação da biblioteca infantil, já com a "hora da leitura".
- Escrever no quadro negro, ou em cartazes, frases sugestivas a respeito do hábito de ler e suas vantagens.
- Orientar a criança na confecção de marcadores de livros, que encerrem conselhos sobre a leitura.
- Realizar freqüentes exercícios de pronúncia de palavras, para que a criança adquira o gosto da boa pronúncia.

Como preparar a lição de leitura. — Em primeiro lugar conte o professor o assunto tratado na lição. A expressão livre, as pausas adequadas, a mímica expressiva, despertam na classe o prazer de ouvir. Acentue nessas ocasiões a pronúncia das palavras mais difíceis, escreva-as no quadro negro, faça a classe pronúncia-las. Estude depois com a classe a lição escolhida, linha a linha. Tome o grau de compreensão dos alunos. Escreva no quadro a palavra desconhecida e dê exemplos de seu uso. Analise com as crianças as expressões desconhecidas. Critique-as. Organize com os alunos um vocabulário da lição.

Terminada esta primeira parte deve o professor ir aos poucos criando no aluno o hábito de preparo da leitura, em casa, de acordo com as seguintes sugestões:

- recomendar a leitura em casa, em voz alta, algumas vezes;
- recomendar que de livros fechados procurem contar a outrem o conteúdo da lição;
- recomendar o estudo e a fixação dos sinônimos, principalmente pelo uso;
- orientar o aluno no estudo da pontuação;
- recomendar a leitura para pessoas da casa.

NOTA: Por ocasião da tomada da lição, tornar o exercício (o mais desinteressante de escola) em agradável e desejado. A prática de fazer ler, em meia hora, todos os alunos da classe é deseducativa e enfadonha.

Do uso do dicionário. — Os livros de leitura que não trazem vocabulário elucidativo obrigam o professor a fornecer à classe toda a sinonímia, ou o aluno, a manusear dicionários. Esses que são em geral dicionários comuns, oferecem dificuldades à pesquisa infantil. Não contamos com dicionário para crianças, em que a linguagem é acessível à compreensão infantil. Longe das vistas do professor, o uso de dicionário é, quase sempre, exercício deseducativo, uma vez que a criança escolhe dentre os sinônimos possíveis que acha, um deles, que nem sempre se ajusta ao texto.

Com vistas à dificuldade apontada, propomos o seguinte problema: Quando e como deve a criança fazer uso do dicionário?

Sem dar solução à questão proposta, sugerimos alguns exercícios que o professor deve realizar com a criança:

- a ordem alfabética nos dicionários (como procurar palavras);
- conhecer as abreviaturas usadas;
- conhecer praticamente a pronúncia das palavras de acordo com as convenções usadas;
- saber achar em alguns dicionários os nomes próprios;
- aprender a procurar verbos;
- aprender a procurar o sinônimo que convenha à palavra do texto (exercícios de ajustamento de sentidos);
- aprender a procurar: 1) substantivos; 2) adjetivos; 3) advérbios, etc.

Práticas interessantes com dicionários. — O dicionário é dos auxiliares do estudante o menos usado na escola primária. Entretanto, em mãos de professor hábil presta-se a exercícios muito interessantes e educativos, de que damos abreviada mostra:

- Observar o dicionário ilustrado — exercícios de conversação sobre o observado.
- Estudar a grafia de palavras.
- Estudar a prosódia de palavras.
- Procurar nomes de animais.
- Procurar nomes de plantas.
- Procurar nomes de instrumentos.
- Procurar os valores de x.
- Procurar os valores de z.
- Procurar etimologias (classes adiantadas) etc.

Práticas interessantes sugeridas por lições de leitura. — A fim de explorar mais profundamente o texto lido, pode o professor realizar com os alunos uma série de trabalhos sugeridos pelas lições de leitura. Damos aqui uma série dessas práticas:

- fazer fichas-resumo de assuntos;
- fazer marcadores de livros com ilustrações da lição;
- fazer mapas para esclarecer certos aspectos da lição;
- procurar poesias para recitar;
- realizar experiências idênticas às explanadas no texto;
- realizar concursos de ortografia;
- realizar concursos de vocabulários;
- ilustrar a lição lida;
- fazer uma barra decorativa com assuntos das lições lidas;
- estudar a biografia do autor do trecho lido;
- fazer relevos para concretizar a lição;
- estudar outros trechos do mesmo autor lido;
- inventar histórias sobre o assunto da lição lida;
- organizar aulas de conversação sobre a lição lida;
- recortar jornais;
- organizar quadros de gráficos ou de estatística com elementos da lição;
- escrever contos a respeito da lição lida;
- dramatizar a lição.

Resumo da lição lida. — Após a leitura da lição e para verificar o aproveitamento do aluno, pode o professor organizar, pequenos questionários de acordo com as seguintes sugestões:

- Que sabe do autor da lição lida?
- Gostou do que leu?
- Pode explicar por quê?
- Qual o pedaço da lição que mais apreciou?
- Que palavras novas aprendeu com a lição?
- Gostou do final da lição?
- Cite cinco palavras da lição lida.

Modelo de uma lição de leitura. — Lição — Divisão do tempo — Leitura II — ERASMO BRAGA.

- Para o matuto, não há melhor relógio que o sol durante o dia, as estrêlas e o canto do galo durante a noite.
Um bom relógio é, porém, instrumento necessário para medir com precisão o tempo.
- Há várias espécies de relógios. Em muitas cidades antigas vê-se na praça principal, uma *quadrante solar* que, pela sombra de uma das peças, marca as horas do dia.
Há, em algumas escolas, para regular o tempo dos exames, *ampulhetas* feitas de duas ampolas de vidro, com uma certa quantidade de areia. Esta, vazando de uma ampola para outra por um pequeno orifício, mede cinco, dez ou quinze minutos.
- Era uma vez um rei chamado Alfredo que mandou fazer umas velas graduadas, a fim de servirem a seu povo para medir o tempo. O rei Alfredo mandava conservar acessas em seu palácio as velas e queria que, por esse meio, os seus vassallos calculassem as horas.
- Os habitantes das cidades devem acertar seus relógios pelo da estação da estrada de ferro ou pelo regulador público, de sorte que todos os relógios marquem a mesma hora e o mesmo minuto. — Assim, todos podem coordenar seus trabalhos e ser pontuais em suas reuniões.
Se prometermos a alguém prestar-lhe um serviço em uma hora determinada, ou combinarmos de caráter não ser exato nos compromissos.
- O grande relógio que marca em nossa casa as horas, os minutos e os segundos, movendo incessantemente o pêndulo, para cá e para lá, denotou os momentos felizes e funestos para a nossa família.
— Já ouviu nas horas mortas da noite o solene tique-taque do velho relógio?
Os poetas interpretam a linguagem do pêndulo assim: *Sempre, nunca; nunca, sempre.*

6. O tempo perdido nunca mais se recupera.
Costumam os jornais publicar anúncios de jóias perdidas. Vejam o anúncio que um dia inseriram em um diário:

"Perdeu-se ontem uma hora de ouro engastada com sessenta minutos de diamantes. Não se oferece recompensa a quem a procurar, porque está absolutamente perdida".

7. Quem se habituou a economizar os minutos, não precisa contar os meses e os anos: sobrar-lhe-á o tempo.

Um livro antigo traz muitos provérbios que resumem a sabedoria e a experiência de velhos sábios. Uma das passagens desse livro diz assim: "Todas as coisas têm seu tempo. Há tempo de destruir e tempo de edificar. Há tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou. Há tempo de falar e tempo de calar."

A boa divisão do tempo e o devido aproveitamento dos minutos são grandes elementos de prosperidade.

NOTA: Os alunos da escola normal, dando numa classe primária a presente lição, devem fazer dela o máximo aproveitamento.

Sugestões para o aproveitamento do assunto.

- Fazer um quadrante solar.
- Construir uma ampulheta.
- Estudar onomatopéias.
- Redigir alguns cartazes sobre o aproveitamento do tempo.

O problema da pronúncia. — Assunto inteiramente desleixado pela escola primária, apesar de sua importância, está a merecer cuidado especial de parte dos professores, sobretudo os da zona rural, ou os de núcleos de grande porcentagem de estrangeiros.

Sob outro aspecto cabe à escola firmar a prosódia de certas palavras que andam deturpadas na boca do povo, a fim de criar o gosto da boa dicção. São entre muitas tais palavras:

avaro (vá)
ruína
avaría
trouxe (ce)

quatorze = catorze
pegada (ga)
gratuito (tu)
refém

ruím
casimira
circuito
técnico, etc. (#)

Problemas para estudo.

- Como os alunos pronunciam seus hinos e canções?
- Como pronunciam os nomes de colegas e professores?
- Como pronunciam os nomes das ruas e praças da cidade?
- Como dizem as suas poesias?
- Como pronunciam certas palavras típicas: dentro, depois, até, etc.?
- Como pronunciam os nomes de profissões: padeiro, pedreiro, etc.?

SUGESTÕES PARA TRABALHOS

- Uma boa fonte de exercícios de pronúncia é o livro de leitura. Com êle pode o professor realizar excelentes exercícios de dicção, escolhendo palavras de pronúncia menos comuns.
- A classes adiantadas cabe o conhecimento dos órgãos fonadores. Por êle pode a criança aprender a utilizá-los e a exercitá-los.
- Despertar-se na criança o gosto pela boa leitura. É suficiente tentar a tarefa de corrigir erros de pronúncia, metódicamente, e a de mostrar à criança a beleza de dicções esmeradas.
- Pode-se realizar a análise das letras de hinos e canções, para a aprendizagem correta da pronúncia.
- Pode-se mostrar à criança o desagradável efeito que produzem as palavras mal pronunciadas.
- É educativo praticar constantes exercícios de recitação de poesia, provérbios e de trechos escolhidos.
- Formar algumas vezes relações de polissílabos e exercitar com êles a pronúncia da criança.
- Lembrar à criança que a boa pronúncia das palavras pode melhorar sensivelmente a grafia delas.
- Exercitar com freqüência a silabação de palavras, para a aquisição da pronúncia, correta.
- Resolver com as crianças casos de pronúncia que, em geral, não são bem definidas: caracteres, líquidos, etc.

(*) Ver *Práticas Escolares* — 2º volume.

Relação de alguns exercícios educativos.

- 1 — Estudo da terminação de palavras: *al, ar, ão, am, as, etc.*
- 2 — Valores do *x*: máximo, fixo, exame, etc.
- 3 — Valores dos dois *rr*, do *r* simples, etc.
- 4 — Uso do *nh*.
- 5 — Uso do *bs*: *obséquo, subsistir, subsídio, etc.*
- 6 — Valores do *x* final: *fluxo, tórax, etc.*
- 7 — Pronúncia de polissílabos e de palavras esdrúxulas.
- 8 — Pronúncia de proparoxítonas em que, freqüentemente, há tendências de só pronunciar a tônica: *fósforos, lípidos, etc.*
- 9 — Pronúncia de plurais: *homens, vegetais, etc.*
- 10 — Pronúncia de diminutivos: *animaizinhos, naviozinhos, etc.*
- 11 — Exercícios para a determinação da tônica, como "centro de gravidade" da palavra: *habilíssimo, notáveis, etc.*
- 12 — Pronúncia de verbos no subjuntivo, no mais que perfeito.

ALGUMAS INDICAÇÕES INTERESSANTES SOBRE O PROBLEMA DA PROLAÇÃO (*)

- Asia* — perda da capacidade de falar.
- Agônica (voz)* — impossibilidade de pronunciar as palavras em voz alta e sonora.
- Balbuco* — impossibilidade momentânea e penosa de pronunciar uma consoante ou uma vogal, ou de unir as vogais às consoantes.
- Batarismo* — anomalia que pode ser incluída entre o balbuco e a gagueira, cuja origem deve atribuir-se a uma desproporção entre o desejo de falar e a sensibilidade motora.
- Blesidade* — série de defeitos de pronúncia, que consistem na substituição, deformação ou repressão de consoante.
- Bradiartria* — articulação silábica lenta, trêmula e forçada.
- Bradilalia* — emissão excessivamente lenta da palavra.
- Ciclo* — forma particular de balbuco — pronúncia defeituosa em confusão do *s*, do *z* e do *c*.
- Disartria* — dificuldade para articular os sons como elementos das sílabas e palavras.
- Disfasia* — alterações no mecanismo formal da linguagem interior. Má evocação ou coordenação das imagens das palavras.
- Disfonia* — má emissão da voz.
- Dislalia* — dificuldade para pronunciar as palavras devida, geralmente, a defeitos dos órgãos que intervêm na emissão do som.
- Ecofasia* — troca de palavras de sons análogos, pelo predomínio de certas imagens.
- Gamaicismo* — dislalia que consiste na substituição ou má pronúncia do *g*.
- Gagueira* — Estado espasmódico da musculatura que interrompe os movimentos normais da boca, no falar. Tartamudez.
- Hiperfonia* — voz mais aguda ou mais que a normal.
- Hiperfasia* — pronúncia muito alta de sentenças.
- Hipofonia* — voz mais baixa que a normal.
- Hipofasia* — pronúncia abaixo do normal: lenta, monótona e pesada.
- Lalomania* — mania de falar em excesso e descoordenadamente às vezes.
- Lambdacismo* — dislalia que consiste em substituir ou pronunciar mal o *l*, ou substituí-lo.
- Logorria* — abundância de palavras sem coordenação regular.
- Monofrasia* — hábito de repetir certas expressões, malgrado a pessoa: muito bem! pois sim. Sim senhor. Que horror!
- Ortofonia* — pronúncia correta das palavras.
- Parafasia* — falta absoluta de linguagem interior.
- Parafonia* — emprêgo inadequado da voz (falsete, mulheril, adocicada).
- Parartria* — disartria que consiste em permutar as sílabas da palavra ou as letras da sílaba.
- Rotacismo* — dislalia que consiste na dificuldade de pronunciar o *r*.
- Verbofobia* — medo infundado da emissão de certas palavras.

Algumas palavras para exercícios de pronúncia

elefante	bicarbonato	maléfico	dentro	celulóide
borboleta	Anchieta	decano	voltaremos	madrepérola
depois	lagartixa	gostos	circunflexo	satisfeito
batismo	lagarto	rubrica	cabeçalho	álcool
baixo	porcentagem	ruína	paralelepípedo	azáfama
estômago	refém	avaria	cédula	horóscopo
quantia	avaro	alimária	quatorze	espécime
liquidação	perguntar	gás	quartzito	réptil
procissão	melancolia	apóstrofo	inolvidável	involúcro
enxuto	pantomima	opimo	pênsil	projétil
sutil	autópsia	simulacro	têxtil	viveres

(*) Muitas destas notas foram tomadas a VÍTOR MERCANTE.

Leitura corrente. — "A leitura corrente é a que não oferece outras pausas senão as impostas pelos sinais de pontuação e que constitui uma leitura rigorosamente correta. A leitura não consiste, simplesmente, na percepção de sinais escritos e na articulação apropriada à proporção que esses sinais são percebidos; a operação é mais complexa e exige um automatismo maior" (BINET).

Desde que tenha sido aprendida a técnica da leitura, é conveniente cuidar de seu aperfeiçoamento e medida. Para aperfeiçoá-la já lembramos linhas atrás certos recursos didáticos. Mas ainda com o mesmo objetivo deve o professor examinar cuidadosamente a impressão do livro usado pelo aluno, a posição deste com relação à luz, e quanto possível, as condições fisiológicas da criança, que podem prejudicar o regular desenvolvimento da leitura: miopia, defeitos de órgãos fonadores, etc.

A medida da leitura corrente. — "Escolhe-se um texto fácil, desconhecido da criança, impresso em tipo que lhe seja habitual, e convida-se o aluno a ler, em voz alta. Serve para isso, perfeitamente, uma página do livro de leitura. Sem que o aluno perceba, põe-se a funcionar um cronômetro no início da leitura e, ao cabo de um minuto, anota-se a palavra alcançada pelo leitor. Conta-se em seguida o número de palavras lidas nesses 60 segundos. Pode-se, também, contar antecipadamente, o número de palavras desde o topo da página e escrever esse número na margem: poder-se-á então, sem demora, fixar por uma cifra a rapidez da leitura do aluno" (*).

Leitura expressiva. — Há dezenas de manuais relativos ao assunto, com valiosas indicações sobre o meio de conseguir expressão na leitura. Consulte-os o professor, tome deles as regras que lhe parecem racionais e adequadas ao curso primário e procure despertar no aluno o interesse pela leitura expressiva. A nosso ver, uma coisa essencial ao assunto deveria ser feita: criar, desenvolver o hábito de ler em público, em auditório, em família. Tornar o leitor um leitor para os outros e interessá-lo no desejo de ler para ser entendido.

Com tal orientação aprende a criança a ler com voz audível, a graduar a voz de acôrdo com o público e com o lugar, aprende a dominar-se e ganhar confiança em si mesma a criar emoções na vida afetiva alheia, a sentir finalmente a leitura.

Algumas idéias a respeito devem ser examinadas aqui.

1. A expressão na leitura nasce da afinidade entre os sentimentos do autor e os do leitor.
2. A expressão na leitura advém da compreensão do texto lido, da sua apreensão intelectual.
3. A expressão na leitura origina-se da boa articulação das palavras, da pontuação bem feita.
4. A expressão na leitura subordina-se à qualidade de voz do leitor.

Sugestões para a prática.

- 1 — Escolher na classe um trecho pequeno e fácil. Ler para a criança com a maior expressão possível. Mostrar-lhe depois o mesmo trecho lido sem expressão. Acentuar-lhe no espírito a diversidade de leituras.
- 2 — Ler poesias às crianças, procurando dizê-las com a máxima clareza.
- 3 — Mostrar à criança o valor da pontuação, que altera, cria sentidos bem divergentes.

Exemplo:

Quando partimos no verdor dos anos
Da vida, pela estrada florescente.

ou

Quando partimos no verdor dos anos
Da vida pela estrada florescente.

- 4 — Dizer às crianças trechos com variedade de onomatopéias.
- 5 — Ler diálogos às crianças, mostrando a variedade de tons empregados.
- 6 — Ler conversações extraídas de livros.
- 7 — Ler às crianças trechos literários de grande harmonia de forma: Oração a bandeira, do Bilac, a Moleirinha, de Guerra Junqueiro, etc.
- 8 — Representar cenas dialogadas com crianças.
- 9 — Dramatizar lições do livro, em que haja elementos para a dicção expressiva.
- 10 — Cultivar o hábito de dizer sempre bem as palavras.

(*) CLAPARÈDE.

Auditórios. — As considerações já expendidas a propósito da expressão, na leitura, levam-nos diretamente a um dos melhores campos para a prática não só desses exercícios, mas em geral de todos aqueles em que entram conversações, diálogos, dramatizações, etc. — o Auditório.

Não exige o auditório grande encenação, nem ambiente especial. A prévia disposição de mobiliário em semicírculo, a colocação do expositor ou leitor no centro, a orientação metódica dos trabalhos, tudo isso concorre para criar na escola o hábito dos "auditórios" educativos.

A princípio serão exercícios bastante simples. E nas primeiras vezes, em que são feitos, a atividade é sumamente desinteressante para a criança, em geral, desacostumada de ouvir leituras dos próprios colegas, de prestar atenção aos estímulos de conversações ou de dramatizações. Acostumada unicamente a obedecer à voz do professor, não se orienta pela liderança de colegas da mesma idade. Sobra-lhe, além desse defeito, o de não saber comportar-se em grupos diferentes que os de sua classe.

A oportunidade que os auditórios oferecem para a implantação de hábitos sociais é excelente. Aprende-se nêles a saber falar e a saber ouvir, a suportar a direção alheia, embora de colegas, a dominar os próprios impulsos, a cooperar em benefício de objetivos comuns do grupo, etc. Aos poucos vão sendo definidas regras orientadoras nessas reuniões infantis, regras que poderão ser fixadas com cartazes, para conhecimento geral.

Sugestões sobre a atividade. — Conseguir a adesão dos alunos para maior efeito educativo do auditório. Conversar com eles sobre a nova atividade, para que descubram os seus valores. Mostrar que todos poderão tomar parte nessas reuniões, que poderão escolher trechos para leitura, histórias para contar, mesmo que nisso colaborem os pais.

A leitura pode a princípio ser feita pelo melhor leitor da classe, seguindo-se depois outros mais fracos. A prática estimula os tímidos, encoraja os hesitantes. Terminada a leitura serão convidadas as crianças para a apreciação do que ouviram. É excelente exercício de crítica.

Nas atividades dos auditórios é rica a soma de benefícios para a linguagem oral da criança, além de outros de natureza já citada.

A proporção que a prática das leituras, conversações e dramatizações fôr sendo desenvolvida, vai o professor, discretamente, introduzindo indicações para o maior rendimento das atividades preconizadas. Assim: *Não molhe o dedo para virar a fôlha. Não leia depressa. Faça pontuação regular. Procure ouvir seu colega. A boa leitura, é sempre um prazer. Procure ler bem. Não perturbe o colega, que lê, e outras.*

Alguns testes de leitura silenciosa.

(1)

Escola
 Nome Idade (anos e meses)
 Classe Data Professor

Indicações: — Aqui está uma história. Leia silenciosamente essa história. Torne a ler — se não a compreendeu bem.
 Um corvo devorava um pedaço de carne crua, no beiral de um telhado.
 Um cão, cá embaixo, no terreiro, farejava, cheio de gula e não perdia os movimentos do corvo.
 — Bom dia, amigo corvo, hoje é sexta-feira, dia de jejum, não se come carne.
 — É verdade, respondeu o corvo; nem me lembrava.
 E falando assim, deixou cair o pedaço de carne.
 O cão muito ligeiro o apanhou e devorou, dizendo:
 — Ah! eu me enganei, hoje é sábado.

NOTA: A fôlha de teste deve ser entregue à criança, dobrada no ponto em que terminar a lição, com a ordem: *Desdobre o papel quando se mandar.*

Na outra parte da página vêm estas indicações:

Aqui estão várias perguntas sobre a história que você leu, cada uma acompanhada de três respostas. Passe um traço em baixo da palavra que você achar mais acertada.

- | | |
|---|---|
| 1 — No beiral do telhado, que comia um corvo? | queijo
carne assada
carne crua |
| 2 — Um cão, no terreiro, como farejava? | gulosamente
alegremente
pachorramente |
| 3 — A que dia se referiu o cão, cumprimentando o corvo? | feira
jejum
trabalho |
| 4 — Que exclamou o corvo respondendo ao cão? | mentira
mentira
verdade |
| 5 — Que foi feito da carne? | despenteu
caiu
partiu-se |
| 6 — Que fez então o cão ligeiramente? | devorou-a
pisou-a
lambeu-a |
| 7 — Teria o cão realmente se enganado? | sim
provavelmente
não |
| 8 — O cão disse que era sexta-feira: | por engano
por estratagemas
por erro |

(2)

Nome

Classe Idade anos — Data

Teste de leitura mental. — Aqui está uma história: "Conselho proveitoso". Leia silenciosamente esta história. Torne a ler, se não compreendeu bem.

CONSELHO PROVEITOSO

Sentindo-se morrer, um rico lavrador
 Mandou chamar seus filhos junto ao leito
 E lhes falou então, deste teor:
 — "Ouvi-me e tomai bem isto a peito:
 Que a nossa herdade nunca vá parar
 A mãos estranhas; ela oculta e esconde
 Riquíssimo tesouro, num lugar
 Que fica... nem sei onde.
 Assim, quando chegar o mês de agosto,
 Escavai, revolvei bem toda a terra
 Que, fazendo com ânimo disposto,
 Achareis a riqueza que ela encerra.

Mas não vos chegue rápido o cansaço,
Nem fique sem cavar nenhum pedaço".
Assim fizeram. Falecido o velho,
Seguiram logo os filhos seu conselho,
E aqui e ali, por tôda a parte em suma,
Não ficou sem cavar porção alguma;
E de tal modo foi que desta feita,
Cresceu mais de cem vêzes a colheita.
Dinheiro não se achou: está bem visto
Que não havia ouro.
— Que quis o velho, então, dizer com isto?
— Que o trabalho é um tesouro.

RENÉ BARRETO.

Aqui estão várias perguntas sobre a história que você leu, cada uma acompanhada de três respostas. Passe um traço em baixo da resposta que você achar mais acertada.

- | | |
|--|---|
| 1 — Por que o lavrador chamou os filhos? | morte próxima
vida longa
doença grave |
| 2 — Qual a recomendação que lhe fez? | cultivar a terra
amar a Deus
procurar tesouro |
| 3 — Como foi cumprida a ordem do velho? | cegamente
ambiciosamente
descuidadamente |
| 4 — Qual o resultado do trabalho? | precioso
inútil
grande proveito |
| 5 — Qual o tesouro encontrado? | riqueza da terra
muito ouro
colheitas fartas |

(3)

Nome

Ano

Idade anos (..... meses

LINGUAGEM (Leitura silenciosa)

Que é fumaça?

Há muitas espécies de fumaça.

Os gases que se produzem quando se dispara um canhão, não são fumaça, porque esta nunca é um gás, mas sim uma mistura de finíssimas partículas sólidas, em suspensão no ar. Quanto à pólvora ordinária, sabe-se que produz menos fumaça, quando a proporção das diversas substâncias que a constituem está sãbiamente equilibrada. Se há demasiada quantidade de algum dos ingredientes em relação aos outros, não se consumirá tôda ela ao explodir e sairá pela bôca da peça em forma de fumaça?

A fumaça das cidades compõe-se, geralmente, de partículas de carvão e um dos principais inconvenientes é o de ser oleaginoso, pelo que adere às coisas e as manchas.

- 1 — Quantas espécies há de fumaça?
- 2 — Os gases que se produzem num disparo de canhão constituem fumaça?
- 3 — Quando é que a pólvora produz fumaça?
- 4 — Por que a fumaça da cidade suja as coisas?
- 5 — A fumaça é um gás?

NOTAS: 1 — Os testes 1 e 2 foram aplicados no Instituto de Educação, em sua Escola Primária, em 1934.

2 — O autor, apresentando neste, como outros capítulos, alguns modelos de testes pedagógicos, experimentados em várias escolas, não adiciona aos modelos, esclarecimentos a respeito de sua organização, aplicação, estalonagem etc. Apenas recomenda aos interessados a leitura de livros em que vêm estudadas minuciosamente essas questões, v. g. *La Méthode des Tests*, de RENÉ NIHARD. — *Les Éditions du Cerf*, Juvisy. — Há tradução portuguesa: Editora Nacional.

3 — O autor publicou em 1961, pela Editora do Brasil S. A., *Literatura Infanto-Juvenil*, que oferece aos professores e normalistas, especialmente, copiosa fonte de informações a respeito do assunto, sob muitos aspectos desenvolvidos no presente capítulo. Será bastante ler o índice desse livro, que já entra em 2.ª edição, para verificar o terreno que êle explora, no campo dessa literatura, atualmente incluída em nossos programas de escola normal.

Índice de Literatura Infanto-Juvenil: A infância do homem. — Literatura geral e literatura infanto-juvenil. — A literatura infanto-juvenil no mundo e no Brasil. — Três mágicos do conto infantil. — Técnica da literatura infanto-juvenil. — O livro. Jornais e revistas. — A biblioteca. — O leitor criança. — O leitor adolescente. — Folclore. — As lendas. — Fábulas. — Contos de Fadas. — Histórias típicas. — Viagens e explorações. — O romance policial. — Teatro. — Poesia. — Biografia e bibliografia de escritores. — Preservação e defesa da criança. — Estudo do livro e dos escritores.

Bibliografia — Um dos mais interessantes trabalhos a respeito de leitura é o livro de Juracy Silveira — *A leitura na escola primária* — Rio.

XIV

O ENSINO DA LINGUAGEM ORAL

Exercícios de linguagem oral. Leitura. — "A linguagem falada aprende-se principalmente pela imitação. Todo menino que vem sentar-se nos bancos de uma escola, traz consigo, sem consciência de tal, o conhecimento prático dos princípios da linguagem, o uso dos gêneros, dos números, das conjugações e, sem o sentir, distingue as várias espécies de palavras. Seu vocabulário, restrito aos objetos e às relações familiares, é, sem dúvida, pequeno, mas permite-lhe comunicar aos outros as suas impressões e, de outros, receber as impressões que experimentam." (J. TOLEDO).

Da variedade de exercícios. — Enorme é a série de exercícios especialmente indicados para o desenvolvimento da linguagem falada, na escola. Limitamo-nos, porém, a apresentar informações sobre alguns deles, iniciando-os pelos de história.

Das histórias para crianças. — A organização de histórias para crianças é um dos mais difíceis problemas da didática, já na seleção dos assuntos que possam interessá-las, já na textura literária do enredo.

Numa relação incompleta, podemos distribuir essas histórias nos tipos que se seguem: *histórias reais, histórias fantásticas, histórias simbólicas, histórias mistas, histórias científicas, histórias de animais, histórias cômicas, histórias acumulativas e histórias de todos os povos, etc.*

Não é preciso elucidar os característicos de cada um desses tipos. Todos conhecem de sobra essas expressões da imaginação popular e sabem de seu valor educativo e recreativo. Baste-nos apenas o estudo de algumas questões relacionadas com o tema.

Os assuntos das histórias. — Questão de relêvo é o saber-se que assuntos, de preferência, agradam ao gosto infantil. Opiniões há e numerosas, que condenam sem restrições a história, em cujo conteúdo aparecem fadas e bruxas, personagens irreais, monstros e feiticeiros. Alegam os que assim pensam, que a audição de tais histórias podem criar perigosas deformações no espírito e na imaginação infantil, levando a criança a aceitar um mundo irreal, fantástico e de ficção, com prejuízo para o sentido da realidade. Outros há que pretendem "prolongar a infância", levando a criança a permanecer mais demoradamente no mundo da fantasia, em que o bem, o belo, o heróico, o puro, sobrepõem aos vícios humanos. Realistas ou fantasistas, a atitude de cada um deles merece ser examinada e discutida.

Problemas para estudo.

- 1 — Qual a função da história na educação da criança?
- 2 — Qual, na vida dos povos?
- 3 — Quais os tipos de histórias mais divulgadas e característicos de cada um deles?
- 4 — Que importância atribuir aos assuntos, nas histórias?
- 5 — Deve-se evitar o personagem irreal, na história: dragões, fadas, bruxas etc.?
- 6 — Que assuntos de preferência devem ser explorados nas histórias?
- 7 — Que histórias oferecem predicados ideais como histórias para crianças?
- 8 — Que motivos devem ser censurados pelos assuntos deseducativos que versam?
- 9 — A história de assunto científico oferece interesse para a criança?
- 10 — E a história que explora assuntos da vida infantil?

A linguagem a serviço das histórias. — Ao redigir lições ou histórias para crianças, não desconhecem os que ao trabalho se dedicam, a soma de embaraços que se lhe deparam. O purista, que lavra a língua com perfeição, pode falhar na tarefa. Sua

linguagem, embora escoimada de máculas, permanece inacessível à criança. O outro, habituado ao manejo da pena, não se torna atraente — não agrada. Um terceiro, que tem livros de renome, ao descer ao plano infantil, falha irremediavelmente. A linguagem, para crianças é o desespêro dos autores. Trata-se de pintar, colorir, sugerir, movimentar, etc., através da pena.

Não é propósito nosso traçar aqui as regras desse trabalho de estilo, senão esboçar alguns pontos de interesse para autores didáticos. Elementos há na linguagem da história que soem agradar a criança.

Entre muitos: 1 — Emprêgo discreto de diminutivos (1); 2 — Escolha e uso de nomes pitorescos: *O pequeno polegar; O gato de botas, etc.*; 3 — Emprêgo de repetições; 4 — Denominações adequadas ao gosto infantil: *D. Carijó, O Galo Trovão; O Marquês de Rabicó, etc.*; 5 — Emprêgo, pela linguagem, de imagens evocativas; 6 — Escolha e uso de palavras de conteúdo emocional. (2)

As imagens pela linguagem. — BAGLEY acentua a respeito do texto impresso que uma das dificuldades que ele deve enfrentar é a falta dos três elementos predominantes na atenção. Quem fala explicando, diz ele, trabalha em três dimensões: a voz, o gesto e a mímica, ao passo que o texto impresso se limita a uma só. (3)

As três dimensões acima permitem converter a linguagem num instrumento maravilhoso para o professor. Graças a elas pode o mestre utilizá-la como recurso insubstituível para cativar as crianças.

Quando, porém, a história viva e animada, passa da expressão oral à escrita, pode perder boa parte de seu valor emotivo, de suas qualidades de atração, se o escritor não lhe der novos elementos que supram as virtudes perdidas nessa passagem. É, principalmente, pela ductilidade da linguagem, pelo seu poder criador de imagens e de sugestões que o autor didático consegue agradar às crianças. Sem esse recurso da comparação, da invenção de imagens, o texto é morto, não sugere, não emociona, não evoca.

Para exemplificarmos o aserto, citemos três modelos de imagens adequadas à compreensão e ao gosto infantil.

"O trem corria dentro da noite, enfeitado de confetes de brasa"; "o rio corria como uma enorme cobra de prata"; "o sapo (na metamorfose) estava de casaca nova, comendo a velha", etc.

Outros recursos de imaginação. — É conhecida a predileção especial da criança pelos assuntos tocados de mistério, em que a expectativa de desfechos impossíveis de previsão, cria estados especiais de interesse. A disposição original de cenas, a sucessão de quadros atraentes, personagens que desenrolam os fios da narrativa que empolga, tudo isso pode a linguagem criar na página escrita, acariciando a imaginação infantil.

Mestre no assunto foi JOÃO KÖPKE, com a criação de suas histórias imperecíveis, que recomendamos ao estudo de professores e de alunos das escolas normais: *Artur e seu papagaio* — 2.º livro; *Fiel* — 3.º livro; *O Periquito* — 1.º livro; *A Coruja* — 3.º livro; etc.

UMA HISTÓRIA PARA ANÁLISE

I

PERNILONGOS CANTADORES

Infelizmente não estávamos muito satisfeitos com certos moradores da chácara. Minha irmã, volta e meia, sentia picadas de mosquitos, que atrapalhavam seus melhores brinquedos.

Malvadinhos! exclamava ela aborrecida. Vocês não me dão sossego nem um minuto. É só morder sem parar e sem piedade.

Ora, Maria Lúcia. Saia desse lugar e venha para cá, perto de mim. Aqui eles não vêm. Experimente, dizia eu.

(1) A propósito desse emprêgo é de interesse consultar *Digressões Lexicológicas*, de J. NUNES, págs. 130 e segs.

(2) Ver *Práticas Escolares*, III volume — cap. Literatura Infanto-Juvenil.

(3) While the speaker in three dimension, the writer is as it were, limited to one.

Aí eles não vão? Não vão? replicou ela. Eles estão em toda parte como uma praga. Nem deixam a gente brincar. Vêm chegando com a sua música fininha, e quando a gente menos espera, é picada na certa.

Maria Lúcia tinha razão. Heitor também vivia se lamentando com as picadas dos pernilongos, que não lhe davam descanso. Chegou mesmo a queixar-se à mamãe.

A mamãe veio ver a mosquitada e explicou: São pernilongos, bichinhos terríveis, que se criam aos milhares, invadem casas e mesmo cidades, atormentando todo o mundo. A noite, então, é horrível dormir com a sua música e as suas picadas. Nossa casa já está cheia deles.

Heitorzinho olhava assustado para uns pontinhos vermelhos que tinha nas mãos.

Olhem aqui, disse a mamãe. Vejam no braço de Heitor os sinaizinhos das picadas. Foi aqui que o pernilongo meteu a sua trombinha e chupou o sangue.

Então o pernilongo tem trombinha? perguntou minha irmã, curiosa. Eu nunca tinha reparado nisso.

Tem, sim, confirmou a mamãe. Parece até uma dessas agulhas de injeções que os médicos usam. Quando a gente está distraída, o pernilongo chega, pousa na pele e introduz a sua trombinha nela. Pela trombinha sobe o sangue que sugou e ele continua a picar outras pessoas.

Ah! agora compreendo por que o pernilongo toca música, mamãe. É para disfarçar a dor das picadas, não é? perguntou Maria Lúcia.

Talvez seja. Mas o pior não é nem a música, nem a picada, prosseguiu a mamãe. O pior são as doenças que o pernilongo transmite pela sua trombinha. Chupando o sangue de pessoas doentes de maléita ou febre amarela, espalham essas moléstias pelas cidades e pelas casas, produzindo epidemias terríveis.

Então, dissemos quase ao mesmo tempo. É preciso exterminar os pernilongos. Vamos começar acabando com eles aqui na chácara.

É por isso mesmo, disse a mamãe. O pernilongo é nosso inimigo e então — Guerra ao pernilongo!

II

NO REINO DAS ÁGUAS PARADAS

Teriam os pernilongos ouvido nossa conversa, no fundo da chácara? Parece que ouviram. Pelo menos Heitorzinho assim pensou, quando se viu em apuros durante a noite.

Heitorzinho já estava deitado e com as pálpebras pesadas de sono, quando ouviu, lá no canto do teto, um som fino e prolongado.

O som veio vindo, cada vez mais forte. Depois cessou um pouco, mas logo recomeçou outra vez junto de sua orelha.

O sono porém, era forte e Heitor dormiu. Dormiu e sonhou.

Sonhou que andava por um lugar muito feio, escuro e úmido. Fazia calor e ele tinha errado o caminho de casa. Queria chorar e gritar, mas era inútil! O som de sua voz perdia-se no espaço imenso.

De súbito, ouviu uma esquisita música, que vinha de longe, assim como uma orquestra de violinos afinados. A música vinha chegando mais forte perto dele.

Era um exército enorme de músicos ambulantes, escuros e rajados, de longas pernas e tromba aguda, que voava sobre uma grande lagoa de águas muito límpidas.

Pernilongos! exclamou Heitor horrorizado, procurando retroceder. Mas, quando fez meia volta, viu atrás de si centenas de guerreiros rajados, de lança em punho, vedando-lhe a passagem.

Pernilongos aos milhares faziam piruetas no ar, dançavam e pulavam como medonhos fantasmas.

Agora sim, murmurou tremendo o pobrezinho, lembrando-se da mamãe. Agora estou perdido.

E duas lágrimas rolaram pelas faces do menino, que suava de medo.

Ainda tentou fugir, mas inutilmente, porque os guerreiros estavam à sua roda, ameaçando-o com as lanças agudas.

Nisto surgiu no meio deles uma figura importante, de coroa à cabeça, longas barbas brancas, e manto escalete a se arrastar pelo chão. Era o rei dos pernilongos.

Vendo o menino tremendo e chorando, soltou uma gargalhada ruidosa, sacudindo as pernas finas.

Meu valente rapazinho, disse ele com voz severa, dirigindo-se a Heitorzinho. Aqui é o Reino das Águas Paradas, e eu sou o soberano de todos estes lugares. Chamo-me *Rajado 1º*.

Nenhum prisioneiro foge de meus domínios, nem das garras de nossa justiça. E você jurou matar a minha gente sem piedade. Apronte-se pois para morrer.

Souo nesse instante um gongo, e apareceu um mosquito todo de negro, de gola e punhos de arminho. Era o juiz supremo daqueles lugares.

III

CONDENADO

Condenado a morrer, Heitorzinho chorava perdidamente.

O rei, depois de conferenciar longamente com seus ministros, mandou que um escrívão lesse a sentença de morte. Era a mais terrível das sentenças e estava assim redigida:

"Sua Majestade, *Rajado 1º*, Soberano Senhor do Reino das Águas Paradas, depois de ouvir demoradamente os seus ministros condena à morte o menino Heitor, dando-lhe antes a pena de sofrer 2.000 picadas de lanças de seus reais guerreiros".

Ao ouvir a sentença de morte, Heitorzinho quase desmaiou. Seu fim estava próximo, e não via nenhuma salvação.

A um canto do lugar em que se achava, via ele os reais guerreiros afiando as suas lanças, rindo e pulando como se estivessem em festa. As lanças eram as trombinhas de que mamãe tanto falara.

Lembrando-se da mamãe, um frio correu pelo corpo do menino. Não tinha medo apenas das picadas. O que o horrorizava era a doença, que eles podiam passar por elas. Febre, maléita, febre amarela!... Que horror!

Souo um novo sinal de gongo. Uma risada medonha, cortou o ar, e o bando de guerreiros rajados e escuros fez roda em volta do menino, ameaçando-o com as trombinhas agudas.

Era hora. Um pernilongo escuro, de mau aspecto, destacou-se do grupo e sem esperar mais nada atravessou o coitadinho com sua lança afiada.

Heitorzinho deu um grito e acordou chorando. Tinha um enorme pernilongo ferrado no nariz. — *Do Autor.*

Análise da história. — A situação de sonho, embora muito comum, é sempre procurada pelos criadores de histórias infantis. Tem bases psicológicas, porque de acordo com teorias recentes, há mesmo um complemento da vida da criança nos processos oníricos.

Toda a ação da história se desenrola dentro do sonho, embora a pintura das cenas e o enredo caibam dentro da realidade.

O ponto de partida é o aproveitamento de uma lição da escola — Guerra ao pernilongo! Nela, houve especial acentuação de pontos que precisam ser bem fixados na memória infantil: a transmissão de moléstias pelos mosquitos e a necessidade de exterminá-los.

As cenas se desenrolam como nos sonhos, em ambientes de penumbra e de indecisão de contornos; à imaginação infantil cabe construir e definir os cenários.

A escolha dos personagens também foi feita de acordo com as preferências da criança. A linguagem, traçando as figuras, deu-lhe, a uma, pernas finas e rajadas e voz fininha; a outra traços de rei, dentro de sua corte, etc. Não se precipita a história para desfecho rápido: a ação, pelo contrário, prolonga-se em torno de novas cenas, com que fica suspensa a imaginação da criança.

Os demais elementos da história têm, sobre virtudes educativas, predicados capazes de agradar à criança. E a lição de higiene, definida no espírito infantil, nele perdura com mais eficácia que qualquer doutrinação árida sobre o perigo dos mosquitos. (*)

Problemas para estudo — Sempre empenhados em fornecer a professores e a alunos normalistas temas para observações, estudos e pesquisas, a eles oferecemos os problemas seguintes:

- 1 — Quais os requisitos que deve apresentar, a linguagem a serviço da literatura didática?
- 2 — De que recursos dispõe o escritor didático para interessar a criança?
- 3 — Quais os recursos de estilo que podem dar às histórias para crianças predicados interessantes?
- 4 — Qual a sua opinião a respeito das histórias de Júlio Verne? E de Andersen? E de E. Wallace? E de Lobato?
- 5 — Que personagens, de preferência, agradam à criança?
- 6 — Quais os nomes de personagens que mais seduzem o gosto infantil?
- 7 — Qual a importância que devemos atribuir ao elemento "mistério" nas histórias para crianças?
- 8 — Quais os elementos de agrado que oferece a história: — O chapéuzinho vermelho? E a do Pequeno Polegar?
- 9 — Quais os elementos educativos que oferece a história Branca de Neve e os sete anões?
- 10 — Quais os defeitos de linguagem que devem ser evitados nas histórias para crianças?

Trabalhos práticos. — O velho princípio de aprender fazendo, tem acolhida neste ponto. A habilidade de escrever para crianças é capacidade que se forma com esforço, estudo e boa vontade. Lendo bons autores didáticos, analisando-lhes as histórias e as lições, procurando imitá-los, fazendo tentativas para redigir histórias que consigam interessar e educar a criança, pode o professor iniciar-se na arte difícil de que tratamos. A título de incitamento, deixamos neste ponto uma relação de assuntos dessas histórias. A imaginação de cada um, o gosto, as aptidões e o esforço, irão aos poucos animando esses títulos e criando com eles enredos atraentes e instrutivos.

(*) Ver *O Tesouro da Criança*, série de livros de leitura, do autor (1º, 2º, 3º e 4º graus). — Companhia Editora Nacional.

- 1 — História de uma pratinha contada por ela mesma.
- 2 — História de uma lagarta.
- 3 — Um susto.
- 4 — História de uma árvore.
- 5 — O estilingue.
- 6 — Autobiografia de uma mosca.
- 7 — A vida de uma abelha.
- 8 — História de um pedaço de papel.
- 9 — História de um fio de linha.
- 10 — Artur e seu cão Relâmpago.
- 11 — A chuva.
- 12 — O preguiçoso.
- 13 — O ninho.
- 14 — Os coelhinhos.
- 15 — O balão.
- 16 — O lenhador.
- 17 — A gruta.
- 18 — Perdidos na floresta.
- 19 — O grão de milho.
- 20 — Quem quer vai...

Críticas de histórias. — Num curso normal, destinado como é à formação do professor, devem caber aos alunos tôdas as iniciativas capazes de incentivarem o hábito de pensar, de criticar e de estudar. O exercício de criticar livros didáticos, o de analisar histórias, enquadram-se perfeitamente nesse plano; habilitam o futuro professor a escolher o melhor livro, a defender a sua opinião a respeito d'ele, criam afinal, a consciência profissional, livre e capaz.

Para guiar exercícios como êsses de crítica, damos normas que poderão ser aproveitadas pelos professores de prática do ensino.

Plano de crítica.

- 1 — Autor: estudo sumariíssimo de sua bio e bibliografia.
- 2 — Livro onde foi encontrada ou de onde foi extraída a história.
- 3 — Idade média das crianças a que a história é endereçada.
- 4 — Meios em que a história vai ser lida: urbano, rural, etc.
- 5 — Objetivos prováveis ou definidos da história: recrear, ensinar, educar, etc.
- 6 — Tipo da história.
- 7 — Personagens: tipo, atuação, personificação, etc.
- 8 — Genas e movimentação.
- 9 — Moralidade.
- 10 — Noções certas que veicula — noções erradas.
- 11 — Sugestões educativas que oferece.
- 12 — Sugestões perigosas à formação da criança.
- 13 — Linguagem; defeitos ou qualidades.
- 14 — Outras observações.

Trabalhos práticos.

- 1 — Confeccionar um livrinho para crianças, constituído de histórias de animais.
- 2 — Idem, com histórias de invenções.
- 3 — Redigir dez historietas aproveitando assuntos de vida rural.
- 4 — Organizar um livrinho de contos: assuntos de higiene.
- 5 — Confeccionar uma coleção de história sobre hábitos sociais.
- 6 — Confeccionar um álbum de pequenas histórias para 1º ano.
- 7 — De colaboração com quatro colegas, preparar um livro de leitura, no semestre.
- 8 — Preparar histórias para o auditório da escola.
- 9 — Coleccionar dez histórias típicas para crianças.
- 10 — Realizar uma palestra sobre literatura didática.

UMA HISTÓRIA PARA CRIANÇAS

(Para leitura e crítica dos alunos de escola normal).

PERDIDOS EM UM BALÃO

Severino, Rodolfo e Maricota foram com o papai ver o balão.

A princípio tiveram medo; mas, depois que viram muitas pessoas entrar na barquinha, subir dentro dela, e descer outra vez quando puxavam a corda, ficaram também com vontade de entrar.

O pai consentiu-lhes: primeiro entrou Maricota, que tinha nove anos; depois Severino, que tinha seis; e, finalmente, Rodolfo, o menor de todos.

O balão levantou-se devagarinho; desenrolou-se toda a corda, mas, de repente, escapou da roldana e das mãos dos homens, que a seguravam.

Todo o povo, que ali estava, deu um grito. Maricota e Severino espriaram para baixo da barquinha e compreenderam logo o que tinha acontecido. Perceberam a voz de seu pai, mas não entenderam o que dizia.

Que coisa esquisita! parecia-lhe que o balão estava parado, e, lá em baixo, lá muito longe, o mundo ia ficando cada vez mais pequenino, mais pequenino. A gente, as casas, as árvores, eram como brinquedos. O rio, tal e qual uma fita de prata.

Tontos, Severino e Maricota abaixaram-se para o fundo da barquinha e abraçaram-se a Rodolfo.

Rodolfo chorava e dizia: *Quêlo mamãe! Quêlo comê! Quêlo mina mamãe!*

Não viam senão o sol e as nuvens, quando olhavam para cima; quando olhavam para baixo, viam que estavam subindo cada vez mais e muito depressa.

Depois escureceu e as estrelas apareceram.

As crianças tinham acabado de chorar, e Maricota, lembrando-se de que tinha uns biscoitos no bolso, puseram-se a comê-los.

Rodolfo perguntou: *Fáta munto pa segá no céu?*

"Falta — respondeu Severino — mas a lua deve estar perto: está tão frio." E cantarolou:

*Para a lua
— Lã, lã, lã —
Nós já vamos
No balão!*

Não cantes assim — disse Maricota — os anjos podem ouvir e ficar zangados. Canta: "Lá no céu brilhante".

E os três cantaram:

*Lá no céu brilhante
Há mil estrelas, mil
Pintinhas doiradas...
Num manto de anil.*

Depois que cantaram ficaram mais alegres.

Rodolfo dizia que estava com vontade de apanhar uma porção de estrelinhas para levar para a mamãe; mas Severino disse que não sabia se chegariam a casa outra vez.

Com isso, Rodolfo, rompeu novamente em prantos. Maricota pôs-se, então, a consolá-lo e disse que, decerto, o balão havia de descer como a lua, a que eles chegariam a alguma casa e pediriam almoço e perguntariam o caminho.

Depois embrulhou o imãozinho no seu vestido e Severino também tirou a jaqueta e estendeu por cima d'ele.

Maricota assentou; Severino deitou a cabeça no colo dela; e, dali a pouco, êle e Rodolfo estavam dormindo a sono sóto.

Quem não podia dormir era Maricota; tinha frio e doía-lhe a cabeça.

Começou a chorar baixinho, lembrando-se da mamãe e do papai e das histórias de meninos perdidos, que lhe tinham contado.

Perdidos no céu! Era pior que perdidos no mar ou no mato. Não havia peixes para devorá-los, nem feras, que os matassem. Mas como haviam de descer?

O balão desceria? Iria esbarrar na porta do céu?

Pensou, pensou; e por fim, cansada, adormeceu também.

Pela manhã, quando acordou, Maricota, a princípio, não sabia onde estava; depois, repentinamente, lembrou-se de tudo. O sol dava-lhe no rosto e iluminava todo o balão. Severino e Rodolfo dormiam ainda.

Muito devagarinho, Maricota levantou-se encostada à barquinha para ver se estavam perto da terra, mas recuou, estremecendo um pouco.

Não via terra nenhuma! Tornou a olhar. Olhou por muito tempo. "Parece uma nuvem. Sim, lá de ser uma nuvem. Estamos acima das nuvens. Oh, mamãe, mamãe!" soluçou ela.

Ao assentar-se, porém outra vez, notou que uma pequena corda pendia ao centro do balão. No mesmo instante lembrou-se de alguma coisa.

Ergueu-se, pegou na corda e puxou-a.

Meu Deus! que coisa horrível! Uma neblina cercou o balão, neblina tão cerrada que não se via mais o sol. A pobre criança, cheia de susto, escondeu o rosto nas mãos. O que teria acontecido?

Maricota não sabia, mas era isto: Quando ela puxou a corda, abriu-se uma válvula; pela válvula saiu algum gás e o balão caiu imediatamente no meio de uma nuvem, que estava em baixo. Dali a pouco Maricota tornou a ver a mesma nuvem, mas acima de balão, e brilhante e branca como se fosse uma pasta de algodão bem alvo.

O balão passara tão rapidamente através dessa nuvem, que a menina tomou-a por um nevoeiro, que lhe molhou a roupa.

Olhando, então, outra vez, para baixo, quase que deu um grito de alegria ao ver a terra com os seus verdes matos.

Puxou mais um pouco a corda e olhou. Pareceu-lhe que a terra subia ao seu encontro. O balão ia caindo, mas figurava-se a Maricota que estava parado.

Estavam, então, acima de uma pequena cidade. Maricota ouvira muito ruído e via muita gente, andando de um lado para outro. Pensou logo que tinham visto o balão e que a viagem ia terminar.

Acordou Severino e Rodolfo e contou-lhe o que tinha acontecido. Eles ficaram tão contentes que quase viraram a barquinha na sua ânsia de olharem para baixo.

Todo o mundo na cidade estava a observar o balão, porque o pai das crianças tinha mandado telegramas para toda a parte. Desta cidade lhe tinham mandado dizer que um balão andava por perto e ele tomara o trem e viera para aí com sua mulher. Cada vez o balão descia mais. Todos olhavam para ele com os olhos cheios de lágrimas e a respiração suspensa, de medo que as crianças fossem despedaçadas na queda. Felizmente, porém, o balão passou por cima dos telhados e foi cair num campo próximo. Que alegria houve então! O povo rompeu em vivas, renoveram os sinos, subiram foguetes ao ar — e tudo por se salvarem aquelas três pobres criancinhas! — João KÖRKE.

A invenção de histórias pelas crianças. — Já examinada a atividade de contar histórias às crianças, é lugar aqui para estudar a prática de exercícios de invenção de histórias por elas, prática que beneficia não só a linguagem, mas também a imaginação, convertendo-se além disso em excelente educadora do raciocínio.

É conhecida nos meios escolares a incapacidade da criança de inventar histórias. O que ela faz quando muito, é reproduzir contos conhecidos. Um passo além seria desejável e a história criada pelo aluno é exercício de acentuados valores educativos.

Algumas sugestões para esse trabalho:

- 1 — Entregar gravuras às crianças para a invenção de histórias relacionadas com as figuras que observa.
- 2 — Inventar histórias sobre as gravuras do livro.
- 3 — Inventar histórias cujos personagens sejam colegas da classe.
- 4 — Inventar histórias com animais da própria casa.
- 5 — Inventar histórias sobre fatos da vida diária.
- 6 — Inventar histórias sobre a vida dos indígenas e escravos.
- 7 — Inventar histórias sobre aves.
- 8 — Inventar histórias de objetos: do tinteiro, do lápis, etc.

São apenas algumas sugestões para o trabalho. O essencial consiste, porém, em orientar o pensamento e a imaginação da criança, oferecendo-lhe modelos, que possa a princípio imitar para criar depois. Leia o professor esses modelos; observe com a classe os recursos empregados pelo autor na organização da história, critique as passagens mais interessantes e com essa orientação pode o aluno inventar suas histórias.

Como guiar o trabalho do aluno (para o professor). Indicações. — Propor à criança um brinquedo. *Vamos inventar uma história.*

A história deve ter assunto, nome, personagens, cenas, movimento, comêço e fim. Cada aluno da classe vai ajudar o professor a inventar uma história, a história de um cachorrinho malvado, por exemplo.

Análise dos elementos da história:

- 1 — Nome do cachorrinho (escolha pela classe).
- 2 — Espécie ou raça, tamanho, cor, idade, etc. (escolha pela classe).
- 3 — Onde morava: breve descrição do lugar.
- 4 — Como vivia. Dar alguns de seus hábitos.
- 5 — Conseqüência das maldades que praticava.
- 6 — Sua expulsão da casa.
- 7 — Que faria então o cachorrinho? (enredo do conto). Por onde andou ele. Que sofreu longe de casa, etc.
- 8 — Como conseguiu voltar para casa.
- 9 — Qual é agora a vida do cachorrinho.

Acompanhe o professor a classe na elaboração da história. Faça-lhe sugestões, provoque a memória da criança, desenhe particularidades necessárias, e prepare assim se quiser o trabalho escrito. Faça exercícios idênticos, até que possa confiar à classe a redação livre de histórias.

Relação de assuntos para a invenção de histórias. — Não é necessária para a elaboração de contos. É bastante um nome qualquer para despertar na classe, afeita a esses exercícios, o gosto da criação literária.

O uso de gravuras na linguagem. — Em geral a escola primária é bastante pobre em material de gravuras, para exercícios de muito valor educativo. Além dessa pobreza, o aproveitamento de gravuras é feito superficialmente, deixando de lado muitos elementos que poderiam ser explorados no trabalho docente.

A gravura e seus elementos. — Tomando a gravura apenas como ponto de observação, podemos lembrar alguns elementos que merecem ser destacados no exame pela criança: a) assuntos; b) personagens; c) cenas; d) tempo; e) lugar; f) colorido; g) movimento; h) planos das figuras; i) valor histórico; j) valor como reprodução da natureza; l) valor artístico; m) pormenores.

Como regra geral a observação de gravuras pela criança só alcança, a princípio, a enumeração de pessoas e de coisas: um homem, uma casa, uma árvore, diz o aluno. Depois, avança e analisa outros dados. Em outra fase é levada a inventar histórias sobre a gravura.

A observação das gravuras. — Entregue uma gravura à criança, por maior ou menor espaço de tempo, ela só desperta no pequeno observador, via de regra para a sensibilidade mais que para a inteligência. Daí as expressões de prazer com que manuseia figuras.

Ao professor compete guiar a observação infantil na análise dos elementos das gravuras, já citadas, levando a criança a ver além do comum. Na prática, procederíamos assim:

Motivação do trabalho. — Problemas para o aluno: Será útil observar gravuras? Que lucraremos com essa observação? A gravura pode ensinar? A gravura pode educar? A gravura pode divertir?

São agradáveis os livros sem gravuras? E as revistas?

Acentuar com auxílio das crianças o aspecto estético das gravuras, habituando-as a discernir o belo do feio ou inestético. Acentuar, com o mesmo auxílio, o aspecto informativo das gravuras: gravuras históricas, gravuras de cidades, do campo, etc.

Como observar gravuras. — A princípio será conveniente uma só gravura para toda a classe, reunidos os alunos em torno de uma mesa. O excesso de impressões de muitas gravuras é prejudicial ao trabalho de observação. O professor procurará com que as crianças descubram na gravura apresentada (que deve ter tamanho adequado e ser colocada em papelão, para não dobrar) o maior número de elementos. Depois irá guiando a observação em busca de outras minúcias.

Seja para exemplificar um quadro de linguagem, representando crianças num campo. Os alunos observarão:

1. Personagens do quadro — 2. Cena — 3. Ação — 4. Que estação está representada no quadro? — 5. Que horas podem ser? Por que parece isso ou aquilo? — 6. Que idade podem ter as crianças? Por quê? — 7. De onde são elas? Por quê? — 8. São ricas, são pobres? Por quê? — 9. Que árvores aparecem na gravura? — 10. De que brincam as crianças? — 11. De que se vestem? Como sabe disso? — 12. São crianças sadias? — 13. Vestem roupas apropriadas ao tempo?

Crítica geral do quadro sob os aspectos: beleza, colorido, gosto na disposição, absurdos que pode apresentar, modificações de que necessitaria, etc.

Através desses exercícios pode a linguagem do aluno beneficiar-se grandemente; o vocabulário torna-se mais ajustado às coisas representadas, e uma série de outras atividades facilmente se deriva dos exercícios de observação.

Atividades que sugere a observação de gravuras (para crianças).

- 1 — Fazer gravuras com os mesmos personagens das cenas observadas.
- 2 — Colorir de outras cores a gravura observada.
- 3 — Inventar histórias sobre a gravura vista.
- 4 — Fazer a crítica da gravura.
- 5 — Procurar poesias que se adaptem à gravura.
- 6 — Reproduzir em cartolina, colorir e fazer com recortes diversos a cena observada.
- 7 — Fazer uma coleção de gravuras interessantes.
- 8 — Fazer uma barra decorativa com gravuras escolhidas.
- 9 — Fazer para o cimeninha da escola, uma fita de gravuras.
- 10 — Observar reproduções de quadros históricos.
- 11 — Fazer uma folhinha para a classe, ilustrando-a com gravuras bonitas.

A dramatização no curso primário. *Leitura.* — "... ainda maior valor (que o da leitura de poesias) para o aperfeiçoamento da linguagem, têm as dramatizações e representações dramáticas. As primeiras podem ser livres e formais. Nas dramatizações

livres, limitam-se quadros da vida real ou ainda contos, fábulas, histórias, poesias, algumas atividades escolares, etc." (AGUAYO).

Na leitura acima, caracteriza-se a dramatização como exercício para o aperfeiçoamento da linguagem. Além desse valor, porém, outros há na atividade, que merecem ser apreciados:

- o estudo de cenas para reproduzi-las com fidelidade;
- o ajustamento da criança à personalidade alheia;
- o treino social dos alunos ao trabalharem em cooperação;
- o treino da expressão em situações interessantes e desejadas;
- o estudo de costumes, usos e de ambientes diversos;
- a pesquisa natural para o conhecimento do passado, de biografias, etc.

Direções para a dramatização.

- Sugerir o professor inicialmente pequenas dramatizações e despertar na criança o desejo de praticar a atividade.
- Ler às crianças trechos dialogados que podem ser dramatizados. Convidá-las à imitação dos diálogos.
- Interpretação dos fatos escolhidos para a dramatização, para o entendimento do que se pretende.
- Escolha pelas próprias crianças, dos personagens da dramatização.
- Em fases mais avançadas, estudo de trajes adequados aos personagens, de acôrdo com o tempo em que viveram.
- Representação de fatos sugestivos na própria sala de aula apropriando-a para o trabalho.
- Crítica das atividades realizadas com o fim de despertar na criança a capacidade de observar e de criticar.

Dramatizações no 1.º ano. — Pode o professor nesta classe aproveitar assuntos variados, tirados de aulas de leitura, da própria vida escolar, do folclore, da lenda, das histórias populares, etc.

A título de sugestões: o batizado da boneca, história de uma boneca, história do pintinho desobediente, uma visita, um passeio, uma compra, Natal, o Papai Noel, a roda, a ciranda, o vintém queimado, a cobra-cega, o brinquedo de anel, a vovózinha conta histórias, Chapéuzinho Vermelho, o dentista, o doente e o médico, as estações, a família, os índios, a costureira, o alfaiate, o padeiro, o carteiro, na feira, na farmácia, etc.

De acôrdo com os assuntos acima e que constituem meras sugestões para as atividades de dramatizações o professor poderá exercitar seus alunos num sem-número de atividades educativas de pronúncia, de recitação, de sinonímia, de dialogação, etc.

DESENVOLVIMENTO DE ALGUNS ASSUNTOS

1. *História do pintinho* — Um pintinho desobediente fugiu de sua mãe para conhecer o mundo. Anda que anda até encontrar um enorme gato. O gato pôe-se a brincar com o pintinho e vai matá-lo. Nisso aparece um enorme galo que com seu cô-cô-ri-cô espanta o desobediente. Este chega tremendo a casa e conta a sua mãe o sucedido. Diz que o gato era bonito e bom, o galo grandalhão, feio e mau.

Pormenores da atividade.

- Escolha de nomes para os personagens;
- Escolha de personagens entre os alunos;
- Estudo das cenas e dos diálogos;
- Execução;
- Crítica.

2. *História da boneca* — Preparar uma dramatização, iniciada pela compra de uma boneca até à sua quebra. Personagens diversas.

3. *O batismo da boneca* — Por ser assunto excessivamente comum nos brincos infantis, deixamos de oferecer pormenores para seu desenvolvimento dramatizado.

4. *O aniversário* — Uma menina faz anos e recebe à tarde suas visitas.

PERSONAGENS: Estudar com as crianças a maneira polida de receber visitas, de preparar uma sala, ornamentando-a. Orientar uma conversação. Regras de conversação. A escolha de um presente.

PERSONAGENS: A aniversariante e mais dez crianças que representam a família: o pai, a mãe, a avó, outros filhos e convidados.

CENAS: Uma sala de visitas e uma sala de jantar.

5. *A visita* — Um casal com dois filhos sai a visitar uma família amiga, onde há cinco crianças. (Estudar os pormenores dessa visita — e dramatizar brinquedos infantis).

6. *História de um sapo* — **PERSONAGENS:** Um sapo que vive à beira de uma lagoa, sob uma pedra. — Uma galinha e seus pintinhos. — Um menino.

ENREDO: D. Amarelinha deixou que seus pintinhos fossem passear pelo campo. Eles saem cantando — (Canto).

Andam alegres pelo campo, correm, saltam, apanham flores e pedrinhas. De repente: *cló, cló, cló* — uma voz rouca vem da beira da lagoa. É a voz do sapo Damião, sapo mau, que apanha bichinhos o dia inteiro. O sapo Damião está dizendo:

I	IV
Eu sou um pobre sapo Que vivo a vida inteira Debaixo de uma pedra, Do rio aqui na beira.	Se chove, não me importo; A chuva não quebra osso; Engulo algumas gotas; E os outros sapos ouço.
II	V
Parece uma tristeza Viver a minha vida; Mas eu é que a não troco Por outra mais subida.	Às vezes, pisco os olhos; Às vezes, mósca pego; Pulo um bocadão, e volto À toca com sossêgo.
III	VI
Durante o frio, durmo; Vem o calor, desperto, E faço meus passeios Nos campos cá de perto.	Assim é minha vida, Que digam que sou feio! Não foi para modêlo Que o sapo ao mundo veio.

JOÃO KÖRKE.

Os pintinhos vendo Damião, querem fugir, mas não o conseguem. Deixam cair as flores e as pedras no chão e começam a chorar: *Piu! piu! piu!*

O sapo pula e dança em torno dos pintinhos que choram. Nisto, porém, aparece um menino que, vendo a cena, apanha uma pedra e espanta o sapo. Damião mete-se na lagoa — *tchibum!* e desaparece.

Agora os pintinhos apanham suas flores de novo e agradecem ao menino o bem que lhe devem. Fazem roda em torno dele e cantam.

Tão bom menino,
Ninguém já viu.
Obrigadinho
Piu! piu! piu! piu!

Sapo malvado
Fica no rio
Fica quietinho
Piu! piu! piu! piu!

Vamos embora
Vamos, *psiu!*
Vamos embora,
Piu! piu! piu! piu!

7. *A escola* — É uma dramatização de efeitos interessantes. A professora, os alunos, a nova aluna, o recreio, os brinquedos, a leitura, os problemas, a disciplina, tudo constitui excelente material para uma atividade das mais educativas. É bastante que através dela aprenda a criança a portar-se na escola, a explicar problemas para seus colegas, a ler com desembaraço, etc.

8. *O Natal* — Um velho, de barbas brancas representa o Papai Noel. Um menino representa seu estafeta. Cada criança escreve um bilhetinho, pedindo a Papai Noel um presente. (Observar tôdas as regras de redação de bilhetes). Os bilhetes são entregues. Os presentes virão ou não, de acôrdo com o comportamento das crianças.

9. *O dentista* — Gabinete improvisado de dentista. Uma dentista e clientes. Personagem que chega. Uma criança de rosto inchado e de lenço amarrado à cabeça.

Aproveitar a dramatização para uma aula sobre a higiene da boca.

10. *O carteiro* — A dramatização desse título é uma das mais ricas em elementos educativos. Permite a redação de cartas, bilhetes e recados, a de composições, narrações, etc.

Um menino, com uma maleta a tiracolo, recebe as cartas escritas pelas crianças. Traz também cartas repostas.

11. *A farmácia* — Atividade apropriada para a aprendizagem de assuntos de higiene. Crianças que sofrem acidentes ali aparecem para os primeiros curativos. Dramatizar as cenas com a exploração de lições sobre medicamentos de urgência.

12. *Os dentes* — As crianças dispostas na mesma ordem em que se plantam os dentes na boca, recebem os seus diversos nomes. Cada uma diz uma quadrinha a propósito de seu nome. A dramatização oferece oportunidade para a aprendizagem de noções sobre os dentes e sua função.

13. *Os escravos* — A lição reproduzida, tirada do livro "Coisas Brasileiras" de R. Puigari, com ligeiras modificações presta-se à dramatização.

OS ESCRAVOS

Era em 1887. Naquele tempo ainda havia escravos no Brasil.

Henriqueta, a filha de um importante fazendeiro de Campinas, festejava o dia de seus anos. À hora do jantar, quando todos estavam sentados à mesa, o fazendeiro levantou-se e disse:

— Minha filha, completas hoje mais um ano. Quero fazer-te um presente a teu gosto. Dize o que queres. Queres um rico vestido de seda? Queres um adereço de brilhantes? Queres um lindo cavalo de raça? Fala, minha filha; fala, porque eu quero que fiques muito alegre com o meu presente.

— E se eu pedir alguma coisa muito custosa? perguntou Henriqueta.

— Fala, já disse; eu te darei o que pedires!

— Tudo, tudo?

— Tudo o que quiseres.

— Então eu quero que papai dê carta de liberdade a meus criados; quero que também eles possam gozar de minha festa.

O fazendeiro, que era muito generoso, ficou muito alegre, abraçou a filha e disse-lhe:

— Filha, vou fazer o que me pedes, mas não darei carta de liberdade só a teus criados, mas a todos os escravos da fazenda. Quero que a alegria seja geral. E estou certo que não me arrependerei de seguir o que te diz o coração, porque o Brasil, para ser rico e feliz, não precisa ter escravos.

Depois do jantar, Henriqueta chamou um por um a todos os escravos da fazenda, e deu-lhes as cartas de liberdade.

Os escravos vinham alegres, e traziam as mais belas flores para depositar aos pés de sua benfeitora.

Nenhum dos libertos saiu da fazenda, e como homens livres trabalhavam melhor do que outrora.

14. *A galinha diligente* — DESENVOLVIMENTO: Uma galinha estava no jardim rodeada de alguns animais. De repente exclama: "Achei três grãos de milho! *Cô cô cô!* Quem quer semear o milho?"

— Eu não quero, disse o gato.

— Eu também não quero, disse o pato.

— Eu também não quero, disse o leitão.

— Pois eu quero, disse a galinha. Abriu um buraquinho no chão e semeou os grãos de milho.

Seis dias depois eles germinaram.

— Quem quer regar os pés de milho?

— Eu não quero, disse o gato.

— Eu também não quero, disse o pato.

— Eu também não quero, disse o leitão.

— Eu também não quero, disse o rato.

A galinha então molhou as asas na água e *prrrr*, regou as plantinhas do milho.

Dias depois cresceu o milho. A galinha perguntou então:

— Quem quer arrancar o milho?

— Eu não quero, disse o gato.

— Eu também... Eu também... etc.

Então a galinha com o bico arrancou o milho.

Tempos depois apareceram as espigas. A galinha perguntou então: "Quem quer colher o milho?"

— Eu não quero, disse o gato.

— Eu também... Eu também... etc.

A galinha colheu então todo o milho, colocou-o numa cêsta e perguntou depois: "Quem quer moer o milho?"

— Eu não quero, disse o gato.

— Eu também não quero... etc.

A galinha moeu o milho e fez lindos bolinhos.

Depois perguntou: "Quem quer comer os bolinhos?"

— Ah! eu quero, disse o gato.

— Eu também quero, disse o pato.

— Eu também... etc.

Mas a galinha não deu bolinhos a ninguém. Comeu-os todos sozinha. Depois, satisfeita, começou a dizer: "Quem não planta não colhe".

OBSERVAÇÕES: Esta dramatização presta-se à ambientação com plantas, espigas de milho e os personagens podem estar caracterizados com cabeças de animais. Os pormenores podem perfeitamente ser criados pelo professor.

15. *O telefone* — PLANO: Organizar na classe uma dramatização usando o telefone, estação receptora de pedidos de ligação e haverá vários exercícios visando o desenvolvimento que pode ser facilmente construído pelas crianças com caixinhas e fios. Será organizada a estação receptora de pedidos de ligação e haverá vários exercícios visando o desenvolvimento da linguagem oral.

OBJETIVOS: Mostrar à criança o funcionamento de uma linha telefônica e a importância desse meio de comunicação. Aprender a criança o uso do telefone. Hábitos de cortesia e desembaraço de expressão. Transmissão de convites, recados ou conversações com assuntos escolhidos.

MOTIVAÇÃO: A necessidade do telefone numa cidade. Serviços que presta em várias ocasiões. A necessidade de saber usar o telefone.

DESENVOLVIMENTO: Como se pede uma ligação e como é feita. A numeração dos telefones. Como estabelecer uma conversação pelo telefone e outras atividades.

ATIVIDADE QUE A DRAMATIZAÇÃO SUGERE: Construção de uma linha telefônica. Estudo de sua organização. Estudo de serviço telefônico em S. Paulo. Saber ler a lista telefônica. Como se pede a instalação de um telefone. Exercícios de pronúncia. Recados. Avisos. Convite. Relação de assuntos. Programas de festas. Leitura de histórias. Poesias. Diálogos.

Da poesia. — O uso de poesias no curso primário constitui prática de resultados muito educativos, se o professor souber explorar o rico filão da sensibilidade infantil, pela recitação de poesias escolhidas e com elementos de agrado.

Por meio desses exercícios, orienta-se a criança na apreciação do belo literário, do ritmo e das rimas, e com a constância de prática dessa natureza, desperta-se eapura-se o gosto do aluno pela boa expressão.

Indispensável é, porém, que haja por parte do professor aproveitamento integral dos elementos que na poesia sirvam à educação e à formação artística da criança. Lida ou meramente declamada a poesia, não se alcançam esses objetivos. Ouvido, porém, através de boa dicção, interpretado e sentido em tôdas as suas partes, o verso sobre constituir assunto de íntimo gozo espiritual, permite ainda a criação de outras atividades de grande valor educativo.

Como aproveitar na prática a atividade poética?

1 — A leitura da poesia, feita em classe com a dicção mais apurada possível e com os toques emotivos convenientes, desperta nos alunos atitudes de receptividade favorável ao sentimento e à emoção.

2 — Através da mesma atividade procurar saber quanto de sentimento e quanto de compreensão despertou a poesia na classe.

3 — Acompanhar com a classe o fio ideativo da poesia, orientando-a na procura do sentido dominante dos versos.

4 — Estudar o ritmo, lendo a poesia pausadamente, para que os próprios alunos descubram a música dos versos.

5 — Estudar as rimas como exercício muito aconselhado para o crescimento do vocabulário.

6 — Estudar em traços gerais o poeta, à vista de retratos.

7 — Estudar os versos mais sonoros da poesia, fazendo a criança sentir a beleza que encerram.

8 — Estudar as imagens, as figuras e as expressões dignas de nota na poesia.

9 — Resumo oral ou escrito do assunto tratado na poesia.

Atividades que a poesia permite. — a) Memorização; b) Ilustração; c) Resumos; d) Estudos de rimas; e) Estudo de vocabulário; f) Estudo de biografias; g) Atividades no campo da geografia e da história; h) Confeção de álbuns de poesia; i) Estudo de quadras, sonetos, tercetos; j) Trabalhos manuais: recorte de cenas, de retratos, etc.; l) Leituras ampliadas; m) Hora da poesia, etc.

Algumas sugestões para as atividades acima lembradas. — Estudo do ritmo. — Objetivos: Levar a criança a compreender o que seja o ritmo, as suas modalidades, os seus tipos e mesmo a sua importância. Não é desconhecido o assunto para a criança — ela aprecia o ritmo. Conhece alguns: tique-taque do relógio, o ritmo da marcha, o do balanço, etc.

Examinar vários ritmos na marcha: 1, 2, 3, 4, etc.; ou 1, 2; 1, 2; sentir ritmos produzidos pelos lápis — — — — —; observar fora da escola, o ritmo que os trabalhadores usam para o levantamento, de pesos. Observar ritmos na ginástica, na dança.

Levar a criança, assim preparada, a entender o ritmo na poesia. Aproveitar a poesia de João de Deus:

Andava um dia
Em pequenino
Nos arredores de Nazaré.

para o estudo do ritmo.

Estudo de rimas. — Aqui vai reproduzida uma poesia de CORREIA JÚNIOR — *Vida simples*, e com ela podemos exercitar a criança no estudo de rimas, exercício que é ao mesmo tempo de audição e de pronúncia.

Assunto — Estudo de uma poesia — *Vida simples*. — CORREIA JÚNIOR.

Eis-me aqui, na bucólica doçura
Desta risonha e encantadora vila,
Onde gozo, há dois meses, a ventura
De uma vida suavíssima e tranqüila.

Palpitante de côres e de festas,
A mata em flor abre-se em mil botões...
Que alvorôço de ninhos, nas florestas!
Que infinito de paz, nos corações.

Aqui tudo à alegria nos exorta;
Há pureza nas almas e no clima:
O ar sadão da terra nos conforta,
A bondade dos homens nos anima.

Vendo assim, tão de perto, a natureza,
Cheia de encantos e de exemplos sábios,
A gente há de ter sempre, com certeza,
Mais ternura nos olhos e nos lábios.

Longe da agitação e do barulho,
Ante a moldura desta vila calma,
O homem se despe da maldade e orgulho
E veste de esperança a sua alma.

E, quando, um dia, êle regressa à vida
Agitada das grandes capitais,
A alma que nêle volta, agradecida,
Dessas paragens não se esquece mais!

Atividades. — Estudo da vida rural, seus encantos e costumes. Desenho de cenas rurais. A poesia sertaneja. Recorte em cartolina. Quadros da vida rural. Leitura sobre a vida rural. Decorar esta poesia para recitação. Colecionar poesias de Ricardo Gonçalves, Paulo Setúbal, etc.

Aproveitando essas atividades de linguagem, que podem ser praticadas desde os primeiros anos, criam-se situações muito adequadas ao uso do dicionário de rimas, ao estudo de quadrinhas populares etc.

Hora da poesia. — Poder-se-á, com o concurso das crianças, organizar na escola uma ou outra vez, ou sistematicamente, a "hora da poesia", com o objetivo precípuo de estimular a dicção correta do aluno, a leitura, ao mesmo tempo como o de criar o gosto do bom verso.

A disposição das crianças em semicírculo, ocupando o centro o aluno que lê ou declama, é a mais indicada.

Nos primeiros exercícios os alunos não demonstram interesse pela leitura ou declamação de colegas; o fato é explicável uma vez que, desabitado de ler para os outros, o pequeno leitor não gradua a voz para ser ouvido. Dois hábitos essenciais, portanto, devem ser formados através dessas atividades ou "hora da poesia": a) de ler, dizer, com voz audível, em público; b) o de saber ouvir quando outros falam ou lêem.

A variação dos exercícios, o emprêgo de ilustrações para esclarecer o pensamento da poesia, o estudo da biografia dos poetas, a poesia aliada ao canto, são aconselháveis indicações para manter sempre vivo o interesse da criança nessas horas de arte.

Trabalhos manuais a serviço da poesia. — Muitas poesias se prestam à conversão no recorte. Exemplo disso está na conhecida *Campestre*, de ZALINA ROLIM, que reproduzimos. Como atividade de bastante interesse a criança pode criar concretamente a cena que a poesia evoca, e pode ainda fazer o mesmo com belas poesias brasileiras.

CAMPESTRE

ZALINA ROLIM

Longe da estrada à beira do riacho,
que molha os pés relvosos da colina,
vejo-lhe o teto enegrecido e baixo
e a cancelinha baixa e pequenina.

Da chaminé desprende-se um penacho
de fumo branco... Levemente inclina
as verdes palmas sobre o louro cacho
do coqueiro frondoso, a aragem fina...

Faisca o sol. Do terreirinho à frente
galinhas, patos, debicando o milho,
batem as asas preguiçosamente.

Nem um rumor de pássaros palpita,
e a rozeirinha, adormecendo o filho,
canta lá dentro uma canção bonita.

JOGOS DE RIMAS

- 1 — Entregar à criança o trabalho de dizer rimas de palavras dadas.
- 2 — Escrever séries de rimas no caderno. Procurar enriquecer o exercício com rimas descobertas pelas crianças nos dicionários.
- 3 — Exercícios de vocabulário rimado.
- 4 — Brinquedo de rimas. O primeiro aluno de uma fila diz uma rima, outros, em seguida, dão-lhe outras.
- 5 — Dividir o quadro negro em duas, três ou quatro partes. Dividir a classe em partidos. Criar um jogo de rimas, em que os alunos dos diversos partidos escrevem, um a um, rimas nessas divisões do quadro.
- 6 — Estudar rimas de hinos e canções. Exercícios de pronúncia.
- 7 — Estudar, especialmente, as rimas do Hino Nacional.

Memorização. — A memorização de poesias só deverá ser feita depois de seu estudo inteligente.

O professor deve orientar a criança na maneira de memorizar: parcialmente, globalmente, pelas rimas, etc. Fazer repetir a poesia com voz clara e agradável. Dizer a poesia sem gestos. Dizer a poesia com gestos sóbrios. Dizê-la como quiser dizer. Dizê-la com uma ligeira música.

NOTA: A prática de recitação de poesias nas festas escolares é, dessas festas, a parte mais detestável. A impropriedade dos gestos, a incompreensão da poesia pela criança, a voz inadequada ao verso, concorrem para tornar a atividade sobre deseducativa, indesejável.

Ilustração. — A ilustração de poesias tem como finalidade principal levar ao plano visual aquilo que temos em plano de imaginação, simplesmente. Além disso, é procurada como excelente exercício para despertar o gosto do aluno, cuja liberdade de escolha do colorido, e do tamanho da ilustração, deve ser ampla.

Poesias há que se prestam admiravelmente à prática do desenho ornamental, cuja existência não é notada na escola. Cumpre iniciar com as crianças trabalhos dessa espécie, levando-as a organizar álbuns de poesias ilustradas, e mesmo à ornamentação de versos, a bico de pena, aquarela, etc.

Resumos. — Em classes de 3.^o e 4.^o grau, o resumo das poesias estudadas constitui ótimo exercício de compreensão e de redação. A conversão do verso à prosa é tida como prática de grande valor educativo, uma vez que obriga a apropriação de vocabulário novo, para não haver repetição servil do da poesia.

Algumas indicações devem ser dadas para o trabalho da criança. Com elas conseguem-se curiosos trabalhos de síntese, muito adequadas à educação infantil.

Bibliografia. — Ávila, Antônio — Literatura infanto-juvenil.
Nob'e de Freitas, Walter — *Simplicidade, Barquinhas de Papel, Mil quadros patrióticos*.

XV

O ENSINO DA LINGUAGEM ESCRITA

Exercícios de linguagem escrita. — Este título pretende compreender apenas um conjunto de diretrizes para a feitura dos trabalhos escritos na escola primária. Delas criará o professor outras, ditadas pela experiência e pelo estudo. Tratando-se de escrita, porém, natural é que seja estudado o decreto que regula o uso da ortografia nacional.

De alguns exercícios escritos na escola. — A prática de redigir sentenças não é, como parece, limitada ao primeiro ano primário. Ela deve, pelo contrário, iniciada ali, estender-se pelo curso todo, desdobrando-se em exercícios variados e graduando-se em tipos cada vez mais difíceis. Dessa graduação beneficia-se o aluno, visto que a sentença, de uso absoluto na redação, constitui a viga-mestra do estilo.

Sugestões para exercícios de sentenças.

- 1 — Formar sentenças com uma palavra dada.
- 2 — Formar sentenças com duas palavras dadas.
- 3 — Formar sentenças com um substantivo e dois adjetivos.
- 4 — Formar sentenças interrogativas ou exclamativas.
- 5 — Formar sentenças afirmativas ou negativas.
- 6 — Construir sentenças com dois verbos (Variar a exigência de tempo e de modos).
- 7 — Ampliar sentenças, completá-las, reduzi-las.
- 8 — Ordenar sentenças: bola tem bonita uma menina A.
- 9 — Empregar coletivos em sentenças. Empregar plurais.
- 10 — Mudar o tratamento empregado em sentenças.
- 11 — Escrever sentenças em diálogos.
- 12 — Trocar palavras da sentença pelos seus sinônimos.
- 13 — Redigir sentenças à vista de objetos ou de gravuras.
- 14 — Inventar histórias coletivas, dando cada aluno uma sentença.
- 15 — Recolher sentenças do livro e reproduzi-las.
- 16 — Redigir sentenças por várias formas.
- 17 — Criticar sentenças dadas.
- 18 — Escrever sentenças com um sujeito.
- 19 — Escrever sentenças com dois ou mais sujeitos.
- 20 — Escrever sentenças com verbos impessoais.
- 21 — Escrever sentenças com um só verbo.
- 22 — Escrever sentenças com dois ou mais verbos.
- 23 — Colocar sentenças em diagramas.
- 24 — Completar sentenças apenas iniciadas.

Nota: Aproveitando as sugestões acima, os alunos normalistas podem realizar trabalhos de prática no curso primário.

Cópia. — A cópia tem valor relativo na aprendizagem da escrita. Empregada geralmente "para melhorar a letra da criança", ou como tarefa de casa, ou como verificação de rapidez, no escrever, a cópia, entretanto, pode sugerir uma diversidade de exercícios interessantes. Erro lamentável é usá-la como tarefa diária, para tomar o tempo do aluno ou para castigá-lo, como é de praxe, com os famosos exercícios de "copiar linhas".

A cópia pode ser usada como trabalho retificador de grafias, como veículo de exercícios diversos como por exemplo o uso de grupos consoantes, ou de grafias difíceis.

- Algumas lembranças para o exercício de cópia.**
- 1 — Copiar trechos em prosa e verso.
 - 2 — Copiar palavras.
 - 3 — Copiar trechos sem pontuação e pontuá-los.
 - 4 — Copiar substituindo palavras pelos sinônimos convenientes.
 - 5 — Copiar assinalando substantivos, adjetivos e verbos.

- 6 — Copiar sublinhando trissílabos, polissílabos etc.
- 7 — Copiar sublinhando advérbios.
- 8 — Cópia mudando o tratamento usado na lição.
- 9 — Cópia de artigos de jornal, selecionados.
- 10 — Cópia sublinhando os substantivos concretos.
- 11 — Cópia de pensamentos educativos.
- 12 — Cópia de preceitos higiênicos.
- 13 — Cópias multiplicadas de conceitos sobre a necessidade de conservar o material escolar, de comportar-se bem na escola etc.

Exercícios para normalistas. — Realizar no curso primário experiências com relação aos diversos números da relação acima.

Ditado. — A prática do ditado, além de constituir exercícios usual de verificação do domínio de grafias por parte do aluno, serve também como exercício de fixação de grafias. Admite-se, geralmente, que o ditado não ensina a escrever.

O ditado pode ser usado na escola de acordo com os seguintes tipos:

a) ditado de trechos; b) ditado de sentença; c) ditado de palavras; d) autoditado; e) ditado para a medida da acuidade auditiva; f) ditado pelos alunos; g) ditado para verificação do aprendizado; h) ditado para fixação de grafias.

Não é preciso considerar, um a um, os tipos de ditado enumerados. Basta chamar a atenção dos professores primários para dois pontos de capital importância no assunto. O primeiro diz respeito à prática de pretender ensinar palavras novas, desconhecidas da classe, por meio do ditado. A grafia desconhecida, uma vez fixada como erro, constitui impressão difícil de ser apagada. É por isso que se fixaram grafias como: *advinhar*, *adevogado*, *suguito*, etc. O outro ponto se refere à correção dos ditados, trabalho de grande importância pedagógica. O erro de grafia é impressão às vezes dificilmente desfeita.

Reproduções. — Os exercícios de reprodução do lido ou do ouvido não oferecem dificuldades aos professores. É bastante haver graduação de exercícios quanto à extensão e quanto às dificuldades, para que eles beneficiem a linguagem do aluno. As histórias oferecem variados assuntos de reprodução e o preparo do trabalho deve ser muito cuidadoso. É indispensável que seja feita boa leitura, ou boa reprodução oral do cuidado. É indispensável que seja feita boa leitura, ou boa reprodução oral do cuidado. É indispensável que seja feita boa leitura, ou boa reprodução oral do cuidado. É indispensável que seja feita boa leitura, ou boa reprodução oral do cuidado.

Narrações, provérbios desenvolvidos, fábulas, versos, prosa, são outros tantos exercícios comuns na escola, cujo aproveitamento pelo professor pode oferecer benefícios para a linguagem infantil. Maior dificuldade oferece o exercício de descrição, que exige sempre certo desenvolvimento mental da criança, capacidade de observação e vocabulário. A descrição deve basear-se em observações dirigidas, o que a escola parcamente realiza. O nome exato das coisas, a matéria de que é feita, o fim a que se destina, formas, cores, etc., tudo são noções que, por falta de exercícios intuitivos, passam despercebidas.

Exercícios para estudo.

- 1 — Fazer ditados na escola primária e estudar a grafia das crianças.
- 2 — Experimentar o processo mais aconselhável para a correção de erros, no ditado.
- 3 — Ensaiar num quarto ano trabalhos de narrações, de passagem de verso a prosa.
- 4 — Verificar a capacidade descritiva da criança nos seguintes temas:
 - a) descrever objetos de sala de aula.
 - b) descrever objetos de uso pessoal.
 - c) descrever objetos ausentes.
 - d) descrever objetos sem nomeá-los.
 - e) descrever coisas do recreio.
 - f) descrever colegas.
 - g) descrever pessoas da família.
 - h) descrever a fachada da escola.
 - i) descrever a roupa que veste.
 - j) descrever a professora etc.

Da composição dirigida e da composição livre. — Esta parte é dedicada especialmente à composição livre ou dirigida na escola, assunto que pela sua importância pede relevo todo especial. Tão delicado é o tema que mereceu sério estudo em capítulo

das *Lições de Didática*, de LOMBARDO RADICE, com a epígrafe sugestiva de *A grande escolar*. Falando dos temas convencionais das composições, diz o livro citado: "A melhor prova do erro didático dos temas convencionais não é a que nos oferece o testemunho dos mestres, mas o fato doloroso da organização *perfeita* que alcançou a fraude escolar em matéria de composição. Existem, na realidade, verdadeiros absurdos pedagógicos e morais, coleções de temas *desenvolvidos*, cujos títulos fazem pensar num vendeiro atarefado; verdadeiras minas de lugares-comuns, utilizáveis em qualquer circunstância pelo estudante... Noventa por cento dos alunos diante do tema não perguntam: "que penso eu a respeito e que posso dizer?", mas "onde posso achar idéias?" As idéias são algo que não nasce em nós: *que se acha*. Há muita gente que teve o trabalho de pensar por nós. Tomemos seus escritos!"

Não é preciso comentar o trecho citado. Ele diz bem e bastante de um conhecido desvio pedagógico da escola, de exigir do aluno temas sobre que ele não pode, absolutamente, escrever, v. g. um incêndio em alto mar.

Exercícios para estudo.

- 1 — Que tipos de composição devem ser dados na escola primária?
- 2 — Como devem aparecer os exercícios de composição?
- 3 — Como guiar a realização do trabalho?
- 4 — Quais os temas especialmente indicados para o curso primário?
- 5 — A composição deve ser exercício livre?
- 6 — Que temas da vida real seriam mais indicados para as composições?
- 7 — Como devem os alunos coordenar idéias a respeito dos temas para desenvolver?
- 8 — Como devem cuidar da forma?

A invenção na composição. — A composição, em geral, exige o trabalho inventivo do aluno, o trabalho de criação. Se o tema proposto for deixado no quadro negro e sobre ele não fizer o professor qualquer referência, é natural que o aluno se resolva pela lei do mínimo esforço, escrevendo lugares comuns, um punhado de palavras, nada mais. Se porém, o tema foi trabalhado pela classe com o auxílio do professor, se ele for apreciado, discutido, analisado, etc., é bem provável que os trabalhos sejam melhores.

Como o professor pode guiar o trabalho da classe. — De vários modos se manifesta o auxílio do professor no preparo e na execução das composições na escola pela conversação dirigida, pelos exercícios de observação e vocabulário, pelos questionários e pelos sumários.

Os exercícios de conversação dirigida constituem magníficos recursos para o preparo da linguagem escrita. A troca de idéias entre o professor e os alunos, a apreciação de expressões e de fatos dentro do tema, a escrita de palavras no quadro, a lembrança de trechos de leitura, a organização do plano de trabalho, enfim, dão à tarefa escrita melhor preparação.

Pelos exercícios de observação, intuitivos e práticos, ganha a atividade de compor, elementos dos mais ricos, dos mais variados. A observação (impressão) que se completa com a linguagem (expressão) é fonte de noções e de idéias para a escrita. Em contato com as coisas, observando-as, e com os fenômenos sentindo-os, vai a criança, guiada pelo mestre, ganhando vocabulário, pré-criando-o e disciplinando a expressão.

A organização de questionários diretores do trabalho, a de sumários bem feitos, servem à coordenação de pensamentos a que o estilo dá relêvo.

Exercícios de conversação dirigida. Assunto — O rio. — O rio nasce — a nascente. Depois, seguindo o seu percurso vai recebendo outras águas. A declividade do terreno. Os aspectos diversos das paisagens. As corredeiras, os saltos, as quedas. Benefícios que vai prestando: peixes, condução, água para as cidades, arcia, pedregulho, barro.

Os engenhos movidos a água — as usinas. A foz do rio. A reunião de vários rios num só. A bacia.

Exercícios de observação e vocabulário — Um modelo. — Leve o professor seus alunos para o recreio cada qual munido de lápis e caderno. Ponha-os em lugar apropriado: jardim, horta, pátio e recomende-lhes silêncio. O brinquedo (pois que o

exercício toma a feição de brinquedo) é dos mais interessantes. Cada criança irá anotando no caderno o nome das coisas que viu. Depois, em classe, cada aluno recitará os nomes anotados: flor, árvore, cerca, etc.

É natural que, das primeiras vezes, o exercício seja apenas um exercício de escrever palavras. Mas ninguém deixará de perceber que, desse início, surgirão outros, mais desenvolvidos, mais educativos e mais ricos. O que era, a princípio, simples nome, passa a constituir tema e centro de novas observações. Assim: árvore, sugere nova pesquisa: Que árvore? De que família, que particularidades apresenta?

Com exercícios sistemáticos de observar beneficia-se a linguagem do aluno, tanto mais se o professor tiver o critério de exigir sempre a denominação exata das coisas, da forma, da cor, etc.

Outros modelos de exercícios de observação — NORMA: Cada coisa tem seu nome.

- 1 — Que observamos no recreio da escola?
- 2 — Que vemos na sala de aula?
- 3 — Como se vestem os meus colegas?
- 4 — Que vejo na frente da escola?
- 5 — Que estou agora observando da janela da sala?
- 6 — Que plantas vi no jardim?
- 7 — Que vejo na mesa do professor?
- 8 — Que vi na entrada das aulas? etc.

Trabalhos práticos para normalista. — Oriente os seguintes trabalhos no curso primário.

- 1 — Cada aluno escreve um cartõzinho com um nome e vai pô-lo num objeto ou lugar da classe.
- 2 — De olhos vendados um menino percorre a classe e tocando em coisas, nomeia-as.
- 3 — O mesmo exercício no recreio.
- 4 — Descrição de objetos sem dar o nome.

Dos sumários e questionários. — Uns e outros guiam o trabalho de redação e permitem economia de esforços por parte dos alunos. Mister é saber organizá-los com propriedade, clareza e ordem, para orientar o aluno na composição.

O modelo de sumário, abaixo, pode servir de tema a uma aula prática em 4.º ano.

Uma caçada de borboletas. Sumário. — Imaginar um bando gentil de crianças que vão caçar borboletas. Falar de suas vestes, de seus tipos, de sua alegria. Imaginar cada uma com uma espécie de coador na ponta de uma vara. Imaginar as crianças no campo perseguindo borboletas. Descrever ligeiramente as borboletas. Inventar algumas peripécias da caçada.

De volta cada criança traz uma bela coleção de borboletas que serão postas em mostruário.

Assuntos ou coisas da vida real. — Atividade de que descursa a escola e de que já demos notícia é a prática de observações por parte do aluno. Entretanto, nenhuma tão rica de favores como essa que leva a criança a abrir os sentidos para o mundo ambiente, a fim de conhecê-lo. Só assim terá o cérebro com que pensar e a imaginação com que trabalhar. O que o espírito colhe das coisas é, em geral, pouco e superficial e a escola não nos ensina a observar.

Uma sugestão. — As crianças arranjam no começo do ano um caderninho a que chamam *Caderno de observações* e nele vão registrando, livremente, as coisas vistas, os fatos mais curiosos que observam. O professor, terá o trabalho de pedir de vez em quando essas notas, de comentá-las, esclarecê-las e ampliá-las.

Boa oportunidade para este exercício de classe é a segunda-feira, uma vez que o domingo é sempre dia cheio de acontecimentos para a criança.

Um modelo de exercício de observação. A feira. — Indicações: a) Disposição das barracas; b) Mercadorias; c) Vendedores; d) Compradores; e) Pregões; f) Preços; g) Movimento; h) Aspecto geral.

Este modelo sugere outros, todos cheios de valores para a formação da linguagem infantil. O professor poderá explorar ainda estes assuntos:

a) observar o gato e o cachorro de casa; b) a rua da casa; c) uma saída de igreja; d) uma quermesse; e) uma procissão; f) a cidade à tarde; g) tipos populares; h) os costumes de um animal; i) uma relação de compras na feira; j) uma relação do mobiliário da casa; l) relação do mobiliário da escola; m) o gasto diário da casa; n) cartas a Prefeituras Municipais pedindo informes sobre o município, etc.

Cartas. — A carta constitui o gênero literário de maior utilização na vida e um dos de mais difícil execução, dada a sua propriedade de poder exigir em si os demais gêneros: a narração, a descrição, etc.

Antes de praticar o exercício *carta*, é conveniente uma série de atividades que o preparem e que devem ser realizadas em planos interessantes de trabalho.

Exercícios preparatórios:

- 1 — Abreviaturas.
- 2 — Tratamentos.
- 3 — Conjugação intensiva de verbos.

Trabalhos práticos.

- 1 — O praticante deverá organizar e executar um plano de trabalho para ensinar o emprêgo de abreviaturas. O trabalho deve ser motivado e os diferentes modelos de abreviaturas devem ser fixados em cartazes.
- 2 — Deve igualmente em aulas de linguagem oral e escrita estudar com as crianças os tratamentos usuais.
- 3 — Quanto à conjugação de verbos, aproveitar em aula algumas sugestões que vêm a seguir.

Dos verbos. — Lembramos, há pouco, a necessidade do estudo de verbos no curso primário. É estudo indispensável, mas que deve ser feito de maneira racional e prática, longe da orientação de ditá-los em classe e tomá-los depois de decorados. Há no quadro das conjugações de verbos coisas inúteis à aprendizagem infantil. Outras há, porém utilíssimas à vida social, na conversação e na escrita. Selecionar o útil, tal deve ser o escopo do professor.

A presente relação de verbos servirá de guia à prática de alguns exercícios de conjugação, na escola primária. A boa orientação didática achará meios de tornar o trabalho educativo e interessante.

polir	copiar	apressurar-se	ir
caber	apreciar	dignar-se	pôr
colorir	ver	jactar-se	medir
refletir	obsequiar	crer	redigir
abolir	indignar-se	abolir	infligir
premiar	optar	demolir	infringir
negociar	mobilier	excluir	extinguir
adaptar	detestar	valer	cerzir
averiguar	espelhar	trazer	competir
folhear	arrepender-se	suceder	divergir
tatear	grassar	abster-se	

ALGUNS PLANOS DE TRABALHO (*)

1.

Assunto: REPRODUÇÃO DE HISTÓRIA.

a) OBJETIVOS — Ensinar a criança a reproduzir o pensamento alheio. Enriquecer o vocabulário infantil com palavras e expressões novas. Ensinar a guardar a palavra ouvida.

b) INTRODUÇÃO — Despertar na criança o desejo de ouvir a história, provocando-lhe o interesse para isso. Reproduzir os trechos mais agradáveis da história. Provocar na criança o desejo de ser exata no que reproduz. Mostrar o valor da exatidão na linguagem.

(*) Ver *Práticas Escolares*, 2º volume — Planos de aula.

- c) DESENVOLVIMENTO — Ler à classe a história com a máxima segurança. Pronunciar corretamente as palavras. Escrever no quadro negro as palavras novas. Explicar-lhes o sentido.
- d) ATIVIDADE DA AULA — Ilustrar a página do caderno para reproduzir a história. Ilustrar a lição. Fazer recortes dos personagens da história. Fazer com eles uma história muda.
- e) CORREÇÃO E AVALIAÇÃO DO TRABALHO — a) Ler os trabalhos, anotando neles os erros mais frequentes; b) corrigi-los com a classe; c) mandar escrever as palavras corrigidas no caderninho de vocabulário; d) mandar ditar por um aluno a melhor reprodução; e) mandar passar a limpo o melhor trabalho, ilustrado pelo autor.

Assunto: OS COLETIVOS.

a) OBJETIVOS — Ensinar os coletivos mais usuais, empregando-os em sentenças, histórias e outros exercícios.

b) ADAPTAÇÃO — Palestra com as crianças sobre a utilidade dessas palavras que representam quantidade de coisas, pessoas ou animais. Descobrir com a criança os coletivos mais usuais.

c) DESENVOLVIMENTO — Através de conversações na classe, recorrendo ao desenho, à cartomagem, etc., enriquecer o vocabulário infantil com coletivos diversos.

d) ATIVIDADES — Desenho: desenhar figuras, representando coleções: enxame, cardume, turma, etc. Trabalhos manuais: recortar peixinhos e colá-los em uma folha, que ficará em exposição na classe. Fazer o mesmo com outros coletivos. Fazer uma barra decorativa, desenhando coleções nela, ou pregando gravuras. Organizar um concurso de folhinhas. Cada criança fará uma folhinha para a classe, aproveitando desenhos de coleções. Fazer marcadores de livros com o mesmo assunto.

e) APLICAÇÕES DIVERSAS — Ditado de coletivos: formação de sentenças, jogos.

3.

Assunto: AUTOBIOGRAFIA.

a) É esta uma das mais interessantes atividades do ensino, para desenvolver a imaginação e a capacidade de redigir da criança.

Como orientação preparatória do trabalho, é conveniente ler na classe trechos atraentes que versen autobiografia, v. g. autobiografia de um pinheiro. 1ª lição: *Leitura III* — Erasmo Braga, ou *História de um vintém* contada por ele mesmo — *Contos Infantis*, de Júlia Lopes de Almeida e Adelfina Lopes.

Depois, a criança redigirá a sua biografia, orientada por estas sugestões.

b) MOTIVAÇÃO — Despertar na criança o desejo de contar a sua própria vida com menores verídicos. Lembrar a necessidade de exatidão nos informes e a importância disso para a vida social. Mostrar ainda que, ampliando o exercício, o aluno poderá redigir diariamente algumas linhas sobre sua vida. Mostrar, finalmente, a importância dos *Diários* no traçado de biografias.

c) DESENVOLVIMENTO — Orientar o trabalho da criança mostrando que deverá citar: data do nascimento, lugar, família, impressões da infância, viagens, acontecimentos notáveis da vida, tempo de escola, etc.

d) VERIFICAÇÃO — Recolher os trabalhos escritos, verificá-los, anotando os mais curiosos. Ressaltar em classe os trechos mais originais e mais precisos. Considerar forma e fundo.

e) ATIVIDADES SUGERIDAS PELO ASSUNTO — Redigir "biografias" de coisas, pondo-se o aluno no lugar delas: história de um sêlo, de uma pratinha, de um livro, etc. Iniciar o *Diário da Classe*, que será redigido pelos alunos, com anotações das principais ocorrências da vida escolar. Organização do *Caderno de Vida do Aluno*.

História da família do aluno.

Estudo da biografia de poetas, romancistas, cientistas, etc.

f) QUESTÕES CURIOSAS SOBRE O MESMO TEMA.

- 1 — Por que você recebeu o nome que tem?
- 2 — Qual a melhor impressão de sua vida?
- 3 — De que você se lembra do ano passado?
- 4 — Como era a sua primeira professora?
- 5 — Quais os colegas de que mais se recorda?
- 6 — Como passou seu último aniversário?
- 7 — Das casas em que morou, qual a melhor?
- 8 — Gosta de sua madrinha?
- 9 — Como aprendeu a ler?
- 10 — Com que brinquedos já brincou em sua vida?

4.

Assunto: A FORMAÇÃO DE UM RIO (Alonso Arinos).

a) OBJETIVOS — Levar a criança a interpretar o belo trecho do escritor mineiro, fazendo que ela aprecie as suas belezas literárias.

b) INDICAÇÕES — Leitura ou transcrições do trecho; estudo de expressões e de sinônimos. Estudo da biografia do autor.

c) OUTRAS ATIVIDADES — Concurso de ilustração do trecho. Concurso de leitura do mesmo. Procurar outros trechos do citado escritor.

FORMAÇÃO DO RIO

A. ARINOS

Humilde e mesquinho ao nascer, é nas cabeceiras, primeiro um olho-d'água e depois um lacrimal; ninguém o conhece; borbota apenas daqui e dali; medroso e trêmulo, chora entre as pedras, pedindo uma fresta por onde se esgueire em sua marcha para a luz; a pouco e pouco se arrasta e engatinha e do seio nutriz da Montanha vai bebendo, de caminho, cada vez mais gulosamente, as golphadas líquidas de vida. Como o dos seres animados, o seu nascimento requer mistério e sombra.

Já aventura uns passos mal seguros, e ainda exige o amparo das gutas, a proteção das margens vestidas de ervas, espontadas de raízes que ele, em troca, refresca e alenta; já balbucia, corre agarrando-se às pernas do arvoredo, e ainda as ramagens protetoras cruzam-se sobre o seu leito. E vai e vai, e vão-se-lhe alargando as margens, até que nenhum galho gigantesco de figueira possa mais roçar outro galho igual, estendido do outro lado. Então, orgulhoso e forte, não pede mais caminho; abre o seu.

Surge, porém um obstáculo: torce-se e evita-o, porque, como o selvagem, ama o repouso e o sono e não gasta forças inutilmente.

Vai colcando, colcando e seguindo o seu rumo. A rota é segura agora, nada se lhe antepõe. Mas, às vezes, a Montanha estende-lhe no caminho uma barreira de pedra. Então, éle como que pára a fim de medir o adversário e, negligentemente, certo do triunfo, recolhe as forças, espaiando-se nos largos remansos. Depois se encrespa e rugue e arremete e se precipita com fragor tanto maior quanto maior é o obstáculo, e estoura na catadupa. Aqui, triunfador, majestoso e soberbo, não se contenta em marchar sobre montões de penedos, adversários prostrados a seus pés; cria asas, espadana os ares, dilui-se em neblina, sobe, transforma-se em luz e é o Arco-íris.

5.

Assunto (Estudo de um trecho literário): A GRUTA DE PEDRA — (Olavo Bilac).

a) OBJETIVOS — Conhecimento de uma descrição do grande escritor brasileiro. Despertar na criança o gosto por essas leituras, tornando-a conhecedora de estilos diversos, na literatura. Provocar o sentido crítico no aluno, levando-o a apreciar a boa expressão alheia.

b) MOTIVAÇÃO — Criar na classe uma atitude de simpatia para o estudo literário, mostrando-lhe também que possuímos uma galeria de notáveis escritores e belos livros em prosa e verso. Despertar no aluno o desejo de ler trechos como esse, de colecionar outros, de estudar autores, etc.

c) DESENVOLVIMENTO — Olavo Bilac visitou uma gruta de pedra e nos deu precisa descrição do que viu. Ler o trecho todo para a classe. Procurar esclarecer o significado das palavras e expressões desconhecidas. Apontar as belezas da descrição e criar imagens mentais no aluno.

Levar a criança a observar o movimento da descrição e apontar especialmente o belo trecho que diz da árvore procurando passagem para o sol.

d) PARTICULARIDADES DIGNAS DE NOTA NO TRECHO — Verbo munir; archotes, candelabros de pedra, luz vacila e desmaia, de anfracto em anfracto, estalactites, etc.

e) ATIVIDADES QUE ESTE EXERCÍCIO PERMITE — Estudar a biografia de Olavo Bilac. Leitura do trecho por vários alunos. Ditado pelo professor ou por uma criança, dos trechos mais sugestivos. Organização de um caderno de trechos literários. Exercícios de imitação: Contar a história da semente, desenhar o escritor visitando a gruta.

f) VERIFICAÇÃO — Organizar um questionário com 10 perguntas e confiá-lo à classe.

A GRUTA DE PEDRA

As nove horas, munidos de archotes, entramos na formosa Gruta de Pedra, uma maravilha natural. Dentro da gruta, um frio fino e cortante. Grandes salões, de cujo teto escuro e escorregadio.

De quando em quando o caminho sobe. E o visitante, surpreso, chega a uma nova sala, pelas paredes rugosas de anfracto em anfracto, de fuma em fuma, aparecem e desaparecem, como por encanto, abismos negros, vultos formidandos de penedos acastelados uns sobre os outros.

Às vezes, de uma eminência, o olhar mergulha pelos corredores vagamente alumados, e percebe ao longe, caída de uma fenda da rocha sobre um chão que brilha dúbilmente, a luz do dia, incerta, azulada, fantástica.

E, prestando atenção, num silêncio absoluto, ouve-se o tique-taque das gotas de água pingando sobre as lajes, filtrando pelas estalactites, continuando o trabalho secular da forrasga, deixando aparecer um palmo de céu azul, a claridade põe no solo úmido uma nódoa de cor indefinível. Há um sítio, de que irrompe, em plena treva, em pleno subterrâneo, um tronco de árvore secular. Há quantas centenas de anos terá ali caído abandonado e triste a semente que foi o berço daquele colosso? Sem ar, sem luz, o pequenino rebento cresceu talvez uma polegada de dez em dez anos.

Subiu a custo, como uma cobra, pelas paredes da imensa caverna.

Engrossou, desenvolveu-se, cresceu.

E, já tronco, prosseguiu a sua viagem desesperada e heróica para a luz, para aquêle céu, que adivinhava lá em cima...

Hoje, é curioso seguir esse percurso: o tronco vai de pedra em pedra, confundindo-se com a rocha subindo sempre, acompanhando aqui uma anfractuosidade, galgando ali uma cavidade, até que emerge da treva por um buraco aberto no teto da gruta, e abre-se, e expande-se, e pompeia, e triunfa, e irradia, e canta, em plena luz, lastrando pelo ar a sua gloriosa copa verde, onde ganteiam pássaros, onde vivem ninhos, e de onde pendem os grandes reposteiros fulvos das *barbas-de-telho*, como mantos régios...

6.

Assunto: FAMILIAS DE PALAVRAS.

a) OBJETIVOS — Ensinar a criança a descobrir palavras derivadas e da mesma família. Despertar nela o gosto pelo estudo da derivação de palavras, como recurso para o enriquecimento do vocabulário. Ensinar a, praticamente, formar novas palavras, a consultar dicionário e gramáticas elementares.

b) INTRODUÇÃO E ADAPTAÇÃO — Palestras com as crianças sobre o que vem a ser a genealogia. — Praticar com elas a organização de uma árvore genealógica. Mostrar que também as palavras têm sua família. Levar a criança a descobrir famílias de palavras.

c) DESENVOLVIMENTO — Através de conversações, estudar com os alunos as famílias de palavras mais comuns, recortando ao desenho (uma árvore; o tronco, a palavra chave, os galhos, a derivada). Exercícios de colagem: colar em cartolina famílias de palavras: casa, casinha, casebre, casarão, etc.

d) ATIVIDADES DIVERSAS — Desenho de árvores com palavras e seus derivados. Aproveitar uma árvorezinha seca e firmá-la numa caixa de giz. Pendurar nos galhos etiquetas com palavras de uma mesma família.

e) APLICAÇÕES DIVERSAS em jogos, ginásticas, etc.

7.

Assunto (Descrição de um objeto): O RELÓGIO DA SALA.

a) INDICAÇÕES — A descrição de objetos é, para a criança, um dos exercícios que oferecem maiores dificuldades. Por isso é conveniente orientá-la na observação das coisas, guiando-o no processo de análise, a partir de objetos de mais fácil descrição. Por isso, desenhe a

Uma das atividades que mais facilitam esse trabalho é a do desenho. Aprenda-lhe os a criança o que deseja descrever. Estude as partes que integrem o objeto. Aprenda-lhe os nomes exatos. Depois, descreva.

b) MOTIVAÇÃO — A descrição precisa, que dá idéia exata do que foi descrito, é a única desejável no estilo. É aconselhável, pois, que a criança observe bem o objeto que lhe serve de tema, que precise o nome de suas partes, que descreva ordenadamente as coisas; que despreze minúcias inúteis, etc.

É recomendável ler o professor na classe modelos de descrições, realçando os predicados que as adornam.

c) DESENVOLVIMENTO — Desenhar o relógio da sala e depois fazer o trabalho escrito. O professor guiará a observação do aluno, para que esse veja no objeto, com clareza, a cor, a forma, as proporções, e ajuste a cada coisa o nome adequado.

d) VERIFICAÇÃO — Ler e comentar os trabalhos feitos. Observar a grafia e a concordância. A correção deve ser feita pela criança.

e) ATIVIDADES DERIVADAS DESTA — Desenhar e descrever o relógio de casa; o de uma praça pública, o do papai, etc.

8.

a) OBJETIVOS — Ensinar a criança a fazer uso adequado da pontuação. Provocar nela a curiosidade para pontuar bem, para observar a pontuação de livros. Levá-la a compreender que a pontuação é a alma da redação e que "saber pontuar é saber pensar".

b) MOTIVAÇÃO — Fazer para a criança uma leitura com, e outra sem pontuação, a fim de que ela observe a diferença. Ler trechos de bons escritores, que pontuam com segurança. Mostrar a confusão que podem criar trechos mal pontuados.

c) DESENVOLVIMENTO — Emprego do ponto final. Observar o livro de leitura. Emprego da vírgula. Escrever sentenças em que entrem muitos substantivos ou adjetivos separados por vírgula. Emprego de dois pontos, no diálogo e na enumeração. Emprego de reticências. Emprego dos sinais de expressão.

d) EXERCÍCIOS — Entregar à criança trechos simples, sem pontuação, para pontuar. Ditado para o aluno pontuar. Fazer um concurso de pontuação. Formar uma história dialogada para o uso correto da pontuação.

NOTA: Recomendamos a série de livros de leitura de João Köpke, para o estudo da pontuação. É a mais exata pontuação que conhecemos em livros de leitura.

ADIVINHAS

Alguns modelos de adivinhas para exercícios de linguagem e de raciocínio. Poderão ser aproveitados em conversações, no desenho, no brinquedo.

- 1 — Pobrezinho! Tem chapéu mas não tem cabeça. Tem pés, mas não tem sapato.
- 2 — O que é que fica sobre o telhado e fuma, sem ter cachimbo nem tabaco?
- 3 — Aparece muito quando há sol; às vezes é grande, outras vezes pequena. Acompanha-nos por toda a parte.
- 4 — Às vezes molha. Às vezes é branca. Às vezes é gelada.
- 5 — Está no meio da rua e em cima do chão.
- 6 — Quanto mais tem menos se vê.
- 7 — Anda e anda, mas não sai do lugar.
- 8 — Entra na casa, mas dorme fora.
- 9 — Está na mesa, na missa e na mão.
- 10 — Tem bico, asa e não é ave.
- 11 — Tem coroa e não é rei, tem escamas e não é peixe.
- 12 — A metade está na porta, a metade no côco.
- 13 — Está na roupa, na árvore e no lampião.
- 14 — Para formar meu nome preciso de $\frac{1}{3}$ de cavalo, $\frac{1}{3}$ de menino e $\frac{1}{2}$ de lobo.
- 15 — Ponho na mesa, corto, corto, mas não como.

Do jornal de classe. (*) — Uma das mais interessantes práticas escolares é a do jornal, ora manuscrito pelas próprias crianças, por elas preparado e ilustrado, ora impresso fora da escola.

Consideremos, primeiramente, o jornal que as próprias crianças confeccionam, observando-lhes os valores educativos e os múltiplos centros de interesse que pode provocar.

O jornal de classe é, antes de tudo, um excelente estímulo para o desenvolvimento da linguagem infantil; favorece e motiva a expressão oral e escrita. Nêle pode a criança, por múltiplas formas, usar a atividade de redigir e para a sua organização necessita de estar em contato freqüente com os colegas, o que favorece, sobremaneira a expressão oral.

Além disso, não há melhor oportunidade que a do jornal para intercâmbio entre classes da mesma escola, e entre escolas da mesma cidade. E nesse intercâmbio, freqüentes são as ocasiões de colaboração entre crianças, faltas de socialização, copiosas as que favorecem o aparecimento e o desenvolvimento de aptidões. É quando aparecem os desenhistas, os ilustradores, os líderes, os organizadores, etc.

E finalmente. Pela variedade de aspecto que pode tomar o jornal de classe se converte freqüentemente em centro de variadas atividades escolares, compendiando a vida da classe e refletindo o andamento de tôdas as matérias.

Agora, um punhado de sugestões para o trabalho do jornal, que já ensaiamos com notáveis proveitos, em muitas classes de curso primário.

Motivação do trabalho. — Sugerir à classe a criação de um jornal apresentando a relação de benefícios que disso podem advir. Esboçar em linhas gerais as possibilidades do jornal da classe, as suas diversas seções. Mostrar que como um jornal de verdade o da classe pode prestar excelentes serviços.

Atividades do jornal. — Mostrar diversos jornais à classe, encaminhar a escolha de um nome para o futuro órgão. Dar liberdade de escolha. A autonomia do aluno gera confiança no trabalho, espicaça-lhe a imaginação, desperta-lhe a iniciativa.

Conhecidos os nomes escolhidos, criticá-los com a classe, discuti-los. Pô-los em votação. Escolher o definitivo.

A seguir pode ser realizada a escolha dos diretores, redatores e demais funcionários do jornal. A eleição, no caso, é exercício muito educativo, o que oferece aspectos dignos de nota.

O jornal deve constituir-se de seções e elas precisam ser estudadas com os alunos, à vista de jornais trazidos por eles. As seções escolhidas podem intitular-se: literária, esportiva, de aritmética, de geografia, de história e biografia, de anúncio, de desenho, perguntas e respostas, charadas, reportagens, etc.

Para o título do jornal a abertura de concurso de ilustração traz resultados apreciáveis. Expostos os trabalhos de concurso, as crianças escolherão o melhor.

(*) Ver *Práticas Escolares*, I volume - Capítulo VII.

Preparado o material do jornal, selecionado, depurado, aparecem novas oportunidades de trabalhos. Sumariaremos algumas:

- 1 — Escrever o jornal com letra legível — exercício de caligrafia.
- A escrita do jornal pode ser feita por vários alunos, no mesmo número.
- 2 — Leitura oral da matéria organizada. Exercícios de conversação bem orientados, para a escolha definitiva dos originais.
- 3 — Para ter matéria abundante, é aconselhável a realização de concursos de contos, de anedotas, de reproduções, de desenhos, de problemas, etc.
- 4 — Não deve ser dispensada a colaboração da família ou de outras pessoas estranhas à classe. Só lucrará a escola com isso.

O aproveitamento do jornal no curso primário. — Além do jornal da classe, é assunto sensivelmente estranho à escola, o aproveitamento do jornal, não só para o desenvolvimento do vocabulário infantil, mas também como auxiliar no estudo de várias disciplinas. Considerando, porém, apenas o aproveitamento do jornal nas atividades da linguagem e da leitura, fácil é de ver a soma de serviços que ele pode prestar à escola, quando convenientemente selecionadas suas notícias e bem orientado seu uso.

Simplees indicações estas que fazemos para o professor primário:

- 1 — O dia do jornal. Escolher um dia da semana para leitura e comentário de artigos selecionados do jornal.
- 2 — Organizar a "biblioteca de recortes". Pedir aos alunos que recortem artigos de jornal; selecioná-los depois; colocá-los em folhas de papel resistente; datá-los. Aproveitá-los em aulas de linguagem, de conversação e de leitura.
- 3 — Leitura de páginas dos jornais dedicados ao comércio, para o desenvolvimento do vocabulário.
- 4 — Ampliando o círculo de atividades, visitar uma redação e conhecer para relatar, as fases mais interessantes da feitura do jornal.

Assuntos típicos extraídos de um jornal infantil.

- 1 — Trabalhos de redação: cartas, descrições, composições, biografias, etc.
- 2 — Trabalhos de desenho: ornamental e livre.
- 3 — Noticiário: efemérides, acontecimentos escolares.
- 4 — Variedades: palavras cruzadas, charadas, problemas, logicidade.
- 5 — Trabalhos de geografia e história.
- 6 — Pequenas notícias sobre aparelhinhos de física.
- 7 — Humorismo.
- 8 — Anúncios relacionados com assuntos escolares.

Análise pelo diagrama. — O sistema americano de análise pelo diagrama conta no professorado inimigos acérrimos e devotados partidários. Os primeiros afirmam que o processo é deseducativo porque mecânico e porque leva o aluno a fazer linhas do diagrama sem saber palavra de análise nem de gramática. Declaram os seguintes que o processo é excelente, capaz de guiar o estudante na difícil questão da análise.

Entre uma e outra opinião é necessário estabelecer a verdade. O diagrama é apenas um auxiliar da análise, mas esta nunca deve ser feita mecanicamente. Com êle, em sua construção, deve o aluno conhecer as razões da colocação das palavras nos lugares adequados. As linhas constituirão simples artifício.

OTONIEL MOTA diz com propriedade o seguinte a respeito do diagrama: "O fazer (o aluno) de modo mecânico o diagrama recai exclusivamente sobre o professor, que não cumpriu o seu papel principal: o de fiscal e dirigente. O diagrama é um auxiliar modesto, não um mestre ou uma fórmula mágica, e a indolência ou incúria do professor pode prejudicar e até anular a eficácia do processo". (*)

Prática do diagrama. — A título de sugestões indicamos uma série de exercícios no curso primário, a partir do 3.º ano, e pelos quais podem normalistas ou professores primários praticar o processo metódicamente.

Antes, porém, é conveniente que se firme o seguinte, com relação à colocação de palavras no diagrama. Tal colocação é assim explicada por Otoniel Mota.

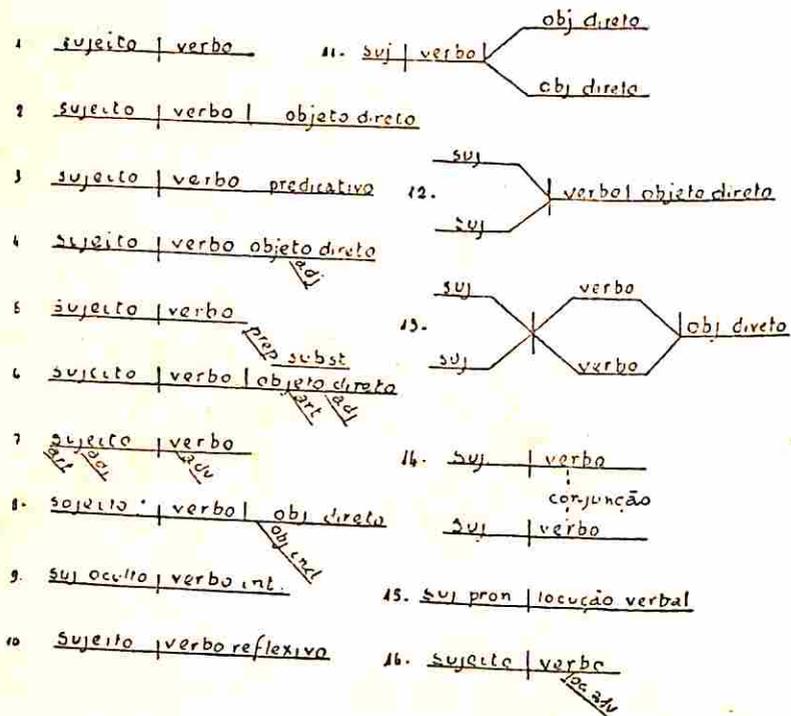
- 1 — As linhas horizontais são ocupadas pelos substantivos, pelos verbos e pronomes; as oblíquas por adjetivos, artigos, preposições e advérbios.
- 2 — O sujeito deve ser separado do predicado por meio de um traço perpendicular que corta a linha horizontal.
- 3 — O objeto direto deve vir adiante do verbo, dêle separado por um traço perpendicular à horizontal, sem cortá-la.

(*) *Lições de Português* — Comp. Melhoramentos — São Paulo.

- 4 — As palavras ou expressões que modificam o sujeito ou o objeto devem vir abaixo deles, em linha oblíqua.
- 5 — Os advérbios devem ficar também em linha oblíqua, abaixo dos verbos que modificam.
- 6 — O predicado ao sujeito deve ser separado do verbo por um traço inclinado, na direção do verbo.

NOTA: Outras particularidades de colocação são encontradas em livros sobre o assunto. Aqui só apresentamos meras referências.

Modelos:



Meros exemplos as construções apresentadas, servirão contudo para exercitar a criança no diagrama, cuja aprendizagem deverá ir passo a passo munida de conhecimento sobre: a) sujeito; sujeito simples e sujeito composto; sujeito substantivo; sujeito pronominal; b) predicado (verbos transitivos, verbos intransitivos e verbos predicativos); c) objeto direto simples, objeto direto composto; d) adjetivos e frases adjetivas; e) advérbios e expressões adverbiais. É indispensável, no curso primário, o estudo racional de verbos. O seu desconhecimento tem provocado indesculpável falha no preparo dos ginásianos. (*)

Exercícios.

- 1 — Construir dez diagramas colocando no lugar devido o objeto direto.
- 2 — Construir diagramas com dois ou mais objetos diretos.
- 3 — Fazer diagramas com sujeitos e objetos diretos compostos.
- 4 — Construir diagramas com predicativos ao sujeito (Ver os chamados verbos de ligação).
- 5 — Construir orações dentro de diagramas.
- 6 — Tirar sentenças da lição de leitura e colocá-las no diagrama.
- 7 — Colocar em diagramas as seguintes sentenças: Luís e Laura compraram um lindo cavalo branco. — Paulo achou ontem um belo canivete dourado.

(*) Para maior conhecimento do assunto, ver nosso *Guia do Estudante — Português* — Livraria Acadêmica — São Paulo.

Da gramática. Leitura. — De nenhum proveito é o mero conhecimento teórico da gramática. Armazenar apenas na memória as regras da linguagem, sem saber aplicá-las nas composições escritas sobre os assuntos, que constituem a vida nos múltiplos aspectos do intercâmbio social, é conseguir do ensino da língua resultado negativo, e até prejudicial à boa educação da mocidade.

É com a pena na mão, no versar constante de temas conhecidos, sob a sábia direção do mestre, que pode o aluno assenhorear-se da língua materna, e habituar-se a manejá-la proveitosamente, como o instrumento, que é, da vida de seu espírito (EDUARDO CARLOS PEREIRA).

Além das judiciosas observações acima transcritas, é preciso considerar o ensino da gramática no curso primário. Nêle, por um lamentável erro de visão, foi abolido esse ensino, porque fôra feito em moldes condenados e rotineiros. Entretanto, o erro era do método, não da matéria.

Como se há de fazer a aprendizagem da gramática. — Fora de propósito é ensinar-se gramática como gramática no curso primário, com definições, regras impostas e nomenclatura rebarbativa. A sua aprendizagem há de ser feita nas conversações, através das leituras e preparo e correção da escrita.

Através das lições de leitura pode organizar-se um excelente curso ocasional de gramática. Bem utilizado, esse livro se converte em fonte inesgotável de problemas e de fatos gramaticais. É suficiente saber explorar as lições. De uma delas, a título de indicações, fornecemos os seguintes exercícios gramaticais:

- 1 — Procura de palavras que sejam nomes de coisas, pessoas ou animais.
- 2 — Procura de palavras que representem muitas coisas.
- 3 — Procurar nomes próprios.
- 4 — Descobrir palavras que indiquem qualidades.
- 5 — Procurar palavras que substituam os nomes.
- 6 — Procurar sinônimos.
- 7 — Procurar certas palavras e dar-lhes o diminutivo.
- 8 — Descobrir palavras e mudá-las assim: fui, fomos, fostes, etc.
- 9 — Achar palavras que tenham aumentativos: casa, caixa, etc.

A gramática através do desenho. — Serviços inestimáveis prestam o desenho pedagógico e o da criança na fixação de noções gramaticais. Por um e por outro será fácil aproveitar estas sugestões.

- 1 — *Substantivo*: Desenho de objetos, figuras de pessoas, etc.
- 2 — *Plurais*: Desenho de coisas, figuras, etc.
- 3 — *Qualificativos*: Desenhar objetos, coisas variadas, assim — casa grande, casa pequena; bola nova, bola velha, etc.
- 4 — *Coletivos*: Desenho de enxames, cardumes, pilhas, boiadas, etc.
- 5 — *Diminutivos e aumentativos*: Desenho de coisas grandes, coisas pequenas, etc.
- 6 — *Igualdade*: Desenho de coisas iguais.
- 7 — *Verbos*: Desenhos de uma criança que estuda, que pula, que anda, que brinca, que dorme, etc.
- 8 — *Advérbios, locuções adverbiais, locuções prepositivas, preposições*: Um livro sobre a mesa, outro sob; um vaso entre cadeiras, um chapéu atrás da cadeira, etc.

A gramática através de recorte, da colagem de figuras, etc. — Parece-nos inútil apresentar sugestões sobre o aproveitamento das atividades deste título como veículo das noções gramaticais. Basta considerar que figuras recortadas e coladas podem fornecer idéias claras a respeito de igualdade, de aumentativos e diminutivos, de verbos, de coletivos, de famílias de palavras, etc.

Problemas para estudo.

- 1 — A gramática deve ser ensinada no curso primário?
- 2 — Quais os argumentos contra esse ensino ou a favor dele?
- 3 — Como se poderia tornar interessante o ensino de gramática no curso primário?
- 4 — Quando deve ser feito o estudo sistemático de gramática?
- 5 — Que compreende um curso de gramática para escola elementar?
- 6 — Qual o papel da gramática na aprendizagem da língua?
- 7 — Há recursos para tornar desejada pela criança a aprendizagem da gramática?

Trabalhos práticos.

- 1 — Organizar uma relação de assuntos gramaticais de utilidade para o aluno do curso primário.
- 2 — Organizar uma relação de dez definições gramaticais e criticá-las.
- 3 — Organizar uma pequena gramática ilustrada, para curso primário.
- 4 — Procurar 5 regras gramaticais e organizar com elas um plano de aula para 3º ano.
- 5 — Fazer cartazes ilustrados para o ensino de gramática.
- 6 — Inventar jogos através dos quais se torne interessante a aprendizagem da gramática.

ALGUNS PROBLEMAS GRAMATICAIS

(Para normalistas e aulas práticas)

- 1 — Quando se escreve *por que* e *porque*?
- 2 — Quando se usa crase?
- 3 — Quando se usa o ponto final, os dois pontos, a vírgula?
- 4 — Quando podemos suprimir o pronome na sentença?
- 5 — Quando se usa *admiravelmente*?
- 6 — Fulano ficou fora de si. Eu fiquei fora de ...?
- 7 — Um médico perguntou a um doente: "Como come?" E o doente respondeu: "Como, como como".

Estudar a palavra *como* nos diversos valores da resposta.

- 8 — Quando se usa: *duplo, triplo, meio, têrço*, etc.?
- 9 — Quando se usa: *V. S., V. A., Sr., Ilmo.*, etc.?
- 10 — Quando se emprega: *conosco, convosco*, etc.?
- 11 — Quando se emprega: *mais e mas*?
- 12 — Quando se usa: *cujo*?
- 13 — Quando se usa: *pois, aliás, logo*, etc.?
- 14 — Quando se usa: *fizesse, andasse, brincasse*, etc.?
- 15 — Quando se emprega: *o e lhe*?
- 16 — Quando se emprega o *fazer* impessoal?
- 17 — Quando se emprega o *eu* e o *mim*?
- 18 — Quando se emprega o *nos*?
- 19 — Como terminar esta sentença?: Vendo que o menino estava ferido
- 20 — Como terminar esta?: Sabendo que eu andava aborrecido
- 21 — Que quer dizer: *E. R. M. P. E. F., E. S. R.*, colocadas nas cartas?

DA CORREÇÃO DOS TRABALHOS ESCRITOS

Enumeramos abaixo algumas observações sobre o problema, para que elas sejam examinadas e criticadas.

- 1 — É inútil a correção dos trabalhos escritos feita pelo professor, longe das vistas da criança. Melhor correção é aquela em que o aluno colabora no processo de retificação dos erros.
- 2 — É de fracos resultados tentar a correção de muitos erros de uma só vez, na mesma aula, porque o trabalho, sobre provocar fadiga, é aborrecido para o aluno.
- 3 — É preferível orientar cuidadosamente o trabalho escrito, do que corrigir ou tentar corrigir depois centenas de erros.
- 4 — É desaconselhável acumular na mesma aula de correção, problemas de ortografia, de estilo, de ordem. É melhor dividir as dificuldades para resolvê-las passo a passo.
- 5 — É didático tornar interessante o trabalho de correção, dando-lhe feição atraente, cativando a criança de tal forma que ela sinta a necessidade de escrever certo.
- 6 — Redunda em perda lamentável de tempo o corrigir-se durante o ano inteiro os mesmos erros dos alunos. Isso evidencia a pouca eficácia dos processos corretivos empregados.
- 7 — É de excelente resultados medir a própria criança os progressos que realiza na redação. A autoverificação, o gráfico de progresso, etc., dão ao trabalho outro estímulo.
- 8 — É uma heresia pedagógica obrigar-se a criança a copiar o próprio erro. Com tal prática, o erro se grava e se perpetua na retentiva infantil.
- 9 — Finalmente, havendo necessidade de correção, ela deve ser feita no momento do erro.

Um caso de prática — Da verificação feita em provas escritas de classe de 4º ano, de um grupo escolar da Capital, podemos colher o seguinte quadro de erros:

Redação.

- 1 — Má concordância do adjetivo com o substantivo. Ex.: ciliós grande — 20 vèzes.
- 2 — Má concordância do verbo com o sujeito. Ex.: eu tem; um de nós vamos; um dos nós estamos — 10 vèzes.
- 3 — Viciosa repetição do sujeito. Ex.: Minha mãe... ela — 5 vèzes.
- 4 — Falta de pontuação e parágrafos confusos — 20 vèzes.
- 5 — Falta de termos de ligação.
- 6 — Incorreção de linguagem. Ex.: ir na escola.

- 7 — Italianismo. Ex.: se deixa fazer.
- 8 — Falta de subjuntivo. Ex.: quer que eu vou; quer que eu fica.
- 9 — Emprêgo errado de pronomes. Ex.: estimo ela; desperta eu; para mim vir.

Grafia.

- 1 — Falta de desinência verbal: brinca por brincar.
- 2 — Troca de letras:

l por r.	Ex.:	erara — 3 vèzes;
q por g.	Ex.:	guando — 3 vèzes;
lh por nh.	Ex.:	Castalho em vez de castanho — 3 vèzes;
lh por l.	Ex.:	cabelho — 5 vèzes, etc.
- 3 — Falta de acentuação: e por é — 10 vèzes.
- 4 — Erros na partição de vocábulo — muitas vèzes.
- 5 — Desconhecimento de ditongos — ropa, losa, poco, quexo, etc.
- 6 — Outros defeitos.

Como corrigir êsses erros. — Com apenas alguns exercícios, qualquer professor toma o pulso de sua classe em linguagem. Com pequeno trabalho organiza uma classificação de suas falhas comuns, na matéria, e, conhecido o mal, pode encontrar remédios. Indispensável é, porém, que o trabalho de correção seja sistemático e pertinaz. O erro, quando perseguido, anula-se, desaparece. O que é digno de lástima é o encontrar-se, mesmo no 4.º ano primário, erro até na denominação da escola.

Um plano de ação. — Sugestões que podem ser aproveitadas pelos professores na retificação de erros dos alunos e para o aperfeiçoamento da linguagem oral e escrita.

1. EXERCÍCIOS PARA A FORMAÇÃO DE VOCABULÁRIO.

a) Enumeração de palavras em tôrno de uma idéia central.

Exemplos:

as peças do vestuário;
os objetos da sala de aula;
os objetos de uso do aluno;
os utensílios domésticos;
nomes de animais, plantas, etc.;
lugares onde se prendem ou se guardam os animais: galinheiro, aquários, etc.;
instrumentos cortantes;
instrumentos musicais;
nomes que indicam parentesco;
brinquedos ou jogos;
partes de um objeto;
partes do corpo humano;
diferentes espécies de calçado;
nomes de profissões;
adjetivos pátrios;
palavras associadas a um assunto;
rio, riacho, água, margens, etc.;
famílias de palavras.

b) Expressões usuais.

Exemplos:

as unhas do gato;
os chifres do boi;
a tromba do elefante;
os espinhos do ouriço;
o veneno da cobra;
o ferrão da abelha;
o casco do cavalo;
os dentes do lóbo;
a espora do galo.

Partes de coisas.

Exemplos:

fatia de pão;
torrão de açúcar;
pitada de sal;
talhada de melância;
gole de água;
acha de lenha, etc.

Ações.

Exemplos:

lavar o rosto, escovar os dentes, pentear os cabelos, cortar as unhas, calçar os sapatos.

c) Enumeração de palavras de acordo com particularidades ortográficas.

Exemplos:

palavras com *m* antes de *b* e de *p*;
palavras com dois *rr*, dois *ss* etc.

Desinências verbais.

Exemplos:

jogo, joguei, jogamos etc.

Palavras com ditongos.

Exemplos:

roupa, louça etc.

Palavras com *nh*, *lh*, *al*, *il* etc.

Palavras acentuadas: *café*, *sapê* etc.

2. EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO DE VOCABULÁRIO APRENDIDO.

a) cópia em colunas;

b) complemento de sentença:

- 1 — em que falta um substantivo;
- 2 — em que falta um adjetivo;
- 3 — em que falta o artigo;
- 4 — em que falta o verbo.

c) ditado de palavra, de sentenças ou de historietas simples.

Nota: 1 — É conveniente que durante esta aprendizagem para eliminação dos vícios adquiridos, se ponha de lado a preocupação dos exercícios; é preciso que o aluno domine o vocabulário em relação à extensão e à ortografia.

2 — O professor deverá exigir dos trabalhos a máxima exatidão possível, dentro dos objetivos que ele pretende alcançar. Deverá estabelecer uma gradação muito prudente e muito segura de exercícios, limitando de cada vez os objetivos, mas sendo inflexível na obtenção deles. Se, por exemplo, já corrigiu em aula especial, a ortografia das palavras com *m* antes de *p* e *b*, não deverá permitir descuido dos alunos neste particular.

3 — Toda enumeração de palavras deve ser obtida por meio de exercícios orais de linguagem, que interessam a classe e dela consigam a máxima cooperação. Os meios para isso são variadíssimos. Para a enumeração dos utensílios de mesa poderá propor: "Vamos pôr a mesa" — "Que iremos buscar?" — "Que poremos aqui?"

Poderá o professor pedir que se completem frases começadas oralmente; poderá apresentar uma gravura e estabelecer conversação sobre ela, etc.

4 — Toda enumeração de palavras deve ser acompanhada de um exercício de aplicação, como o de complemento de sentença, em que o aluno treinará, especialmente, o emprego adequado da palavra.

5 — A cópia em coluna deverá ser aplicada mesmo no caso de trechos simples, porque ela põe em relevo a palavra como um todo.

XVI

O ENSINO DA ESCRITA

O ensino da escrita assinala um desses conhecidos movimentos de culto e de apostasia, tão freqüentes na escola, merecendo em certa época o carinho dos professores e em outras o mais completo esquecimento de que ela é uma técnica, de largo serviço social e merecedora dos mesmos cuidados que outras matérias escolares. Conservam-se para esta última tendência a falsa concepção de que a máquina de escrever tende a substituir a pena e por isso se evidencia a inutilidade do ensino da escrita, instrumento cujo valor decresce dia a dia e, de outro lado, a afirmação de que a letra é "cunho da individualidade", não devendo portanto sofrer padronização.

Desses dois pontos decorre a atitude de metodologistas no declarar que "a criança escolhe o seu tipo de letra, o tamanho e a inclinação da mesma", o que parece um ponto de vista falso. A máquina de escrever nunca poderá tomar o lugar do manuscrito e a letra que se pretende como "cunho de individualidade", deve ser aprendida como técnica que é, através de exercícios metódicos e regulares, sob o controle de direções adequadas e à vista de modelos tradicionais.

Por isso a criança deve ser levada à imitação exata de movimentos necessários à formação de habilidade pretendida e à execução de tarefas particulares, para dominar perfeitamente a técnica. Só depois então é que terá liberdade de escolher tipos de letra, tamanho e outros característicos de escrita pessoal.

O processo da escrita sendo na essência uma educação de movimentos, uma aprendizagem motora, foi naturalmente, estudado à luz desse processo e são as investigações realizadas em tal campo que orientam hoje mais cientificamente a sua aprendizagem. Além de que, assinala-se hoje uma verdadeira "ressurreição da escrita" e ao movimento a favor da útil técnica de escrever dá KUHLMANN o característico de *Schreiben in neuem Geiste* — escrever em novo espírito. GUTTERLIN, por sua vez, acentua que há estreita relação entre escrita e cultura do homem, porque para ele o aspecto fundamental dessa técnica é ser a simbolização do pensamento e nisto está a sua significação cultural.

O processo fisiológico na escrita. — JAVAL, em seu livro clássico (*) dá em linhas expressivas o mecanismo da escrita, de acordo com o método criado por MAREY, que consiste em observar cuidadosamente indivíduos bem dotados em qualquer técnica. Em resumo, ele notou na escrita de um perito no escrever, oscilação contínua de toda a mão, a articulação do punho fazendo movimento de extensão para cada *délié*, movimento de flexão para cada traço de letra; os dedos, segurando a pena executam movimento de extensão, quando o punho se estende e de flexão quando volta.

Outros movimentos foram ainda notados como os referentes aos de perfazer a forma de certas letras, no levantamento da pena, etc. A escrita rápida e regular, de acordo com estas observações, é aquela que reduz ao mínimo os movimentos dos dedos e se funda o mais possível nos movimentos do pulso, cujo isocronismo e celeridade dão ao escrever a rapidez desejável. JAVAL ainda investigou os movimentos do braço que permitem o traçado das letras grandes, quando se emprega o cotovelo como pivô.

GOLDSCHIEDER, RUPP e BINET estudaram na mesma trilha, a pressão da mão durante a escrita, afirmando a existência de uma técnica de escrever particular ao adulto, ao velho, à mulher e à criança principiante. JAVAL, acrescentando às investigações feitas, problemas de caráter prático, observou e esclareceu questões relativas à posição do

(*) Physiologie de la lecture et de l'écriture.

papel, na escrita, e a conseqüente posição do corpo e do braço, à inclinação da letra a minúcias de certos hábitos no escrever, tipos de escrita, vantagens da escrita vertical para crianças.

DOTTRENS, examinando o problema da escrita à luz da fisiologia, diz da necessidade de considerar a constituição anatômica e a contextura muscular do aluno. VOGT estudou especialmente a anatomia da mão, estabelecendo tipos morfológicos com movimentos diversos na escrita, esclarecendo que a mão da criança está em vias de movimento, com ossos em formação, fato que deve ser cuidadosamente considerado no ensino.

O processo psicológico. — Não sendo a escrita apenas um processo fisiológico, outras investigações procuram esclarecer a feição psicológica de sua aprendizagem. DOTTRENS afirma neste sentido: "Toda reforma de ensino em geral, e portanto a do ensino da escrita, que não se baseia na psicologia da criança, está destinada a fracasso". Admitindo-se, como princípio fundamental da nova educação, aprendizagem ativa, a criança deve executar com interesse os exercícios da escrita; sendo ela a criadora de sua escrita (com as ressalvas que já fizemos em linhas anteriores) deve dar expansão a seu poder criador para adquirir individualidade no escrever.

Provas experimentais. — Iniciando-se a aprendizagem da escrita pelo domínio progressivo de formas, que devem ser copiadas ou imitadas, era natural que se investigasse a aptidão das crianças nesse domínio. WINCKLER procurou estudar essa aptidão, considerando-a como fundamental na aprendizagem. Apresentando figuras diversas para cópia, e realizando a experiência com 20.000 crianças das classes elementares de LEIPZIG, pôde como resultado, notar porcentagens diversas relativas à memorização das formas apresentadas. As formas simples da experiência, cuja reprodução procurou, evidenciaram a dificuldade do processo da escrita, com letras quando, então, crescem os obstáculos que a criança deve vencer.

DOSSGER utilizou-se de testes de aptidão para a escrita, para julgar o poder de expressão gráfica dos alunos, descobrindo com eles os imaturos ou incapazes para aprender a escrever.

De todas estas investigações resultam conseqüências didáticas de valor inestimável, sendo a principal, a nosso ver, que o ensino da escrita não deve paradoxalmente começar pelo ensino da escrita. Começar por ele é obrigar a criança a tarefa sem atrativos, dar-lhe um trabalho excessivamente pesado. Ensinar-lhe desde o início da aprendizagem a traçar letras, é desencantá-la da escrita. Por isso a moderna orientação da aprendizagem reclama para estes trabalhos um período preparatório, de que o desenho é instrumento mais adequado. Nêle estão todos os elementos das letras e é pelo traçado de formas diversas que a criança desembaraça os movimentos, na formação de certos traçados característicos.

A fase preparatória da escrita, de que o livro de LANGER-LEPRÜN (*) dá exemplos interessantes, vivifica-se com a organização de exercícios de desenho em que entra o traçado das diversas letras, permitindo ainda o treino da criança no enlace das mesmas. O quadro negro torna-se o campo ideal para a educação dos "grandes movimentos" preconizados por vários metodologistas. A esse trabalho junta-se outro, também aconselhado como fundamento do método — o ritmo, o traçado rítmico de desenhos, que aparecem dentro de historietas dramatizadas pelos alunos.

Um velho problema. — É curioso notar que de uma escritora GEORGE SAND é que partiu a primeira indicação a favor de letra vertical, na escrita, resumida na conhecida expressão: *écriture droite, papier droit, corps droit*. Antes dessa indicação, o ensino da escrita tivera longa história, cujos traços dominantes aqui esboçamos.

A escrita inclinada é antiquíssima; é fenícia. Os caracteres verticais aparecidos pelo tempo da invenção da imprensa, foram usados nas escolas cristãs até o século XIX. Depois disto acentuou-se a tendência para a letra inclinada, *italico*, mas a vertical continuou gozando de larga preferência. BARBEDOR, ALAIS, ROSSIGNOL, COULON e outros, introduziram sucessivas alterações no alfabeto, preocupando-se desde então os reformadores com os problemas da posição do aluno no escrever e conseqüentes desvios da vista e da coluna vertebral.

(*) Handbuch für den Anfangsunterricht.

A escrita inglesa, cujos característicos se resumem na inclinação regular, nas ligações, no traçado sem erguer a pena nem deslocar o cotovelo, espalhou-se logo na França, e desde então, afirma JAVAL, um problema de grande importância começou a ser estudado; a diferenciação até então desconhecida, entre o processo da escrita da criança e do adulto.

Em 1822, método inglês de CARSTAIRS foi levado à França por ANDOYER, com o nome de método americano, que a partir de 1846 predominou completamente nas escolas.

A letra vertical que havia por isso desaparecido, ressurgiu em 1880, principalmente pela propaganda dos higienistas e foi graças aos esforços de GROSS, SCHUBERT e outros, principalmente oculistas, que se implantou definitivamente nas escolas.

Este histórico dá as linhas essenciais do problema e permite verificar sua importância.

O problema entre nós. — Entre nós, o problema da escolha do tipo de letra, na escrita, com a conseqüente adoção de várias medidas, foi inteligentemente estudado no Instituto de Educação do Rio de Janeiro, em 1934.

Tendo partido da observação da prática da letra vertical, a professora ORMINDA MARQUES, procurou reformar a situação existente e conseguiu, como relata, adotando nas classes a caligrafia inclinada.

Esboçando os objetivos do ensino da caligrafia, a citada professora fixou-os nesta série: a) Como meio de comunicação exige legibilidade, isto é, clareza, uniformidade na inclinação, nas ligações e nos espaçamentos, permitindo leitura fácil e rápida; b) a escrita exige rapidez, velocidade para que possa atender às exigências da vida moderna, em que o fator tempo é capital; c) pela disposição elegante e certa liberdade de execução a escrita, ainda hoje, concorre para a educação artística, e como tal, deve ser encarada na escola.

Com estes objetivos em vista foram realizadas experiências com a caligrafia muscular.

Das observações feitas e que se evidenciaram num inquérito para tal fim organizado, pareceram satisfatórios os resultados colhidos, pelas vantagens dadas à higiene da escrita; vantagens relativas à letra mais clara e legível; possibilidade de medir o próprio aluno seu progresso, formando assim o hábito da autocritica.

Enumerando opiniões favoráveis e contrárias à reforma e citando circunstâncias que não permitiram uma conclusão segura dos resultados, uma verdade se patenteou viva, à professora citada. É preciso cuidarmos do ensino da escrita. Escola renovada não significa abandono das técnicas fundamentais da escola primária e a escrita tem nela uma importância que nunca será demais salientar, tanto no valor estético, hábitos de ordem e assio, educação social, mas sim assim também na *disciplina mental*. Estas conclusões tão nitidamente, digamos, tão corajosamente expressas por ORMINDA MARQUES, indicam um rumo e apontam uma falha indesculpável de nossas escolas, cujo ensino da escrita é feito desordenadamente ou não é feito.

Não se cuida de tal problema. Não há sistematização do trabalho, nem progresso, nem escrita legível. (*)

A orientação no ensino da escrita. — "O ensino da escrita deve-se basear de um lado na tradição que impõe a forma das letras e de outro sobre os princípios da fisiologia que são a base do mecanismo pelo qual escrevemos" (JAVAL).

Os primeiros exercícios de escrita, segundo já afirmamos, deveriam ser iniciados por exercícios puramente de cópia. Ensina-se a criança a ver os movimentos que executamos, desde o início, e ela reproduz o que observa até que, num passo mais adiantado automatiza de tal forma a escrita que sabe escrever ouvindo, sem ver a grafia da palavra. Nesta aprendizagem um modelo só deverá ser adotado (não há ainda ensino para a criança escolher um tipo, uma inclinação, um tamanho); conselhos repetidos em didática, relativos ao assunto, devem ser lembrados; o traçado da palavra de uma vez, sem tirar o lápis, a pena ou o giz; o uso da ardósia, felizmente abolido, criou no uso do quadro negro um esplêndido campo para a educação dos "grandes movimentos".

(*) Recomendamos ao professorado em geral a leitura do livro *A escrita na escola primária*, da Profª ORMINDA MARQUES — Comp. Melhoramentos, São Paulo.

Vertical ou inclinado, o tipo da letra não parece ser assunto de grande debate; é incontestável, porém, que a letra inclinada responde melhor às necessidades da vida social, comercial sobretudo.

JAVAL afirma ser a fisiologia da escrita diferente no adulto e na criança. "Nossa esperança na adoção da escrita vertical nas escolas primárias se funda precisamente na distinção, sutil na aparência, mas fundada na fisiologia que estabelecemos entre o mecanismo da escrita infantil e a escrita rápida do adulto." Esta distinção, apontada por JAVAL, precisaria ser estudada mais a fundo, para a escolha entre nós do melhor tipo de letra.

Problemas para estudo.

- 1 — Que importância devemos atribuir ao problema da escrita, na escola?
- 2 — Quais as bases fisiológicas do ensino da escrita?
- 3 — Quais as bases psicológicas?
- 4 — Como motivar o trabalho da criança, na escrita?
- 5 — Quais os fundamentos psico-fisiológicos da escrita vertical?
- 6 — Quais os fundamentos da escrita muscular?

Trabalhos práticos.

- 1 — Coleccionar cadernos de caligrafia com modelos impressos.
- 2 — Coleccionar tipos de letra inclinada.
- 3 — Coleccionar modelos de letras de crianças (1º, 2º, 3º e 4º anos).
- 4 — Observar como a criança aprende a escrever.
- 5 — Coleccionar escalas de avaliação de caligrafia.
- 6 — Ler: *La enseñanza de la escritura*, de R. Dotterens.
- 7 — Realizar um trabalho de orientação de caligrafia muscular.
- 8 — Estudar casos típicos de má escrita.
- 9 — Realizar uma palestra sobre: O ensino da escrita.
- 10 — Estudar métodos diversos do ensino da escrita.

XVII

O ENSINO DA ARITMÉTICA

Leitura. — "O ensino da aritmética constitui, depois do da língua maternal, o principal objetivo do ensino primário geral, não só por se tratar do mais racional de todos os conhecimentos, mas ainda porque as suas aplicações práticas são, por assim dizer, de cada momento.

Para que este ensino possa portanto ser eficaz, o professor nunca deve perder de vista as duas características apontadas, fazendo da aritmética um ensino racional e prático" (ALBERTO PIMENTEL FILHO).

Objetivos do ensino da aritmética. — Segundo THORNDIKE e de acôrdo com a opinião comum, tarefa da escola elementar é ensinar, com relação à aritmética, o seguinte: 1 — o significado dos números; 2 — a natureza do nosso sistema de numeração decimal; 3 — o significado da adição, subtração, multiplicação e divisão e 4 — a natureza e as relações de certas medidas comuns para assegurar também; 5 — a habilidade, no adicionar, subtrair, multiplicar e dividir com inteiros, frações ordinárias e decimais e números complexos; 6 — a habilidade de aplicar os conhecimentos e poderes representados em (1) e (5) na resolução de problemas e 7 — certas habilidades específicas, para solucionar problemas concernentes a porcentagem, juros e outras ocorrências da vida comercial.

A formação do conceito de número. — Das mais diversas são as opiniões a respeito do problema. Aquilo que nos parece como aquisição simples e rápida na vida infantil, constitui para a criança trabalho mental de comparação e de análise, delicado e difícil. Para muitos a apropriação da idéia de número nada mais é que o domínio do símbolo que o representa. Para outros o conceito de número se forma através de alguns sentidos, é resultado de uma experiência sensorial fixada no cérebro como imagem mental. É o contato direto com as coisas que permite a formação desse conceito. Manipulando coisas, jogando com objetos, vendo-os em grupos de coisas semelhantes e de coisas dissemelhantes é que a criança aprende: um, dois... oito... dez. Esta opinião é de PESTALOZZI, o que explica a sua famosa marcha intuitiva no ensino da aritmética.

É normal o ritmo na contagem: um, dois, um, dois, quatro, seis, oito... etc. Daí uma tentativa de explicação que diz: o conceito de número é devido à fixação na mente humana das impressões rítmicas de séries de números.

Outros apelam para a idéia de relação, a fim de explicar a gênese do conceito de número e lembram que é pelo confronto mental de coisas e pela análise de quantidades que se define esse conceito. Quem conta, compara; quem conta vai de unidade ou de grupos a grupos de unidades.

Com essa contagem antes de ser mental é como que concreta, o número é considerado como a interpretação de uma experiência sensorial.

Problemas para estudo e debates.

- 1 — Quais os objetivos do ensino da aritmética no curso primário?
- 2 — Como Thorndike define esses objetivos?
- 3 — Que relação de assuntos desse ensino compreende nosso programa primário (do 1º ao 4º ano?)
- 4 — Como se forma na criança o conceito de número?
- 5 — Quais as idéias de Pestalozzi a respeito de ensino da aritmética?

A representação do número. — A criança não inicia a experiência de números com a sua representação mental, mas realiza concretamente os seus cálculos, operações, jogando com objetos, figuras, etc. É também este o ponto de partida do ensino, na

Outras séries:

22	25	21
24	22	26
—	—	—
122	128	
24	12	
—	—	
224	226	
222	221	etc.

A socialização do cálculo. A aritmética dentro da vida, para a vida. — É indiscutível que a aritmética representa a melhor disciplina mental, a melhor escola do pensamento e da lógica, a melhor escola da exatidão. É por ela, especialmente, que o indivíduo constrói um mundo novo, de símbolos e relações, que organiza e dá sentido à realidade. É ela que permite, segundo DECROLY, lançar uma ponte entre o mundo material e o mundo do pensamento. Além de que, ordena as coisas, que sem isso seriam dispersas e inacessíveis à nossa compreensão.

Ninguém, contudo, cogitou até hoje de ensinar aritmética pela aritmética para fazer contas e tirar provas ou para calcular puramente, senão para com ela dar ao estudante "um método de pensamento" para viver e para resolver os problemas do mundo.

Não dando ao ensino sentido utilitário, unicamente, para formar o homem econômico, cumpre torná-lo porém, quanto possível útil para a vida, para os problemas que esta oferece. Na pedagogia moderna procura-se trazer a vida dentro dos umbrais da escola e não fazer da escola uma antecâmara da vida, diz BACKHEUSER, acrescentando ao citar THORNDIKE; os velhos métodos ensinam a aritmética por amor à própria aritmética. Os novos recomendam os processos que a vida exige e os problemas que a vida oferece.

É o que FARIA DE VASCONCELOS apresenta com o título de — *A função socializadora da aritmética*, que consiste na contribuição importantíssima desta matéria para a vida na compreensão das atividades econômicas — produção e consumo, e das relações sociais que se prestam ao estudo e à análise quantitativa, implicando:

- familiarizar o aluno com as atividades da agricultura, do comércio, da indústria, dos meios de transporte, da vida doméstica;
- familiarizar o aluno com a aritmética das atividades cívicas: contribuições, impostos, etc.;
- promover a compreensão das vantagens da prosperidade pessoal, da economia e previdência, da escrituração da receita e despesa, da elaboração de orçamentos pessoais; dar a capacidade e hábito de aplicar as operações, processos e regras da aritmética, à solução dos problemas que a vida econômica, doméstica, cívica e social suscita e que o indivíduo deve resolver como consumidor, como chefe de família, como cidadão.

Da tabuada. — Quando na solução de um problema qualquer da vida, em que entra o elemento numérico, indagamos: *Sete vezes nove?* a melhor resposta é, certamente, esta: 63, exata e rápida. É esse justamente o objetivo máximo que deve ser visado com o ensino da tabuada — o automatismo, exato da resposta. É a finalidade do ensino.

A aprendizagem da tabuada, porém, oferece sérias dificuldades, uma vez que só se admite sua aprendizagem inteligente. A memorização de resultados, a tabuada cantada, a tabuada ao som de música, quando aprendida à força, brutaliza o aluno.

Os processos intuitivos postos hoje em jôgo para essa aprendizagem, o uso de brinquedos, os artifícios de memorização bastante conhecidos, dispensam a pena de outros comentários a respeito do assunto.

Trabalhos práticos.

- Organizar com os alunos a Tábua de Pitágoras.
- Organizar jogos para o ensino da tabuada.
- Ensinar uma tabuada com o auxílio de material.
- Experimentar a *Tabuada ideal de multiplicação*.

Tabuada ideal de multiplicação (*)

0	1 × 1	1 × 2	1 × 3	1 × 4	1 × 5	1 × 6	1 × 7	1 × 8	1 × 9
{ 10 × 1	2 × 6 =	2 × 7 =	3 × 5 =	2 × 8 =	2 × 9 =
{ 2 × 5	3 × 4 =	3 × 8 =	5 × 5 =	4 × 4 =	3 × 6 =
{ 10 × 2	3 × 7 =	4 × 6 =	7 × 5 =	3 × 9 =	4 × 7 =
{ 4 × 5	4 × 6 =
{ 10 × 3	4 × 8 =	6 × 9 =
{ 6 × 5
{ 10 × 4	6 × 7 =	6 × 8 =	7 × 7 =
{ 8 × 5
10 × 5
10 × 6	6 × 9 =	7 × 8 =
10 × 7	7 × 9 =	8 × 8 =
10 × 8	9 × 9 =
10 × 9
10 × 10
1. ^a dezena									
2. ^a dezena									
3. ^a dezena									
4. ^a dezena									
5. ^a dezena									
6. ^a dezena									
7. ^a dezena									
8. ^a dezena									
9. ^a dezena									
10. ^a dezena									

NOTA — 55 igualdades expurgadas de 45 repetições inúteis da tabela comum.

Processo para determinação de qualquer produto. — "Tomando-se a linha horizontal onde se encontra a igualdade em questão, teremos um múltiplo de dez que acrescido do algarismo do tópo da coluna dará o produto requerido. Ex.: 2×7 . Como se encontra na 1.^a linha ou linha do dez e na coluna do quatro, o seu produto é $10 + 4 = 14$."

Triângulo de Condorcet. — Para a memorização de 36 produtos apenas.

2	—	3	—	4	—	5	—	6	—	7	—	8	—	9	—	por 2	
		3	—	4	—	5	—	6	—	7	—	8	—	9		" 3	
				4	—	5	—	6	—	7	—	8	—	9		" 4	
						5	—	6	—	7	—	8	—	9		" 5	
								6	—	7	—	8	—	9		" 6	
										7	—	8	—	9		" 7	
												8	—	9		" 8	
														9		" 9	

Dois tipos psicológicos. — Investigações pacientes descobriram a existência de tipos psicológicos bem definidos na maneira de observar, de sentir, e de pensar, bem como na de comportar-se com relação aos fatos da matemática. Costumam classificá-los, no tocante a esta ciência, em indivíduos do tipo T (teóricos), do tipo M (mecanizador), do tipo A (ativo), do tipo F (fantasia) e do tipo R (refratário).

BACKHEUSER (1) faz a respeito um excelente estudo e nesta citação, apenas nos preocupamos com o lembrar que a própria denominação dos tipos esclarece o que eles sejam.

Problemas para estudo.

- 1 — Como Thorndike classifica os indivíduos com relação à aritmética?
- 2 — Quais os tipos mais curiosos estudados por Poincaré? (2)
- 3 — Quais os característicos dos tipos "matemáticos" estudados por Backheuser?
- 4 — Como realizar o ensino da aritmética em face dessa diversidade de tipos?
- 5 — Como provar a existência desses tipos na escola primária?

Das frações. — Para compreender frações deverá o aluno no mínimo, assenhorar-se das seguintes noções:

- a) entender o que é fração.
- b) entender que $1/2$ é $=$ a $3/6$, $4/8$, $5/10$, etc.
- c) entender que o número de baixo do traço (denominador) significa em quantas partes foi a unidade dividida e o de cima (numerador), as partes tomadas.
- d) entender a significação do traço usado.
- e) que a fração se torna maior quando menor o denominador ou maior o numerador.
- f) que frações de números diferentes podem ter o mesmo valor: $2/6 = 1/3$.
- g) que $1/2$ de um terreno, $1/2$ de uma laranja, $1/2$ de um metro valem a mesma coisa como fração.
- h) que há $1/2$ $1/2$ maiores e menores, de acordo com a unidade dividida.
- i) que a fração vem de um inteiro: $1/2$ de uma fruta, por exemplo, ou de um número: $1/2$ de 20 laranjas.
- j) que multiplicando ambos os termos de uma fração pelo mesmo número a fração não se altera, etc.

NOTAS: 1 — Para o primeiro exercício da série, o professor de metodologia orientará os alunos normalistas na organização do material para o ensino de frações. Esse material pode ser constituído de:

- a) de tiras de cartolina com divisões (2, 4, 6, 8 etc.);
- b) figuras geométricas divididas em 2, 3, ou mais partes;
- c) série de discos de cartolina, iguais, porém divididos em $1/2$, $1/3$, $1/4$, etc.;
- d) esferas de madeira divididas em meios, terços, quartos, quintos, etc.;

2 — O ensino de frações deve fundamentar-se no concretismo. É indispensável que a criança compreenda, à vista de coisas, noções referidas na série já citada.

(1) Ver EVERARDO BACKHEUSER, *Aritmética na escola nova*.
 (2) Ver POINCARÉ, *Science et méthode*.

Recomendam-se por isso inúmeros exercícios com material, na classe, para que o aluno perceba o que é realmente fração e mais, que uma coisa tem dois meios, três terços, quatro quartos, etc.; que, da mesma coisa, um terço deve ser perfeitamente igual a outro; que para termos $\frac{4}{3}$ é preciso mais de uma coisa, etc.

Após essa base é que deve vir a representação numérica das frações. Aqui, como na fase concreta, é necessário seriar os exercícios para que, diante de uma expressão fracionária, a criança perceba exatamente o que ela é.

Alguns exercícios aconselháveis:

a) Que falta à fração $\frac{2}{5}$ para alcançar a unidade?

b) Quanto a fração $\frac{8}{5}$ excede a unidade?

c) Que fração é maior: $\frac{2}{4}$ ou $\frac{2}{5}$?

d) Que fração é maior: $\frac{3}{8}$ ou $\frac{3}{5}$?

e) Que fração é maior: $\frac{2}{8}$ ou $\frac{3}{7}$?

f) Que significam frações assim: $\frac{4}{4}$, $\frac{3}{3}$, $\frac{2}{2}$?

g) Que significam estas expressões: $1 \frac{2}{4}$, $2 \frac{2}{7}$ etc.?

h) Em frações de numeradores iguais, qual a maior?

i) Em frações de denominadores iguais, qual a menor?

j) Como converter números inteiros em terços, quartos, quintos, etc.?

l) Como converter quintos, quartos, terços em números inteiros?

m) Que são frações iguais? etc.

Após essas bases, cuja formação no aluno, constitui garantia de êxito posterior, vêm as demais questões sobre frações, compreendidas no curso primário.

NOTA: Aos alunos de escola normal, aos professores primários e aos interessados, em geral, recomendamos para estudo da didática da aritmética a excelente obra de ALBERTO PIMENTEL FILHO — *Sínula Didática*.

Problemas para estudo.

- 1 — Como ensinar que duas frações não mudam de valor quando
- 2 — Como ensinar por processos gráficos a dividir frações?
- 3 — Como pelos mesmos processos, ensinar a multiplicar?
- 4 — Como, a somar, e subtrair frações?
- 5 — Como, a simplificar frações?
- 6 — Como, a reduzir frações ao mesmo denominador?

Programa mínimo de aritmética — O programa mínimo de aritmética, na opinião de KLAPPER, deve compreender:

- a) As operações fundamentais com números inteiros.
- b) As operações fundamentais com números fracionários.
— Os denominadores devem ser os usuais no comércio.
- c) As operações fundamentais com números decimais que não tenham mais de três algarismos.
- d) Problemas.
Frações: calcular partes fracionárias de um número inteiro, fração ou número misto. Porcentagem: calcular o tanto por cento de uma quantia. Calcular o custo de certa quantidade, dado o preço de cada 3, cada 5 e de cada dezena, centena, milhar.
- e) Porcentagem.
Aplicações comerciais da porcentagem, a saber: lucros e perdas, comissão e corretagem, juros (por ano e meses) e desconto comercial.
- f) Documentos mercantis.
Contas, recibos, cheques, canhotos em livros de cheques, contas de caixa, etc.
- g) Tabelas de pesos e medidas.

h) Medida.

Calcular a área de figuras retangulares. Determinar o volume de um cubo, de uma caixa, de uma habitação.

i) Aplicação especial dos processos elementares à indústria e ao comércio da localidade.

Problemas para estudo.

- 1 — Que deve compreender um programa mínimo de aritmética para curso primário?
- 2 — Como fazer a seleção dos assuntos aritméticos, na organização dos programas?
- 3 — Escolhido cada assunto, como selecionar nêle as questões mais importantes?
- 4 — Que porção educativa e que porção devem entrar num programa de aritmética?
- 5 — Quais os assuntos de aritmética que apresenta nosso programa mínimo?
- 6 — Quais os assuntos que devem ser eliminados do ensino da aritmética no curso primário?
- 7 — No programa mínimo de Klapper, quais os assuntos que não figuram, mas que costumam vir em programa da matéria?
- 8 — Qual é o conteúdo da aritmética na escola elementar para Thorndike?
- 9 — Qual a evolução sofrida em nossos programas de aritmética da escola elementar?
- 10 — Que bases devem fundamentar a organização de um programa de aritmética para essa escola?

Trabalhos práticos.

- 1 — Realizar um estudo comparativo dos programas de aritmética de vários Estados do Brasil.
- 2 — Estudar programas estrangeiros da matéria.

Assuntos para discussão:

1 — POINCARÉ, a propósito da matemática, pergunta: "Como se dá que haja tantos espíritos que se recusam a compreender as matemáticas? Não é algo paradoxal? Uma ciência que não apela senão para princípios fundamentais de lógica, que por assim dizer constitui o esqueleto de nosso entendimento e haver quem a considere obscura e que seja este grupo a maioria!"

2 — As definições matemáticas. — O ensino feito pela definição constrói o edifício mental pela cumieira. POINCARÉ, num de seus livros, relata uma cena pitoresca, colhida numa classe de 4.º grau: O professor dita: "O círculo é o lugar dos pontos do plano que estão à mesma distância de um ponto interior chamado centro". O aluno aplicado escreve esta frase no caderno; o mau, desenha caretas; nem um nem outro compreenderam bem. Então o professor toma o giz e traça um círculo no quadro. Ah! dizem os alunos, compreendemos, o círculo é uma roda.

Este ponto ilustra a necessidade de retornar, no ensino da aritmética e da geometria, ao velho e sempre novo ensino pela intuição. É por êle que a criança penetra o mundo das abstrações, "vendo" a dificuldade, entendendo o simbolismo matemático. Melhor que a definição, melhor que a palavra, um círculo traçado no quadro, dividido primeiro em duas metades e estas em outras duas, dá ao aluno, o sentido do quarto como a metade da metade. O sentido realista das crianças, diz RUI, anda preso às coisas e aborrece-se de abstrações. No Parecer famoso que escreveu a respeito da forma do ensino primário, avançou de muito às idéias de seu tempo, condenando, na trilha das melhores autoridades, o ensino pela definição.

3 — A psicologia do erro. — O problema do erro é de importância capital no ensino. Na leitura, como na linguagem, no cálculo como desenho, a prática de conferir simplesmente ao aluno uma nota subjetiva, variável, não influi grandemente no progresso do trabalho, mas atua apenas como estímulo. O aluno mais que isso, deve conhecer os erros que comete, a natureza dêles para poder retificá-los e melhorar assim a qualidade dos exercícios.

É preciso considerar paradoxalmente, que o erro é educativo e tem influência no aperfeiçoamento do trabalho escolar. Um pouco de prática de ensino oferece oportunidade para observações curiosas a respeito do que afirmamos. Em cálculo, é muito comum procurar a criança a área de um quadrado, multiplicando a extensão de um lado por quatro, confundindo assim área e perímetro. Levando-se a criança a perceber o erro, naturalmente, êste será evitado posteriormente, o mesmo se dando com erros de outra natureza.

MEYERS, que estudou a fundo o problema do erro, acha que êle merece cuidado muito especial, porque é de sua índole repetir-se pela automatização e porque tem entidade tão positiva como a resposta correta.

Os erros, cuja psicologia se tenta fixar hoje, distribuem-se como erros relativos à correção do trabalho e a deficiência relativas à rapidez. No que diz respeito à rapidez, há que notar o trabalho lento, inferior à média, o trabalho rápido, porém variável, a progressão irregular das tarefas, as paradas freqüentes para usar as "muletas do cálculo", contar pelos dedos, não guardar mentalmente os resultados. Quanto à correção do trabalho referem-se os erros a combinações defeituosas e omissões, erros nos sinais, etc.

Causas diversas são apontadas como fontes desses erros, devidos muitos ao estado emotivo das crianças, à fadiga, à falta de atenção, à memorização precária, às associações falsas, às generalizações precipitadas e, em grande parte, à falta de sistematização na aprendizagem.

Apontando as diferentes causas dos erros familiares à criança apresentam os psicólogos remédios para curá-los. Bastará a citação de alguns desses remédios: a aprendizagem baseia-se em grande parte no domínio de técnicas e como há boas e más técnicas, boa ou má pode ser ela. Para aprender portanto o conteúdo da aritmética é preciso, antes de tudo, que haja atenção voltada para o hábito a adquirir. E a atenção não sendo coisa objetiva, mas um estado mental, emotivo, é necessário motivar a aprendizagem, criar interesse na aquisição das técnicas.

A fixação depende da repetição das reações e estas repetições não são sempre produtivas, exigindo espaço entre uma e outra. Aqui cabe especialmente a velha regra de JAMES: "Não permitir exceção antes que o novo hábito esteja firmado".

Dos problemas. Leitura. — "Da minha parte, pela longa experiência que tenho de ensino primário, como professor das escolas normais e presidente de júris dos exames de instrução primária, posso afirmar amplamente a judiciosa observação de Bouriet. Postos em face de um problema, cujo enunciado mal ouviram ou mal leram, sem qualquer trabalho de análise da questão proposta, guiada apenas pelo tipo do problema, as crianças respondem automaticamente: "É dividir. É multiplicar". Mas pergunte-mos-lhes por que é dividir, por que é multiplicar, e vê-las-emos hesitar ou emudecer" (ALBERTO PIMENTEL FILHO).

O trecho acima, do eminente didata português, diz uma verdade. E é para neutralizar o mau ensino dos problemas que a moderna didática indica rumo diverso no curso primário. Aqui, desde cedo, desde a primeira atividade é a criança solicitada a criar o seu problema, a inventar a sua historinha, a acompanhar com o raciocínio o jôgo das operações. (*)

Dos problemas no primeiro ano. — Nosso programa primário recomenda que o ensino do cálculo no primeiro ano não ultrapasse os limites da primeira centena. É portanto dentro desse limite que serão aprendidas as noções de números, e resolvidos os problemas apresentados. E é recomendável que problemas sejam formulados e resolvidos desde o primeiro exercício de cálculo.

Sugestões para este trabalho.

- 1 — Pedir à criança que invente um probleminha com frutos, com flores, com animais.
- 2 — Pedir à criança que, no quadro negro, formule e ilustre um problema.
- 3 — Pedir à criança que formule problema à vista de gravura.
- 4 — Conseguir problemas formulados à vista de histórias mudas.
- 5 — Dramatizar pequenas cenas, com problemas: compras, vendas, trocas.
- 6 — Com o material da árvore do cálculo formular e resolver problemas.
- 7 — Coletar pequenas cenas em envelopes. Distribuí-los pelas crianças, para que formulem e resolvam problemas à vista delas.
- 8 — Criar problemas com elementos fornecidos pelos colegas: $2 + 2$; $4 + 8$; $8 - 5 =$, etc.

Dos tipos de problemas na aritmética. — Contamos entre os tipos de problemas, além de outros, os seguintes: problemas práticos ou da vida real, problemas-historietas, problemas sem números, problemas sem palavras, problemas em série, problemas incompletos, problemas-contas ou mecânicos, problemas-raciocínio, problemas simples, problemas compostos, problemas de logicidade.

(*) Ver *Práticas Escolares*, III volume — cap. Ensinar a aprender.

Problemas práticos ou da vida real. — Estes problemas são tirados da atividade econômica do homem, em comércio com os seus semelhantes. São problemas relacionados a questões de economia doméstica, a compras em geral, ao trabalho industrial, agrícola, a impostos, taxas, contribuições, comunicações, etc.

Exemplo destes exercícios são os referentes ao banco escolar, à prática de caixas econômicas, a letras de câmbio, etc.

Um modelo — A Caixa Econômica Estadual paga juros de 5% ao ano a seus depositantes. Entreguei a essa Caixa, em 1º de janeiro de determinado ano Cr\$ 18,00. Quanto poderei retirar em 31 de dezembro do mesmo ano?

Problemas-historietas — Um modelo: Luís saiu a passeio com seus amigos Geraldo e Marcelo. Cada um levava no bolso a mesma quantia.

Os três foram ao cinema, cuja entrada custava Cr\$ 2,00, e voltaram de ônibus para casa, despendendo Cr\$ 0,50.

À noite, verificando o restante de seu dinheiro, Luís achou Cr\$ 1,80. Qual a quantia com que saíram os três meninos?

Problemas sem número. Modelos. — O emprêgo de problemas sem número, na escola, é combatido por alguns pedagogos que consideram a prática deseducativa ou pelo menos sem valor. Outros, porém, consideram-na excelente, capaz de avivar o raciocínio infantil.

Reproduzimos uma série desses problemas (*), com o fim de sugerir aos professores a criação de outros:

Modelos:

- 1 — Numa cestinha há várias rosas e cravos. Quantas flores há na cestinha?
- 2 — De um viveiro com tantos passarinhos fugiram alguns. Quantos ficaram?
- 3 — Olavo tem algumas caixinhas com tantos lápis cada uma. Desejo saber quantos lápis tem esse menino?
- 4 — Quero dividir uma laranja com Ada, Zezé e Rosa. Que parte receberá cada criança?
- 5 — Uma criança ganhou uma porção de bolinhos; deu algumas dúzias ao irmão. Com quantos ficou?
- 6 — Um fazendeiro vendeu um cavalo por um certo preço e perdeu assim algum dinheiro. Quanto lhe custara o cavalo?
- 7 — Conhecidas a soma de três parcelas e duas delas, calcular a terceira.
- 8 — Uma senhora comprou um chapéu e um vestido; deu em pagamento duas cédulas de tanto. Como há de calcular o troco?
- 9 — Um hoteleiro paga à lavadeira tanto por uma toalha e tanto por um guardanapo. Conhecendo o número de toalhas e de guardanapos utilizados por dia, calcular a despesa de uma semana.
- 10 — Um pintor gasta uma quantia na execução de um certo número de quadros. Querendo vendê-los com um lucro correspondente à quarta parte da despesa, por quanto deve vender cada quadro?
- 11 — Um negociante comprou várias dúzias de lenços por uma certa quantia e vendeu-os à razão de tanto cada um. Com a terça parte do lucro comprou certo número de toalhas. Procurar o preço de cada toalha.
- 12 — Alguém quer dar certo número de balas a algumas crianças. Desejando que a menor receba o triplo das que couberam à segunda e esta o dobro das que tocaram à mais velha, como há de calcular para fazer essa distribuição?

Problemas para discussão.

- 1 — Qual o valor dos problemas sem número, no ensino?
- 2 — Como organizar esses problemas?
- 3 — Quando e como dar problemas desse tipo na escola?

Trabalhos práticos.

- 1 — Organizar uma coleção de problemas sem número.
- 2 — Seriar pequenos problemas sem números para 1º ano.
- 3 — Redigir 20 problemas sem número para 1º ano.
- 4 — Redigir 20 problemas sem número para 4º ano.

Problemas para vestir. — A simples apresentação de dados numéricos pode oferecer às classes primárias excelentes oportunidades para a procura de linguagem e de forma, com as quais organizar esses dados em problemas. A atividade é sobremaneira interessante e educativa. Por ela exercitam-se as crianças na linguagem, no raciocínio e na imaginação. Da atividade podem ser derivados concursos, competições, jogos, e outras variadas formas de aprendizagem.

Modelo de um problema para vestir. — Dados $(10 + 5 - 3) \div 4$, cuja vestidura poderia ser esta: "Um menino ganhou de seu pai 10 bolinhas de vidro, de sua mãe, 5, e perdeu 3. Repartiu as restantes entre seus 4 irmãozinhos. Quantas deu a cada um?"

Dados para vestir problemas:

1. $\frac{3}{8}$ e Cr\$ 48,00.
2. $\frac{7}{12}$ e Cr\$ 56,00.
3. $\frac{3}{8}$ e Cr\$ 65,00.
4. $\frac{3}{3} + \frac{5}{6}$.
5. $\frac{3}{8} - \frac{7}{24}$ Cr\$ 120,00.
6. $4 + (3 + 2) - (4 - 2)$;
7. $12 - (4 + 3) =$
8. $3 [11 - (3 - 2)] =$
9. $25 - [(35 - 20) + 5]$.
10. $329 + 3 - 258 + 2$.
11. $(\frac{3}{4} + \frac{1}{2} + \frac{2}{2}) - \frac{5}{8} =$
12. $28 - (4 + 5 + 2) =$

Problemas em série. — São problemas ordenados, cujas dificuldades crescem pouco a pouco. Às vezes uns são organizados com os resultados de outros.

Problemas incompletos. — São problemas fragmentados em que podem faltar números, pergunta, palavra, etc. Ao aluno cabe preencher a lacuna, a fim de que o problema tenha significação.

Modelos:

- 1 — Comprei $\frac{3}{5}$ de uma peça de fazenda e o restante vale Cr\$ 65,00
- 2 — Paguei Cr\$ 56,00 por $\frac{7}{12}$ de uma peça de fazenda. Qual
- 3 — $\frac{5}{7}$ de um bôlo. Comeu $\frac{3}{4}$ destes $\frac{5}{7}$. Pergunta-se qual a fração do bôlo inteiro
- 4 — Um terreno tem de frente ao fundo 30 metros, de frente e de área 270 m². Qual é a sua largura?

Problemas — contas ou mecânicos — Modelo: Um homem ganha Cr\$ 12,00 por dia, sua mulher Cr\$ 9,50 e o filho Cr\$ 7,00. Quanto ganham os três em 8 dias?

Problemas-raciocínio — Modelo: Um indivíduo A vai ao encalço de outro B, que tem 450 metros de dianteira. A dá três passos de 0m,70, enquanto B dá dois de 0m,75. Quantos passos deve dar A para alcançar B e qual será a extensão do caminho percorrido por A?

(*) Tomados à revista *A Escola*, nº 2, maio de 1923 — Rio de Janeiro.

Problemas simples. — "Não pedem senão uma operação: são parcos de palavras, fundados em uma definição, sem condições implícitas que os tornem subjetivos, mais de sentido comum que de análise abstrata. Não oferecem outra dificuldade que a interpretação que deve ser dada a certas palavras ou dados, pela função gramatical que desempenham no enunciado" (MERCANTE).

Modelo — Um operário ganha Cr\$ 240,00, em 48 dias, Cr\$ 160,00 em 24 dias e Cr\$ 104,00 em 26 dias. Quantos cruzeiros ganhou?

Problemas compostos. — De variados tipos, espécies e variedades. Dentro dêles, há coisas implícitas, significados exatos que devem ser dados a palavras ou frases, e apelos a conhecimentos científicos, etc.

Modelos:

- 1 — Quanto pesa uma bola de chumbo de 0m,08 de diâmetro?
- 2 — Depois de 4 segundos de visto o fogo ouve-se o tiro. A que distância de nós está o caçador?

Problemas de logicidade — Modelos:

- 1 — Quantas bisavós você teria se estivessem tôdas vivas?
- 2 — Que pesa mais: um quilo de algodão ou um quilo de chumbo?

Das fontes dos problemas aritméticos. — Os problemas na escola podem ser inventados pelo professor, inventados pelo aluno, tirados de compêndios, ocasionais, tomados à vida real, sugeridos por leituras, etc. Não é preciso comentarmos cada uma dessas fontes, nem citarmos os seus valores. É suficiente lembrar que a atividade do aluno, por ocasião da invenção de problemas, constitui o melhor estímulo ao seu raciocínio e imaginação; que a fonte *compêndio*, não sendo este rigorosamente organizado, pode criar sérios embaraços ao professor e ao aluno, com a designação de problemas, de solução impossível, outras absurdas, outras ridículas.

Do enunciado dos problemas. — REED lembra a importância que a linguagem representa no enunciado do problema e MERCANTE diz bem quando afirma: "aprender aritmética é analisar enunciados a fim de descobrir operações para fazer", e que "o raciocínio de um problema nada mais é que a análise de um período gramatical complexo".

Numa relação de erros cometidos na solução de problemas, foi organizada a seguinte lista, em que se evidencia a má interpretação da linguagem do problema, pelos alunos:

Leitura superficial	51%
Raciocínio incorreto	14%
Operações erradas	12%
Omissões	8% etc.

FARIA DE VASCONCELOS, disse: "A criança não resolve com freqüência os problemas, porque não conhece a significação dos termos e das proposições mediante as quais é feita a sua exposição".

Problemas para crítica. — Reproduzimos nesta parte trinta problemas extraídos de alguns compêndios de aritmética, para que sobre êles se exercite a crítica dos normalistas. A crítica deve ser feita tendo em vista: assunto, enunciado, verossimilhança, praticidade, originalidade e valor para o ensino.

- 1 — Que trôco devo esperar de Cr\$ 5,00, depois de ter pago 5 peras a Cr\$ 0,85 cada uma?
- 2 — Uma criança que estava empinando um papagaio, perdeu $\frac{1}{4}$ de barbante que o prendia numa árvore, $\frac{1}{3}$ em uma cêica e $\frac{1}{5}$ na beira de um telhado. Com que pedaço de barbante ficou?
- 3 — Um rapaz tinha Cr\$ 3,00. Gastou essa soma inteira em quatro objetos que nós chamamos A, B, C e D. A custa tanto como B, C e D juntos. O rapaz vendeu A e B por $1\frac{1}{2}$ vezes, mais C e D por $1\frac{1}{4}$ vezes mais do que tinha pago por êles. Quanto lhe rendeu a venda dos quatro objetos?

4 — Um pastor perde cinco (5) carneiros que valem Cr\$ 18,00 cada um; o dono lhe diminui o ordenado do preço dêles. O ordenado é Cr\$ 180,00. Quanto receberá o pastor?

5 — Que número se obtém dividindo por 63 o produto de 72 por 56?

6 — Comprei uma peça de fazenda por Cr\$ 784,00. Se ela tivesse mais 2 metros pagaria por ela Cr\$ 812,00. Quantos metros tinha?

7 — Compram-se 25 metros de chita e 18 metros de sêda por Cr\$ 570,00. Um metro de sêda custa Cr\$ 3,00 mais que um metro de chita. Achar o preço de um metro de chita e o de um metro de sêda.

8 — Paga-se um cavalo de Cr\$ 540,00 com 92 notas, umas de Cr\$ 5,00 e outras de Cr\$ 20,00. Quantas notas há de cada valor?

9 — Paulo tem 28 anos menos do que seu pai, o qual tem 8 vezes a idade de Paulo. Qual a idade de cada um?

10 — Um hectolitro de trigo pesa 76 quilos e um hectolitro de cevada 65 quilos. Dizer que põso leva um carro que tem 18 hectolitros de trigo e 28 hectolitros de cevada.

11 — Dois jogadores possuíam: o primeiro Cr\$ 3.958,00 e o segundo Cr\$ 1.563,00; o primeiro perdeu Cr\$ 1.356,00 e o segundo ganhou Cr\$ 1.165,00. Qual dos dois ficou com mais dinheiro e com quanto mais?

12 — Um serrador precisa cortar duas árvores de igual comprimento, e, para aproveitar tôda a madeira, quer dar-lhe o maior comprimento possível; as árvores medem, respectivamente, 288 palmos e 420 palmos. Que comprimento deve dar às tâbuas?

13 — Que preço devei pagar por $6\frac{1}{2}$ resmas de papel do qual comprei e paguei anteriormente $4\frac{1}{4}$ resmas por Cr\$ 42,00?

14 — A circunferência do equador terrestre mede 25.000 milhas; 24 horas é o tempo de uma rotação da Terra. Achar o número de milhas que um habitante do equador descreve por hora, em virtude da rotação da Terra.

15 — Uma sala que tem 30 metros de comprimento por 21 de largura e 3m,5 de altura deve abrigar 420 pessoas. Se se quiser dar um volume de 6m,3 por pessoa, de quanto se deve levantar o teto?

16 — Um operário que tem o vício de beber e de fumar, gasta nisso, diariamente, Cr\$ 0,80. Sabendo-se que ganha Cr\$ 12,00 por dia quanto lhe sobra deduzida a despesa?

17 — O raio da Terra é de 6.367 quilômetros, e a distância da Terra ao Sol vale 23.322 raios da Terra. Qual é a distância expressa em quilômetros?

18 — Medei um oitavo segundos entre a aparição da luz e o momento em que se ouve a detonação de uma peça de artilharia. Pergunta-se a que distância se acha a peça, sabendo-se que o som percorre 377 metros por segundo?

19 — Qual é o valor de $a \times b$, sendo $a = 74567$ e $b = 387$?

20 — Três irmãos compraram uma propriedade para cujo pagamento o primeiro contribuiu com Cr\$ 785,00, o segundo com o dobro dessa quantia e o terceiro com o triplo. Quanto custou a propriedade?

21 — Quatro pontos A B C D estão em linha reta. A distância de A a C é de 7,450 metros, a de A a D é de 11,800 metros, e a de B a D de 9,150 metros. Quais são as distâncias de A a B e de B a C?

22 — Duas locomotivas caminham uma para a outra. A primeira anda 25 quilômetros por hora e a segunda 34, e partem ao mesmo tempo de dois pontos distantes 420 quilômetros. A que distância se acham uma de outra no fim de 4 horas?

23 — Para tecer 184m,5 de pano de 1m,45 de largura foram necessários 67kg,65 de fio. Quantos metros de pano de 1m,2 de largura se podem tecer com 71kg,5 de fio?

24 — Certo trabalho pode ser feito em 9 horas por um homem, em 11 por uma mulher, e em 14 por um menino. Que porção de trabalho será feita numa hora se trabalharem juntos homem, mulher e menino?

25 — Um tanque tem duas torneiras. A primeira enche o tanque em 5 horas e a segunda o esvazia em 8 horas. Abrindo-se as duas torneiras ao mesmo tempo e estando o tanque vazio, em quantas horas ficará cheio?

26 — Carlos tinha uma certa quantia. Gastou $\frac{1}{6}$ do seu dinheiro mas, em seguida, recebeu Cr\$ 36,00, ficando então com o que tinha antes de fazer a sua despesa e mais

$\frac{1}{7}$ do que tinha. Quanto tinha Carlos?

27 — Uma peça de brim, depois de um banho de 24 horas tem 54m,6 de comprimento. Sabendo-se que o brim perdeu 0m,03 de seu comprimento durante o banho, pergunta-se qual era o comprimento da peça antes de ser molhada.

28 — Um fio de aço com 346 metros é transformado em agulhas cujo comprimento é de 0m,042. Vendendo-se estas agulhas a Cr\$ 0,60 cada dúzia qual será a importância recebida?

29 — A densidade do leite é 1,03. Um sitiante tem 25 vacas, cada uma das quais dá, em média, por dia 9 litros de leite. O leite produz $\frac{1}{10}$ de seu pôso em creme, e o creme

produz $\frac{4}{7}$ do seu pôso em manteiga. Qual é em kg a quantidade de manteiga que o sitiante

pode fabricar em um mês de 30 dias?

30 — Pergunta-se qual é o número de saltos que deve dar um cão para alcançar uma lebre que leva 75 saltos de avanço, sabendo-se que o cão dá dois saltos enquanto a lebre dá 3, e que 5 saltos desta valem dois daqueles.

Trabalhos práticos.

- 1 — Coleccionar 20 problemas defeituosos quanto à linguagem.
- 2 — Estudar a linguagem de problemas apresentados em compêndios de aritmética.
- 3 — Redigir o seguinte problema por quantas formas se possa redigir:
Compram-se metros de fazenda à razão de Cr\$ 0,20 o decímetro, gastando-se nisso Cr\$ 250,00. Quantos metros de fazenda foram comprados?
- 4 — Organizar um caderninho dos melhores problemas para curso primário.
- 5 — Redigir 20 problemas sem número.
- 6 — Preparar 20 problemas sem palavras.
- 7 — Coleccionar problemas compostos.
- 8 — Coleccionar 100 exercícios de logicidade.
- 9 — Redigir probleminhas para 1º ano.
- 10 — Redigir 20 problemas da vida real.

O problema do raciocínio. — Uma vez atendida a exigência da clareza no enunciado do problema; uma vez graduadas as dificuldades de acordo com a capacidade mental do aluno; uma vez lida, analisada, interpretada e compreendida a linguagem do problema, resta, o trabalho mais ingrato e mais difícil da escola: o de ensinar a criança a raciocinar.

Vários caminhos são apontados a esse trabalho, vários métodos indicados. E a própria criança sozinho, com seu problema, empenhada em resolvê-los, descobre o seu método, em geral, o da adivinhação, com o qual chega, às vezes, a soluções absurdas.

Dentre as práticas encontradas na escola para o ensino de problemas, algumas há dignas de nota. Sumariemo-las:

- a) o professor dá o problema à classe e ele mesmo o resolve, para evitar aborrecimentos;
- b) para evitar ainda aborrecimentos o professor entrega à classe problemas-contas, de solução mecânica, cujo resultado é facilmente encontrado pelos alunos;
- c) o professor marca problemas no livro, da página tanto à página tanto, e os alunos que os resolvam como puderem;
- d) o professor dá muitos problemas na mesma aula e não se preocupa com a solução deles;
- e) o professor encaminha realmente o aluno no raciocínio, ensina-lhe a raciocinar.

Caminhos para a solução de problemas: (*)

1.º caso. — Lido o problema, o estudante se atira à aventura das contas. Soma, subtrai, multiplica e divide. Apaga e refaz o trabalho. Descansa. Não o preocupa a solução achada. Não a critica. Aceita-a.

2.º caso. — O estudante segue o caminho da reflexão. Lê cuidadosamente o problema, situa bem os seus dados, e de passo em passo vai deslindando as dificuldades. Acha a solução, verifica-a, aceita-a como coisa exata, real.

3.º caso. — O estudante realiza um tateio mais inteligente que no primeiro. Diante do problema, que não pode resolver, imagina outro do mesmo tipo e o soluciona. Depois aplica no problema que não resolvia o caminho achado com que resolveu o outro.

Problema proposto. — Assim: dividir Cr\$ 50,00 entre as pessoas A e B de modo que A fique com Cr\$ 5,00 mais que B.

No problema imaginado: Tenho Cr\$ 5,00 e quero dividir entre A e B, de modo que A receba Cr\$ 0,50 mais que B:

1ª tentativa: a) $Cr\$ 5,00 \div 2 = Cr\$ 2,50$.

b) $Cr\$ 2,50 + Cr\$ 0,50 = Cr\$ 3,00$.

Se A recebe Cr\$ 3,00, B só poderá receber Cr\$ 2,00. Mas entre Cr\$ 3,00 e Cr\$ 2,00 não há diferença de Cr\$ 0,50. Logo, solução errada.

2ª tentativa: $Cr\$ 5,00 - Cr\$ 0,50 = Cr\$ 4,50$, etc.

4.º caso. — O estudante percorre o caminho a que DEWEY dá capital importância na educação: o caminho do pensamento reflexivo, cujo ponto de partida é a situação problemática, a fase intermediária, a hipótese e afinal a conclusão ou solução criticada.

(*) *Lev Práticas Escolares*, III volume — cap. Ensinar a aprender.

Aqui está o *passo crucial* no raciocínio, diz FARIA DE VASCONCELOS: é a direção que o espírito toma na pesquisa da classe, sob a qual deve ser pensado o problema.

A criança diz simplesmente: o problema é de somar, é de tirar. O espírito reflexivo diz com segurança. É preciso primeiro fazer este cálculo, depois este e finalmente procurar tal resultado:

Assim: ponto de partida »————→ hipótese
solução
(criticada)

A procura da solução. Problema simples. — Segundo MERCANTE.

- 1 — *Objetivação*. 2 — *Análise indutiva* (discussão dos dados). 3 — *Deduções*. 4 — *Conclusões*.

Objetivação. — É o estabelecimento das relações entre os dados do problema mediante a percepção. Pode-se objetivar os dados do problema com linhas retas, com figuras geométricas (retângulos, ou círculos).

Análise indutiva. — Caracterizada pelas palavras: *segundo o problema, temos*.

Análise dedutiva. — Caracterizada pelas palavras: *donde, por conseguinte, em consequência, logo, etc.*

A parte condicional da análise é caracterizada pela palavra *se*.

Modêlo de problema — Um operário ganhou Cr\$ 240,00 em 48 dias, Cr\$ 160,00 em 24 e Cr\$ 104,00 em 26 dias. Quantos cruzeiros ganhou?

Induções — (Implícitas ou explícitas que a mente faz, discutindo os dados do enunciado).

- I — As diversas quantias são ganhas pelo mesmo indivíduo.
- II — Perguntando-se quanto ganhou, deve entender-se as três vezes que trabalhou.
- III — Ganho = aquisição, aumento do que se possui.

Deduções.

- I — Se ganhou três vezes, três vezes adquiriu.
- II — A uma quantidade deve adicionar outra.
- III — Adicionar significa juntar, somar. Logo o indivíduo junta seus três ganhos.
- IV — Os três ganhos se juntam, somando-os.
- V — Os três ganhos juntos constituem o ganho total.

Conclusão — O indivíduo ganhou Cr\$ 504,00. A enumeração dos dias está demais.

Problema composto. — Como problemas compostos o mesmo autor considera combinações de problemas simples, em que entram variedades de operações, articuladas umas às outras.

Podem ser resolvidos assim:

- I — *Objetivação e análise indutiva*. II — *Decomposição em problemas simples*. III — *Deduções parciais*. IV — *Análise dedutiva*. V — *Conclusões parciais e finais*.

Modêlo de problema composto — Paulo deixou em uma caixa 7 bolas, José 5 e Maria 10 e mais 4; veio Luís e levou 5 bolas, veio Rui e levou 6, veio Teresa e levou 11 bolas. Quantas bolas ficaram na caixa?

$$\begin{array}{r}
 7 \\
 5 \\
 10 \\
 + 4 \\
 \hline
 26
 \end{array}
 \qquad
 \begin{array}{r}
 5 \\
 6 \\
 + 11 \\
 \hline
 22
 \end{array}
 \qquad
 \begin{array}{r}
 26 \\
 - 22 \\
 \hline
 4
 \end{array}$$

A resolução de problemas pela regra ou fórmula. — Há professores que apresentam à classe a regra ou a fórmula para a solução de determinados problemas. Ora, com uma ou outra coisa cabe ao aluno, apenas, resolver a questão pelas suas indicações:

Regra. — Para dividir uma fração por outra é bastante multiplicar a primeira fração pela segunda, invertida.

$$\frac{3}{5} \div \frac{6}{11} = \frac{3}{5} \times \frac{11}{6} = \frac{11}{10} = 1 \frac{1}{10}$$

Para achar os juros de um capital em determinado tempo é bastante usar a fórmula:

$$j = \frac{c \times i \times t}{100} \text{ em que } j = \text{juros}$$

c = capital
i = taxa
t = tempo

Para achar o capital $c = \frac{100j}{it}$

a taxa $i = \frac{100j}{ct}$

o tempo $t = \frac{100j}{ci}$

Problemas para estudo.

- 1 — Que acha da resolução de problemas pela regra ou fórmula?
- 2 — Quais os elementos educativos dêsse processo?
- 3 — Em que fundamentos psico-pedagógicos se alicerça êle?
- 4 — Custando 4 quilos de café Cr\$ 16,00, quanto devem custar 8 quilos?

Análise para a solução — 4 quilos custando Cr\$ 16,00 1 quilo deve custar 4 vezes menos, e 8 devem custar 8 vezes mais.

$$\text{ou } \frac{\text{Cr\$ } 16,00 \times 8 \text{ quilos}}{4 \text{ quilos}} = \text{Cr\$ } 32,00$$

2º) Se 15 homens fazem um muro em 40 dias, 24 homens em quantos dias o farão?

Análise para solução — Se 15 homens fazem o muro em 40 dias, um homem poderá fazê-lo em 15 vezes mais tempo e 24 homens poderão fazê-lo em 24 vezes menos tempo.

$$\text{ou } \frac{15 \times 40}{24} = 25 \text{ dias}$$

3º) A capacidade de um tanque é de 1.600 litros e êle tem 2 torneiras; uma o enche em 4 horas, outra o enche em 5. Abrindo-se juntas as duas torneiras em que tempo ficará cheio?

Análise para a solução — Uma torneira enche o tanque em 4 horas e em uma hora porá nêle: $1.600 \div 4 = 400$ litros. A outra o enche em 5 e em uma hora porá nêle: $1.600 \text{ litros} \div 5 = 320$ litros. Em uma hora as duas torneiras deitarão no tanque: $400 + 320 = 720$

litros. E dividindo a capacidade do tanque: 1.600 litros por 720 temos: 2 horas e $\frac{2}{9}$.

Dos meios auxiliares para a solução dos problemas. A objetivação dos problemas. — "A objetivação estabelece as relações dos dados do problema mediante a percepção. Trata-se, não de reproduzir o objeto, mas a proporcionalidade entre as partes consideradas como fatores de relação. Temos observado que professores costumam ser pouco escrupulosos, admitindo freqüentemente objetivções falsas do ponto de vista aritmético. Uma tal exteriorização de imagens sugere a análise errônea do problema, ou implica na falsidade do primeiro passo de todo o raciocínio matemático: — a comparação" (MERCANTE).

Modelos de objetivção.

$$\frac{1}{4} \mid \frac{1}{4} \mid \frac{1}{4} \mid \frac{1}{4}$$

$\frac{1}{20}$	$\frac{1}{20}$	$\frac{1}{20}$	

$$\frac{3}{4} = \frac{15}{20}$$

Como se objetiva diante dos olhos do aluno aquilo que abstratamente lhe seria difícil ensinar:

a) que um inteiro tem $\frac{20}{20}$;

b) que tem $\frac{4}{4}, \frac{5}{5}$;

c) que $\frac{3}{4} = \frac{15}{20}$

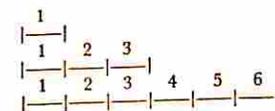
Problemas. — Que resulta quando multiplicamos ou dividimos ambos os termos de uma fração pelo mesmo número?

1				2			
1	2	3	4	5	6	7	8
1	2	3	4	5	6	7	8

$$\begin{aligned} \frac{1 \times 2}{2 \times 2} &= \frac{2}{4} \\ \frac{2 \times 2}{2 \times 2} &= \frac{4}{4} \\ \frac{4 \times 2}{4 \times 2} &= \frac{8}{8} \\ \frac{8 \times 2}{8 \times 2} &= \frac{16}{16} \text{ etc.} \end{aligned}$$

(a fração não se altera)

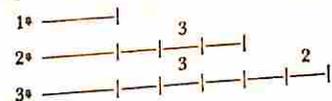
Problema. — Havia no pomar da chácara uma laranjeira com 100 frutas, mas os meninos apanharam tôdas. João colheu duas vezes mais que Paulo e Paulo três vezes mais que José. Quantas laranjas colheu cada um?



Problemas. — Duas locomotivas avançam uma para a outra. A primeira anda 25 quilômetros por hora e a segunda 34, e partem ao mesmo tempo de dois pontos distantes 420 quilômetros. A que distância se acham uma da outra no fim de 4 horas?

ORIENTAÇÃO: A linha a $\frac{25}{25} \frac{25}{25} \frac{25}{25} \frac{25}{25} \frac{184}{34} \frac{34}{34} \frac{34}{34} \frac{34}{34}$ b representa a distância que separa as locomotivas. A partir de a e de b vamos, à vista do aluno e com a sua colaboração, marcando os quilômetros percorridos por uma e outra locomotiva na 1ª hora, na 2ª hora, na 3ª hora e na 4ª hora. Depois é bastante somar de cada lado as distâncias horárias percorridas pelas locomotivas, e subtrair a soma achada de 420 quilômetros. Resp. 184.

Problema. — Dividir uma fita de 30 metros em três partes, de modo que a 2ª tenha 3 metros mais que a 1ª e a 3ª, 2 metros mais que a segunda.



Objetivção.

EXERCÍCIOS PARA AGUÇAR O RACIOCÍNIO (*)

- 1 — Quantos pés têm uma mesa de três pés?
- 2 — Os carneiros pretos dão lá preta. De que cor é o leite de uma vaca preta?
- 3 — Um menino olha por uma janela e vê no campo seis carneiros. Outro menino, pela mesma janela vê também esses carneiros. Quantos carneiros vêm os dois meninos?
- 4 — Num banquete Luis comeu mais do que João e, Pedro mais que Luis. Quem comeu menos?
- 5 — Quantas bisavós você teria se estivessem todas vivas?
- 6 — Quando um cachorro é menor. De longe ou de perto?
- 7 — Um homem morou em quatro cidades sucessivamente, isto é, uma depois da outra, ficando 10 anos em cada uma delas. É possível ou impossível?
- 8 — O que é mais pesado — um quilo de chumbo ou um quilo de penas?
- 9 — Quantos botões, a Cr\$ 0,80 a dúzia há em uma dúzia?
- 10 — Que parente é para mim o filho do irmão de minha mãe?
- 11 — Numa família há três irmãos, cada um dos quais tem uma irmã. Diga quantos irmãos e irmãs há ao todo.
- 12 — Tenho três irmãos: Paulo, Luis e eu. Está certo?
- 13 — Paulo tem 28 anos menos do que seu pai, o que tem 8 vezes a idade de Paulo. Qual a idade de cada um?
- 14 — O dobro da diferença de dois números é 198, o menor é 768. Qual é o outro?
- 15 — Três vezes a diferença de dois números é 594; o maior é 624; qual é o menor?
- 16 — Com 100 notas, umas de Cr\$ 5,00 e outras de Cr\$ 1,00 paga-se uma dívida de Cr\$ 200,00. Quantas notas há de cada valor?
- 17 — A diferença de dois números é 4.658; sua soma 8.423. Quais são esses números?
- 18 — Um pai e seu filho têm juntos 100 anos; a diferença entre as suas idades é de 42 anos. Qual a idade de cada um?
- 19 — Em cada face de um cubo escrevo 3×5 . Qual a soma de todos os produtos?
- 20 — Um homem que devia embarcar às 4,45' chegou a estação às 5 menos 10'. Embarcou ou não?
- 21 — O perímetro de um retângulo mede 187m,2. O comprimento é o triplo da largura. Calcular o comprimento e a largura.
- 22 — A soma de 3 números é 800, o menor deles é 125 e o maior é 435. Qual é o outro número?
- 23 — Com quantos homens se pode fazer um serviço que 15 crianças fazem, supondo-se que 3 crianças fazem o trabalho de 2 homens?
- 24 — Uma pessoa perguntou a outra em que dia do mês estava. Ela respondeu: do dia 1º até hoje decorreu a 5ª parte do que falta para chegarmos ao dia 30.
- 25 — Em uma engrenagem a roda maior tem 144 dentes e a menor 38; quantas voltas dá a segunda enquanto a primeira dá 5?
- 26 — Qual é o número que multiplicado por si mesmo dá 81?
- 27 — O perímetro de um terreno quadrado é de 100 m. Qual é $1/5$ de um lado?
- 28 — Uma torneira esteve aberta das 23 horas e $1/4$ às 2,35 da madrugada. Quanto tempo esteve aberta?
- 29 — Um trem para o Rio sai de São Paulo às 16 horas e outro do Rio a São Paulo parte às 18. Encontrando-se os dois em Caçapava, qual deles está mais longe de São Paulo?
- 30 — O dia 19 de março é um sábado. A quantos do mesmo mês cairá o sábado seguinte? A quantos caiu o antecedente?
- 31 — Três lugares A, B e C estão em linha reta. A distância de A e C é de 6.384 metros e a de B e C é de 2.978. Qual é a distância de A a B?
- 32 — Um pai tinha 29 anos quando nasceu seu filho. Que idade terá o filho, quando o pai tiver 74 anos?
- 33 — Numa rua de 438 metros de comprimento há 73 árvores postas em linha e com intervalos iguais. Que distância há entre duas árvores contíguas?
- 34 — Os ponteiros de um relógio marcam meio-dia. A que horas eles se encontrarão de novo?
- 35 — Um indivíduo A vai ao encalço de outro B, que tem 450 metros de dianteira. A dá três passos de 0m,70 enquanto B dá 2 de 0m,75. Quantos passos deve dar A para alcançar B e qual será a extensão do caminho percorrido por A?
- 36 — Uma pessoa gastou Cr\$ 136,00 em duas semanas e Cr\$ 28,00 menos na primeira do que na 2ª. Quanto gastou em cada uma?

Problemas para estudo.

- 1 — Como orientar a criança na resolução de problemas?
- 2 — Quais os processos mais indicados para isso na escola primária?
- 3 — Em que bases se assenta a capacidade de resolver problemas?
- 4 — Que quer dizer "problemas de raciocínio"?
- 5 — Quais os benefícios da educação do raciocínio?
- 6 — Como objetivar os problemas?
- 7 — Que quer dizer indução e dedução na solução de problemas?
- 8 — A que atribuir a pouca eficiência da escola na educação do raciocínio da criança?
- 9 — Como interpreta essa expressão de MERCANTE: "Em matemática não se deve falar, de-se fazer"?
- 10 — Que sugestões apresenta para melhorar as condições do raciocínio infantil na resolução de problemas?

(*) Ver em "Educação" — ns. 42, 43 — janeiro e junho 1944, copiosa coleção de exercícios de logicidade, do autor.

Trabalhos práticos.

- 1 — Confeccionar jogos de aritmética sobre horas, tabuadas, noção de igualdade, problemas, frações, algarismos romanos, quatro operações.
- 2 — Organizar com a cooperação das crianças a loja escolar (para estudo de pesos e medidas).
- 3 — Orientar a organização de uma Caixa Econômica na escola.
- 4 — Orientar a organização de um Banco Escolar.
- 5 — Confeccionar o seguinte material escolar: contador mecânico; árvore do cálculo; cartazes de problemas sem palavras (com desenhos); material para frações; cubos de madeira para o estudo da numeração; réguas; metro dobradiço; trens; esquadros, etc.
- 6 — Redigir os seguintes problemas:
 - a) 10 para primeiro ano (ilustrados);
 - b) 5 de frações ordinárias (com gráficos);
 - c) 10 da vida real (sobre Caixa Econômica);
 - d) 10 sobre juros;
 - e) 10 sobre porcentagem.
- 7 — Ler e interpretar os seguintes trechos:

1. Qualquer exame, mesmo apressado, revela que os livros de texto estão cheios de vocábulos sem sentido para a criança e que os problemas são redigidos com uma linguagem econômica de termos muitas vezes vazios para a inteligência infantil. Um problema assim redigido, diz: *A circunferência do equador tem 360° e cada grau tem de comprimento 11.324 metros. Qual é o comprimento do equador?*, e apresenta uma coisa muito abstrata e ininteligível para a criança. Em igual circunstância aparecem estas palavras, no conteúdo das lições: *gível para a criança. Em igual circunstância aparecem estas palavras, no conteúdo das lições: lucro, salário, prejuízo, juros, mentalidade, anuidade, desconto, etc., e expressões condicionais como: se eu tivesse, se ganhasse; e expressões comparativas: tanto quanto, assim como; conclusivas: logo, portanto e outras que oferecem à criança um mundo de abstrações e de dificuldades.*

2. "As lições de Aritmética, em todas as classes, devem ser precedidas de exercícios de cálculo mental, concreto e abstrato, a fim de acordar e preparar a mente infantil para as operações a efetuar" — EV. BACKHEUSER.

Leitura: La experimentación en pedagogía, Raymond Buyse — Tradução de Pablo Martinez de Salinos. Labor.

ciência nacional, pelo estudo do que somos, do que valemos e do que construímos no passado, no presente e projetamos no futuro. É por ele que se mostra aos sentimentos da criança, a força dos ideais que criaram situações melhores para a coletividade, que forjaram os acontecimentos. Por ele se destacam os feitos de nossa gente e se define a nossa fisionomia, dando ao aluno o sentido vivo de realidade brasileira.

Vivíamos ainda há pouco uma quadra de inquietação e de incerteza, entre as alternativas de avanços para o autoritarismo e os recuos para a liberdade, fragmentos em consciências regionais, separados por dissídios e atormentados de ódios pequenos e improdutivos. (1)

AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO (2) indica o passo de nosso rumo neste ponto. "Falham aqueles que quiserem resolver o nosso caso com a simples aplicação de doutrinas que prescindem da cooperação primordial do elemento brasileiro, do fato brasileiro, da verdade brasileira."

Porque "os imperativos da nossa geografia física e econômica, os elementos insubstituíveis e necessários representados pelas nossas características étnicas, culturais, religiosas, as qualidades de nossos solos, a diferença de nossos climas, os movimentos dos nossos sangues, os impulsos vários das nossas almas, são todos fatos nitidamente brasileiros e não podem ser encontrados, nem previstos, nem solucionados, nos livros criados pela ciência germânica, saxônica, italiana e gaulesa..."

Ensino sistemático da história. — Não há verdadeiro estudo da história se, colhe o aluno, de passagem, aqui e ali fatos que não se articulam em sistema, que não se enquadram num todo de inteligência. Alterar por esse processo a sucessão dos acontecimentos, antepondo conseqüências a causas, ou tomar apenas na aprendizagem o relato dos sucessos, sem procurar interpretá-los, não vale como estudo sério e proveitoso.

A história tem como característico mais vivo o ser uma corrente cujos elos se prendem no tempo, que não se interrompem nem se confundem e é o conhecimento desse desenrolar de fatos, cuja interpretação se procura, que constitui a razão de sua aprendizagem.

A escola primária pode realizar o ensino metódico da história pelo menos no seu último ano, dando à criança, em larga síntese, não só o conteúdo dos acontecimentos mais importantes, mas especialmente o método para estudos posteriores, no assunto. Nesse trabalho, não dispensará nunca um livro de texto, de narração imparcial, sem literatice nem moralidade a pretexto de qualquer ponto versado. Que não seja nunca um livro artificial modelo comum, de um tio, veterano de guerra, que sistemática e monotonamente conta história do Brasil. Que não seja um livro como um palco artificial, em que surgem crianças artificiais, vivendo vidas artificiais, e em linguagem arrebicada explicando pontos de história.

Métodos históricos. — A escolha de métodos no sentido de "adaptação de meios e fins colimados" é de importância capital. Entre os métodos que costumam ser lembrados e recomendados para o ensino de história, destacam-se o *etnográfico*, o *cronológico*, o *regressivo*, o das *efemérides*, e alguns outros.

O método *etnográfico* expõe os fatos da vida de um povo, de outro a seguir e assim sucessivamente. Entretanto, dadas as constantes "endosmose e exosmose internacionais", como diz DELGADO DE CARVALHO, não é possível estudar cada povo como um bloco concreto e independente, na sua vida e na vida de suas instituições. No intercâmbio dos povos, com suas trocas de mercadorias e de idéias, nas relações culturais e econômicas, entrelaçam-se suas vidas e o estudo de um deles exige constantes excursões em outras terras, para colhêr os laços de afinidades, causas que influíram na vida social ou política de uns e outros. Seria difícil estudar entre nós o desenvolvimento da lavoura cafeeira, sem o conhecimento das correntes imigratórias italianas.

O método *cronológico* ou *progressivo* estuda a história tal qual se processou no tempo, na sucessão de fatos articulados a sucessos anteriores, e que originaram outros posteriores. É a história cadeia, comparada a um edifício cujas partes se formaram

(1) Escrito isto em 1940.

(2) *Preparação ao nacionalismo*.

pouco a pouco, com a adição de novos materiais. É a história em andamento, sem cortes nem interrupções. Aprendendo-a, a criança não deverá nunca ser um reservatório de efemérides e de nomes.

Pelo método *regressivo* estuda-se a história a partir do momento atual para as idades anteriores. É um recuo no tempo, buscando idades sempre mais remotas. A seus partidários não deixa de assistir alguma razão quando afirmam que, sendo a criança um ser realista por natureza, prês ao sensível, ao presente, mais fácil lhe é estudar a história de nossos dias, com os materiais que oferece.

Entretanto, uma dúvida bem razoável poderia existir com relação a esse estudo do presente. A história que se constrói sob nossas vistas, de que somos espectadores e atores ao mesmo tempo, não oferece pontos definitivos para exame e dados assentados para julgamento, porque continua à nossa vista, perto de nós, ressentindo-se o estudo de serenidade. É preciso tomar o fato à distância, para um julgamento imparcial de suas feições e dos atos humanos.

Além disso parece que, na realidade não se prende a criança assim tão aferradamente aos fatos atuais, a não ser que eles se desenrolem dentro de seu mundo, no círculo de sua vida.

Este método de que KAPP foi o criador, pretende firmar-se no princípio pedagógico "do conhecido para o desconhecido", mas não encontra hoje defensores.

STIEHL propôs em 1842, que fôsse o ensino da história realizado de acôrdo com as *efemérides* e outros pedagogos aconselham na aprendizagem os círculos concêntricos, desenvolvidos e aprofundados à proporção que a criança alcança novos graus, na escola.

Problemas para estudo.

- 1 — Que sabe com relação aos métodos no ensino da história?
- 2 — Qual o valor da biografia, na história?
- 3 — Que vem a ser, no ensino da história, a fase anedótica?

Trabalhos práticos de reconstrução do passado. — O ensino da história através da palavra do mestre, simplesmente, é desinteressante. Cumpre-nos enriquecê-lo com novas práticas, apelando ao mesmo tempo para o recorte, a gravura, o filme, a modelagem, a visita, a dramatização, a fim de torná-lo mais atraente.

Nesse esforço não deve ficar compreendido apenas o fato registrado pela história; a reconstrução do passado, como preconizamos, abrange tudo o que possa colocar sob os olhos da criança o sinal do passado, da mudança, do progresso, da evolução, seja isso uma simples liteira guardada em museus, a moeda velhíssima, um meio de transporte anacrônico, etc.

Para essa reconstrução, sugerimos:

Trabalhos de recorte em cartolina. — Basta aproveitar qualquer gravura antiga, de tamanho conveniente, de traços simples, como as de Rugendas, reproduzi-las em cartolina, colori-las, pô-las de pé, numa base de madeira ou cartão forte, para uma reconstrução por ex. da cadeirinha antiga.

Prestam-se para esse trabalho, que pode aproveitar cenas com figuras em dois ou três planos, gravuras conhecidas que as revistas reproduzem. Daremos, porém, algumas indicações a respeito de outras e suas fontes, sugerindo ao mesmo tempo alguma coisa sobre o trabalho.

- 1 — O descobrimento do Brasil.
- 2 — A primeira missa no Brasil.
- 3 — Um passeio de D. João VI — 1810 (Henderson).
- 4 — Um fidalgo regressando de sua chácara para a cidade (Debret).
- 5 — Um capitão do mato — 1822 (Rugendas).
- 6 — Baianos — 1822 (Rugendas).
- 7 — Um grupo de mineiros — 1822 (Rugendas).
- 8 — Uma família de fazendeiros em Minas Gerais — 1822 (Rugendas).
- 9 — Um lundum há 100 anos (Rugendas).
- 10 — Paulistas — 1822 (Rugendas).
- 11 — Um batuque em Minas Gerais — 1822 (Rugendas).
- 12 — O banguê. (Este, como alguns outros trabalhos, também pode ser feito em madeira).
- 13 — O último tanoio (Rodolfo Amoedo).
- 14 — Chegada de Tomé de Sousa à Bahia (Beauchamp).
- 15 — A proclamação da República (H. Bernardelli).

NOTA: As gravuras do número 3 em diante são encontradas no livro *Brasil de outrora*, de Assis Cintra — Monteiro Lobato e Comp. Editora — 1922.

- 16 — O tálburi. (Ver modelo em *São Paulo de outrora* — de Paulo Cursino de Moura).
- 17 — O carro de boi.
- 18 — Tipos de liteiras antigas (Ver a bela coleção do Museu Paulista).
- 19 — Uma casa colonial.
- 20 — Lâmpioes antigos da cidade.
- 21 — Uma cadeirinha artística (125).
- 22 — Uma cadeirinha modesta (129).
- 23 — Uma cadeirinha a burros (131).
- 24 — Seges antigas (133).
- 25 — Uma berlinda (134).
- 26 — O bando (143).

NOTA: Bando era antigamente o grupo encarregado pelas autoridades de ler pelas cidades e estradas as decisões do governo.

- 27 — Um côche (135).
- 28 — Alegorias (149).
- 29 — Cavalhadas (162 e 165).
- 30 — Touradas (179).
- 31 — Congadas (185).
- 32 — O Imperador do Divino (209).
- 33 — Trajes antigos (221, 225 e 235).
- 34 — Cabelleiras antigas (245).
- 35 — Cantadores (307).
- 36 — O cravo (309).
- 37 — A dança de outros tempos (317).
- 38 — A roda (337).
- 39 — O pilão (398).
- 40 — O médico antigo (459).
- 41 — Medicina de outrora (479).
- 42 — O transporte de mortos (487).
- 43 — O pelourinho (528).
- 44 — O grito do Ipiranga (Pedro Américo).
- 45 — O poema da Virgem, de Anchieta.
- 46 — A Retirada da Laguna.
- 47 — Caramuru.
- 48 — Caravela portuguesa.
- 49 — Uma taba indígena.
- 50 — Bandeirantes.
- 51 — A Sé antiga.
- 52 — Convento e Igreja do Colégio dos Jesuítas.
- 53 — Igreja da Misericórdia (38).
- 54 — Igreja de São Bento — 1860 (63).
- 55 — Igreja do Rosário (79).
- 56 — O pajem da época dos Médicis (108).
- 57 — O bondinho a burros.
- 58 — O boiadeiro do Ipiranga (327).

NOTA: 1 — A partir do número 21 até o 44, as gravuras são encontradas na obra de Luís Edmundo — *O Rio de Janeiro nos tempos dos Vice-Reis*, edição da Imprensa Oficial — 1932. Os números entre parêntesis indicam as páginas.
2 — Outros números que aparecem entre parêntesis indicam as páginas em que são encontradas as gravuras, no livro de Paulo Cursino de Moura — *São Paulo de outrora*.
3 — Outras gravuras, sem indicação, são bastante conhecidas.

Trabalhos de criação de cenas. Maquetas. (*) — Foi o saudoso professor JOSÉ RIBEIRO DE ESCOBAR um dos mais incansáveis propugnadores dos processos visuais no ensino da história. Foi o aconselhador da feitura de maquetas, para auxiliar o ensino, e delas deixou interessantes informes.

Os assuntos preferidos para esses trabalhos serão os da história do Brasil, da história da civilização, da de São Paulo, etc.

Segundo êle, as maquetas seriam semelhantes aos presépios, que tanto encanto deram à nossa meninice cristã. Podem ser feitas sobre tábuas, mesas ou folhas de papelão grosso, armadas nos cantos da sala de aula ou sob o galpão do recreio. O material para a sua feitura é o mais variado possível, com o aproveitamento de sobras da casa: barro, palha, pedras, areia, musgo, cêra, cartolina, madeira, conchas, latas, etc. Com esse material podem ser feitos casas, cercas, lagos, pedreiras, palhoças, estradas, figuras de homens e de animais, recortes diversos, embarcações com o que se

(*) Palavra empregada pelo citado professor.

consegue criar cenas sugestivas, com a colaboração das crianças. É mesmo indispensável que haja essa cooperação, visto que é por seu intermédio que as cenas se enriquecem de pormenores.

Pormenores de confecção de uma maqueta. Taba indígena (3.º ano — 1939). — levantada sobre um tabuleiro, a maqueta foi feita com a colaboração das crianças, e serviu para ampliar as noções de uma aula de história a respeito da taba indígena.

Motivação. A própria aula de história. — O desejo de conhecer mais minuciosamente a casa dos índios levou os alunos ao projeto.

Duração. — Uma semana.

Atividades: 1 — Procura de gravuras elucidativas sobre a taba indígena; a construção do rancho, a cobertura, a cêra, o terreiro.

Leituras. — A vida dos índios, a sua habitação junto às águas, seus hábitos, etc.

Material. — Areia, barro, cêra, penas, estacas de madeira, canoa de tronco, conchas, recortes de cartolina (palmeiras), pedras, alpiste (plantado durante a feitura da cena), etc.

Assuntos para a feitura de outras "maquetas".

- 1 — A Torre de Santa Maria de Belém.
- 2 — Uma bandeira em marcha pelo sertão.
- 3 — Um engenho antigo (almanjarra).
- 4 — O monjolo e a casa da fazenda.
- 5 — A casa grande e a senzala.
- 6 — A fortaleza de Bertioga.
- 7 — Danças indígenas.
- 8 — O carro de boi.
- 9 — A cidade de São Paulo.
- 10 — A cidade de Santos.
- 11 — O poema de Anchieta.
- 12 — A igreja do Colégio de São Paulo.
- 13 — O novo viaduto.
- 14 — A Baía de Guanabara.
- 15 — A Baía de Todos os Santos.
- 16 — A foz do Amazonas.
- 17 — Caramuru.
- 18 — Mocma.
- 19 — A partida da Monção.
- 20 — A estrada do Ipiranga à cidade.
- 21 — O Museu.
- 22 — A retirada da Laguna (roteiro).
- 23 — Os escravos.
- 24 — Tropas.
- 25 — O bando.
- 26 — Boiadas.
- 27 — O carreiro da Independência.
- 28 — Amador Bueno quase rei.
- 29 — O caçador de esmeraldas.
- 30 — Casas antigas (estilos de).
- 31 — Um pelourinho.
- 32 — Chafariz antigo.
- 33 — Casas antigas (interiores de).
- 34 — Festa de São João.
- 35 — O Divino.
- 36 — Faiscadores.
- 37 — Jangadeiros.
- 38 — A pesca de baleia.
- 39 — O bando.

Trabalho prático (4.º ano). — O aluno de escola normal aproveitará a biografia de Machado de Assis, que reproduzimos, e organizará um plano de aula, realizando-o depois na classe indicada. Para tanto recorrerá a gravura, retratos e outros materiais aconselháveis.

Uma vez terminada a aula, organizará um questionário no quadro negro, para que a classe realize um trabalho de redação. Recebidos esses trabalhos, procurará estudá-los, e, em aula subsequente, fará a correção dos erros, com a participação da classe.

JOAQUIM MARIA MACHADO DE ASSIS

(21-6-1839 — 29-9-1908)

A existência de Machado de Assis é, talvez, o melhor exemplo de quanto pode a perseverança no trabalho, quando orientada por uma clara inteligência a serviço de um grande na primeira infância, a pobreza, a orfandade, o desamparo e a doença foram o dote que recebeu ilustres escritores da Língua Portuguesa. Tendo sido, sucessivamente, vendedor de balas, seus primeiros ensaios literários. Em 1855, firmava na "Marmota Fluminense" os 1867, já autor de um volume de versos "Crisálidas", exercer o cargo de Redator-auxiliar do "Diário Oficial". Em 1869 contraiu matrimônio com D. Carolina Augusta Xavier de Novais, e, maiores triunfos literários. Os livros sucedem-se. Em 1873, já autor de seis obras, é nomeado entre 1873 e 1878, época em que dá à estampa novo romance ("Iaiá Garcia") pode considerável romance de Machado de Assis, "Memórias Póstumas de Brás Cubas". Aí a grande arte do mestre toca o apogeu com a madureza de sua idade (contava, então, 42 anos). A partir de 1881, os livros-romances, contos, crônicas aparecem aproximadamente, na proporção de um para cada três anos. O estilo torna-se cada vez mais claro, conciso, pessoal. Este romance autobiográfico é uma comovida evocação da esposa, falecida a 20 de outubro de 1904. As obras completas de Machado de Assis constam de 31 volumes. — *Graco da Silveira*.

Outros trabalhos. — Nos moldes do trabalho anterior, ampliando-o ou adaptando-o a classe de 3.º ano, organizar planos de aula e executá-los, tratando das biografias de: Pedro Álvares Cabral, Martim Afonso de Sousa, Tomé de Sousa, José de Anchieta, Fernão Dias, Matias de Albuquerque, o Tiradentes, D. João VI, José Bonifácio, D. Pedro I, Padre Diogo Antônio Feijó, D. Pedro II, Santos Dumont, Silva Jardim, Marechal Deodoro, etc.

Poderão também ser aproveitadas, nesse trabalho de reconstrução do passado pelo conhecimento de seus grandes vultos, as seguintes figuras de nossa nobreza antiga: Visconde de Taunay (Alfredo de Escagnole Taunay), Visconde do Rio Branco (José Maria da Silva Paranhos), Duque de Caxias (Luís Alves de Lima e Silva), Visconde de Barbacena (Felisberto Caldeira Brandt Pontes), Marquês de Caravelas (José Joaquim Carneiro de Campos), Visconde de Cairu (José da Silva Lisboa), Marquês de Maricá (Mariano José Pereira da Fonseca), Visconde de Pôrto Seguro (Francisco Adolfo de Varnhagem), Marquês de Olinda (Pedro de Araújo Lima), Barão do Rio Branco (José Maria da Silva Paranhos), Marquês de Herval (Manuel Luís Osório), Marquês de Queluz (João Severino), Visconde de Mauá (Irineu Evangelista de Sousa).

Galeria de brasileiros ilustres. — Os alunos de escola normal poderão organizar uma galeria de retratos dos vultos mais eminentes de nossa história, juntando a cada um, em quadro, a respectiva biografia. Isso constituirá excelente material didático para o Museu da escola.

Coleções. — Sugerimos ainda que esses alunos façam, para uso do ensino, coleções de selos, de gravuras históricas, de moedas, de objetos, por meio dos quais o ensino da história se tornará mais interessante.

Dos questionários e sumários. — Os mesmos alunos devem exercitar-se na prática de organizar questionários para as lições de história, bem como na de sinopses de assuntos.

Este modelo, tomado a JOÃO TOLEDO, servirá para esclarecer o normalista a respeito da organização de questionários.

Questionário sobre Martim Afonso de Sousa (Feito após uma aula sobre a sua vida).

1. Onde nasceu Martim Afonso de Sousa? — 2. Qual era a situação social de sua família? — 3. Onde passou ele a sua mocidade? — 4. Onde casou ele? — 5. Que acontecia nas costas do Brasil, devido a estrangeiros? — 6. Que fez o rei de Portugal para reprimir o contrabando? — 7. Qual foi o primeiro cuidado de Martim Afonso ao tocar costas brasileiras? — 8. Na Bahia que fez ele? — 9. E no Rio? — 10. Quais os estabelecimentos que fundou? — 11. Onde fica São Vicente?

Questionário sobre José Bonifácio.

1. Onde nasceu José Bonifácio? — 2. Onde cursou as primeiras escolas? — 3. Que revelou desde cedo, nos estudos? — 4. Para onde foi mandado a estudar? — 5. Que honras lhe concedeu o Governo Português? — 6. Que países visitou, na Europa? — 7. Que fez nessas viagens? — 8. Para que foi nomeado, depois? — 9. Que aconteceu em 1809? — 10. Que fez em 1819? — 11. Que promoveu em São Paulo, com relação ao Fico? — 12. Quando foi exilado e por quê? — 13. Quando voltou ao Brasil? — 14. Que exerceu na monarquia, depois da abdicção de Pedro I? — 15. Quando e onde morreu?

Modelo de um sumário.

1. Causa do descobrimento.
 - a) Viagem de comércio às Índias.
 - b) Calmaria.
2. A viagem.
 - a) A partida.
 - b) Acidentes da viagem.
 - c) A chegada e o descobrimento.
3. A posse da terra.
 - a) Missas.
 - b) Notícias a Portugal.
 - c) Habitantes da terra.
4. A partida.
 - a) Viagem às Índias.
5. Conseqüências.
 - a) Colônia de Portugal.
 - b) País latino.

Descobrimto do Brasil

Outros trabalhos: 1 — Organizar quadros de especificação (3) sobre os seguintes assuntos de história: Descobrimto do Brasil, Expedições Exploradoras, Governos-Gerais, Bandeirantes, Inconfidência Mineira, Mascates, Emboabas, Vinda da Família Real, Abolição e República.

- 2 — Organizar questionário sobre esses mesmos assuntos.
- 3 — Organizar questionário sobre a vida dos vultos históricos citados na página anterior.
- 4 — Estudar a técnica de pergunta, no ensino.
- 5 — Organizar uma relação de defeitos que devem ser evitados nos questionários.

Datas e nomes. — A transformação do ensino de história em memorização de datas e de nomes provocou de parte dos reformadores desse ensino críticas severas. Disso adveio, porém, o extremo indesejável: o estudo da história sem guardar nomes nem datas. O resultado desse erro aparece nos exames das escolas; disparates, confusões, absurdos.

Cumpre-nos reabilitar a data e o nome no ensino. Ao professor primário cabe encontrar o melhor recurso para que sejam memorizados esses importantes elementos no estudo da história.

O normalista praticará no curso primário os exercícios abaixo, adequados à fixação de datas importantes de nossa história.

(3) Chamam-se quadros de especificação ou sumário, a relação de pontos importantes de cada assunto, para determinar o grau do ensino, isto é, pontos que sejam capitais à boa compreensão dos assuntos versados na escola.

DATAS

DIA	MÊS	ANO	FATO
7			
9	setembro	1822	?
15	janeiro	1832	?
28	novembro	1889	?
24	setembro	1871	?
5	setembro	1834	?
1	dezembro	1845	?
3	novembro	1880	?
6	novembro	1867	?
7	novembro	1836	?
9	novembro	1851	?
7	novembro	1843	?
	abril	1831	?

NOTA: Devem ser organizados quadros de história, com gravuras e retratos dando-se o relevo a certas datas características.

Como exercício para a fixação de nomes de nossa história, alguns dos quais já citados neste capítulo, o professor poderá, além de quadros, organizar jogos, fazendo que o aluno ajuste o nome aos fatos históricos. Nomes há, em nossa história, que não devem ficar esquecidos. A escola cabe tirá-los do olvido por meio de todos os recursos aconselháveis. A galeria de brasileiros notáveis, de que já falamos, resolverá em grande parte o problema. O estudo da vida de patronos de nossos grupos escolares fará mais ainda. O conhecimento de grandes homens, que emprestam nomes a ruas e praças da cidade, servirá para fixar na memória do aluno as suas obras mais notáveis.

Alguns exercícios (para alunos de escola primária).

1 — Dizer com presteza que lembram estas datas: 1822, 1808, 1532, 1554, 1624, 1630, 1792, 1815, 1871, 1888, 1893, 1914, etc.

2 — Colocar entre parêntesis, a data correspondente ao fato:

Fico (.....)
1ª Constituição Brasileira (.....)
Fundação de São Vicente (.....)

3 — Dar o nome do brasileiro que:

a) trabalhou na libertação dos escravos;
b) pugnou pela Independência;
c) escreveu o Caçador de Esmeraldas; etc.

Viagens históricas ou curiosas. — A reconstrução de viagens realizadas por figuras históricas ou por viajantes, no país, constitui excelente assunto para reconstituir o passado, revivendo épocas, lugares e costumes.

Para esse trabalho é bastante que o professor procure em livros de história ou de viagens, aquilo que possa oferecer interesse à escola primária. Depois, munido de mapas, roteiros, retratos, gravuras, material próprio que os alunos poderão arranjar, realizará viagens simbólicas com as crianças. A atividade é das mais interessantes e educativas, se, em cada ponto digno de registro, houver paradas para o estudo de cidades, costumes, etc.

Um modelo — Uma viagem do Visconde de Taunay. (*) — A 17 de julho de 1867 partiu Taunay do Porto do Canuto, à margem esquerda do Rio Aquidauana, em direção a São Paulo e Rio. Nessa data tomou o rumo de Camapuã. A 9 de julho atravessava em Minas Gerais o Rio Parnaíba, a 24 chegava a São Bento de Araraquara, já em São Paulo a 25, em São Carlos, a 26, a Feijão, e a São João do Rio Claro, a 27 a Limeira, a 28 a Campinas, a 29 em Jundiá, a 30 em São Paulo, a 31 em Santos, a 1.º de agosto no Rio de Janeiro.

NOTA: Reviver no curso primário a viagem de Taunay. Estudar-lhe a biografia. Colecionar retratos. Viajar à vista do mapa. Procurar notícias sobre as cidades por que passou. Organizar em mapa mudo o roteiro da viagem. Prestar uma homenagem ao grande vulto de nossa história e de nossa literatura.

2.º Modelo. — Aproveitar, do mesmo autor, a narrativa da Retirada da Laguna e reconstituir à vista de mapas, o roteiro das tropas que realizaram a célebre marcha.

(*) Do livro, *Viagens de Ourora*.

3.º Modelo. — A famosa viagem de D. Pedro. Indicações — Partida do Rio de Janeiro a 14 de agosto de 1822, chegada a São Paulo a 25. Viagem de 96 léguas, feita a cavalo. A 24, pernitoou na Freguesia da Penha. Da Penha à cidade, passou o Rio Tamanduati, na Ponte Franca. Passagem pela Praça da Sé e Largo do Colégio.

A 5 de setembro, partida para Santos. A 7, regresso a São Paulo. Parada em Moinhos. Estacionamento da Guarda do Príncipe às margens do Ipiranga. Encontro dos emissários. Proclamação da Independência às 16 horas e meia.

Vinda para a cidade. Trajeto: Estrada do Ipiranga, Largo do Cambuci, Rua Lavapés, Rua da Glória, Largo do Pelourinho (Sete de Setembro), Largo São Gonçalo (Praça João Mendes), Rua São Gonçalo (Marechal Deodoro), Rua Santa Teresa, Rua do Carmo, Largo do Colégio. — Festas populares.

Regresso ao Rio de Janeiro de 10 a 15 de setembro.

Orientação do trabalho.

a) Com o mapa de São Paulo, reconstruir com as crianças a famosa viagem, atualizando os nomes de estradas e de lugares.

b) Desenhar o trajeto do Ipiranga à cidade, atualizando os nomes das ruas por que passou o Príncipe.

c) Documentação a respeito do lugar da Independência: Ipiranga — e estudos sobre o Museu, o Monumento e o ribeirão.

d) Gravuras e retratos: do Museu, do Monumento, de D. Pedro, José Bonifácio, Padre Ildefonso Xavier Ferreira, etc.

e) Estudo do Hino da Independência (Marcos Portugal e Evaristo Ferreira da Veiga).

NOTA: Como esta, outras viagens poderão ser revividas no curso primário. A prática sempre se revelou educativa e atraente.

Alguns problemas para a prática de normalistas.

- 1 — Como se construía uma vila antigamente?
- 2 — Que material empregavam na construção de casa?
- 3 — Como os índios faziam as suas pirogas?
- 4 — Por que D. João VI veio para o Brasil?
- 5 — Quem disse certa vez no Brasil: "Não esmorecer para não desmerecer"?
- 6 — Por que D. Pedro dissolveu a Constituinte?
- 7 — Que foi a chamada "Noite das Garrafadas"?
- 8 — Por que Feijó foi prêsô, após uma revolução, no Brasil?
- 9 — Quais os Pedros notáveis na História do Brasil?
- 10 — Qual a carta mais famosa na História do Brasil?
- 11 — Quem escreveu "Os Sertões"?
- 12 — Qual o autor de máximas, famosas na literatura brasileira?
- 13 — Quem foi na História do Brasil, o Leão Coroado?
- 14 — Teria sido casual o descobrimento do Brasil?
- 15 — Qual o paulista que não quis ser rei?

Problemas históricos.

Em classes adiantadas do curso primário devem ser propostos simples problemas de história, com o fim de aguçar o raciocínio infantil e levá-los à pesquisa de dados a respeito dos fatos de nossa vida.

É indispensável, porém, que o professor oriente o trabalho do aluno para que nem encontre a criança dificuldades intransponíveis, nem se converta o exercício em mera tagarelice de disparates.

Trabalhos práticos para estudantes.

1 — Estudar algumas lendas brasileiras e contá-las no curso primário.

2 — Estudar o por quê da denominação das seguintes ruas, largos e praças da Capital: Barão de Itapetininga, Florêncio de Abreu, Quintino Bocaiuva, José Bonifácio, D. Veridiana; Largo do Arouche, do Piques; Praça da Sé, 7 de Setembro, etc.

3 — Examinar sob os seguintes aspectos compêndios de História do Brasil, para curso primário:

- a) número de fatos históricos citados;
- b) número de datas e sua importância;
- c) relação de expressões que a criança não pode entender;
- d) número de ilustrações, suas qualidades ou defeitos.

4 — Estudar uma lição de História do Brasil para o curso primário e observar a linguagem nela empregada.

5 — Estudar o programa de história do curso primário.

6 — Organizar uma relação de dez compêndios de História do Brasil para uso de professores primários.

7 — Aproveitar alguns dados deste mês histórico reproduzidos para aulas no curso primário.

Outros planos de aula para execução no curso primário.

- 1 — A fundação de cidades (4º ano).
- 2 — Meios antigos de transporte (2º ano).
- 3 — A Retirada da Laguna (4º ano).
- 4 — Viagens antigas (4º ano).
- 5 — Cabeleiras de outrora (3º ano).
- 6 — Móveis antigos (2º ano).

O MÊS HISTÓRICO (*)

NOVEMBRO

- 1 - 1773 — Nascimento de Antônio Carlos Ribeiro de Andrada e Silva. O célebre orador e grande vulto do império nasceu em Santos e faleceu no Rio de Janeiro a 5 de dezembro de 1845.
- 1 - 1814 — Morre no Rio de Janeiro o poeta Manuel Inácio da Silva Alvarenga, advogado e professor de retórica. Estêve, no governo do Vice-Rei Conde de Resende, preso durante dois anos e meio, por suspeito de conspirar com Tiradentes contra o domínio português.
- 1 - 1880 — Falece no Rio de Janeiro José Maria da Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco, nascido na cidade da Bahia a 16 de março de 1819. A esse grande abolicionista se deve a lei do "Ventre Livre", o grande golpe desfechado contra a instituição do cativeiro.
- 2 - 1738 — Falece na cidade da Bahia, Sebastião da Rocha Pita, autor da "História da América Portuguesa". Nasceu na mesma cidade a 3 de maio de 1660.
- 2 - 1867 — Tomada de Taji pelo General Manuel Mena Barreto, tendo sido destruídos cerca de 1.500 paraguaios. Desde esse dia ficaram cortadas as comunicações fluviais entre Humaitá e Assunção.
- 3 - 1864 — Morre no naufrágio do brigue Ville de Boulogne o primoroso poeta Antônio Gonçalves Dias, nascido em Caxias (Maranhão) a 10 de agosto de 1823.
- 3 - 1867 — Fere-se a segunda batalha de Tuiuti, vencida pelo tenente-general Visconde de Porto Alegre. Os paraguaios em número de 9.000, às ordens do General Barrios, atacaram as forças que guarneciam Tuiuti (2.700 homens, na maioria brasileiros). No primeiro ímpeto destruíram os 3 redutos argentinos pelas 4 horas e 45 da madrugada, mas com a chegada, mais tarde, de alguns reforços brasileiros, foram obrigados a retirar-se em desordem com graves perdas (4.000 baixas entre mortos, feridos e prisioneiros). A batalha durou 4 horas.
- 5 - 1817 — Chega ao Rio de Janeiro a arquiduquesa D. Leopoldina d'Austria, que se casou com o príncipe real D. Pedro e foi a primeira imperatriz do Brasil. O casamento realizou-se no dia seguinte, 6.
- 5 - 1826 — Inauguração da Academia de Belas-Artes do Rio de Janeiro, cujas origens se prendem ao decreto de D. João VI, datado de 12 de agosto de 1816, criando no Rio de Janeiro algumas aulas de Belas-Artes, para as quais foram contratados artistas franceses, que já haviam chegado ao Brasil a 26 de fevereiro do mesmo ano.
- 6 - 1766 — Nascimento do grande poeta Luís Nicolau Fagundes Varela, na cidade do Rio de Janeiro. Foi deputado às Cortes Constituintes Portuguesas, na Província do Rio de Janeiro e lente da Faculdade de Direito de São Paulo. Faleceu a 29 de novembro de 1831.
- 6 - 1836 — Proclamação da independência e da república de Piratinim (Rio Grande do Sul). A insurreição começara a 19 de setembro de 1825 mas só no ano seguinte se teram pela causa da união brasileira durante os 10 anos dessa guerra civil, que se chamou dos *Farrapos*.
- 7 - 1831 — Lei que declarou livre todos os escravos que entrassem no território ou nos portos do Brasil, vindos de países estrangeiros. Essa lei estabelecia penas para os que transportassem, introduzissem, recebessem ou comprassem como escravos os indivíduos assim declarados livres. O tráfico de africanos estava proibido desde 13 de março deste ano, em virtude da Convenção de 23 de novembro de 1826, entre o Brasil e a Grã Bretanha, mas continuou a ser feito em grande escala por contrabando.

(*) Da Revista Nacional — Ano I, nº 13 — Comp. Melhoramentos de S. Paulo.

- 7 - 1837 — Rompe na cidade da Bahia a "Sabinada", rebelião chefiada pelo Dr. Francisco Sabino Alves da Rocha Vieira. Proclamava os revoltosos a independência e a república da Bahia, que deviam perdurar até que se proclamasse a maioridade de Pedro II. Só em março de 1838 as forças legais venceram, nos combates de 13, 14 e 15, os rebeldes, normalizando-se a situação.
- 7 - 1848 — Rebenta em Pernambuco a "revolta praieira", chefiada pelos deputados dessa província.
- 8 - 1822 — Entre as forças brasileiras que, comandadas por Labatut, sitiavam a cidade da Bahia, e as tropas do general Madeira, que ali se achavam, trava-se forte combate, mais em *Pirajá* (Guerra da Independência).
- 8 - 1827 — Nascimento de José Bonifácio de Andrada e Silva, 2º d'esse nome, filho de Martim Francisco e neto de José Bonifácio. O seu nascimento deu-se em Bordéus e a sua morte em São Paulo, a 26 de outubro de 1886. No Largo de São Francisco, nesta capital, ergueu-se a sua estátua, mandada erigir pelo povo de São Paulo.
- 9 - 1800 — Morre em Lisboa o poeta repentista Domingos Caldas Barbosa, natural do Rio de Janeiro.
- 9 - 1843 — Falece em São Paulo, onde nasceu em 9 de agosto de 1784, o Padre Diogo Antônio Feijó, um dos vultos políticos mais eminentes do passado regime. No atual Largo da Liberdade desta capital ergueu-se a sua estátua, como preito de honra à memória do homem que tanto soube elevar o nome de sua pátria. Feijó foi deputado às Cortes Constituintes Portuguesas, deputado à nossa Assembléia Geral Legislativa, ministro da Justiça em quadra difícil, e regente do Império desde 12 de outubro de 1835 a 19 de setembro de 1837. Era senador desde 1833.
- 10 - 1555 — Nicolau Durand de Villegaignon, à frente de uma armada francesa, ocupa a Baía do Rio de Janeiro, onde lança os fundamentos de uma colônia, a que denominou França Antártica.
- 10 - 1822 — Bênção e distribuição da nova bandeira do Brasil aos corpos da guarnição do Rio de Janeiro. No mesmo dia a esquadra brasileira içou pela primeira vez o pavilhão da nova nacionalidade, o que foi instituído pelo Decreto de 18 de setembro de 1822.
- 11 - 1823 — D. Pedro I dissolve a Assembléia Constituinte, declarando que convocaria outra para examinar o projeto de Constituição que ia apresentar. Em vista da anormalidade por que passava a política do Império, são presos os três irmãos Andrada, Montezuma, Belchior Pinheiro e José Joaquim da Rocha e deportados para a França.
- 11 - 1864 — O vapor Marquês de Olinda, em que viajava para Mato Grosso Carneiro de Campos, presidente dessa província, é aprisionado pelo vapor paraguaio Taquari. Esse insulto aos brios do Brasil, feito pelo ditador Lopez, sem prévia declaração de guerra, foi o início da grande luta que o nosso país teve de início a 28 de agosto do ano seguinte.
- 15 - 1889 — No Campo de Santana, Rio de Janeiro, o Marechal Deodoro da Fonseca proclama a República Brasileira.
- 17 - 1832 — Nasce na cidade do Rio de Janeiro Manuel Antônio de Almeida, o autor das "Memórias de um sargento de milícias".
- 17 - 1866 — O marechal Marquês de Caxias (depois duque) assume em Tuiuti o comando em chefe do exército brasileiro e das forças navais em operações no sul do Paraguai.
- 19 - 1614 — Jerônimo de Albuquerque derrota os franceses que, às ordens de La Ravardière, ocupavam a ilha de São Luís do Maranhão. De então por diante, Albuquerque, o bravo neto do cacique Arco-Verde, passou a assinar-se Jerônimo de Albuquerque Maranhão.
- 19 - 1816 — O general Sebastião Pinto de Araújo Correia ganha sobre os orientais a batalha de Índia Muerta, obrigando o chefe inimigo Rivera a fugir acompanhado apenas de 100 homens dos 1.700 que comandava e que foram completamente destruídos.
- 19 - 1833 — Morre no Rio de Janeiro o senador do Império João Severino Maciel da Costa, Marquês de Queirós, autor de várias obras, político de grande influência e um dos mais notáveis estadistas do reinado de Pedro I. Nasceu em Mariana, Minas, em 1769.
- 19 - 1889 — Adaptação da bandeira nacional ao regime republicano.
- 20 - 1769 — Nasce na cidade do Rio de Janeiro o estadista e poeta Domingos Vilela Barbosa, falecido a 11 de setembro de 1846.

- 20 - 1823 — Parte do Rio de Janeiro a charrua *Lucônio*, conduzindo para a França deportados políticos Montezuma, Belchior Pinheiro e José Joaquim da Rocha e os três irmãos Andradas, deputados à Assembléa Constituinte dissolvida por D. Pedro I, a 12.
- 20 - 1830 — É assassinado em São Paulo o Dr. João Batista Líbero Badaró, redator do *Observador Constitucional*. "Morre um liberal, mas não morre a liberdade", foram suas últimas palavras. Esse assassinato causou grande sensação, porque Líbero Badaró era jornalista.
- 21 - 1859 — Tratado de aliança assinado em Montevideu entre o Brasil, o Uruguai e os Estados de Entre-Rios e Corrientes, tendo por fim "libertar o povo argentino da opressão que suporta sob domínio tirânico do governador D. João Manuel de Rosas". Por parte do Brasil assinou esse tratado o conselheiro Carneiro Leão, logo depois visconde e marquês do Paraná.
- 23 - 1856 — Por iniciativa do arquiteto Francisco Joaquim Bitencourt da Silva, a Sociedade Propagadora das Belas-Artes resolve a fundação do Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, que foi inaugurada a 9 de janeiro de 1858.
- 24 - 1762 — Nascimento do poeta Padre Antônio Pereira de Sousa Caldas, na cidade do Rio de Janeiro.
- 27 - 1807 — No Serro, Minas Gerais, nasce Teófilo Benedito Otoni. Distinguiu-se no jornalismo e na política, tendo sido durante alguns anos o mais popular dos chefes do partido liberal. A revolução liberal de 42 deteve-o como chefe na província de Minas.
- 29 - 1806 — Em Rio Pardo, Estado do Rio Grande do Sul, nasce Manuel de Araújo Pôrto Alegre, Barão de Santo Angelo. Foi pintor, arquiteto, orador, acadêmico e poeta. Faleceu em Lisboa a 30 de dezembro de 1879.
- 29 - 1807 — Parte do Tejo, com destino ao Brasil, a frota que conduzia D. João VI acompanhado da família real portuguesa, corte, dos membros do governo e principais funcionários.

MODELOS DE TESTES

— 1 —

Nome

Classe Idade anos. Data

TESTE DE HISTÓRIA

Você tem neste papel 10 sentenças incompletas; diante delas há palavras que podem completar essas sentenças. Leia cuidadosamente cada uma das afirmações e escolha as palavras mais convenientes para completá-las e passe um traço debaixo delas. Faça como neste exemplo:

O Brasil foi descoberto por

Pero Vaz de Caminha
D. Manuel
Pedro Álvares Cabral

1 — Distinguiu-se na catequese dos selvagens do Brasil

Fernão Dias Pais
Padre Anchieta
Duarte da Costa

2 — A cidade de São Paulo foi iniciada no

Largo do Palácio
Largo de S. Bento
Ipiranga

- 3 — S. Vicente foi fundada por
- João Ramalho
Pero Lopes de Sousa
Martim Afonso de Sousa
- 4 — O bandeirante penetrava pelos nossos sertões com o fim de
- tornar-se célebre
descobrir riquezas
destruir o trabalho dos jesuítas
- 5 — O teatro da guerra dos emboabas foi em
- Minas Gerais
Pernambuco
São Paulo
- 6 — A cidade de Santos foi fundada por
- Tomé de Sousa
Brás Cubas
Caramuru
- 7 — Havia no Brasil, quando descoberto, grande quantidade de
- café
pau-brasil
cereais
- 8 — Uma das primeiras cidades fundadas no Brasil foi
- Pôrto Alegre
Belém
S. Salvador
- 9 — O povoamento do Brasil se deu do
- sertão para o litoral
litoral para o sertão
sertão para o sertão
- 10 — Os chefes dos índios do Brasil tinham
- pouca autoridade
nenhuma autoridade
muita autoridade

— 2 —

TESTE DE HISTÓRIA

Nome

Classe Idade anos. Data

- 1 — O Brasil foi descoberto antes da América Sim-Não
- 2 — Cabral no descobrimento aportou no sul do Brasil Sim-Não
- 3 — Os primeiros nomes dados ao Brasil foram inspirados no sentimento religioso dos portugueses Sim-Não
- 4 — O Brasil ficou pertencendo a Portugal porque Cabral estava a serviço de D. Manuel Sim-Não
- 5 — Colombo, quando descobriu a América, cruzou o Oceano Pacífico Sim-Não
- 6 — A América foi descoberta por acaso Sim-Não
- 7 — Colombo achava que a terra era esférica Sim-Não

8 — O ponto de chegada de Colombo foi nas Antilhas	Sim-Não
9 — A bússola é indispensável aos navegadores	Sim-Não
10 — Para os tempos atuais de nada valeu a invenção da imprensa	Sim-Não
11 — O papel foi descoberto antes da imprensa	Sim-Não
12 — O mundo no século XV era tão civilizado como hoje	Sim-Não
13 — A primeira colônia do Brasil foi Piratininga	Sim-Não
14 — O governo colonial era republicano	Sim-Não
15 — O Brasil deve muito à ação dos jesuítas	Sim-Não
16 — Antes de colônia o Brasil foi independente	Sim-Não
17 — Os franceses tentaram conquistar o Brasil	Sim-Não
18 — Houve uma razão para a escolha do nome Brasil	Sim-Não
19 — O povoamento do Brasil começou no interior	Sim-Não
20 — O povo brasileiro formou-se de duas raças	Sim-Não

— 3 —

TESTE DE HISTÓRIA

Ano N.º

Neste papel estão várias frases, cada uma acompanhada de três expressões que a podem completar. Leia com bastante atenção e sublinhe aquela que complete perfeitamente a frase. Se achar difícil alguma delas, não pare aí: passe para adiante e volte depois. Não pergunte nada a ninguém.

- a) *Quem, em 1792, tomou as rédeas do governo de Portugal, foi*
 1 — D. João VI
 2 — D. José I
 3 — D. Maria I
- b) *A permanência de D. João VI no Brasil nos foi benéfica porque*
 1 — vieram para cá muitos nobres
 2 — Portugal ficou sendo colônia do Brasil
 3 — a nossa terra tomou grande impulso
- c) *Os conspiradores Mineiros de 1789 eram na sua maioria homens*
 1 — bem ilustrados
 2 — ilustrados
 3 — nada ilustrados
- d) *Joaquim José da Silva Xavier teve o seu nascimento*
 1 — em Barbacena
 2 — em São João d'El Rey
 3 — na cidade de Tiradentes
- e) *A DERRAMA esteve para ser lançada em fins do*
 1 — século XVIII
 2 — século XVII
 3 — século XVI
- f) *O estudante brasileiro na Europa que chegou a falar com Tomás Jefferson a respeito da independência do Brasil, foi*
 1 — José Mariano Leal
 2 — José Joaquim da Maia
 3 — José Alves Maciel

- g) *A incorporação da Província Cisplatina ao Brasil se deu no tempo*
 1 — do Brasil-Reino
 2 — do Brasil-Colônia
 3 — do Brasil-Império
- h) *O Brasil foi elevado à categoria de Reino*
 1 — logo que D. João VI aqui aportou
 2 — quando D. Pedro ficou com a Regência
 3 — no ano de 1815
- i) *No ano de 1808 D. João VI abriu os portos do Brasil a todas nações amigas a conselho*
 1 — de José Bonifácio
 2 — de José Clemente Pereira
 3 — de José da Silva Lisboa
- j) *A vinda de D. João VI para o Brasil, teve como causa*
 1 — o desejo de transferir o seu Império para o Brasil
 2 — o receio de cair nas mãos de Napoleão
 3 — uma revolução na cidade de Lisboa.

— 4 —

TESTE DE HISTÓRIA

Ano N.º

Neste papel estão várias frases, cada uma acompanhada de três expressões que a podem completar. Leia com bastante atenção e sublinhe, aquela que complete perfeitamente a frase. Se achar difícil alguma delas não pare aí: passe para diante e volte depois. Não pergunte nada a ninguém.

- a) *Evaristo da Veiga, jornalista brilhante e chefe de grande prestígio, pertencia ao partido político chamado*
 1 — o Moderado
 2 — o Exaltado
 3 — o Restaurador
- b) *Na batalha de Ituzaingó as forças argentinas estiveram sob a chefia*
 1 — de Carlos Maria Alvear
 2 — de Antônio Lavalleja
 3 — de Guilherme Brown
- c) *O Colégio Pedro II e o Instituto Histórico foram criados durante a*
 1 — 2.^a Regência Una
 2 — 1.^a Regência Una
 3 — 2.^a Regência Trina
- d) *O Partido político que pugnava pela volta do imperador D. Pedro I, era*
 1 — o Moderado
 2 — o Caramuru
 3 — o Exaltado

A esquerda do traço vertical estão diversas afirmativas numeradas. À direita do traço vertical estão diversas datas que podem ser as dos fatos afirmados. Verifique o número de cada afirmativa e coloque esse número dentro dos parêntesis da data que foi efetivamente a dêsse acontecimento.

e) *As escolas de Direito de Olinda e São Paulo foram criadas*

- 1 — por D. João VI
- 2 — no 1.º Reinado
- 3 — nos Governos Regenciais.

1 — A cidade de Olinda foi fundada no ano de	1532.	R. ()
2 — A cidade de Santos foi fundada no ano de	1554.	R. ()
3 — A cidade do Rio de Janeiro foi fundada no ano de	1565.	R. ()
4 — A cidade de São Vicente foi fundada no ano de	1535.	R. ()
5 — A cidade do Salvador foi fundada no ano de	1549.	R. ()
6 — A cidade de São Paulo foi fundada no ano de		

No verso desta fôlha o aluno fará, a lápis, o quadro sinóptico da Regência Una de Feijó.

— 5 —

TESTE DE HISTÓRIA

Ano N.º

Neste papel estão várias frases, cada uma acompanhada de três expressões que a podem completar. Leia com bastante atenção e sublinhe aquela que complete perfeitamente a frase. Se achar difícil alguma delas não pare aí: passe para diante e volte depois. Não pergunte nada a ninguém.

- a) *"Morre um liberal, mas não morre a liberdade" são palavras proferidas por*
 - 1 — Evaristo da Veiga
 - 2 — Campos Vergueiro
 - 3 — Líbero Badaró
- b) *O grande político Diogo Feijó ocupou o Ministério da Justiça durante a*
 - 1 — 2.ª Regência Trina
 - 2 — 1.ª Regência Una
 - 3 — 2.ª Regência Una
- c) *A batalha de Sarandi, vencida pelos Orientais, se deu*
 - 1 — quando D. Pedro I estava no Sul
 - 2 — antes de D. Pedro I ir ao Sul
 - 3 — depois que D. Pedro I voltou do Sul
- d) *O sangrento e sério conflito da noite chamada DAS GARRAFADAS, se manifestou*
 - 1 — antes da viagem de D. Pedro a Minas
 - 2 — quando D. Pedro estava em Minas
 - 3 — depois que D. Pedro voltou de Minas

A esquerda do traço vertical estão diversas afirmativas numeradas. À direita do traço vertical estão diversos nomes de províncias que podem ser teatro dos fatos afirmados. Verifique o número de cada afirmativa e coloque esse número dentro do parêntesis da província que foi efetivamente teatro dêsse acontecimento.

1 — A guerra da Sabinada manifestou-se em ou no	Minas	R. ()
2 — A revolução chamada Praieira manifestou-se em ou no	São Paulo	R. ()
3 — A guerra dos Farrapos manifestou-se em ou no	Pernambuco	R. ()
4 — A revolução de Rafael Tobias, em 1842 manifestou-se em ou no	Maranhão	R. ()
5 — A guerra da Balaiada manifestou-se no ou em	R. G. Sul	R. ()
6 — A Revolução de Teófilo Otoni, em 1842, manifestou-se em ou na	Bahia	R. ()

No verso desta fôlha o aluno fará, a lápis, o quadro sinóptico da Regência Trina Provisória.

NOTA: Os testes 3, 4 e 5 foram organizados e experimentados na Escola Complementar de Casa Branca, em 1931.

Bibliografia — Embora endereçada ao Curso Médio, é de interêsse indicar ao professorado primário a bem feita coleção *Cadernos — MEC — história do Brasil* — 3 cadernos, didaticamente elaborados e superiormente impressos, com ilustrações simples e claras sobre os temas versados, de texto acessível ao aluno, com modelos de testes diversos, exercícios de elocução e novidades incluídos no campo da didática v. g. palavras cruzadas, labirintos, passatempos, leitura silenciosa, desenhos para colorir, colecionamento de selos, etc.

O 1.º caderno é de autoria da professora Glória Roque Steffan, o 2.º do professor Manoel M. de Albuquerque e o 3.º do professor Artur Bernardes Weiss.

A coleção é de 1963.

A esquerda do traço vertical estão diversas afirmativas numeradas. À direita do traço vertical estão diversas datas que podem ser as dos fatos afirmados. Verifique o número de cada afirmativa e coloque esse número dentro dos parêntesis da data que foi efetivamente a desse acontecimento.

e) As escolas de Direito de Olinda e São Paulo foram criadas

- 1 — por D. João VI
- 2 — no 1.º Reinado
- 3 — nos Governos Regenciais.

- 1 — A cidade de Olinda foi fundada no ano de
- 2 — A cidade de Santos foi fundada no ano de
- 3 — A cidade do Rio de Janeiro foi fundada no ano de
- 4 — A cidade de São Vicente foi fundada no ano de
- 5 — A cidade do Salvador foi fundada no ano de
- 6 — A cidade de São Paulo foi fundada no ano de

- 1532. R. ()
- 1554. R. ()
- 1565. R. ()
- 1535. R. ()
- 1549. R. ()

No verso desta fôlha o aluno fará, a lápis, o quadro sinóptico da Regência Una de Feijó.

TESTE DE HISTÓRIA

Ano N.º

Neste papel estão várias frases, cada uma acompanhada de três expressões que a podem completar. Leia com bastante atenção e sublinhe aquela que complete perfeitamente a frase. Se achar difícil alguma delas não pare aí: passe para diante e volte depois. Não pergunte nada a ninguém.

a) "Morre um liberal, mas não morre a liberdade" são palavras proferidas por
1 — Evaristo da Veiga
2 — Campos Vergueiro
3 — Líbero Badaró

b) O grande político Diogo Feijó ocupou o Ministério da Justiça durante a
1 — 2.ª Regência Trina
2 — 1.ª Regência Una
3 — 2.ª Regência Una

c) A batalha de Sarandi, vencida pelos Orientais, se deu
1 — quando D. Pedro I estava no Sul
2 — antes de D. Pedro I ir ao Sul
3 — depois que D. Pedro I voltou do Sul

d) O sangrento e sério conflito da noite chamada DAS GARRAFADAS, se manifestou
1 — antes da viagem de D. Pedro a Minas
2 — quando D. Pedro estava em Minas
3 — depois que D. Pedro voltou de Minas

A esquerda do traço vertical estão diversas afirmativas numeradas. À direita do traço vertical estão diversos nomes de províncias que podem ser teatro dos fatos afirmados. Verifique o número de cada afirmativa e coloque esse número dentro do parêntesis da província que foi efetivamente teatro desse acontecimento.

- 1 — A guerra da Sabinada manifestou-se em ou no Minas R. ()
- 2 — A revolução chamada Praieira manifestou-se em ou no São Paulo R. ()
- 3 — A guerra dos Farrapos manifestou-se em ou no Pernambuco R. ()
- 4 — A revolução de Rafael Tobias, em 1842 manifestou-se em ou no Maranhão R. ()
- 5 — A guerra da Balaiada manifestou-se no ou em R. G. Sul R. ()
- 6 — A Revolução de Teófilo Otoni, em 1842, manifestou-se em ou na Bahia R. ()

No verso desta fôlha o aluno fará, a lápis, o quadro sinóptico da Regência Trina Provisória.

Nota: Os testes 3, 4 e 5 foram organizados e experimentados na Escola Complementar de Casa Branca, em 1931.

Bibliografia — Embora endereçada ao Curso Médio, é de interêsse indicar ao professorado primário a bem feita coleção Cadernos — MEC — história do Brasil — 3 cadernos, didaticamente elaborados e superiormente impressos, com ilustrações simples e claras sobre os temas versados, de texto acessível ao aluno, com modelos de testes diversos, exercícios de elocução e novidades incluídos no campo da didática v. g. palavras cruzadas, labirintos, passatempos, leitura silenciosa, desenhos para colorir, colecionamento de selos, etc.

O 1.º caderno é de autoria da professora Glória Roque Steffan, o 2.º do professor Manoel M. de Albuquerque e o 3.º do professor Artur Bernardes Weiss. A coleção é de 1963.

XIX

O ENSINO DA GEOGRAFIA

São conhecidas as idéias de ROUSSEAU, no *Emilio*, relativas ao ensino da geografia quando, combatendo de frente o verbalismo em voga e o estudo indireto da terra pelo livro ou pela palavra do mestre apontara o verdadeiro caminho da aprendizagem inicial: a própria localidade da casa em lugar do estudo de mapas.

A moderna orientação do ensino volta hoje à velha fonte rousseauiana, aproveitando-lhe as idéias fundamentais e renovando a concepção da geografia e das técnicas de sua aprendizagem. Dois pontos, portanto devem ser considerados no assunto: o novo conceito de ensino dessa matéria e a reforma dos métodos de ensiná-la.

Importante é hoje, assinalam os maiores conhecedores dos problemas geográficos, que se considere a geografia por outro prisma. O homem, na atualidade, deve saber em que regiões de sua pátria há tais e tais matérias-primas, tais e tais culturas; não lhe basta, porém, o mero conhecimento; é preciso que saiba discernir os fatores que permitem essa existência, e que saiba aproveitar os recursos que a terra lhe oferece.

No aluno da escola primária a geografia, ensinada sob feito prático e atraente, é capaz de despertar profundo interesse pela natureza e pela vida humana, levando-o pouco a pouco à compreensão dos fenômenos que se desenrolam na terra, do trabalho e do esforço humano.

Tôdas as idéias que se agitam hoje no campo dos estudos geográficos incidem concordes num ponto — a colocação do homem como figura central de estudo e da vida cultural dos povos na estreita dependência do meio cósmico.

Fundamentos do estudo geográfico. — Se a orientação moderna da aprendizagem traça o caminho do ensino fundado especialmente no contato da criança com a terra e com o povo, tornamos de novo à velha *intuição* pestalozziana ou às idéias fundamentais de tipo igual. Volta-se assim a considerar a geografia como ciência de observação, antes de tudo, que exige, para ser aprendida, olhos que vejam e pensamentos que julguem. Tudo isto pode ser sintetizado no binômio: *impressão-expressão*. A impressão, refere-se à visão das coisas, à percepção direta, a Anschauung dos alemães; a expressão é a representação com as suas diferentes modalidades. Em ambas se estabelecem os princípios fundamentais da aprendizagem, em que se pede, sobre a visão direta da realidade, ou indireta pelo simbolismo, a expressão do aprendido, numa situação real da vida, na solução de um problema geográfico.

A visão imediata e direta da natureza não é, entretanto, sempre possível, dada a extensão do cenário em que se apresentam os fatos geográficos. Daí a necessidade de criar o símbolo, a representação, em cujas convenções estabelecidas encontram o pensamento e a observação material com que jogar, na aprendizagem.

Uma exigência fundamental se apresenta, quando se toma o caminho do contato real da criança com o meio que estuda — a de sua completa liberdade, a fim de que possa tomar com seus próprios olhos, sem interposições de definições e de classificações, os elementos que a natureza lhe oferece. É este o princípio básico da escola ativa, que não cerca o espírito infantil na prisão do artificialismo de nomenclatura antes que ele se tenha alimentado das realidades da natureza. Instrução em liberdade e instrução ao ar livre, diz KNOSPE, são senhas da escala do trabalho.

O ponto de partida para o conhecimento geográfico é a *observação*, observação da localidade, a princípio, do seu solo, do céu, do tempo, da vida, do trabalho, da vida das plantas e dos animais, o homem em suas relações com o ambiente.

Não basta, porém, observar, porque pode o trabalho consistir apenas numa rápida *survey* das coisas, sem que o pensamento trabalhe, julgue e conclua. Por isso a pesquisa completará a observação, dando-lhe melhor sentido.

Esta orientação se põe de acôrdo com a exuberante fantasia infantil, que se alimenta principalmente de fatos que encerram mistério, cheios de colorido e dinamismo como os fenômenos geográficos. A geografia, diz AGUAYO, é como viagem de descobrimento de um mundo ignorado e é o próprio aluno, não o professor, quem deve realizar a interessante exploração.

Geografia e cinema. — Do auxiliar moderno do ensino geográfico, não seria preciso dizer muito, pela evidência do serviço que presta e pode prestar na aprendizagem, com vantagem sobre outros meios indiretos de observação, pelos recursos com que se aparelha atualmente, graças ao aperfeiçoamento da arte cinematográfica. Não é aqui lugar para estudá-lo em minúcia. Basta lembrar o processo da câmara lenta ou acelerada, a tomada de vistas à *vol d'oiseau*, a possibilidade de filmar panoramas e estendê-los diante dos olhos, a de apanhar vistas submarinas, etc., para notar as maravilhosas perspectivas que apresenta o cinema educativo.

Em 1931, LOURENÇO FILHO, no plano de sua reforma do ensino, resolveu entre nós o problema do cinema educativo. Mal lançada a idéia, diz êle, cinqüenta estabelecimentos de ensino adquiriram seus aparelhos. Criou-se a filмотeca central da Diretoria do Ensino, com películas interessantes e proveitosas para a aprendizagem.

É verdade que muitos cinemas estão encaixotados e a esplêndida iniciativa se fez coisa morta. Mas ela deveria ser revivida, para que oferecesse às escolas o melhor auxiliar para a aprendizagem dos fatos e das coisas geográficas.

Problemas para estudo.

- 1 — Qual o conceito do ensino de geografia no curso primário?
- 2 — Quais as bases do estudo geográfico?
- 3 — Qual a importância do cinema nesse estudo?

Livros de texto. — Como outra fonte desse estudo apresenta-se o livro de textos, que os italianos denominam *texto atlante*, como uma das melhores pelo auxílio que poderá prestar.

Falando a respeito deles, em geral, DELGADO DE CARVALHO diz do "que êles não devem ser" e "o que êles não devem omitir". Seria êrro, êle o afirma, se esgotassem os assuntos do programa de geografia. Citando a seguir Frederico K. Branon, dá as linhas de uma tendência muito pronunciada na organização desses livros, a saber: a) organização melhor dos assuntos; b) torná-los menos enciclopédicos; c) omitir questões incidentais; d) dar maior desenvolvimento aos pontos de maior importância; e) organização de melhores questionários e de fontes de estudo.

O compêndio deve fazer apêlo antes à inteligência que à memória.

Não basta, entretanto, ter em mãos um bom compêndio, mas é necessário saber tirar dêle o maior proveito, encaminhando a pesquisa e o pensamento do aluno, para que do livro êle colha a maior soma de sugestões.

Uma questão que não deve ser esquecida é a da necessidade de livros de geografia para crianças e para adultos, porque, como acentua o autor citado, "a única diferença que existe entre a geografia primária e a secundária é quase sempre marcada pelo número de páginas e não por algum grau de dificuldade ou conhecimentos mais científicos".

RUI no assunto diz: "Nossos livros de texto deixam muito a desejar. Depois de algumas definições geométricas, que ocupam as primeiras páginas do texto, outras definições constituem o *intróito*: definição de geografia, das linhas e círculos do globo, dos pólos, do horizonte, clima, latitude, longitude e estações do ano, continente, região...". "e enfiado êste rosário de abstrações ininteligíveis ao espírito despreparado da criança, segue-se imediatamente a tarefa de decorar o número total de quilômetros e habitantes de cada continente..."

Um livro que talvez lhe servisse de modelo à sua crítica é o *Compêndio de geografia de Sousa Brasil (1858)*, endereçado, diz o autor, "principalmente às escolas

primárias". Entretanto, nas definições clássicas, que abrem o volume, vêm estas, entre muitas:

Superfície é o que termina o corpo. Linha é uma extensão sem largura nem profundidade e cujas extremidades se chamam pontos.

KNOSPE, a propósito de livros-fonte de geografia, diz que na escola de trabalho o livro deve ser também um livro de trabalho.

Cartografia e mapas. — Sabido que o estudo da geografia tem sido no curso primário, em geral, o estudo de mapas e a feitura de desenhos cartográficos, este ponto merece um tanto de referência.

O uso do desenho nas escolas primárias e secundárias tem nestes últimos tempos, embora no passado acontecesse o mesmo, tomado um desenvolvimento muito característico, mas com uma finalidade única: substituir a realidade pelas linhas de seus traços. Basta ver a atividade no estudo das ciências naturais, em muitas classes, para perceber um curioso desvio pedagógico: o desenho é o começo, o desenvolvimento e o fim do estudo científico. Por ele estudam-se as folhas, as flores e os frutos; com ele, aprendem-se as funções dos órgãos e a estrutura dos animais; com ele ainda conhecem-se os ossos até da mão, sem que contrariando esta aberração, se voltem os olhos dos alunos para a observação direta das coisas e dos fenômenos. O desenho substitui as mais elementares experiências da física, substitui a mineralogia, porque as pedras também são desenhadas, a botânica em que também se desenhavam as plantas.

Na trilha, era natural que o desenho, a figura, o mapa, tomassem o lugar do estudo direto na geografia, e, o que agrava o mal, as aulas desta ciência se converteram, de vez, em aulas de "bordados cartográficos".

O uso e o abuso do mapa no curso primário é um mal que está exigindo uma reação muito enérgica, porque é por ele que a aprendizagem se origina, se desenvolve e se completa. Entretanto, o mapa nada representa no espírito de crianças que aos doze anos deixam as classes primárias, porque ele é uma "abstração das abstrações" diz um pedagogo alemão. Furtando à criança a possibilidade de observar o ambiente em que vive, e quase essa porção do mundo tem sentido para ela nos primeiros anos, encerra toda a aprendizagem num retângulo de papel, repleto de linhas, de pontos, de sombras, de números e de círculos, apagando o conteúdo riquíssimo das coisas da natureza. Ademais, esse retângulo de papel altera a realidade para a criança, apresentado que é sempre em sentido vertical, dando uma falsa noção das coisas, e criando essa invencível concepção de um "norte para cima" e "de um sul para baixo", de cidades sobre outras, de rios, que sobem e de serras sobre rios. Aos que ensinam a matéria nos anos posteriores à escola primária, não é estranho o fato de uma profunda incompreensão da criança, relativa à direção dos bairros da própria cidade, e dos rios do Estado, porque o mapa alterou completamente o sentido da realidade.

A inexperiência da criança não alcança o simbolismo dos mapas, porque antes de lê-los, não aprende a tomar posição no meio em que vive, a localizar as coisas, a conhecer a verdadeira orientação. A conhecer orientação, principalmente porque até esta é aprendida no livro, com um menino de braços abertos apontando para o norte. À criança não é dado tomar, pela imaginação, a visão global do terreno, porque lhe falta a concepção do espaço (lacuna revelada pelo desenho e pela perspectiva que nêle aparece). Como poderia ela entender o mapa que reduz essa realidade, que planeifica o relêvo, que anula a elevação e os vales?

ROUSSEAU deu à escola ativa um exemplo de um ensino real de geografia. Depois de ensinar a Emilio as noções de orientação no campo, pedia-lhe que voltasse para casa, guiando-se de acordo com certos pontos de referência. Só assim poderia a criança entender essa porção da geografia, não mostrando espanto, como aquela menina citada por KENDALL, que um dia ficou profundamente embaraçada quando lhe disseram que o pátio de sua casa também fazia parte da geografia.

O relêvo e o mapa. — A única orientação recomendável nos primeiros anos de estudo geográfico é a observação direta, quanto possível, da realidade ou a observação dessa realidade reduzida a relêvo. E o relêvo é quase toda a geografia.

Tome alguém um pouco de argila e modele, diante do aluno, no plano, o relêvo paulista; recorte o litoral e ponha as suas ilhas; erga a Serra do Mar e mostre-a, como barreira do planalto; derive de suas encostas os rios do Atlântico; aprofunde o terreno, rasgando o vale do Tietê, do Paranapanema e completando o trabalho, tôsco sem dúvida, terá proporcionado à criança uma visão mais real, mais exata que a fornecida pelo mapa de linhas inexpressivas. É pela forma em relêvo que se dão representações claras e conceitos exatos; por ele, nas três dimensões que apresenta, tem a criança o perfil do território e pontos de referência para compreender a derivação de águas, o problema do clima, e mesmo o dos recursos naturais.

DELGADO DE CARVALHO, lembrando os valores do relêvo afirma que "tôdas as figuras do relêvo para levar ao espírito do aluno a realidade sobre o relêvo são falhas e necessitam explicações sucessivas, mais ou menos felizes". A única figuração possível do relêvo seria o próprio relêvo, visível, palpável, como uma realidade reduzida, mas exata.

Para resolver o problema há o estereograma geográfico, o *blockdiagram* dos americanos.

A utilização do relêvo em argila, gesso ou papelão, vem de 1766 a 1785, quando PFYLLER representou a Suíça, iniciando depois ALBERT HEIM, no fim do século passado, a modelagem científica para a geografia. CURTIS, seu discípulo, desenvolveu em grande escala êsse uso.

Há no Colégio Pedro II estereogramas para o estudo da Fisiografia, atendendo às necessidades dos três últimos anos do ensino primário. Eles visam simplificar, lembra DELGADO DE CARVALHO, "a tarefa do professor é ensinar em poucos minutos, pela simples vista da realidade, o que levaria semanas a demonstrar aos alunos. Os professores que tiveram ocasião de servir-se de modelos deste gênero, ficam surpreendidos com os extraordinários resultados que trazem os estereogramas, dando ao ensino uma vida e um interesse que só despertariam longos esforços. A aula de geografia torna-se um verdadeiro prazer, quando o menino está manuseando entre os dedos o próprio problema em miniatura".

Nesse terreno, é clássica a lição de PESTALOZZI que levava seus alunos à contemplação e ao estudo do terreno nos arredores de Yverdun. Ali observaram no conjunto e nos pormenores o local de que tinham a intuição precisa. Depois cada aluno de posse de um pouco de argila reproduzia o vale, em relêvo. Feitas novas visitas e observações no terreno, só então, bosquejavam o mapa que, assim, adquiria significação especial.

O mapa que só pode aparecer depois desse trabalho preliminar, não é, entretanto, hoje o "bordado cartográfico" mas o esboço-rápido e preciso, o *croquis*, o esquema exato e sugestivo, elucidando um ponto qualquer, dando em poucos traços a direção de um rio, a posição de uma ilha, a situação de uma cidade.

O mapa debuxado na cartografia não é o fim, é meio, diz PROENÇA e acrescenta: "Ninguém desenha carta para ficar apto a executar trabalhos desse gênero durante a vida".

KNOSPE, dizendo das cartas desenhadas a rigor, afirma que são trabalhos mecânicos, significando pura perda de tempo no ensino, não se atendendo serem pontos centrais deste meio de representação, a clareza e o resumo.

O mesmo autor combate o uso de desenhos ilustrativos nos mapas (BILDZEICHNEN) e a colaboração de objetos para figurar agricultura, pecuária, etc. Ele opina que tais processos falseiam a realidade no espírito da criança, levando-a a duvidosas concepções.

Problemas para estudo.

- 1 — Qual o papel dos livros de texto no ensino de geografia?
- 2 — Quais os predicados que soem apresentar êsses livros?
- 3 — Quais os predicados que devem possuir?
- 4 — Qual a função da cartografia no ensino geográfico?
- 5 — Como ensinar a criança a fazer mapas?
- 6 — Qual o valor dos mapas em relêvo?
- 7 — Quais os inconvenientes do ensino pelo mapa?
- 8 — Quais os tipos de mapa que conhece?
- 9 — Que entender pela expressão: "O mapa não é fim, é meio no ensino".
- 10 — Como melhorar a apresentação dos mapas no curso primário?

As ilustrações a serviço da geografia. — Se toda a realidade não pode ser observada diretamente neste ensino, é mister utilizar-se do processo indireto de observação e

é ainda pela gravura que mais facilmente se colhe a impressão do terreno, do trecho, da natureza, da flora e da fauna. Como processo indireto é um dos mais vivos, dada a excelente posição da fotografia atualmente. Neste respeito, as coleções cômodas e conhecidíssimas da *Enciclopédia gráfica* e da *Enciclopédia pela imagem* criaram um material utilíssimo para o ensino.

Excursões geográficas. — Não pode a escola, no ensino da geografia, ter à sua roda todo o material de observação, necessário à aprendizagem, motivo por que a excursão escolar, sobretudo na escola nova, representa uma projeção da classe sobre outros ambientes, de onde recolhe dados e material para o trabalho. Dizendo do valor dessas excursões AGUAYO lembra que a excursão dá interesse, animação, realismo e caráter concreto ao estudo da geografia, relaciona o trabalho da escola com os problemas da vida extra-escolar, dá sólida base ao trabalho docente, provoca a apreciação das belezas naturais, faz que a criança simpatize com tôdas as classes sociais e as diversas formas do trabalho humano e por fim exercita a observação direta e imediata que é o instrumento principal do trabalho geográfico.

Não é recomendável, entretanto, fazer das excursões geográficas excursões passeios, piqueniques divertidos, mas verdadeiras aulas de observação e de coleta de material. Como resultado, a excursão deve deixar proveito, alguma coisa que sirva para discussão, ou relato, ponto de partida para outros estudos. BACKHEUSER, acentua que ela é uma *viagem de estudos* e como há dois modos de viajar, às cegas e de olhos abertos, cumpre aproveitar essas viagens da melhor forma possível.

Trabalhos práticos.

- 1 — Estudar a parte material e a pedagógica de um mapa do Brasil.
- 2 — Idem, de um do Estado de São Paulo.
- 3 — Observar os tipos de informações que fornece o mapa geográfico: rios, serras, etc.
- 4 — Coleccionar gravuras com vistas para o ensino da geografia e analisar os elementos dessas gravuras.
- 5 — Estudar a prática de excursões geográficas, preparar o plano de uma para classe do 2º ano e realizá-la.
- 6 — Fazer mapas em relevo para o Museu didático.
- 7 — Praticar num tabuleiro de arcaia a habilidade de criar cenas para a observação dos alunos.
- 8 — Organizar uma relação de material de utilidade no ensino da geografia no curso primário.
- 9 — Estudar o programa de geografia desse curso.
- 10 — Preparar e executar planos de aula de geografia em que seja dado especial relevo à observação pelo aluno.

Estudo do país. — A nosso ver, deve ser iniciado pelo estudo da geografia física no relevo, a fim de que aos olhos da criança se reduza numa miniatura compreensível a realidade territorial, com as serras dominantes, as bacias, as inclinações da costa, o curso de rios. Ao mesmo tempo, localizadas as ilhas e abertas as baías, a criança teria diante dos olhos elementos com que julgar as distâncias relativas e as proporções entre as coisas.

Seria ocasião de precisar a situação do homem, na costa ou no interior, nas bacias ou nos pampas, sofrendo a pressão e reagindo às influências dos fatores geográficos, abrindo caminhos e varando serras para o comércio e para a vida. Disso a criança seria levada ao seio da geografia cultural, estudando a linguagem, a religião, o transporte, o comércio, a habitação e em suma, a fisionomia das populações com seus usos e costumes.

PROENÇA nota que, em geral, o ensino da geografia é feito, estudando-se coisas isoladas, sem conexão; a situação, os limites, a população, etc., que são problemas intimamente relacionados, aparecem no estudo distantes uns dos outros, sem uma ligação remota qualquer.

Pela *concentração* dos conhecimentos que é o método a que dá preferência, escolhe-se uma unidade de estudo ou tipo geográfico e em torno dele aprendem-se todos os conhecimentos que lhe são relacionados. Citando como exemplo o *pôrto de Paranaguá*, faz o estudo girar em torno de questões que umas informam as outras.

“Em Paranaguá existe um pôrto porque lá existe uma baía; por causa do pôrto a cidade se desenvolveu, por causa do pôrto se construiu uma estrada de ferro, etc.”

Seriam outros tipos de estudo como este a Ilha de Marajó, a Ilha de Fernando de Noronha, o Rio Amazonas, a região da borracha, o nordeste brasileiro.

O mundo. — Só vale conhecer o mundo na medida em que esse estudo possa trazer esclarecimentos para a nossa vida, dando-lhe informes úteis, ou que possa servir de referência para os nossos problemas brasileiros. Fora disso, conhecer o mundo aritmeticamente, pela quilometragem de seus países ou pelas notícias de enchentes ou terremotos, não oferece grande vantagem.

Sem criar no aluno o sentido estreito de falso nacionalismo, de bairrismo, é conveniente interessá-lo na compreensão dos problemas do mundo, levando-o especialmente a conhecer e a interpretar a vida de povos que nos são intimamente ligados por laços de tradição, de comércio ou de cultura.

Mas o ponto de referência e de partida será sempre o nosso país para a formação sólida do espírito nacional, cujas linhas ALBERTO TÔRRES fixou admiravelmente, o que dará ao aluno apêgo à sua terra e à sua gente, trabalhando para engrandecê-la.

Algumas sugestões para o ensino. — A boa disposição mental dos assuntos da aula, tanto para o aluno como para o professor, é condição essencial do bom êxito. Questões confusas, mal distribuídas no decorrer das lições, indicam falha didática de lamentáveis efeitos.

Recomenda-se por isso que o professor, no estudo consciencioso da matéria ao preparar sua aula, organize sinopses, sumários ou planos dos dados da lição, que os tenha assentados no espírito, para que o trabalho não se ressinta de atropelos, nem de excessos, nem de omissões.

A leitura de sumários deve ser praticada, intensivamente no curso normal, já por levar o aluno às virtudes de clareza, ordem e concisão no que realiza, já por servir de estímulo à revisão das matérias do ensino.

Modelo de um sumário. O Rio Tietê.

- a) O Tietê, rio essencialmente paulista.
- b) Lugar de nascimento.
- c) Direção do curso e causa desse desvio da costa.
- d) Povoados, vilas e cidades que banha em seu percurso.
- e) Tributários mais notáveis.
- f) O vale do Tietê e sua importância.
- g) O lugar em que deságua.
- h) Particularidades quanto à largura, extensão, profundidade e quedas de água.

Outro modelo — Descrição de um rio; sua importância. Papel histórico e econômico.

R I O	I — Bacia fluvial	{	a) Situação
			b) Extensão
	II — Curso	{	1. Origem do rio
2. Regime do rio: vazantes e enchentes			
3. Percurso			{
4. Foz do rio			{
III — Importância econômico-social	{	1. Navegabilidade	
		2. Papel histórico; na vida do país, da região, etc.	
		3. Valor econômico: comércio, portos, navegação.	

Trabalhos práticos. — O normalista tomando de uma boa geografia, organizará sumários de vários tipos sobre os seguintes assuntos: Região Amazônica, Rio São Francisco, Riquezas de São Paulo, Bacia do Prata, Litoral brasileiro, Estrada de Ferro de São Paulo, Estrada de Ferro São Paulo-Jundiá, Imigração, A Serra do Mar, Clima brasileiro, Fusos horários. O Mediterrâneo, América Central, etc.

Questionários. — A arte de perguntar deve ser treinada nas escolas formadoras de professores. O questionário constitui ainda excelente recurso para a verificação da aprendizagem e, oral ou escrito, oferece certas dificuldades que o estudante precisa conhecer.

- 1 — Perguntas feitas de acordo com o nível da classe.
- 2 — Perguntas que não encerram resposta.
- 3 — Perguntas que não sejam absurdas.
- 4 — Perguntas que não exijam mais do que o ensinado.
- 5 — Perguntas feitas com a maior clareza.
- 6 — Perguntas metódicas, dispostas de tal forma que a primeira, por si só, não constitua dificuldade invencível.
- 7 — Perguntas que peçam trabalho de raciocínio e que por isso, não sejam de resposta mecânica.
- 8 — Perguntas concisas.
- 9 — Perguntas postas em questionários não muito longos.
- 10 — Perguntas que não sejam ambíguas.

Trabalhos práticos.

- a) Uma vez nas aulas de prática, o professor pedirá à classe ou ao praticante que organize questionários sobre o assunto tratado. Esses questionários devem ser discutidos, criticados e melhorados e só depois é que serão usados nas classes de curso primário.
- b) É de utilidade na escola normal a feitura de quadros de especificação, que servem de base à organização de testes de escolaridade.

Dos nomes, sua importância e sua memorização. — Como no ensino da história, a questão dos nomes, na geografia, é de capital interesse. Nomes de rios, de serras, de ilhas, de cabos, de golfos, de portos, de bases, etc., enchem comumente a memória do aluno, sem qualquer proveito. A retenção pura e simples do nome nada vale, porém, senão como prova de memória.

Não se vá, entretanto, como se faz no estudo da história, ao extremo oposto, de não aprender o aluno nenhum nome geográfico. O que lhe cabe, na aprendizagem, é aprender nomes como etiquetas de noções, de conhecimentos bem assimilados.

Trabalhos para a prática no curso primário — Com o fim de habilitar a criança na exata localização dos acidentes geográficos e das cidades, bairros, capitais, etc., recomendamos os seguintes exercícios. A exata localização, no estudo da geografia, é condição básica de aprendizagem. Exercícios:

- 1 — Localizar os bairros de São Paulo de ambos os lados do Tietê.
- 2 — Localizar Santos, São Vicente, Bertioga, Itanhaém, Guarujá.
- 3 — Localizar em mapa-mudo determinadas cidades de São Paulo.
- 4 — Brincar de espetar bandeirinhas em nomes de cidades do Estado.
- 5 — Localizar portos do Brasil.
- 6 — Localizar as capitais dos principais países do mundo.
- 7 — Localizar as ilhas mais famosas do mundo.
- 8 — Localizar cidades de nomes indígenas, no mapa de São Paulo.
- 9 — Localizar tantos lugares em tantos minutos: Competição.
- 10 — Localizar as cidades de nascimento de homens notáveis.
- 11 — Localizar rios famosos no mundo.
- 12 — Localizar escalas de roteiros de viajantes famosos.
- 13 — Acompanhar o noticiário no jornal e localizar os lugares citados nas notícias.

NOTA: Além do conhecimento dos mapas, devem os alunos, nesses exercícios usar o globo geográfico, o tabuleiro de areia e o relêvo de massa.

Como complemento do trabalho de localização o normalista deve seleccionar nos atlas ou geografias, lugares, rios, serras, ilhas, portos, etc., que, em cada parte do mundo, devem ser especialmente conhecidos pelas crianças.

Problemas geográficos — O problema como ponto de partida no ensaio é particularmente recomendável pelo interesse, iniciativa e gosto que desperta na atividade.

- Os seguintes vinte problemas que apresentamos são meros exemplos de outros, que o aluno de escola normal descobrirá para aulas interessantes e animadas.
- 1 — Como podemos medir a quantidade de chuva caída em determinado lugar?
 - 2 — Como se explica a diversidade de horas em lugares da terra?
 - 3 — Como se explica a existência de marés?
 - 4 — Como admitir idade para os rios?
 - 5 — Por que certas pessoas devem habitar lugares baixos?
 - 6 — Que horas serão no Território do Acre quando forem 12 horas em Madri?
 - 7 — Por que foi aberto o Canal do Panamá?
 - 8 — Por que o Rio Amazonas não procura o sul do Brasil?
 - 9 — Por que geia em muitas regiões do Brasil?
 - 10 — Por que há dias e noites?
 - 11 — Por que são frios os lugares altos?
 - 12 — Por que há dias compridos e dias curtos?

- 13 — Por que o Rio Tietê corre para o interior de São Paulo?
- 14 — A diferença de tempo entre dois lugares é de 3 horas e 58 minutos. Qual a diferença de longitude entre eles?
- 15 — Quais os lugares que ficam a 0, m de altitude?
- 16 — Sendo no Rio de Janeiro 11 horas, 7 minutos e 50 segundos, e em Londres 14 horas e 31 segundos, qual a diferença de longitude entre as duas capitais?
- 17 — Que acontecerá a um barômetro transportado de Santos para São Paulo?
- 18 — Que mar existe que nunca está vivo?
- 19 — Qual a causa das estações?
- 20 — Que vem a ser solstício e equinócio?

Propostos tais problemas à classe, esta deve ser orientada na pesquisa e na procura de dados para solucioná-los.

Viagens. — O aproveitamento de roteiros de viagens para a aprendizagem da história ou da geografia, constitui prática ainda não explorada no ensino primário. Entretanto, é uma das melhores oportunidades para o conhecimento de povos e de lugares, motivado pelo relato de viajantes célebres ou de pessoas cultas que sabem ver e sabem contar.

Na prática, escolhida uma dessas viagens, e à vista de mapas, pode-se viajar simbolicamente com as crianças, que irão ilustrando o trajeto com gravuras, recortes, notícias, etc., ao mesmo tempo que lendo assuntos a respeito do trajeto, do narrado ou descrito.

Aconselha-se a atividade a partir do 3.º ano primário. No 4.º, ela pode ter grande desenvolvimento, graças ao estudo do mundo e uso do mapa pelos alunos.

Sugestões para o trabalho. (Para o professor).

- 1 — Escolher uma viagem relatada por viajante notável ou mesmo por um turista.
- 2 — Procurar em mapas o roteiro dessa viagem.
- 3 — Informar-se a respeito dos lugares percorridos.
- 4 — Documentar-se sobre o assunto estudado.

Desenvolvimento.

- 1 — Motivar o trabalho do aluno, despertando-lhe o interesse pela viagem, com um resumo esclarecedor, com leituras de trechos a ela referentes, etc.
- 2 — Procurar mapas em que se possa acompanhar o trajeto percorrido.
- 3 — Procurar fontes de esclarecimentos a respeito da viagem, livros de história, dicionários, enciclopédias, guias de turismo, etc.
- 4 — Associar assuntos em subcentros de interesse: línguas, usos, costumes, etc.
- 5 — Organizar a documentação achada em álbuns, envelopes, cartazes, quadros, etc.

Modelo de uma viagem animada.

INFORMAÇÕES: O Touring Club do Brasil instituiu um concurso sobre "O melhor livro de viagem pelo Brasil. O Sr. Afonso de Carvalho foi o vencedor desse certame, escrevendo a narração da viagem do Chuí ao Oiapoque. O itinerário foi o seguinte: De Buenos Aires a Porto Alegre; de Porto Alegre a Marcelino Ramos; de Marcelino Ramos a Ponta Grossa (Paraná); de Ponta Grossa às cataratas do Iguçu; das cataratas ao Salto de 7 Quedas; daí a Porto Epitácio, Botucatu, São Paulo; de São Paulo a Santos; de Santos ao Rio, Belo Horizonte, Vitória, Cidade do Salvador, Aracaju, Maceió, Recife, João Pessoa, Natal, Fortaleza, São Luís, Belém, foz do Oiapoque.

DESENVOLVIMENTO: a) Como primeiro trabalho, em classe, é prudente não estender em demasia o centro de interesse. É suficiente que nêle, façam os alunos a localização exata dos lugares, com estudo dos mapas.

Outra atividade educativa, neste primeiro trabalho, é a do cálculo de distância, entre os lugares citados, o cálculo da duração de viagens, de acordo com o meio de transporte.

b) Em trabalhos posteriores poderiam, dentro do plano, estudar ainda: a cidade de Buenos Aires, o Arroio Chuí, a Lagoa dos Patos, um vapor do Lloyd, Porto Alegre, o gaúcho, as cochilhas, o chimarrão, os sertões paranaenses, cataratas do Iguçu, os pinheiros paraenses, a estrada de ferro Sorocabana, a cidade de São Paulo, a estrada de ferro Inglesa, o porto de Santos, o litoral paulista, a Baía de Guanabara, etc.

c) O estudo poderia compreender os seguintes aspectos: leitura de mapas, cálculo de distância, localização de cidades, meios de transporte, povo, usos e costumes, comércio, agricultura e pecuária, instrução e particularidades.

Outros modelos do mesmo exercício.

A viagem do café — Indicações: Abissínia—; França (Paris)—; Antilhas (1720)—; Brasil (Pará)—; São Paulo—;

NOTA: Ver o livro *Leitura II* — Erasmo Braga — A preciosa rubiácea.

1 — Esta viagem dá assunto para um excelente centro de interesse, que poderia ir desde a vinda do cafeeiro até ao atual desenvolvimento das lavouras paulistas.

2 — *Através do Brasil* — Indicações: Reviver a curiosa viagem narrada por Bilac no belo livro *Através do Brasil*.

3 — *Uma viagem de Taunay* — Indicações: De Pôrto do Canuto ao Rio de Janeiro, passando por São Paulo.

NOTA: Ver o livro *Viagens de outrora*, em que vem narrada essa curiosíssima viagem.

4 — *Viagens de Rondon* — Indicações: Nada mais instrutivo e patriótico do que reviver os feitos de Rondon em suas famosas expedições. No tempo em que as nossas crianças fizeram nos heróis brasileiros, de que Rondon é um dos mais ilustres, o exemplo para a infância de nossa terra.

NOTA: As expedições de Rondon são relatadas em Rondônia e em outras publicações facilmente encontráveis.

5 — *A Retirada da Laguna* — Indicações: O feito memorável da Guerra do Paraguai, pode servir de excelente tema de excursão, revivida na classe primária. O assunto é empolgante e o roteiro da expedição compreensível.

6 — *A descoberta do Pacífico* — Indicações: Assunto, bastante conhecido, pode ser estudado em qualquer história dos descobrimentos.

7 — *A viagem de D. Pedro do Rio a São Paulo; de São Paulo a Santos; de Santos a São Paulo; de São Paulo ao Rio.* Indicações: Ver indicações a respeito no capítulo sobre o Ensino da História.

8 — *A excursão de Eça de Queirós ao Egito* — Indicações: Relatada no livro *Egito*. No livro *Notas contemporâneas*, do mesmo autor, há uma curiosa carta sobre a inauguração do Canal de Suez, que se presta a um estudo geográfico, interessante.

9 — *Uma viagem à Região Amazônica* — Indicações: Consultar os livros de Raimundo Moraes: *Na planície Amazônica, no País das pedras verdes*, etc., para colher informes a respeito dessa viagem.

10 — *Uma viagem à América* — Indicações: Consultar o livro de Antenor Nascentes:

11 — *Viagens de bandeirantes* — Indicações: No mapa das bandeiras, de Taunay, procurar roteiros de algumas bandeiras e revivê-los com as crianças.

NOTA: Aos praticantes e professores fica a incumbência de outros exercícios deste gênero.

Material para o Museu Didático — Individualmente ou em grupos os alunos de escola normal podem enriquecer o museu didático com o seguinte material:

- 1 — Relevos.
- 2 — Cartas geográficas.
- 3 — Cineminhas de filmes geográficos.
- 4 — Estatística.
- 5 — Gráficos.
- 6 — Roteiros de viagens.
- 7 — "Maquetas".
- 8 — Fusos horários.
- 9 — Mapas luminosos.
- 10 — Jogos geográficos.
- 11 — Recortes de armar.
- 12 — Estadia.
- 13 — Gnômon.
- 14 — Sistema planetário.
- 15 — Quadro de raças.
- 16 — Fases da Lua.
- 17 — Eclipses.
- 18 — Mapa de iniciação geográfica.
- 19 — Mapas do Brasil e São Paulo.
- 20 — Guias de estradas de ferro.
- 21 — Quadro de imigrações.
- 22 — Coleções de moedas, selos, postais, etc.
- 23 — Gravuras.
- 24 — Rosa-dos-ventos.
- 25 — Barômetros.
- 26 — Termómetro.
- 27 — Bússola.
- 28 — Álbuns, jornais e revistas.
- 29 — Barras decorativas.
- 30 — Globo terrestre.

TESTES E QUESTIONÁRIOS DE GEOGRAFIA

(1)

Testes para o 4.º ano — (PAULO MARANHÃO). — Dar a resposta que corresponde ao número entre parênteses:

O Brasil é banhado pelo Oceano (1) que o separa da (2). Seu maior rio é o (3) que deságua no (4). Tem como países limítrofes a oeste (5). Possui (6) Estados centrais e (7) marítimos. A capital de Mato Grosso é (8) e da Bahia é (9). Os Estados mais quentes são (10) porque ficam próximos ao (11). O Distrito Federal fica localizado na região (12). Uma extensão de mar cheia de ilhas, próximas umas das outras, é um (13). O lugar onde o rio termina o seu curso, chama-se (14). O Trópico de Câncer é o que se acha traçado entre o (15) e o pólo (16). A zona tórrida é o espaço compreendido entre os dois (17), ficando no meio o (18). A zona temperada setentrional compreende o espaço entre o trópico de (19) e o círculo polar (20).

Respostas:

1 —	11 —
2 —	12 —
3 —	13 —
4 —	14 —
5 —	15 —
6 —	16 —
7 —	17 —
8 —	18 —
9 —	19 —
10 —	20 —

- 1 — Sublinhe os portos da América: Nova Iorque, Paris, Lisboa, Buenos Aires.
- 2 — Quais as duas civilizações mais adiantadas na América, por ocasião do descobrimento?
- 3 — Qual a forma da Terra?
- 4 — Quais os círculos que dividem a Terra em hemisférios ocidental e oriental?
- 5 — Em torno de que linha imaginária gira a Terra?
- 6 — Em que zona está o Brasil?
- 7 — A Lua tem luz própria?
- 8 — Que movimento da Terra produz as estações?
- 9 — Que movimento da Terra produz o dia e a noite?
- 10 — Risque os produtos brasileiros de exportação: café, gasolina, trigo, madeiras, laranja, automóveis, xarque.
- 11 — Sublinhe dois produtos que o Brasil importa: aviões, tecidos grosseiros de algodão, gasolina.

(2)

Nome

Classe Idade anos. Data

- 1 — O lugar em que o rio se lança no mar chama-se

nascente
foz
leito

- 2 — Uma porção de terra cercada de água por todos os lados menos por um, chama-se
- ilha
istmo
península
- 3 — Dá-se o nome de arquipélago a uma reunião de
- cabos
ilhas
promontórios
- 4 — Quando uma porção de mar entra pela terra a dentro, forma-se
- um canal
um golfo
um cabo
- 5 — Quem caminha para o nascente tem pelas costas o
- norte
sul
oeste
- 6 — A montanha que lança fogo chama-se
- cordilheira
vulcão
outeiro
- 7 — Chama-se oceano grandes extensões de
- água doce
água salgada
areia
- 8 — Uma corrente de água doce chama-se
- mar
rio
lago
- 9 — Uma porção de água cercada de terra por todos os lados, chama-se
- lago
rio
ilha
- 10 — O lugar em que nasce um rio é
- mais alto que a foz
mais baixo
muito mais baixo

(3)

Nome

Classe

Idade anos. Data

Você tem neste papel várias sentenças incompletas; diante delas há 4 palavras. Só uma delas é conveniente. Leia cuidadosamente cada uma das afirmações e escolha a palavra mais conveniente para completá-la e sublinhe-a. Faça como neste exemplo:

- O maior rio do Brasil é o
- Amazonas
S. Francisco
Paraíba
Tietê
- 1 — O ponto de maior altitude dos rios que corre para o norte é
- a foz
o leito
a nascente
a margem
- 2 — Está situado na zona temperada o Estado do
- Amazonas
Paraná
Rio Grande do Norte
Espírito Santo
- 3 — O Estado do Brasil situado na linha do Equador é
- Rio Grande do Sul
São Paulo
Santa Catarina
Pará
- 4 — É capital de um Estado central do Brasil a cidade de
- Niterói
Recife
Aracaju
Cuiabá
- 5 — Cabral, quando veio de Portugal para o Brasil, cruzou o
- Oceano Pacífico
Oceano Índico
Oceano Atlântico
Mediterrâneo
- 6 — O Rio Tejo fica na
- Ásia
África
América
Europa
- 7 — O Trópico de Capricórnio corta o Estado de
- São Paulo
Maranhão
Goiás
Pernambuco
- A sentença abaixo é seguida por uma linha pontuada. Escreva nessa linha pontuada uma sentença curta que dê a melhor explicação que você achar para a sentença.
- 8 — O Rio São Francisco corre para o norte porque
-
- 9 — O Rio Paraná corre para o sul porque
-
- 10 — Aqui está um mapa do Brasil. Você vai traçar nele, os rios: São Francisco, Paraná, Tietê, Paraguai, Amazonas, Madeira, Xingu, Tapajós, Negro.

Depois, indique com uma flechinha a direção em que correm esses rios. Assim ↑ para os rios que correm para o norte, assim ↓ para os que correm para o sul, ou assim ⇌ para outros.



(4)

Capitais do Brasil (1) Instruções: — diante de cada nome de cidade há nomes de quatro Estados. Sublinhar só o nome do Estado de que a cidade é a capital.

Manaus é a capital de

Alagoas
Sergipe
Amazonas
São Paulo

Recife é a capital de

Bahia
Santa Catarina
Paraná
Pernambuco

Cuiabá é a capital de

Goiás
Mato Grosso
Pernambuco
São Paulo

Florianópolis é a capital de

Santa Catarina
Paraná
Rio Grande do Norte
Rio Grande do Sul

Porto Alegre é a capital de

Amazonas
Paraíba
Rio Grande do Sul
Sergipe

São Paulo é a capital de

Santa Catarina
Sergipe
São Paulo
Mato Grosso

Teresina é a capital de

Paraná
Sergipe
Piauí
Ceará

Outro modelo. — Certo ou errado.

1 — A maioria dos rios do Brasil corre de leste para oeste
Certo. Errado.

2 — A Ilha de Marajó é a maior da América do Sul
Certo. Errado.

3 — Pela sua extensão territorial, Minas Gerais é o primeiro Estado do Brasil
Certo. Errado.

4 — Etc.

Bibliografia — Ver o excelente Atlas Histórico Escolar — 1.^a edição, 1960 — MEC.

XX

TAREFAS PARA CASA

Procurando certa vez em publicações brasileiras, bibliografia a respeito do tema, objeto d'este capítulo, verificamos, não sem surpresa, que o mesmo não chegou até hoje a provocar a atenção de nossos educadores, diretores de escola e escritores de assuntos pedagógicos, não obstante ser um dos mais sérios e dos mais complexos da vida escolar.

Constituindo essa atividade, nos seus múltiplos aspectos, parte importantíssima do rendimento docente e discente, sobretudo em escolas de período escolar diário reduzido, sempre nos pareceu estranho que não houvesse sobre as *Tarefas para casa*, em nosso meio, qualquer pesquisa, qualquer estudo que não só nos esclarecessem melhor o assunto, mas que também servissem para reformar, racionalizar, sistematizar o trabalho do aluno, na aprendizagem, e do professor, no ensino. Em todos os tempos e em tôdas as escolas, desde a primária, levam os alunos trabalhos ou lições para casa. Em todos os tempos, temos ciência de que reclamam pais sobre a exigência dessas tarefas, embora a considerem de grande valor, como temos ciência de que reclamam os alunos, sobre o que devem fazer em casa, como exercício, lição ou obrigação.

A tarefa para casa, embora considerada de grande valor pedagógico, porque prolonga os efeitos da escola, no lar, aprofunda o aprendizado, como exercício, fixa as noções como atividade de tradução, versão, problema, mapa, cópia, composição, desenho, constitui, freqüentemente, o tormento dos pais, o desespero do aluno, criando, ainda e repetidamente, conflitos entre discípulos e professores, conflitos oriundos de divergências entre a autoridade de uns e o anseio de liberdade, de outros.

Poderíamos citar inúmeros casos dessas crises entre a escola e a família, quanto à tarefa que o aluno não faz, não quer fazer, e à exigência do professor que a passa, exige e reclama, dando margem a lamentáveis problemas na administração escolar.

Como o assunto, porém, é de todos conhecido, porque já fomos atores de tarefas em casa, feitas sabe Deus como, em que circunstâncias e com que meios, e já passamos, como professores, tarefas, contas, "carroções", sentenças, mapas, composições, traduções e problemas, podemos aqui reiterar a nossa surpresa, quanto à ausência em nossos livros e revistas, laboratórios de pedagogia e psicologia, escolas normais e ginásios, de pesquisas sobre o problema que estamos versando, ou sejam — *Tarefas para casa*.

O único trabalho que encontramos sobre o tema, está resumido nesta página em que, em 9 itens, o autor, o Professor FRANCISCO COCCARO, diretor então do Grupo Escolar "Godofredo Furtado", deu um passo, um passo apenas, no assunto que, em benefício do ensino, deveria ser profunda e cuidadosamente estudado.

Eis o trabalho daquele professor:

DEVE O ALUNO LEVAR TRABALHO PARA CASA?

"Eis aí um tema sobre o qual poderia ser escrito um compêndio, tal a diversidade de pontos de vista que os entendidos apresentam sobre o assunto.

E porque constitui matéria de uso prático nas escolas, está a merecer uma investigação cuidadosa, para que seja definido o ponto de vista da maioria.

Antecipando-se a qualquer providência de caráter geral, e porque julga o assunto de real interesse para a escola, o Professor FRANCISCO COCCARO, diretor do Grupo Escolar "Godofredo Furtado", desta capital, resolveu promover um inquérito entre as adjuntas daquele estabelecimento de ensino primário. E o balanço final acusou o seguinte re-

sultado: 34 a favor dos trabalhos domiciliares; 5 contra e 1 a favor, com restrições. Mas as respostas não foram simples. Eram acompanhadas de explanações claras defendendo o ponto de vista adotado.

Da análise dos questionários respondidos e dos debates da reunião mensal, de 25 de abril, resultaram as seguintes conclusões:

1 — As tarefas domiciliares devem ser bem dosadas, considerando a capacidade da classe, e visam inculcar no espírito da criança o hábito de trabalho, noções de responsabilidade e divisão do tempo;

2 — É preciso considerar sempre o interesse do aluno na dosagem das tarefas;

3 — O trabalho da criança deve receber o "visto" do professor, quando não fôr possível a atribuição de notas, como fonte de estímulo;

4 — As tarefas são bem recebidas pelos pais dos alunos e servem de meio para avaliar o adiantamento do aluno e o trabalho do professor;

5 — Na elaboração das tarefas é necessário conciliar a quantidade com a espécie do trabalho a realizar, tendo em vista, as horas de lazer de que a criança precisa, umas para brincar, outras para ajudar os pais;

6 — A tarefa como castigo não é recomendável;

7 — Deve merecer cuidados especiais a dosagem das tarefas para alunos de 1.º e 2.º graus, a fim de evitar que a interferência da família prejudique os hábitos iniciados na escola em prejuízo do aprendizado;

8 — Nos 3.º e 4.º graus, as tarefas domiciliares facilitam e estimulam os trabalhos por equipes;

9 — O hábito do trabalho em casa treinará com incontestável proveito, o aluno para os estudos ulteriores no ginásio ou colégio.

Trata-se, como se pode ver, de um inquérito interessante e oportuno." (Da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos — Rio — N.º 15).

Queremos agora, em rápidos traços, indicar como, em 1953, tentamos investigar mais a fundo o sério problema, em curso de alunos de 14 a 18 anos, trabalhadores na indústria e que, dentro dessa condição, não oferecem o mesmo quadro do aluno de ginásio, colégio, grupo escolar, ou escola normal. Serve a pesquisa, porém, para indicar um caminho e a soma de aspectos que o problema oferece, e cujo melhor conhecimento poderia melhorar de muito o rendimento escolar.

Nosso QUESTIONÁRIO, dirigido a diretores de escolas de caráter industrial, de aprendizagem industrial, apresentou as seguintes perguntas:

1 — Que se deve entender, na prática escolar, como *Tarefa em Casa*?

2 — Sua Escola tem dado essas *Tarefas*?

— alguns professores passam *Tarefas*?

— todos os professores passam?

3 — Quais as finalidades das *Tarefas em Casa*?

— ensinar coisas novas?

— exercitar o aluno (treino)?

— ampliar o poder de ação da escola?

— ocupar simplesmente o aluno?

— realizar em casa aquilo que a escola não pode fazer?

4 — Quando são dadas as *Tarefas*?

— todos os dias?

— em que horas?

— só aos sábados?

— em véspera de feriados?

5 — O professor dita as *Tarefas*?

— o professor escreve as *Tarefas* no quadro?

— o professor entrega aos alunos uma *Fôlha de Tarefas*?

— o professor manda fazer tarefas por livros, apostilas ou sumários?

6 — Onde o aluno faz a *Tarefa*?

— no caderno comum?

— em caderno especial?

— em fôlha solta?

— na própria fôlha do exercício?

7 — Quem verifica a *Tarefa*?

— o professor?

— o diretor?

— o Orientador Didático?

8 — Quando é recolhida a *Tarefa*?

- 9 — Quem corrige a *Tarefa*?
— quando é corrigida a *Tarefa*?
— qual o processo de correção da *Tarefa*? coletivo? individual?
— a *Tarefa* recebe nota?
- 10 — O Diretor é favorável à feitura de *Tarefas em Casa*?
— quantos professores tem a sua Escola?
— quantos são favoráveis à *Tarefa*?
— o Orientador Didático é favorável à *Tarefa*?
- 11 — Todas as matérias ensinam *Tarefas em Casa*?
— qual ou quais não ensinam?
— por quê?
- 12 — As *Tarefas* devem ser mimeografadas e entregues ao aluno?
— deveria haver fichas de problemas para entregar aos alunos?
— folhas de trabalhos de Português?
— folhas de Desenho?
— folhas de Tecnologia?
— folhas de Ciências?
- 13 — Há desvantagens pedagógicas na indicação de *Tarefas em Casa*?
- 14 — Quem auxiliaria o aluno, em casa, a resolver suas *Tarefas*?
— teria livros auxiliares?
— teria material de trabalho?
— teria local de trabalho?
— teria tempo?
- 15 — Não seria interessante a Escola realizar uma pesquisa a respeito dos pontos do item 14?
— em caso de acordo com a resposta, não poderia a Escola usar um questionário a ser preenchido pelo aluno?
- 16 — Haveria possibilidade de a família interessar-se pela *Tarefa em Casa*?
— não seria uma oportunidade para fornecer conhecimentos e ampliar a cultura familiar?
- 17 — Como se poderia interessar a classe como um todo (equipe) na realização da *Tarefa em Casa*, de sorte que cada trabalho concorresse, ou para a produção da classe, no mês, ou para a produção da equipe? (dividida a classe em grupos A, B, C, etc.)
- 18 — Não seria possível adotar-se o sistema de autocorreção, da *Tarefa em Casa*, mediante folhas de *Verificação do Trabalho*, fornecidas aos alunos?
- 19 — Seria necessário atribuir-lhe um valor à *Tarefa em Casa*, (nota, ponto ou palavra estimuladora: Bom! Muito bom! etc.)?
- 20 — Antes de as Escolas iniciarem sistematicamente a prática de *Tarefa em Casa*, não seria preciso orientar os alunos na maneira por que devem estudar?
— em caso afirmativo, que sugere a respeito?
— tem alguma experiência sobre "Nossos alunos e nossos filhos não sabem estudar"?
— a que atribui esse fato?
- 21 — Há uma opinião a respeito do seguinte: "Mais vale o sistema de o aluno aprender em classe, *exclusivamente*, que o de aprender em classe e levar ainda *Tarefa para Casa*."
— Que acha dessa opinião?

TAREFAS PARA CASA

(Sugestões para a pesquisa)

Escola: Cidade:
 Nome: Idade:/...../.....
 Data:/...../..... Turma: Grau:

- 1 — Onde você mora? Bairro:
(Rua, Aven., Alameda, Estrada, Vila)
- 2 — Qual a distância de sua casa à Escola?
- 3 — Que tempo você gasta para vir de casa à Escola?
- 4 — Sua casa é coletiva ou só de sua família?
- 5 — Quantas famílias moram em sua casa?
- 6 — Quantas pessoas há nessas famílias?
- 7 — Quantas pessoas tem a sua família?
- 8 — Quantos cômodos tem a sua casa?
- 9 — Quantos dormitórios?
- 10 — Como é iluminada a sua casa?
- 11 — Qual a condução ou as conduções que você usa para vir à Escola?
- 12 — A que horas você se levanta?
- 13 — A que horas você se deita?
- 14 — A que horas você janta?
- 15 — A que horas você estuda?
- 16 — Quantas horas você gasta, em média, nos divertimentos (esportes, cinema, etc.) por semana?

- 17 — Além do que você estuda na Escola, desejaria estudar ou fazer alguma coisa em sua casa?
- 18 — Você acha que aproveitaria mais fazendo tarefas em casa? (problemas, trabalhos de português, desenho, exercícios).
- 19 — De que tempo você poderia dispor em casa, diariamente, para fazer essas tarefas?
- 20 — No sábado, teria tempo disponível para fazer as tarefas?
- 21 — Poderia fazê-las no domingo também?
- 22 — Em casa você teria lugar para escrever, desenhar, estudar?
- 23 — Poderia estudar sozinho nesse lugar?
- 24 — Ou deveria estudar em lugar onde também estudam outras pessoas?
- 25 — Você ajuda seus pais no serviço da casa?
- 26 — Em casa haveria alguém que pudesse ajudá-lo a fazer tarefas?
- 27 — Em sua casa há livros?
— Dicionário Português
— Aritmética
— Geometria
— Ciências
— Tecnologia
— Desenho Técnico
- 28 — Você poderia fazer tarefas todos os dias, em casa?
- 29 — Em que dias não poderia fazer?
- 30 — Que dificuldades você encontra ao fazer suas tarefas? (Luz fraca, pouco tempo, falta de mesa, lugar impróprio, barulho, rádio aberto, falta de auxílio, cansaço, falta de material, muita gente na sala). Sublinhar a palavra adequada.
- 31 — Que tarefas você acha mais difíceis de fazer em casa?
- 32 — Que tarefas você gosta mais de fazer?
- 33 — Você tem material em casa? (Régua, compasso, esquadro, tinta).
- 34 — Você preferiria fazer exercícios ou estudar só na Escola?

Dêse trabalho, que mereceu cuidadoso acolhimento do Professor NELSON FOOT, de Jundiá, podemos observar quanto parece simples o problema da tarefa para casa, mas quanto é ele, na realidade complexo, eis que envolve questões familiares, escolares, aparelhamento do aluno, de tempo, de higiene mental, de recreação.

Um depoimento valioso.

Vejam ainda algumas notas sobre o assunto. MAURICE DE FLEURY, num livro atualíssimo, não obstante publicado em 1905 — *Nos Enfants au Collège*, diz a respeito do excesso de matérias na escola: "Hoje nossos filhos, libertados do estudo do grego, devem provar conhecimentos sólidos em latim, em francês, em história da literatura, em filosofia, em história, em geografia, em física, química, zoologia, botânica, mineralogia, cosmografia, matemáticas, línguas vivas, sociologia e moral. Como desejais que para tanto baste a juventude, se a vida inteira do homem não bastasse para tanto!"

E depois, com endereço aos professores, "... muito numerosos, muito diversos, muito especializados, no estudo do latim, da história, da química ou das ciências naturais, dão (os professores) cursos transcendentais, enquanto que não seria mister fornecer senão suficientes esclarecimentos; "Observa, acrescenta, que — precisamente porque eles são numerosos e diversos, e que evitam entender-se — os cinco ou seis professores de uma mesma classe distribuem, cada qual por sua conta e sem se preocuparem com o vizinho, lições e deveres copiosos para a classe seguinte, embora desde o segundo ano, muitos alunos, lentos e conscienciosos passem a maior parte de suas quintas-feiras e de seus domingos, a trabalhar, não sem prejuízo para a sua saúde física e sua lucidez de espírito".

"Os números aqui apresentados, merecem ser meditados."

"Nossos alunos (ou filhos) no 1.º ano, têm por semana, 23 horas de aula; 24 a 26, no 3.º ano; 26 ou 27, no quarto; 27 ou 28 horas no primeiro e em filosofia. Têm, além disso, de 5 a 5 horas e meia de permanência na sala de estudos. Isto lhes dá, cinco vezes por semana, oito a nove horas de trabalho intelectual."

"Isto quanto aos internos. Quanto aos externos, o desenho é outro." "Enquanto que o pai e a mãe lêem depois do jantar, conversam sobre seus negócios, vão ao teatro ou jantam na cidade, o pobre garoto, mal retirada a toalha, se põe em ação, sob a lâmpada suspensa da sala de jantar. Frequentemente distraído pelas idas e vindas do pessoal da casa, por seu pai que se compraz em contar incidentes do dia, por sua mãe que faz as contas com a cozinheira, ele se esforça a levar a bom termo a tarefa imposta, sem ninguém que possa elucidar suas dúvidas; e seus olhos pesados de sono, vêm dançar as letras do livro. Sem conselhos, sem direção, inábil em vencer

dificuldades nos manuais, freqüentemente recheados que lhe impõem, ele inveja sua irmã menos atarefada... etc." "Nove a onze horas de presença no trabalho, e para os resultados tão medíocres que vemos; para que depois de dez anos de estudos, assim sucessivos, um professor de faculdade nos peça para traduzir corretamente vinte linhas do latim fácil, nos interroge sobre a regra de três, sobre a feitura do termômetro, sobre os fenômenos da respiração, ou sobre as causas da guerra da América!"

Natureza das tarefas.

Isto apenas, como idéias gerais. Que dizer da própria tarefa, da natureza da tarefa, quando o aluno se vê obrigado a estudar de dez a vinte verbos, a traduzir o que não entende, a bordar mapas (bordados cartográficos — PROENÇA), a repetir frases erradas, a copiar linhas que se dobram, à proporção que o aluno não faz o exigido, a decorar pontos no ginásio, da página tanto à página tanto, pontos sobre assunto que ele já havia bem estudado no primário. Que dizer da cola, como tarefa espontânea do aluno, conhecida e achada até em concursos de professores!

O exame de cadernos de tarefas de alunos é um campo fértil para o estudo de graves desvios pedagógicos, quer quanto à quantidade de trabalho impôsto ou exigido, quer quanto à sua qualidade, à ausência de correção por parte do professor que, perdendo o trabalho, não o corrige, não o vê, sequer.

Estamos até nas escolas normais, com uma grave deturpação de método, no tocante ao ensino e à tarefa. Em muitas escolas não é mais o professor que ensina — é o aluno que anda quebrando a cabeça para descobrir o assunto indicado, o assunto que muitas vezes o professor desconhece. Andam os alunos normalistas de hoje à procura de livros raros, raríssimos, a mandado de professores, e organizando copiosas teses sobre Platão, Aristóteles, Rousseau, trabalhos em equipe (que é um falso método de aprender, ou trabalho individual que nem o professor lê).

Estudo Dirigido.

O presente capítulo sugere o importante problema do estudo dirigido, hoje, uma das maiores conquistas no campo da didática. Por ele ganha o aluno a capacidade de estudar sozinho ou eventualmente auxiliado pelo professor. Mas aprende, especialmente a tirar, planejar e classificar suas notas. Por outro lado adquire experiência no setor da pesquisa bibliográfica e habilita-se a formar a sua biblioteca. A respeito dessa biblioteca escrevemos um bom estudo para o catálogo de livros infantis e juvenis das Edições Melhoramentos.

Sobre Estudo Dirigido ler *A Arte de Estudar*, compilação do autor, *A Arte de Estudar*, de Faria de Vasconcelos, *A Arte de Ler*, de Adler, e o capítulo — Ensinar a Aprender, de *Práticas Escolares II* do autor.

XXI

A CORRELAÇÃO E GLOBALIZAÇÃO DO ENSINO. PROJETOS

Leitura. — "As impressões da criança são globais e sintéticas. A mente infantil percebe o objeto como um todo e a criança não analisa para formar idéias de conjunto. Para ela a percepção de uma laranja não é uma série de qualidades associadas em um lugar de espaço, mas um todo que distingue e reconhece como um objeto individual.

Erro da antiga didática contrário à psicologia infantil era o da divisão das tarefas escolares em matérias ou estudos, cada uma limitada a uma ciência ou disciplina humana. Esta divisão era julgada necessária para simplificar e sistematizar os conhecimentos escolares.

Recebe o nome de globalização do ensino a supressão de demarcação que separou as disciplinas escolares" (AGUAYO).

Matérias discriminadas. — A organização de programas de feição conservador discrimina matérias como unidades fechadas às incursões de outras. Insurgem-se pedagogos diversos contra essa artificial separação do ensino, argumentando que se tal procedimento serve ao professor, não interessa sequer de longe ao aluno. Julgada necessária para simplificar e sistematizar os conhecimentos, dispersa o pensamento que não se fixa em nenhum assunto durante tempo suficiente para dominá-lo.

Combatem ainda a "atomização do trabalho escolar" vários pedagogos da escola nova (BERTOLDO OTO, DECROLY, PAULSEN).

De acôrdo com esta prática, o horário escolar é desenvolvido no interesse do tempo discriminado, como segue: *Leitura, cálculo, linguagem, história ou geografia, noções comuns, problemas, instrução cívica, trabalhos ou ginástica.*

A esta discriminação de atividades na escola, preferiu-se a articulação de matérias em *correlação de estudo*. Continuava a existir o programa clássico, que dava a cada técnica, e a cada ciência o seu lugar, na aprendizagem. Mas, nesta, as matérias faziam freqüentes excursões em outros terrenos, para tomar informes, e para pedir-lhes auxílios. Isso acontece especialmente com a leitura, que não tendo conteúdo próprio, tanto se apropria de questões geográficas como com históricas, científicas ou normativas.

A história, por sua vez, invade o campo da geografia, pedindo-lhe informes sobre o ambiente em que se desenrolaram os fatos. É uma orientação moderna do ensino da geografia — a *geografia histórica*, que propõe aos alunos questões como esta: Por que o grande exército napoleônico fracassou na Rússia?

A correlação é amplamente conhecida na escola e entre nós muito usada; o defeito que lhe emprestam é o de separar artificialmente as matérias, ligando-as apenas por laços impostos pelo professor, que assim age mais no interesse de clareza que no de atender ao processo associativo, natural na criança.

Outra prática consiste no *estudo intensivo das matérias* durante algum tempo, o suficiente para não quebrar a unidade do assunto. Assim seria dedicada uma semana à história, outra à geografia, etc., organizando-se o horário de feição semanal.

As idéias relativas à *globalização do ensino*, fundamentam-se, em bases que têm valor indiscutível.

ANÍSIO TEIXEIRA defende a concepção de um programa constituído com a série de experiências e atividades em que a criança se vai empenhar na escola. Ele combate a idéia (que se lhe apresenta como uma superstição) da organização lógica, externa, em que se acham os conhecimentos nos livros escolares.

"A organização que vale é a que se faz em nosso próprio espírito, à medida que sentimos aumentar o nosso cabedal de conhecimentos, e sentimos articulado, ligado com a nossa experiência passada, influenciando em nossa ação presente e nos fornecendo os meios para o enriquecimento progressivo de nossa vida."

"Matérias escolares, linguagem, matemática, história, etc., não são senão resultados sistematizados dos conhecimentos humanos em forma lógica e abstrata, constituindo um todo de materiais de estudo, para o especialista, não para a criança."

Com estes argumentos que têm a luz clara da evidência, é fácil de ver o terreno que vêm ganhando na escola os trabalhos globalizados. Quatro questões, entretanto, desejamos examinar no assunto, a saber:

- Em que consiste realmente a globalização das matérias?
- A globalização das matérias permite a organização de um programa?
- A globalização traz vantagens para a aprendizagem?
- Em nossas escolas públicas seria possível essa prática?

Globalização. — Examinemos a essência da aprendizagem num estudo globalizado.

Temos um horário "mosaico" de matérias discriminadas por dias e por minutos. Devemos passar da leitura de um trecho referente aos indígenas, ao cálculo sobre frações e à história versando as lutas contra os holandeses. Pela imposição do sistema escolar, não podemos fugir ao corte dos assuntos, uma vez terminado o tempo da aula. A passagem, porém, de um assunto para outro, completamente diverso, não se faz atendendo ao interesse da criança. Atende-se ao fator tempo e ao fator programa discriminando tópicos, exige transcorrido o ano escolar, passem os alunos pelo crivo de provas, revelando conhecimento das matérias estudadas. Este crivo é que avalia o professor e seu ensino.

Essa é a situação de nossas escolas públicas, apertadas no regime imposto pelo Estado que, de acordo com o sistema educativo que adota, localiza o trabalho didático entre considerações econômicas e de tempo. É preciso dar um certo programa e o professor apela para o recurso mais fácil — dá lições referentes aos tópicos do programa em vigor e esquece-se de que há caminhos melhores na aprendizagem e que a criança é o centro das atividades escolares, capaz não só de aprender mas também de sofrer as consequências do mau ensino.

Isto nos leva a considerar o problema da quantidade e da qualidade do ensino. Entre nós tem prevalecido o primeiro critério. Basta examinar o programa de ciências, que devem ser ensinadas a crianças de 11 a 14 anos.

A globalização no ensino altera o problema, localizando-o no terreno da qualidade da aprendizagem. Aprende-se menos, mas aprende-se melhor. O que sofre isso mesmo o assunto deve ser tomado em sentido mental na criança, não no sentido do professor ou das condições exteriores.

A globalização se refere ao aluno, não ao professor. É a criança que aprende em situação global. A globalização diz respeito a associações de problemas, de experiências de assuntos, referentes todos a um mesmo ponto, a um mesmo centro. O professor e o material têm papel apenas de condução e de orientação da experiência. É o aspecto exterior do problema. O professor como guia discreto sugere atividades, orienta a pesquisa, lembra o material, conduz afinal. Deixadas às crianças entregues a si mesmas, seria deseducativo, contra o espírito da educação. DEWEY lembra, neste passo, ser "estúpida" a pretensão de querer que a criança descubra tudo, forge o material de trabalho, aprenda por si mesma, porque a função da escola é justamente a de abreviar o trabalho da aprendizagem, criando situações para isso, e orientando-a com economia de tempo e de esforço.

Problemas para estudo e discussão.

- Qual o sentido da expressão "ensino globalizado" na didática?
- Qual a diferença entre correlação e globalização do ensino?
- Em que fundamentos psicológicos se baseia a globalização do ensino?
- Como organizar, dentro do ensino globalizado, os programas e os horários?
- Quais as vantagens do ensino globalizado?
- Como rebater a crítica feita à fragmentação de aprendizagem pela globalização?
- Quais os diversos tipos da globalização?
- Qual a desvantagem do ensino por matérias discriminadas?

- Quais as idéias mais pacíficas a respeito da percepção na criança?
- Como praticar o ensino globalizado?
- Nesse ensino é possível a utilização de todas as matérias?
- Qual o lugar das técnicas fundamentais no ensino globalizado?
- Quais as desvantagens do chamado horário "mosaico"?

O ensino e os projetos. — A idéia de ensinar pelo meio de projetos, sistematicamente, é de 1908, em Massachusetts (Estados Unidos), quando então pela primeira vez foi empregada a palavra na didática. A princípio designava empenhos de caráter prático que a criança executava fora da escola; passou depois a assinalar um método de ensino, vulgarizado hoje em todo o mundo.

É o projeto o "designio" ou o pensamento de executar alguma coisa, ou é alguma coisa projetada ou delineada no pensamento. PARKER assim o define: "É alguma unidade de atividade, que torna o aluno responsável por esse plano prático" e "KILPATRICK: "é uma atividade preconcebida em que o designio dominante fixa o fim da ação, guia seu processo e proporciona sua motivação". STEVENSON acrescenta a necessidade de ser o projeto executado em seu ambiente natural.

Nestas definições cujas linhas se encontram, está fixada a natureza do método que reformou as técnicas escolares, pondo-se como a melhor arma contra o ensino verbalista e memorizador. Porque é um ciclo de atividade que vai do cérebro às mãos, realizando assim a educação funcional de CLAPARÈDE, e tendo como ponto de partida uma necessidade da criança. Se sempre for praticado como o definem os melhores metodologistas, como um plano esboçado no pensamento e que adquire realidade quando se concretiza numa construção, em alguma coisa de palpável, o método de projetos constitui o método por excelência da escola ativa.

Um bom projeto, lembra AGUAYO, deve ter estas características: uma atividade intencional e bem motivada; que tenha um alto poder educativo; que consista em fazer alguma coisa pelos próprios alunos, em seu ambiente natural. Nós acrescentamos, para completar o quadro, a exigência de ser a atividade profundamente socializada.

Vantagens e desvantagens do projeto. — É natural que não se tenha o projeto como dádiva dos céus, porque apesar de excelente na prática da escola ativa, oferece contudo certas desvantagens. Um argumento que costuma ser apresentado contra o seu uso exagerado é este: Ensino supõe sistematização de conhecimentos e de habilidades ou a formação metódica de uns e de outros. Desenvolver o ensino por projetos seria fracionar perigosamente a ordem e o método da aprendizagem, desordenando as noções, quebrando a ordenação dos assuntos que, por natureza, devam ser aprendidos em certa série, a fim de alicerçar aquisições posteriores. Segundo este ponto de vista, aliás bem moderado, não haverá propriamente aprendizagem, no bom sentido, porque a realização de projetos quebra a unidade natural dos assuntos. BODE, neste sentido, diz: "É possível que os alunos possam estudar muito sobre cálculo, dirigindo uma loja ou um banco escolar, porém só isso não lhes permite dominar os princípios matemáticos de que necessitamos. Representando uma obra teatral também podem adquirir um grande número de fatos históricos, porém isto não é um substituto do estudo sistemático da história".

AGUAYO, por sua vez, lembra que o "método de projetos torna-se com frequência uma ocupação falta de sentido pedagógico e até de interesse para o aluno" e assinala que outro perigo está "na facilidade com que os projetos são substituídos por tarefas que não têm senão uma relação artificial com a vida da criança".

Estas deformações no método, podem, contudo ser evitadas, se atendermos ao espírito, antes de tudo. LEOLA RODGERS diz: "estamos todos de acordo na consideração de que o principal objetivo do ensino (feito por este método) não é ensinar apenas a matéria, mas em desenvolver atitudes, ideais e hábitos corretos", o que põe a aprendizagem no justo caminho.

Basta ver que é este realmente o espírito do método e notar a variedade de situações que oferece na escola.

COLLINGS, lembra que há projetos de construção, de comunicação, de competição, descobrimento e os que levam a criança a distinguir-se em alguma coisa. São projetos por ele denominados: manuais, de contos, de habilidades, de excursão, de jôgo, etc.

KILPATRICK classifica os projetos em:

- 1 — Dar alguma forma exterior a qualquer idéia ou plano;
- 2 — Atividade cujo propósito é aproveitar alguma experiência, como ouvir um conto, contemplar um quadro;
- 3 — Aquêlê cujo propósito é resolver um problema ou uma dificuldade intelectual, e
- 4 — Aquêlê em que o fim procurado é alcançar um conhecimento ou certo grau de destreza.

Examinadas as situações de ensino que os projetos oferecem e as deformações que podem originar na aprendizagem, é fácil escolher um ponto de vista moderado para seu uso em pequenas atividades escolares.

Há passos formais no projeto? — Parece fora de propósito fixar passos na realização de projetos, na escola, porque sendo esta atividade a mais plástica de todas e a mais infensa à fixação de normas, seria mecanizá-la, dar-lhe fórmulas rígidas.

Entretanto, muitos autores fixam linhas gerais da processuação do plano, como HOSIC-CHASE, que apresenta estas: a) uma situação que pede ajustamento; b) a indicação do projeto; c) propor soluções e formular planos; d) execução dos planos, caso tido no empenho; e) apreciação do êxito ou fracasso; f) sentimento de satisfação ou desagrado que acompanha a execução com a atitude que se forma para o futuro.

Este plano que servirá apenas de guia discreto e flexível, de acordo com as situações dos projetos, não pode ser tido na conta de um quadro de passos rígidos e mecânicos que se deva percorrer, obrigatoriamente.

O mais importante a considerar no método é a posição do aluno que aprende. Ele e só ele é que exercita seu pensamento, que pesquisa, que procura material, que experimenta, que ensaia e que erra para alcançar solução do problema ou concluir o plano projetado. O papel do professor é apenas de guia avisado e prudente.

Papel do professor nos projetos. — Como em todas as atividades da vida, aprender significa modelar a atividade inicial por um padrão, um guia, uma direção mais experiente. É esta a função dos mestres.

No ensino por projetos considera-se de alta importância essa função, que o professor desempenhará com vantagem, conhecedor como deve ser das técnicas do trabalho, método na direção da aprendizagem infantil. A isto acrescenta-se a necessidade que ele deve sentir de uma ambientação mínima da escola para realizar o verdadeiro ensino.

Não é qualquer escola que oferece campo para as atividades dos projetos. Há necessidade de espaço, de ferramentas, de ordem, de material. Porque não é educativo este espetáculo. Crianças muito crianças, quebrando imensos caixões com ferramentas imperfeitas; martelando e gritando; trabalhando horas a fio para deixar na sala um imenso monturo de lascas de madeira, papéis e pregos, perdem o tempo inutilmente. O projeto vale pelo professor que deve ver diante de si um fim útil, realizável. É alcançar que conheça o trabalho e a sua técnica, e os meios mais econômicos para alcançar uma finalidade qualquer.

Cabe-lhe sempre a direção das tarefas e embora educativamente esta se transfira para os alunos, ele será sempre o guia de toda a atividade. É o que expressivamente diz PARKER, quando lembra que aqui, mais, do que qualquer outro tipo de ensino, são exigidos maiores conhecimentos e habilidades do mestre, porque: a) às vezes a atividade vai para campos científicos ou históricos e o professor não está informado; b) o projeto exige do professor habilidade executiva para organizar e dirigir trabalhos subdivididos e c) o professor precisa saber orientar bem os alunos no pensamento problemático, onde eles devem ter em conta o seguinte: definir claramente o problema; guardar mentalmente o problema; fazer uma variedade de sugestões, e organizar o pensamento sistemático e sumariar de tempos em tempos suas conclusões definidas. (1)

(1) General methods of teaching in elementary schools.

Problemas para estudo e discussão.

- 1 — Quais as características do método de projetos?
- 2 — Podem realmente os projetos merecer o nome de "método"?
- 3 — Quais os fundamentos psicológicos do método de projeto?
- 4 — Qual o papel das matérias do método de projeto?
- 5 — Qual a função do programa nesse método?
- 6 — Qual o papel do horário?
- 7 — Nosso programa primário pode converter-se em projeto?
- 8 — Como conciliar as exigências regulamentares e o currículo escolar em projetos?
- 9 — Há passos formais nos projetos?
- 10 — Há lugar para o método de projetos em todos os graus primários?
- 11 — Quais as definições mais precisas do método de projetos?
- 12 — Quais as diferenças entre projeto e centro de interesse?
- 13 — Há programas escolares desenvolvidos em projetos?
- 14 — Qual o papel das técnicas fundamentais nos projetos?
- 15 — Como orientar uma classe na organização de um pequeno projeto?

O método de projeto em projeto — A prática desse método em nossa escola primária, por parte de professores iniciantes ou alunos de escolas normais, pode ser realizada com proveito, atendidas certas exigências da adaptação do novo plano de trabalho ao andamento comum do curso primário.

Apresentamos aqui uma série de sugestões ditadas pela experiência e que, por certo, orientarão os desígnios dessa prática. Elas podem ser resumidas nas seguintes normas:

- 1 — Estudar as linhas gerais do método de projetos para aprender com segurança as suas diretrizes.
- 2 — Realizar os primeiros trabalhos em "projetos", de acordo com um professor do curso primário que fornecerá ao trabalho, durante alguns dias, uma hora do período letivo.
- 3 — Iniciar o trabalho sugerido à classe a nova atividade para guiá-la em sua realização inicial.
- 4 — Realizar no início pequenos projetos, de dois ou três dias de duração.
- 5 — Despertar na criança o gosto por esses trabalhos livres, fazendo-a participar com interesse das atividades.
- 6 — Documentar todo o trabalho realizado e fazer observação no decorrer do mesmo, por meio de experiências futuras.
- 7 — Realizar sempre na classe trabalhos de interesse imediato, de forma que a criança sinta a utilidade do que fizer.
- 8 — Dar durante a execução dos projetos liberdade de iniciativa aos alunos, para que nêles se desenvolva a capacidade de criar e de executar.
- 9 — Tomar a princípio, como ponto de partida, assunto do programa escolar, desenvolvendo-os em projetos.
- 10 — Em classes numerosas, realizar o trabalho com pequenas turmas, a fim de, mais facilmente, poder governar a dificuldade.

PLANOS PARA PEQUENOS TRABALHOS

(sugeridos pelo professor)

1. ORNAMENTAÇÃO DA CLASSE (motivo indígena) (2º ano).

Direção — Procure fixar num plano as linhas possíveis do projeto, desde o seu ponto de partida "motivação" até à conclusão do trabalho. Colecione postais, rotogravuras, etc., sobre assuntos indígenas. Exercite-se no desenho pedagógico para orientar a criança no colorido dos desenhos indígenas. Fixe a decoração possível de classe. Estabeleça com precisão os objetivos do trabalho, procurando relacioná-los com outros, de outras aulas (história, leitura, etc.).

Motivação do trabalho — Despertar na classe o desejo da atividade, levando-a a perceber as vantagens do que realiza, por vários aspectos persuasivos: arranjo do ambiente, trabalho em cooperação, treino do desenho, etc. Mostrar à classe tipos diversos de desenhos indígenas. Sugerir a ornamentação da sala com esses desenhos.

Desenvolvimento do trabalho.

- a) Apreciação de motivos indígenas através de gravuras;
- b) Organização de uma barra decorativa com esses motivos;
- c) Aquisição de papel apropriado, divisão em partes, colagem das mesmas em tiras;
- d) Desenho e pintura da barra;
- e) Organização de uma folhinha com o mesmo assunto;
- f) Outras ornamentações sugeridas pelas crianças.

2. O CANTEIRO DA ESCOLA (1º ano).

Motivação — Despertar na classe o interesse pelo preparo de um canteiro escolar para a cultura de flores ou de hortaliça. Estudar com os alunos o plantio de mudas ou a semeadura, os processos de adubação do terreno e as épocas de plantio.

Trabalhos que a atividade sugere: Desenhos relacionados com o assunto, exercícios de linguagem e cálculo, colecionamento de sementes, organização de quadros ou caixas-mostruários com sementes, preparo da terra, plantio e trato do canteiro.

Outras atividades surgirão naturalmente dentro do projeto, cabendo ao professor guiar apenas o trabalho da criança, sugerindo-lhe caminhos de ação e propiciando-lhe situações para observações e pesquisas.

3. OBJETOS ÚTEIS PARA A CLASSE (4º ano).

Direção — Há uma infinidade de objetos que os alunos podem perfeitamente fazer apresentando assim a sala de aula com materiais úteis, entre outros: apagadores, régua, porta-penas, compassos e esquadros, cantoneiras, pequenas estantes, suportes para vasos, cestas de arame para papel, etc.

Motivação — Despertar na classe o desejo de confeccionar algumas dessas coisas, para uso dos próprios alunos, mostrando-lhes que muito objeto útil pode vir das próprias crianças. Os modelos desses materiais podem ser dados pelo professor ou trazidos pelos alunos que, interessados no trabalho, interessarão também as famílias no esboço de modelos e na orientação da feitura dos objetos.

4. O JORNAL DA CLASSE (4º ano).

Direção — No capítulo dedicado à linguagem tratamos do assunto com suficiente desenvolvimento, motivo por que só fazemos aqui ligeiras referências sobre ele. É preciso, porém, assinalar que é um dos mais interessantes exercícios para projetos, por oferecer excelentes oportunidades para a prática desse método da escola nova. Manuscrito, impresso ou mimeo-permitindo não só o trabalho da classe, mas ainda visitas a jornais e tipografias; estudos relativos à imprensa, seleção de recortes, etc.

5. O LIVRO DA MELHOR COMPOSIÇÃO (3º ano).

Direção — Com o fito de despertar na classe o gosto da redação, procure o professor sugerir aos alunos a organização de um livro-coletânea das melhores composições, ilustrado pelas próprias crianças, cujos trabalhos serão por elas mesmas transcritos. É um bom projeto para melhorar a redação dos alunos, praticado até em Escolas Normais. Na de São Carlos, vimos tal livro organizado em 1911, para receber os melhores trabalhos dos normalistas. Na escola primária, o desejo de transcrever um trabalho no livro em apêndice, desperta vivo interesse pela redação e oferece ensino a concursos, a competições educativas, etc.

6. BIBLIOTECA DA CLASSE (3º ano).

Direção — A idéia de organizar na classe uma biblioteca de livros, recortes, revistas e jornais, permite variadas atividades educativas. Para realizar esse projeto deve a classe: a) Estudar quanto de útil se refira a bibliotecas infantis, de classe; b) Estudar os meios de levar a cabo o trabalho, na classe.

Entre outras atividades sugerimos: a) Propaganda em comícios e cartazes; b) Redação de cartas a pessoas amigas da instrução, pedindo livros; c) Festivais, com a organização de programas, convites, letreiros e cartazes; d) Feitura de uma estante e de objetos para ornamentar a biblioteca; e) Colagem de recortes de revistas e jornais; f) Organização do regimento da biblioteca; g) Catalogação dos livros; h) Feitura de marcadores de livros; i) Fichas resumo de leitura; j) Composições, problemas e desenhos sobre o assunto.

7. A SEMANA DA BOA LETRA.

Direção — Dentro do problema "Como melhorar minha letra" há sugestões muito educativas para um projeto em qualquer classe. Para a solução do problema têm as crianças oportunidades de avaliar a importância da boa letra e de buscar meios para realizar o objetivo visado.

Sugerimos para esse trabalho primeiramente a sua motivação, criada à vista de modelos de boa letra, em cartas ou outros escritos, depois a realização da *Semana da boa letra*. Nela deverão as crianças realizar o máximo de esforço em casa e na escola, a fim de melhorar sua escrita. O projeto poderá criar situações para uma exposição dos trabalhos da Semana. Igualmente poderá criar exercícios de ditados, cópias, composições e cartas, além de dar à criança a técnica de escrever.

8. A SEMANA DA BOA LEITURA.

Direção — Em iguais condições das anteriores este projeto será realizado com o problema "Como ler bem". Será uma semana dedicada à expressão e rapidez da leitura e destinada a despertar o gosto das boas letras. Nela cabem variados exercícios, de acordo com o nível da classe: leitura de poesia e de prosa, diálogos, monólogos, fábulas e histórias. Dedicar-se-á especial atenção ao problema da pronúncia, da pontuação e da compreensão na leitura. Organizar-se-á um concurso de velocidade na leitura e outro de expressão. Incentivar-se-á o gosto da leitura em casa, em família. Inventar-se-á o brinquedo de locutor, em classe, cabendo a um ou a outro aluno o papel de transmissor de avisos e de noticiário. Aproveitar-se-á um dia da Semana para "aprender a ler o jornal", com a escolha das melhores notícias. Far-se-á ainda a leitura de revistas, com variados tipos de letras despertando-se também o gosto da criança por esse gênero de publicações.

9. UMA ASSOCIAÇÃO ESCOLAR (4º ano).

Direção — A exemplo de associações de adultos, pode-se sugerir na escola a criação de uma associação destinada a proteger os pássaros, os animais, as plantas, etc. Escolhida pelas crianças uma dessas atividades, há oportunidades educativas muito ricas de ensinamentos e que servem para debates, estudos, organização de estatutos, reuniões, etc., além de variados exercícios de redação. A associação deve ter finalidade prática e levar a criança à realização de ações úteis.

Se for escolhida a proteção dos animais, na atividade, os alunos, além das atividades de proteção a que se obrigam, podem confeccionar cartazes de propaganda, realizar palestras em outras classes, imprimir regulamento de sua sociedade, etc.

10. GABINETE DE FÍSICA (4º ano).

Direção — A organização de um gabinete de física, na classe, oferece margem a uma série de atividades de projeto, de alto valor educativo. Entre os vários aparelhos que as crianças podem perfeitamente construir, citamos: o caleidoscópio, o torniquete hidráulico, o repuxo, o lúdion, o sifão, o anel de Gravesandi, o pirômetro de quadrante, o disco de Newton, brinquedos de física recreativa, vasos comunicantes, nível, fio de prumo, roldana, alavancas, etc.

A organização do museu de física é um projeto para o ano todo e permite a discussão do problema em classe, o desenho, a composição, a cartoneagem, os trabalhos de madeira, e especialmente, a consulta em livros.

Para a organização de tais aparelhos, consulte-se MIGUEL MILANO, *Meu mestre de física*; HEITOR LIRA DA SILVA, *Problemas Práticos de Física Elementar*; A. HÉBERAUD, *Jeux et récréation scientifique*; TOM TET, *La science amusante*.

11. A DESTILAÇÃO DA ÁGUA (3º ano).

Direção — Com uma lata de aveia com tampa, meia tampa de cobertura do queijo Palmita, 30 cm de um tubo de borracha, um fogareiro, etc., pode-se demonstrar, praticamente, o fenômeno da destilação da água. É suficiente fazer sair o tubo de borracha da lata de aveia (do lado) e atravessar a meia tampa de queijo (esta deve ficar de boca para cima).

Colocando-se água na lata de aveia e aquecendo-a, o vapor passará pelo tubo de borracha. Na meia tampa de queijo põe-se água que resfriará o vapor quente. A água sairá então destilada na outra extremidade do tubo.

12. A FABRICAÇÃO DO ALCÓOL (3º ano).

Direção — Colocando-se na lata de aveia garapa azeda e procedendo-se no mais como na experiência anterior obtém-se álcool na outra ponta do tubo.

13. A RENOVACÃO DO MOBILIÁRIO E DO MATERIAL (4º ano).

Direção — Este projeto é de utilidade muito acentuada, podendo abranger o envernizamento do mobiliário, a pintura de algumas peças, o empalhamento de cadeiras, a renovação do quadro negro, a colocação de vidros. Realizado dentro de uma semana oferece, sem prejuízos das técnicas escolares, oportunidades para a aprendizagem de inúmeras noções e habilidades. As meninas podem fazer trabalhos muito úteis como do encapamento de livros, renovação de outros, bicos para armários, capas de cadeiras, etc.

Este projeto com modificações pode servir a qualquer outro grau escolar.

14. MATERIAL PARA APRENDIZAGEM.

Direção — O projeto subordinado à iniciativa "Vamos fazer material de ensino", comporta múltiplas atividades, já contribuindo para dotar a classe de material, já oferecendo material para outras escolas. Com uma semana de trabalhos pode uma classe de 2º ou 4º ano realizar muita coisa, como: jogos para o estudo da numeração, para tabuada e frações; material de sistema métrico, etc. Para a própria classe farão ainda material de cálculo, de física, de geografia. Na parte da história poderão organizar quadros de gravuras, álbuns de retratos, recortes de revista, etc.

15. BRINQUEDOS SIMPLES.

Direção — A confecção de brinquedos, cuja venda pode beneficiar a própria escola com auxílio a suas instituições, oferece um programa de atividades educativas para um ano de trabalho, ou como plano único de trabalhos manuais numa escola.

Depois de bem estudado esse plano, poderá o professor orientar a classe na feitura de brinquedos iguais aos das lojas, habilitando assim a criança a confeccionar o próprio instrumento de distração e a ganhar com as próprias mãos o necessário para viver.

Sugerimos no projeto a feitura de brinquedos de madeira: moinhos, engenhos, carrinhos, caminhões, instrumento de trabalho, etc., de brinquedos de folha: cataventos, aeroplanos, etc.; de papel: papagaio, balões, etc.

16. NATAL DAS CRIANÇAS POBRES.

Direção — O projeto acima, incluído na série de projetos de sentido social, pode ser desenvolvido em classes adiantadas do curso primário, com o objetivo de despertar na criança o sentimento da piedade para com os necessitados. De maior ou menor extensão, o projeto comporta a confecção de brinquedos, roupas, livrinhos de histórias, e de gravuras, etc. Concluído no final do ano letivo, remata-se a atividade com a remessa do material todo às crianças pobres de um orfanato ou sociedade beneficente.

Além de trabalhos de agulhas que podem ser feitos pelas meninas, o projeto permite ainda a doação de livros e revistas usados.

17. UMA CORTINA PARA A CLASSE.

Direção — Este projeto pode ser executado com material variado e constitui um excelente exercício de habilidade manual. O material a ser empregado é o seguinte: pedaços de bambu muito fino (bambu japonês) — de 0m,10, bolinhas de cera, anilina e verniz. O trabalho consiste no seguinte: enfiar de várias cores as bolinhas de cera (do tamanho de ervilha) e enfiar depois, em fio de linha resistente um pedaço de bambu, uma bolinha, um pedaço de bambu, uma bolinha, etc. Isto constitui um fio de cortina e é bastante multiplicá-los. Os pedaços de bambu devem ser passados no verniz.

Para o mesmo trabalho usam-se também rolinhos de recortes de revista em lugar de bambu, e ervilha ou feijão em lugar de bolinhas de cera.

18. UMA CESTA PARA A CLASSE.

Direção — Tome-se arame fino, de varal, que enrolado em volta de uma bengala dá uma porção de círculos. Esses círculos deitados e estendidos dão uma espécie de cerquinha. Cerquinhas e cerquinhas unidas por arame muito fino e ajustadas a um fundo circular de madeira do tamanho de um prato comum, dão uma cesta para papel.

19. UMA TOALHA PARA MESA.

Direção — Projeto para meninos e meninas, que exige material fácil: estôpa colorida. As franjas, os desenhos, dão à toalha excelente aspecto.

20. BARRAS DECORATIVAS.

Direção — A confecção de uma barra decorativa para a classe sugere e permite muitas atividades, bem como o uso de atividades da geometria e de conhecimentos históricos, gráficos e outros.

Entre os muitos exercícios que o plano compreende, destacam-se a escolha do papel, sua medida e divisão, o traçado de figuras geométricas, o estudo de motivos, a estilização dos mesmos, etc.

A barra decorativa pode ser dividida em quadros educativos e receber moldura conveniente.

21. A CAIXA DO CORREIO.

Direção — Despertar na classe o gosto pela correspondência, mostrando à criança o valor do gênero epistolar e a sua necessidade na vida. Motivar o desejo de estabelecer uma correspondência interescolar, fazendo para isso uma caixa de correio, de acordo com o traçado dos próprios alunos.

Construí-la e colocá-la no corredor da escola ou na própria sala de aula. Estudar, com o projeto, o sistema de correios do país e sua organização. Estabelecer entre escolas da mesma cidade um intercâmbio de cartas, a fim de despertar na criança o sentido da amizade e da colaboração.

22. O LIVRO DA CLASSE.

Direção — Organizar com as lições de linguagem dos próprios alunos, por eles ilustradas, o livro da classe. Poderá ser feito um livro único ou o de cada aluno.

A ocasião é muito oportuna para o estudo do formato e dos processos de encadernação. O projeto sugere ainda a visita a uma fábrica de papel, a uma tipografia e casa de encadernação.

Na feitura do livro da classe cabem com vantagens o estudo e a prática de tipos de letras: gótica, americana, etc. Nas ilustrações das lições poderão os alunos exercitar-se no uso do *crayon*, da aquarela, do papel e outros materiais de pintura.

A capa do livro único poderá ser objeto de interessante concurso de ilustrações.

23. MATERIAL PARA A BIBLIOTECA.

Direção — A biblioteca da escola sempre necessita de material, já de ornamentação, já de uso prático. Enriquecer com eles a biblioteca da escola é idéia excelente, que encontra campo variado para a feitura de barras decorativas, cartazes-conselho, quadros, cantoneiras, cabides, cobre-vasos, cestas, etc.

Cabe ao professor sugerir à classe a feitura desse material, guiando a classe no gosto ornamental, no acabamento esmerado do trabalho. O projeto poderia subordinar-se ao problema: "Como ornamentar nossa biblioteca e como enriquecê-la de material?"

24. UM TABULEIRO EM RELÉVO.

Direção — Construir sobre uma mesa uma cena antiga, de interesse histórico: o monjolo. O projeto, poderá levar a criança ao estudo da história, à habilidade manual para a construção do monjolo, e para a feitura de figuras de cera. No mesmo plano cabe o estudo dos vasos comunicantes e do repuxo.

25. A BAÍA DE GUANABARA.

Direção — Com massa de jornal (2), a classe toda construirá em relêvo, a Baía de Guanabara.

Antes do trabalho propriamente manual, é necessário que os alunos estudem a disposição e a conformação dessa baía, arranjem vistas aéreas, que leiam notícias sobre o assunto.

(2) A massa de jornal pode ser feita assim: Papel de jornal bem picado pôsto numa bacia com água. Mexer bem até dissolver-se o papel, formando uma pasta (2 a 3 dias). Juntar a cada punhado dessa pasta um punhado de farinha de trigo. Modelar. Seca a massa, colorir-la com esmalte.

Feito o trabalho em massa que será, depois de seca, esmaltado de várias cores, poderão as crianças construir naviozinhos, para mostrar a entrada da barra, as direções, em aulas de geografia. O relêvo prestará ótimo serviço em aulas de linguagem, geografia e história.

Iguais trabalhos poderiam ser feitos sobre: a foz do Amazonas, a Baía de Todos os Santos, o porto de Santos, a baía de São Marcos, a barra do Rio Grande do Sul, o litoral paulista e a baía de Paranaguá.

26. DE SÃO PAULO A SANTOS.

Direção — Pelo mesmo processo do projeto anterior fazer um relêvo com o trajeto de São Paulo a Santos. É suficiente considerar nele a diversidade de nível entre a capital paulista e a baixada após a serra, e separar do continente a ilha em que Santos está situada. Com o relêvo realizar viagens com as crianças.

27. UMA TABA INDÍGENA.

Direção — Esse projeto de maior ou menor extensão, de acordo com a classe, pode ser executado na própria sala de aula ou em dependência da escola. Sugere muitas atividades educativas, entre outras: estudo da vida indígena, trabalhos de recorte, modelagem e construção, desenho, etc. Como já demos notícia no capítulo de história, a maquete é plano flexível que, a cargo de crianças, oferece curiosas revelações.

28. UM JOGO PARA TABUADA.

Direção — Organizar um jogo de tabuada para a própria classe. Sugerir à criança modelos desse jogo. Como sugestão aqui vai um deles: Sobre um disco de madeira grossa, de 0m,30 de diâmetro, fazer girar um ponteiro na altura de 0m,04. Acompanhando o perímetro do círculo e dêle para dentro colar caixas de fósforos, 8 mais ou menos. Sobre a tampa de cada caixa escrever um número: 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9... e dentro da caixa deixar um cartãozinho com a tabuada completa, correspondente ao número da tampa. O aluno faz girar o ponteiro e se esse parar sobre a caixa de número 8, dirá a tabuada do 8. A verificação se fará depois, abrindo a caixa.

29. A SEMANA DO LIVRO.

Direção — É este projeto de larga envergadura, que encerra elevada finalidade e pode ocupar a atenção de um grupo escolar e articular a família e as instituições sociais à obra da escola.

Os objetos da Semana seriam promover a criação ou o enriquecimento da Biblioteca Infantil, despertar na criança o interesse pela leitura por meio de cartazes, palestras, coletas de livros, rádios, etc.

O plano geral do trabalho poderia ser iniciado com a motivação das atividades, procurando interessar o maior número de crianças no certame. Para tal fim seria aberto um livro de inscrições daqueles que desejassem colaborar na campanha.

Material de propaganda — As seções masculinas e femininas realizariam trabalhos de propaganda como: a) confecção de distintivos para os participantes da Semana, e que seriam vendidos em benefício da biblioteca; b) cartazes grandes e pequenos com desenhos alusivos à Semana e distribuídos por toda a escola (cartazes selecionados em concurso); c) letreiros de propaganda redigidos pelas crianças; d) letreiro grande de pano, para ser colocado diante da escola, com a inscrição: *Semana do livro*; e) marcadores de livros com dizeres sugestivos sobre eles e sobre a leitura; f) boletins impressos em cuja redação colaborassem os alunos.

Entre outros exercícios as crianças poderão redigir composições subordinadas ao título *Gosta de ler? Qual o melhor livro que já leu?*, fazer desenhos, barras decorativas e enfeites para a biblioteca. A *Semana*, terminando por um festival, daria ensejo aos alunos para a feitura de convites, programas, cartas, além da participação integral no programa.

Para todos os trabalhos da *Semana do livro* deveriam ser escolhidas comissões de alunos, como estas: Comissão de Propaganda — Comissão do Festival — Comissão de Rádio — Comissão de Desenho e de Letreiros.

RELAÇÃO DE OUTROS PROJETOS FÁCEIS

- | | |
|---------------------------------|------------------------------------|
| 1 — Uma folhinha para a classe. | 15 — Gaiolas para papagaios. |
| 2 — Uma balança tipo comercial. | 16 — Telas para viveiros. |
| 3 — Um relêvo de São Paulo. | 17 — Instalações de campanha. |
| 4 — Um álbum de poesias. | 18 — Rosa-dos-ventos. |
| 5 — Um quadro negro. | 19 — Esteiras. |
| 6 — Um cabide. | 20 — Empalme de cadeiras. |
| 7 — Balões. | 21 — Envelopes. |
| 8 — Uma bússola. | 22 — Estojos. |
| 9 — Um relógio de sol. | 23 — Caixa para embalagem de ovos. |
| 10 — Um caleidoscópio. | 24 — Covos. |
| 11 — Um cineminha. | 25 — Redes de pesca. |
| 12 — Um porta-toalhas. | 26 — Ancinhos. |
| 13 — Um porta-canetas. | 27 — Espanadores. |
| 14 — Bebedouros para aves. | 28 — Cestos de barbante. |
| | 29 — Quadros de higiene. |

NOTA: O seguinte trabalho de mais se enquadra no plano de centros de interesse — (Do autor).

DA CASA	Da construção propriamente dita	Projeto (desenho) {	Da casa observada Da casa de cada aluno Da classe e da escola — Localização (Geog)			
		Elevação	Alicerces	{ Medidas — O metro (Aritmética) Impermeabilidade do solo (Higiene) Pedras (visita à pedreira) Raízes das plantas		
			Paredes	{ Numeração (problemas sobre nº de tijolos e telhas) Preços (conhecimento da moeda), problemas		
			(Excursão à olaria)	{ Forma das paredes e tijolos e desenhos Linha vertical (fio de prumo), linha horizontal (nível de pedreiro)		
		Argamassa	{ Cal e cimento (proveniência) Saibro Areia (passeio à praia)			
		Madeiramento	Medidas e orçamentos (Aritmética) Plantas úteis à indústria (Hist. Natural)	Sol	{ Orientação Pontos cardiais	{ (Geografia)
			Janelas (Higiene) Forma de portas e janelas (Geometria)	Ar (alimento)	{ Minerais Vegetais Animais	
		Encanamentos	Forma de canos e calhas (Geometria) Conhecimento do litro (Aritmética) Água	}	Bebidas Asscio	
			Chuva			
		Iluminação	Vela	}	Carvão Lenha	
Gás — como combustível Óleo						
Do valor da casa como	Proteção contra o meio	Habitações primitivas (História)	{ A casa dos índios A casa de sapê	{ Costumes Lendas Formação das cidades Vida da roça Lavoura		
	Lar (Inst. Cívica)	{ A família A sociedade (governo) A escola (autoridades)				
	Resultado da cooperação de inúmeros operários	{ O trabalho A Pátria				

NOTA — Muito embora se considere na terminologia didática como projeto alguma coisa que seja pensamento e realização concreta, nós participamos da vida de um trabalho que não se finaliza pela parte concreta, material, também merecem o nome de projeto.

DECROLY E OS CENTROS DE INTERESSE

Leitura. — "Durante vários anos este ilustre pedagogo dirige notáveis instituições e trabalha nelas com a mais severa investigação científica, refletindo ou modificando algumas idéias anteriores e afirmando-se em outras que a experiência repetida confirma.

Rodado de um professorado feminino entusiasta e inteligente, que mais tarde se converterá nas discípulas ferrosas propagadoras, à frente de outros centros de ensino, das idéias do mestre, o doutor DECROLY realiza o admirável trabalho da elaboração da sua pedagogia, que podemos chamar de biológica e psicológica e que pode condensar-se nas fórmulas de: "preparar a criança para a vida na própria vida", e organizar o meio de maneira que nela a criança encontre os estímulos adequados às suas tendências favoráveis." DECROLY procura os fundamentos dos princípios educativos principalmente na biologia. (G. BOON).

Centros de interesse. — São populares os quatro centros de interesses decrolyanos: *alimento-me, tenho frio, defendo-me e trabalho e divirto-me*, correspondentes a outras tantas necessidades sentidas pela criança.

O programa. — Considera-se como programa um único, ainda que aplicado integralmente com alunos mais adiantados. Cada lição é dada primeiramente em classes adiantadas, depois, de acôrdo com as dificuldades surgidas e os resultados imediatos, é experimentada num grau inferior, depois em outro mais abaxo, de modo que quase no mesmo tempo a escola inteira trata da mesma lição. Neste caso, a palavra lição nunca pode ser lida como sinónimo de aula, pois que há lições que pedem muitas aulas, mesmo dias.

Horário. — Precisa-se prescindir no horário na escola decrolyana. Ele parecia a seus organizadores mola automática que a cada vinte ou trinta minutos forçava a mudança de trabalho, sem outra razão senão a do tempo.

A observação. — Nos exercícios da escola de DECROLY, a observação é coisa fundamental. Observar, diz ele, é mais que o mero perceber: é também estabelecer relações entre os aspectos graduados de um mesmo objeto, procurar relações entre intensidades diferentes, verificar sucessões, relações espaciais e temporais; é fazer comparações, notar semelhanças e diferenças no todo ou nas partes; é estabelecer uma ponte entre o mundo e o pensamento.

A experiência de DECROLY o persuadira do seguinte princípio: a maioria das crianças do curso primário entra o mais cedo possível na vida prática e profissional e a ela deverão adaptar-se do melhor modo; por isso é indispensável que se armem de observações e que estas sejam feitas principalmente no primeiro ano.

Associação. — O trabalho de associação nos centros de interesse pode ser dividido em duas partes:

1 — Como são satisfeitas as necessidades da criança em outros lugares da terra, diversos daquêles em que mora? (geografia).

2 — Como foram satisfeitas as necessidades da criança em outro tempo, na região em que ela habita e nas demais? (história).

Adverte DECROLY que a partir de certo nível escolar não se deve limitar o estudo do meio ambiente ao lugar em que a criança vive, mas que é de vantagem aproveitar curiosidades momentâneas que surgem nêle, satisfazendo-as com os fatos da vida familiar e social. Afirma o mesmo pedagogo ainda que a relação estreita existente entre a geografia e a história não deve ser esquecida e que entre elas haja no ensino transição insensível.

Expressão. — Compreende as diversas formas de expressão concreta ou abstrata. À expressão cabe papel importante no caso da observação e da associação: exige a participação de tôdas as faculdades mentais e atua por sua vez sobre estas, servindo ao mesmo tempo para comprovar a marcha do pensamento da criança.

Na expressão concreta entram exercícios de desenho, trabalhos femininos, experiências, práticas de jardinagem e trabalhos manuais próprios ditos.

A expressão abstrata compreende a leitura, a exata compreensão da palavra e o aperfeiçoamento desta, a escrita, etc.

Leitura. — O método de aprendizagem da leitura é, para DECROLY, o ideovisual, que dá nessa aprendizagem predominância à função visual.

Cadernos de documentação. — Nestes cadernos as crianças vão colecionando exercícios escritos e gráficos do curso. Assim elas formam o livro ou os livros da escola. O texto é formado de resumo de lições, síntese de trabalhos, etc. Estes cadernos são chamados *cadernos de vida*.

Problemas para estudo.

- 1 — Qual a importância do método Decroly na pedagogia?
- 2 — Que importância atribui Decroly aos interesses da criança?
- 3 — Qual a importância que atribui à observação?
- 4 — Qual o sentido da expressão: *Escola da vida, pela vida e para a vida*?
- 5 — Quais os característicos do método global na leitura?
- 6 — Como no método decrolyano são considerados os exercícios de associação?
- 7 — Quais os centros de maior interesse para Decroly?
- 8 — Como poderiam ser aplicados em nossas escolas os centros de interesse?
- 9 — Como conciliar o ensino por centros de interesse e os exames finais?
- 10 — Refletem os centros de Decroly realmente os interesses da criança?
- 11 — Como Decroly resolve no método o problema do cálculo?
- 12 — Como, o do horário?

Trabalhos práticos.

- 1 — Organizar um cartaz para o Museu Didático, com as diretrizes do método Decroly.
- 2 — Estudar o livro: *Le calcul est la mesure au premier degré de l'école Decroly* — De Decroly e Hamaidé.
- 3 — Estudar o problema do ensino da leitura no método.
- 4 — Praticar um centro de interesse no primeiro ano: *A alimentação*.
- 5 — Confeccionar material para o ensino de leitura, de acordo com o método.
- 6 — Organizar um jogo de aritmética dentro de um centro de interesse.
- 7 — Praticar um centro de interesse: *O vestuário* — 2º ano.
- 8 — Praticar um centro de interesse: *Os animais nocivos* — 3º ano.
- 9 — Praticar um centro de interesse: *Transportes* — 1º ano.
- 10 — Estudar o programa primário das escolas de São Paulo e adaptá-lo a um ou a vários centros de interesse.
- 11 — Estudar o livro: *Aplicación del método Decroly a la enseñanza primaria* — Ana Rubiés.
- 12 — Orientar a confecção de "cadernos de vida" numa classe do 1º ano.
- 13 — Ler alguns capítulos do livro: *Aplicación del método Decroly* — Gerardo Boon.
- 14 — Organizar um trabalho com esse assunto: *Decroly e o método dos centros de interesse*.

Alguns modelos de centros de interesse. — Os professores primários e os normalistas, estudarão os centros de interesse aqui reproduzidos e procurarão, depois, ensaiar outros nas classes primárias.

1.

INFLUÊNCIA DO FRIO SOBRE A PELE

OBSERVAÇÃO	{	a) aspecto da pele no tempo de frio.
		b) palidez, amarelidão, corado.
		c) crestação da pele exposta (rosto, mãos).
		d) fissuras nos lábios, na pele. A pele queimada pelo sol.
ASSOCIAÇÃO	{	a) congelação do nariz, dos dedos, etc. nos grandes frios.
		b) os resfriados e seus perigos.
		c) ausência de pigmentação nos habitantes dos países frios.
		d) a baixa de temperatura aquém do normal põe a vida em perigo (algidez).
		e) termômetro de máxima e de mínima para observações de temperatura.
		f) o vestuário em tempo de frio. O aquecimento. Os habitantes das regiões geladas.
EXPRESSION	{	a) desenho espontâneo, recortes.
		b) modelagem.
		c) desenho e construção do termômetro.

2.

O BICHO-DA-SEDA

OBSERVAÇÃO	{	a) a lagarta que tece e come.
		b) a crisálida em que esta se transforma.
		c) a borboleta que põe os ovos.
ASSOCIAÇÃO	{	a) o elemento que constitui a crisálida e defende o inseto hibernante e o fio de seda.
		b) como se desenrola o fio do casulo.
		c) como se tece.
		d) comparar o fio de seda com o fio de lã do carneiro.
		e) compará-lo com o fio de algodão.
		f) compará-lo com o fio da bananeira.
EXPRESSION	{	a) realizações.
		b) desenho das metamorfoses.

(Do programa de Minas Gerais).

NOTA: O presente centro, de feição bastante utilitária, presta-se a vários trabalhos de muito valor econômico, hoje, principalmente, para a escola rural. O centro sugere a criação do bicho-da-seda, na própria escola.

3.

O ESCORPIÃO

OBSERVAÇÃO	{	a) um escorpião conservado em álcool.
		b) o último segmento do abdome que contém o veneno.
		c) observar as oito patas que caracterizam a sua qualidade de aracnídeo; dessas, as duas primeiras são precensoras.
		d) a cabeça e o tórax são fundidos (céfalo-tórax).
		e) vive em lugares úmidos e sombrios.
ASSOCIAÇÃO	{	a) comparar a aranha; número de patas (8) o céfalo-tórax.
		b) comparar com a vespa (6 patas, cabeça, tórax e abdome).
		c) as glândulas de veneno da aranha encontram-se nas quelíceras (apêndices bucais dianteiros).
		d) a teia de algumas aranhas é aproveitada na fabricação do retículo das lentes astronômicas.
EXPRESSION	{	a) desenho espontâneo.
		b) atividade em casa: recorte de animais de 8 patas, de 6, para colagem. Organização de dois quadros.

(Do programa de Minas Gerais).

NOTA: No desenvolvimento do presente centro poderão os alunos praticantes fazer desenhos pedagógicos adequados à explicação da anatomia do escorpião. Além disso praticarão modelagem em massa de jornal, modelando o corpo do animal. O centro sugere ainda a organização de uma pequena coleção de animais, em álcool.

4.

A ARANHA

- OBSERVAÇÃO { a) colecionar em vidros ou tubos de aspirinas aranhas de diversos tipos. Observar o corpo, o número de olhos e de pernas. Observar a fabricação e o estilo das teias. Observar as casas da aranha. b) observar os ferrões e a glândula do veneno.
- ASSOCIAÇÃO { Classificar a aranha na série animal, observando semelhanças e diferenças. Estudar diversos tipos de aranha e sua função venenosa. Estudar como se prepara o soro contra a picada da aranha e os efeitos dessa picada. Estudar o escorpião e outros animais venenosos.
- EXPRESSÃO { Desenhar o corpo da aranha em ponto grande. Desenhar a cabeça da aranha, com os seus ferrões. Modelar uma aranha. Desenhar motivos sobre a aranha (desenho ornamental). Ler trechos referentes à vida da aranha.

NOTA: Este centro, que já desenvolvemos com bastante êxito num 4º ano primário, permitiu aos praticantes as seguintes atividades: a) prova de verificação dos conhecimentos das crianças sobre a aranha; b) desenhos pedagógicos; c) orientação de trabalhos escritos; d) correção desses trabalhos, etc.

5.

O GUARANÁ

- OBSERVAÇÃO { Observar em mapa do Brasil a região produtora do guaraná. Observar gravuras da árvore e o bastão de guaraná, a língua do pirarucu que o rala. Ralar o guaraná, observar o pó. Observar trabalhos de ornamentação fabricados com guaraná.
- ASSOCIAÇÃO { As regiões do Brasil produtoras do guaraná. Como os índios se utilizavam do guaraná feito bebida. Processos de preparação. O guaraná na medicina, na indústria. Preparo atual do guaraná. A bebida. A exportação. O valor.
- EXPRESSÃO { Desenhar as cenas da colheita e preparo do guaraná. Desenhar a árvore e o fruto. Modelar a cena: a apanha do guaraná. Ler trechos referentes ao guaraná, consultando a literatura das coisas amazônicas. Recortes e colagem. Organizar um quadro-resumo.

NOTA: Este centro de grande interesse para as crianças pode sugerir a organização de vários quadros murais, que mostrem as diversas fases da vida do guaraná.

6.

O PÃO

- OBSERVAÇÃO { As partes do pão. Preparar em classe a massa do pão. Observar a farinha, a massa levedada (gota de iodo). Reação azul característica do iodo sobre os amiláceos. Visitar uma padaria, a fim de observar a arca do pão, o forno e como o padeiro põe os pães a assar.
- ASSOCIAÇÃO { Os biscoitos e bolos também se assam no forno.
- EXPRESSÃO E REALIZAÇÃO { Desenho: o padeiro, a carroça do padeiro. Cartonagem: a arca do pão. Modelagem: um pão.

7.

O FEIJÃO

- OBSERVAÇÃO EM CASA E NA ESCOLA { a) como e onde se prepara o feijão. b) a planta do feijão, as vagens, os grãos crus e cozidos.
- EXPERIMENTAÇÃO { a) plantar grãos de feijão em algodão úmido. b) observar a germinação.
- ASSOCIAÇÃO { Alimentos em grãos como o feijão: ervilhas, lentilhas, arroz, fava, etc.
- EXPRESSÃO { a) a panela do feijão ao fogo. b) o grão do feijão. c) recorte ou modelagem espontânea sobre o assunto.
- ATIVIDADES { Procurar para o museu da classe os grãos alimentícios que conhece.

(Ambos do programa de Minas Gerais).

Trabalhos práticos.

- 1 — Estudar a biografia do Dr. Decroly.
- 2 — Ler a respeito de seu método os seguintes livros: *El método Decroly*, A. Ballesteros; *Aplicación del método Decroly*, Gerardo Boon; *La méthode Decroly*, A. Hamaide; *Problemas de Psicología y Pedagogía*, O. Decroly; *La iniciación a la actividad intelectual y motriz por los juegos educativos*, O. Decroly e Mlle. Monchamp.

XXIII

PLANO DALTON

Leitura. — "Pelo Plano Dalton a criança pode progredir de acôrdo com seus próprios esforços. Não se atrasa por causa de outros alunos, nem desanima por causa do adiantamento de outros mais inteligentes. A criança recebe auxílio individual, justamente quando mais necessita d'êlo, e todo aluno pode dar maior tempo à matéria em que se sintá mais fraco.

Os alunos aprendem a governar-se por si mesmos e a desenvolver a própria iniciativa. Cada qual habilita-se a trabalhar para si e a fazer uso do material de consulta e de outros meios de estudo.

No aluno desenvolve-se amplamente o espírito de sociedade e de companheirismo, e êle é levado a pensar no bem-estar alheio e dos que com êle trabalham, assim como a auxiliar o vizinho necessitado de ajuda. Desenvolve-se ainda na criança o sentido da valorização do tempo, assim como o da preparação da atividade.

Aprende a criança a verificar as informações que lê, mediante o uso de mais de um livro de texto, o que contribui para enriquecer seus conhecimentos.

Não há, no Plano Dalton, deveres para casa. A não ser em casos excepcionais, tudo é feito na escola. Não há também, no plano, o problema da disciplina. A liberdade de ação fomenta e cria uma atmosfera social de harmonia e assim observamos que as crianças chegam a ponto de medir seus atos, guiando-se por si mesmas, sem necessidade de vigilância" (De um artigo sôbre o Plano Dalton).

O Plano Dalton é uma organização devida a Miss HELEN PARKHURST, de Nova Iorque, com o objetivo de realizar na escola o trabalho individual, sendo aplicável tanto na classe primária como na secundária. É uma nova forma de trabalho com vistas a um rendimento mais seguro. Segundo a sua criadora, é "uma simples e econômica reorganização das escolas, mediante a qual se obtém a maior eficiência possível nas relações entre professores e alunos. Nela a ineficiência se reduz ao mínimo, mas não há alteração nem aplicação do curso. Não exige material especial e vultuoso, nem sequer instalações de valor. Exclui a idéia de metodologia especial para cada matéria e oferece as mesmas oportunidades de progresso tanto para o aluno de inteligência brilhante como para o tardo, sem provar cansaço ou aborrecimento para alguém".

O Plano Dalton repousa, principalmente, nestes três princípios: *liberdade, cooperação, individualidade*. Em sua mais alta expressão supõe a reorganização de classes e de programas e, sobretudo, a reforma da vida social da escola.

Uma escola organizada de acôrdo com o Plano Dalton apresenta êsses três característicos: 1) *Laboratórios*, que podem ser idioma (composição e linguagem) literatura, aritmética; geografia; história; desenho, ciências naturais. Nos laboratórios, que são salas ambientes, encontram os alunos, além do material indispensável ao estudo, bibliotecas especializadas, mapas e quadros. 2) *Professores especialistas*. A adoção do Plano Dalton exige professores especialistas em matérias particulares ou em grupos de matérias afins. O problema do professor, pode, segundo LYNCH, ser resolvido da seguinte forma: "sempre que há numa escola um grupo de professores, é natural encontrar-se inclinação d'êstes ou daqueles para determinadas matérias. De boa vontade êles se dedicariam a elas".

Os professores do Plano Dalton permanecem nos laboratórios, orientando o trabalho da criança. Curioso é um característico do Plano: antes eram os professores que iam de uma classe para outra, agora são os alunos. 3) *Matérias*. "As assinaturas são uma porção de trabalho que o aluno deve apresentar em tempo determinado." Êsse

trabalho, geralmente, é dividido em frações, com as denominações seguintes: *contrato* — trabalho para um ano em determinada matéria; *assinatura* — trabalho para um mês; *período* — trabalho para uma semana; *unidade* — trabalho para um dia.

Cada período contém cinco (5) unidades de trabalho em cada uma das seis matérias (Ver quadro anexo). A divisão do tempo é assim feita:

Matérias	Horas semanais que contam	Horas de trabalho livre	Diariamente
Gramática e composição	5	5	60 minutos
Literatura	5	4	48 "
Matemática	4	3	36 "
Geografia	2	1	12 "
História	2	1	12 "
Desenho e Ciências	2	1	12 "
Total	20 horas	15 horas	3 horas

TRABALHO DE UM MÊS

DIA	Desenho e Ciências	Idioma	Geografia	História	Literatura	Matemática	TOTAL
1.º	—	4	—	—	—	5	9
2.º	—	—	—	5	—	5	10
3.º	3	1	5	3	1	5	17
4.º	—	—	5	—	4	—	9
5.º	3	3	—	—	—	—	6
6.º	2	2	—	—	—	—	4
7.º	—	—	10	—	4	5	19
8.º	5	—	—	—	5	—	10
9.º	—	3	—	10	6	—	19
10.º	5	2	—	2	—	—	9
11.º	3	5	—	—	—	—	8
T.	20	20	20	20	20	20	120

UNIDADES DO TRABALHO

- 9a) *A ligação gramatical.*
Pronome pessoal.
Concordância do verbo com o sujeito em número.
Composição escrita.
- 10a) *Exercícios de pontuação.*
Homônimos.
Cartas e despedida.
Redações.

Nota: Para cada contrato são organizadas questões diversas que os alunos, individualmente, precisam resolver. Para isso o contrato indica os livros que o estudante deve consultar.

A escola funciona em regra, 27 e meia horas. A diferença de horas entre este limite e o assinalado no quadro é dedicada ao estudo da Bíblia, à ginástica, ao canto, registro e recreio — *Gráficos e registro.* — Ao professor, neste plano, cabe registrar cuidadosamente o trabalho do aluno. Os gráficos que ele usa, permitem saber como a criança trabalha, quais os seus progressos, necessidades, e aptidões. O aluno, por sua vez registra o andamento de seu trabalho, conhece sua situação com relação às matérias e pode assim distribuir proficientemente seu tempo.

Os gráficos do Plano Dalton compreendem: a) a folha do aluno; b) o gráfico do mestre; c) o gráfico da escola.

OUTRO MODELO DE CONTRATO, GEOGRAFIA

*A América do Sul está a sueste da América do Norte.
É menor que esta.*

Leia as páginas..... do livro.....

- Depois responda a estes problemas:
- 1 — O istmo do Panamá liga a América do Norte à do Sul. Por que hoje estão aparentemente separadas?
 - 2 — Compete as duas Américas quanto à conformação, tamanho e população.
 - 3 — Diga a superfície da América do Sul.
 - 4 — Descreva-lhe o clima.
 - 5 — Que lago está a três milhas acima do nível do mar e como se encontram embarcações nêle?
 - 6 — Sabemos que as terras vizinhas ao Equador são quentes, porém o Lago Titicaca é frio. Por quê?
 - 7 — Compare o vale do Amazonas com o do Mississipi.
 - 8 — Nomeie três rios da América do Sul e diga o curso de cada um.
 - 9 — Que são selvas, lanos e pampas? Onde se encontram?
 - 10 — Que corrente marinha existe entre a América do Sul e a África, a Ásia, América do Norte e Oceania?

- Problemas para estudo.
- 1 — Quais os característicos do Plano Dalton?
 - 2 — Que papel representa no Plano, o trabalho individual?
 - 3 — Que vem a ser um Laboratório nesse Plano?
 - 4 — Que é nêle contrato?
 - 5 — Como é feita a distribuição de matéria?
 - 6 — Como os alunos registram seus trabalhos?
 - 7 — O Plano Dalton é socializador da criança?
 - 8 — O Plano Dalton dá importância aos trabalhos manuais?
 - 9 — Qual a função dos professores no Plano?
 - 10 — Como poderá ser organizada nossa escola nos moldes do Plano Dalton?

Ler e interpretar a seguinte opinião do Dewey a respeito do Plano:

“É um sistema novo que vem revolucionar de certo modo o sistema de educação, com finalidades e processos modernos, por meio de uma educação bastante independente sob a base da responsabilidade. O maior defeito que nêle observo é que, um excesso de liberdade, em vez de benéfico, pode ser prejudicial à criança e por isso, à sociedade.”

Trabalhos práticos.

- 1 — Fazer em cartaz uma sinopse do Plano Dalton.
- 2 — Preparar e fazer em classe uma preleção sobre o Plano.
- 3 — Organizar uma série de contratos baseados em nosso programa oficial.
- 4 — Estudar nesse Plano o problema da responsabilidade e da liberdade do aluno.
- 5 — Estudar a aplicação do Plano Dalton no Rio de Janeiro.
- 6 — Praticar com algumas crianças o Plano Dalton.
- 7 — Ler o livro de A. J. Lynch — *Trabalho individual na escola segundo o Plano Dalton.*

DISTRIBUIÇÃO DO TEMPO

Pelos dois quadros abaixo pode-se conhecer, perfeitamente, a distribuição do tempo de trabalho no Plano Dalton.

DIA	ANO	Manhã					Tarde				
		9 a 9,30	9,30 a 10,30	10,30 a 10,40	10,40 a 11	11 a 12	2 a 2,10	2,10 a 3	3 a 3,10	3,10 a 3,30	3,30 a 4,40
		Registro e Bíblia	Trabalho livre	Trabalho livre	Canto Ginástica Aritmética Idem	Trabalho livre	Registro e observações	Literatura Matemática Ciências Geografia História	Recreio	Ginástica Canto Cál. mental Idem	Recreio
					Canto Ginástica Aritmética Idem			História Literatura Matemática Ginástica Geografia		Cál. mental Ginástica Canto Cál. mental Idem	
					Aritmética Idem Canto Ginástica Aritmética			Geografia História Literatura Matemática Ciências		Cál. mental Idem Ginástica Canto Cál. mental	
					Aritmética Idem Canto Ginástica Idem			Ginástica Geografia História Literatura Matemática		Cál. mental Idem Idem Ginástica Canto	
					Ginástica Idem Idem Canto Ginástica			Matemática Ciências Geografia História Literatura		Canto Cál. mental Idem Idem Ginástica	

XXIV

MÉTODO COUSINET

A idéia central de COUSINET (*) é a de que qualquer método pedagógico que exige grande sacrifício de parte dos alunos e do professor é mau porque, traz obstáculos à plena realização da vida em lugar de facilitá-la. Método ideal é aquele em que a educação é o resultado natural da realização da vida e não o produto artificial de uma adaptação forçada para alunos, para professores ou para uns e outros.

Observando os impulsos infantis de companheiros e de sociabilidade, COUSINET ideou na escola o trabalho por grupos ou equipes. Nessas equipes os alunos trabalham como no Plano Dalton, podendo cada equipe escolher livremente os temas para a atividade, sempre dentro do espírito de cooperação.

O plano é flexível e leva os alunos, por sua própria atividade e apenas estimulados pelo professor, a desenvolver suas iniciativas, autodisciplinar, escolhendo ao mesmo tempo os trabalhos mais de acordo com suas preferências e inclinações.

Enquanto alguns redigem no quadro negro, outros escrevem em cadernos, planejam trabalhos futuros. E dentro da variedade de trabalhos dá colaboração, respeito mútuo e rendimento.

A constituição das equipes. — Ver neste livro o capítulo "O trabalho do aluno". Alguma coisa a mais deve ser conhecida na constituição das equipes, e na realização dos trabalhos, a saber:

- a) a equipe é constituída por crianças que tenham o hábito de escola;
- b) o método não pode ser ensaiado em classe de 1º ano;
- c) as equipes devem formar-se naturalmente e subordinar-se à influência dos mais capazes;
- d) os grupos não devem ser de pequeno número de componentes;
- e) devem eles gozar da mais ampla liberdade;
- f) podem organizar assembleias, discutir planos, indicar o trabalho do dia, pedir orientação ao mestre, etc.;
- g) não há horário para o trabalho das equipes;
- h) há, porém, uma imposição: nenhum trabalho deve ser iniciado sem que o anterior esteja terminado;
- i) alguns dias são dedicados à representação de contos e de pequenas comédias escritas pelas crianças, à recitação de poesias de alunos, ou de outros autores;
- j) os grupos formados podem ser desfeitos e reorganizados com novos elementos. Fundamental é que nisso, não haja intervenção do professor.

O trabalho de cada equipe.

- 1 — Escolha do trabalho: coleta de dados de preferência por meios reais, ou de documentação precisa em certos assuntos.
- 2 — Trabalho do grupo no quadro negro.
- 3 — Correção de erros.
- 4 — Cópia no caderno individual e no de classe.
- 5 — Desenho individual relacionado com o assunto ou para esclarecê-lo.
- 6 — Escolha do melhor desenho para ilustrar o caderno de classe.
- 7 — Leitura do trabalho, em grupo.
- 8 — Ficha-resumo do trabalho feito.

NOTA: Este plano flexiona-se de acordo com os assuntos.

O Método Cousinet na prática. — O método considera as diferenças individuais dos alunos, dá atenção ao problema, serve para o meio rural e urbano, valoriza as excursões dos alunos para um contato maior com a vida real, procura ligar a vida da escola da família e comunidade.

(*) ROGER COUSINET, inspetor do ensino primário da França e criador do método.

O professor no Método Cousinet. — Para COUSINET, são condições indispensáveis ao professor, para empreender com êxito a tarefa de seu método:

- 1 — Grande fé na criança, em seu poder criador, nas forças misteriosas que regulam seu desenvolvimento;
- 2 — Profundo hábito de observação;
- 3 — Ausência de preconceitos que sugestionam, cegam e impedem de ver claro;
- 4 — Caráter simples e bondoso;
- 5 — Capacidade de refazer e aumentar sua cultura;
- 6 — Capacidade de ocupar todos os alunos e de atendê-los nas suas necessidades.

Problemas para estudo.

- 1 — Como se realiza a formação das equipes no Método Cousinet?
- 2 — Quais as vantagens de um plano como esse?
- 3 — Qual a importância do trabalho escolar em cooperação?

Trabalhos práticos.

- 1 — Estudar no livro *Et método Cousinet*, de Concepción S. Amor, o plano de trabalho sobre Ciências Naturais.
- 2 — Ensinar numa classe de 4º ano a formação de equipes para um estudo de história.
- 3 — Ensinar a mesma formação para a construção de aparelhinhos de física.
- 4 — Trabalhar durante uma semana com uma equipe que estuda o assunto: *A seda*.
- 5 — Relatar em classe as idéias fundamentais do Método Cousinet.

XXV

SISTEMA DE WINNETKA (*)

Leitura. — “Por escola de ensino individual entendemos aquela em que cada aluno trabalha por e para si mesmo, onde a criança vê claramente os objetivos para os quais se dirige, passando ao seguinte uma vez alcançado o mais próximo. Se alcança todos os objetivos desse grau, em uma matéria determinada, pode começar o trabalho do ano seguinte, sem esperar por seus companheiros, e sem que ela alcance nas demais matérias o nível que alcançou numa.

Não há necessidade de mudar de classe: uma criança pode, por exemplo, fazer o programa de aritmética do 4.º ano e do de leitura do 5.º; apenas, se em algum caso, o adiantamento em determinada matéria é de dois anos com relação àquela em que está mais atrasada, deve ela dedicar-se, especialmente, a esta última, para não aumentar a divergência.

“Não há horas fixas para a aula; cada criança trabalha por si, segundo seus próprios impulsos.”

Princípios fundamentais da técnica Washburne.

1. Estabelecer mediante investigações científicas quais os fatos e capacidades de que todas as crianças têm necessidade de aprender, e a maneira de adquiri-los mais favoravelmente.
2. Transformar a administração da escola e a direção das classes de tal maneira que cada criança possa adiantar-se de acordo com o seu próprio ritmo, quer dizer, com suas diferenças individuais os alunos todos alcançarão os mesmos objetivos em tempos distintos.
3. Por um método de trabalho de ensino mais eficaz, das técnicas fundamentais, deixar tempo no programa para as atividades coletivas.
4. Organizar as escolas de maneira que preparem as crianças para uma vida de adultos, útil e equilibrada ao mesmo tempo que lhes permita viver sua vida infantil de maneira sã e natural.

No Plano Winnetka e dentro desses objetivos, organizam as crianças assembleias que elas mesmas dirigem, fazem reuniões, esboçam programas, relatam o que leram em livros, realizam excursões, dramatizam costumes de um povo, trabalham nas oficinas, desenham, pintam e cantam ou preparam a revista editada na imprensa da escola.

Verificação do rendimento escolar. — Os alunos usam manuais escritos especialmente para eles nos quais encontram seu programa dividido em unidades de trabalho agrupadas em objetivos. Com esses manuais realiza o aluno, normalmente, seu trabalho sem auxílio do mestre. A cada unidade de trabalho correspondem exercícios de treino e a cada objetivo um teste de ensino, que permite ao aluno dar conta do domínio ou não da matéria. A correção dos exercícios e dos testes é feita pelo próprio aluno. Quando a criança julga dominar perfeitamente um tema, pede ao professor um teste de verificação (control); este demonstra esse domínio ou aponta as deficiências do aprendizado. O rendimento geral do trabalho é mostrado em fichas que especificam os pontos alcançados.

Um exemplo de exercícios individuais (extraído de um manual). — “Leia atentamente as explicações e faça depois os exercícios. Escreva os resultados em seu caderno e verifique-o depois. Quando encontrar em qualquer exercício algumas operações com

(*) Winnetka — cidade às margens do Lago Michigan — Estado de Illinois. Lugar em que WASHBURNE pôs em prática seu método.

as respostas já escritas, deve ocultá-las com papel, e fazer as operações, verificando depois se acertou. Cada erro que cometa deve ser marcado com uma cruz. Estude com cuidado as respostas certas antes de ir adiante.

Na página seguinte há um teste de ensaio. V. pode fazê-lo e comprovar o resultado para ver se está em condições de fazer um teste real.

Trabalhe tão rapidamente quanto puder, sem descuidar, porém, da exatidão. Terminado o trabalho, observe as respostas para ver se há erros. Em caso afirmativo, estude cuidadosamente as operações onde houver erros, até sabê-las perfeitamente e só então deve V. fazer o teste de ensaio seguinte.”

Alguns exercícios de aritmética (em cartões ou cadernos).

EXERCÍCIO N.º 7 — Cartões com figuras (sete coisas ou animais) e exercícios.

Somas:	2	4	1	5	0	1	2	4	5	2
	2	1	5	5	0	4	1	4	1	1

Problemas ilustrados. — Depois dos problemas de soma vêm os de outras operações.

Material de leitura (1.º ano). — Material da criança — 35 cartazes (0,14 x 0,18) com ilustrações e legendas explicativas; 7 fôlhas (0,23 x 0,31) com legendas explicativas; 4 fôlhas com frases impressas, que figuram nas histórias dos cartões que podem ser cortadas. Um livro de leitura.

Método global. — A verificação da aprendizagem é feita por meio de testes de leitura silenciosa.

Plano de trabalho. — Metade das manhãs e metade das tardes são dedicadas ao trabalho individual com as matérias. As outras metades são consagradas aos trabalhos em comum ou a atividades recreativas.

PARALELO ENTRE O SISTEMA PEDAGÓGICO PLANO DALTON E O SISTEMA WINNETKA (WASHBURNE).

DALTON

WINNETKA

- | | |
|---|---|
| 1. Não prevê trabalho por grupo nem atividade criadora. | 1. Concede a metade das manhãs e das tardes para atividades criadoras e coletivas, as quais estão livres de qualquer nota, promoção e uniformização. |
| 2. Não exige nenhuma mudança essencial nos programas nem manuais escolares. | 2. Constrói seus programas, baseando nas unidades de trabalho a se realizar em lugar de basear-se em unidades de tempo. |
| 3. Não se funda em nenhuma investigação científica e seus resultados não têm sido — até esta data — controlados. | 3. A técnica de WINNETKA está baseada nas unidades de trabalho a realizar, em investigações científicas e seus resultados têm sido controlados, demonstrando-se que são claramente favoráveis e conduzem a um melhor rendimento nos ramos técnicos (leitura, escrita, cálculo, etc.). |
| | Ademais, permite mais liberdade que outros tipos de escola, para o desenvolvimento das atividades coletivas e criadoras. Produziu manuais de tipo novo assim como testes. |
| 4. Segundo a própria Miss PARKHURST, trata-se de um veículo que transporta com frequência a pior das velhas rotinas tradicionais. KILPATRICK assegura que uma das principais razões que contri- | 4. Não é um veículo, mas uma reconstrução do material e métodos de ensino, baseada em conhecimentos psicológicos atuais. Os resultados são eficazes. |

buíram para a sua difusão foi a de imaginar alguém fazer alguma coisa de novo, quando na realidade não introduz nenhuma inovação que altere pontos essenciais.

5. Liberdade a todos os alunos.

5. A criança há de provar a capacidade para empregar seu tempo de modo inteligente, antes de lhe ser permitido organizar seu próprio programa. A divisão dos alunos em dois grupos, um submetido à vigilância, e outro livre, constitui excelente estímulo, pois os do primeiro grupo aspiram a mostrar-se dignos de trabalhar livremente e os do segundo têm cuidado de não abusar da liberdade. — *Washburne*.

Problemas para estudo.

- 1 — Qual a importância atribuída ao trabalho individual no Sistema Winnetka?
- 2 — Como, no mesmo Sistema, é tido o trabalho coletivo?
- 3 — Quais as diferenças essenciais entre o Sistema Winnetka e o Plano Dalton?
- 4 — Como é dirigido o trabalho do aluno nesse Sistema?
- 5 — Como se considera nêle a questão das diferenças individuais?
- 6 — Que liberdade é concedida à criança?
- 7 — Poderia ser tentada em nossas escolas a aplicação desse Sistema?

Trabalhos práticos.

- 1 — Estudar o sistema no livro *El sistema de Winnetka en la práctica* — Juan Comas.
- 2 — Estudar nêle o programa de cálculo.
- 3 — Idem, idem, o de história.
- 4 — Idem, idem, o de ciências naturais.

XXVI

MÉTODO MONTESSORI

Leitura. — "O Método Montessori tem por finalidade favorecer a auto-educação da criança. Exige observação sistemática do pequeno ser humano o que conduz a um conhecimento perfeito de sua natureza e de suas necessidades; permite colocá-lo em meio apropriado em que possa encontrar os jogos necessários ao exercício de suas faculdades. A criança deve ser dada escolher livremente êsses exercícios, segundo os reclamos íntimos de sua natureza e as imperiosas exigências de seu organismo..." (M. DE PAEW).

As lições. — Neste método as lições são individuais. Característico principal delas deve ser a *brevidade*. Uma lição tornar-se-á tanto mais perfeita, quanto mais limitado for o número de palavras.

A *simplicidade* é outra virtude da lição montessoriana. O terceiro predicado deve ser a *objetividade*. Torna-se indispensável que desapareça a personalidade da professora, para que só o objeto da lição fique em evidência.

Nessas atividades da escola Montessori a observação deve ser o guia fundamental.

A aplicação do Método Montessori e o material didático. — Sob o ponto de vista do desenvolvimento fisiológico e psíquico da criança, distinguem-se três partes na técnica do método:

- a) Desenvolvimento da função motora ou o exercício do sistema muscular.
- b) Educação dos órgãos dos sentidos.
- c) Desenvolvimento da linguagem.

Para a educação dos órgãos dos sentidos e desenvolvimento da linguagem, MONTESSORI organizou um material bastante curioso. Para a primeira, êsse material consta de: cilindro, corpos geométricos de dimensões crescentes, prismas, esferas, cone, etc.; tecidos diversos, peças de madeira de pêso variado, cartões com figuras geométricas, jogo de timbres musicais, alfabetos de letras recortadas em cartão, cartões de números, cadernos para desenhos, etc. Para desenvolvimento muscular aconselha ela os atos comuns da vida, o arranjo da roupa, trabalhos domésticos, os exercícios, ginástica rítmica, etc.

Problemas para estudo.

- 1 — Qual a significação do Método Montessori na Pedagogia?
- 2 — Quais os princípios básicos desse método?
- 3 — Quais as três partes distintas na técnica do método?
- 4 — Que importância atribui Montessori à educação sensorial?
- 5 — Qual o valor do material montessoriano?

Ler e interpretar êste pensamento de Montessori. — "Se a disciplina é fundada na liberdade, necessariamente deve ser ativa. Não se considera disciplinado o indivíduo, somente porque êle se tornou artificialmente silencioso como um mudo e imóvel como um paralítico."

Trabalho prático. — Organizar algumas peças do material Montessori para o Museu Didático.

Sugestões:

- a) material para contagem;
- b) material para a aprendizagem das formas;
- c) grupos de figuras: aves, frutas, flores (desenho);
- d) material para o conhecimento de cores;
- e) material de construção;
- f) material de recorte e colagem;
- g) material para o conhecimento dos sons;
- h) material para o conhecimento da dezena;
- i) grupo de objetos para o conhecimento do tamanho;
- j) grupo de objetos para o conhecimento do peso;
- l) caixas de pedaços de fazendas;
- m) caixas de letras;
- n) caixas de figuras de animais;
- o) grupos de caixas de tamanho crescente;
- p) grupos de cubos de madeira.

Bibliografia.

XXVII

BIBLIOTECA DO PROFESSOR

O movimento pedagógico renovador, que alimenta a vida escolar nos países de mais avançada cultura já se implantou em muitos pontos do País e do Estado, provocando em torno dos problemas educacionais um constante e indisfarçável interesse.

Conseqüência imediata das novas idéias, a formação do professorado constitui inadiável preocupação dos governos e de quantos têm vistas interessadas no desenvolvimento da instituição popular.

O Estado vem formando, entre nós, um professorado que não há de desdourar as tradições de nossa cultura e de nosso passado. É indiscutível, porém, a necessidade, mormente para os que se ocupam da educação da criança, de renovados alimentos para a sua cultura profissional formada nas escolas normais, a fim de que, integrados em novas e sadias doutrinas educacionais e por elas inspirados, possam reorganizar ou aperfeiçoar sua capacidade docente, já pela assimilação de princípios filosóficos normativos, já pelo conhecimento de novas correntes didáticas experimentadas no organismo educacional de outros povos.

Dentre os recursos mais indicados para essa renovação da cultura do professorado, destaca-se o livro, como instrumento capaz de operar verdadeiras transformações na capacidade docente do mestre. Daí a razão dêste capítulo em que nos batemos pela criação da *Biblioteca do Professor* em cada grupo escolar do Estado, biblioteca que poderá ser, ao mesmo tempo, um pequeno centro de cultura popular da localidade.

A presente relação de obras escolhidas para o elenco dessas bibliotecas vale apenas como auxílio ao professorado, na seleção de livros para organizá-las.

Uma vez organizada a Biblioteca do Professor poderia reger-se pelo seguinte Regulamento:

1. A Biblioteca do Professor do Grupo Escolar de é uma biblioteca circulante.
2. A Biblioteca funciona de.....às.....horas, todos os dias úteis (ou também aos domingos no caso de ser uma Biblioteca Popular).
3. A Biblioteca está franqueada a tôdas as pessoas que dela queiram utilizar-se, especialmente os professores e estudantes (ou aos sócios).
4. A retirada de livros, revistas, etc. não é permitida senão a professores e estudantes (ou só é permitida em dias tais).
5. Os manuscritos, obras raras, obras de referência não podem ser retiradas da Biblioteca por pessoa alguma.
6. O prazo de retirada varia de 1 a 10 dias, conforme a procura da obra. Esse prazo pode ser prorrogado a pedido do consulente e a critério do bibliotecário.
7. O consulente em atraso na restituição pagará uma multa de Cr\$ 0,50 por dia útil, por obra retirada. O produto das multas será empregado na aquisição de novas publicações ou em encadernações. Ao consulente em débito com a Biblioteca não será permitida a retirada de obra alguma.
8. Em caso de perda de livros o consulente responsável indenizará a Biblioteca, repondo a obra perdida ou pagando a importância correspondente ao seu valor.
9. O consulente para fazer uso da Biblioteca deve inscrever-se como sócio, pagando Cr\$..... por mês..... Tratando-se de professor do grupo escolar é bastante.....
10. É permitido aos consulentes o acesso às estantes, além da consulta ao catálogo-dicionário, após o que será preenchido o talão de requisição da obra.

RELAÇÃO DE LIVROS PARA A BIBLIOTECA DO PROFESSOR

1.ª Série.

- a) Educação. b) Psicologia. c) Pedagogia. d) Didática.
- 1 — Aguayo, A. M. Didática da Escola Nova
 - 2 — Aguayo, A. M. Pedagogia Científica
 - 3 — Aguayo, A. M. Filosofia da Educação
 - 4 — Amado, Ruiz La educación intelectual
 - 5 — Anderson, G. L. La lecture silencieuse
 - 6 — Ataíde, Tristão de Debates pedagógicos
 - 7 — Ataíde, Tristão de Humanismo Pedagógico
 - 8 — Anísio, Mor. Pedro Tratado de Pedagogia
 - 9 — Araújo, M. Xavier de Metodologia das ciências físicas e naturais
 - 10 — Ávila, Antônio d' As modernas diretrizes da didática
 - 11 — Ávila, Antônio d' Pedagogia — Teoria e prática
 - 12 — Ávila, Antônio d' Literatura Infanto-Juvenil
 - 13 — Ávila, Antônio d' Grandes educadores — D. Bosco
 - 14 — Backheuser, E. Manual de Pedagogia Moderna
 - 15 — Backheuser, E. Ensaio de Biotipologia Educacional
 - 16 — Backheuser, E. A aritmética da Escola Nova
 - 17 — Binet, A. Les idées modernes sur les enfants
 - 18 — Binet, A. As crianças anormais
 - 19 — Belo, Rui Aires Introdução à Pedagogia Moderna
 - 20 — Belo, Rui Aires Esboço de História da Educação
 - 21 — Buyse, Decroly e La pratique des testes mentaux
 - 22 — Busch, Leontina da Silva Organização de museus escolares
 - 23 — Bühler, C. Compendio de Psicologia Infantil
 - 24 — Boon, Gerardo Aplicación del método Decroly a la enseñanza
 - 25 — Briquet, Raul Psicologia social
 - 26 — Claparède, E. Psychologie de l'enfant et psychologie expérimentale
 - 27 — Claparède, E. A educação funcional
 - 28 — Claparède, E. Como diagnosticar as aptidões dos alunos
 - 29 — Cutó, Malart y La educación ativa
 - 30 — Carvalho, Delgado de Metodologia do ensino geográfico
 - 31 — Collings, E. An experiment with a project curriculum
 - 32 — Cuvillier, A. A B C de Psicologia
 - 33 — Charters, W. W. Curriculum construction
 - 34 — Dwelshauvers, J. Tratado de Psicologia
 - 35 — Dupanloup, Mor. L'éducation
 - 36 — Dória, Sampaio Psicologia
 - 37 — Dória, Sampaio Educação
 - 38 — Dória, Sampaio Como se ensina
 - 39 — Decroly, O. e Hamaide, A. Le calcul et la mesure au premier degré de l'école Decroly
 - 40 — Decroly, O. Problemas de psicologia e pedagogia
 - 41 — Descoedres, A. L'éducation des enfants anormaux
 - 42 — Distrito Federal Testes de inteligência nas escolas
 - 43 — Dewey, J. Pedagogia e Filosofia
 - 44 — Dottrens, R. La enseñanza de la escritura
 - 45 — Dottrens, R. e Margairaz, E. El aprendizaje de la lectura por el método global
 - 46 — Fargues, Marie La rédaction chez les petis
 - 47 — Foerster, W. A escola e o caráter
 - 48 — Ferraz, J. S. Psicologia da criança
 - 49 — Ferraz, J. S. Psicologia humana
 - 50 — Ferraz, J. S. Los fundamentos de la psicología
 - 51 — Ferrière, A. Transformemos a escola
 - 52 — Ferrière, A. La liberté de l'enfant à l'école active
 - 53 — Ferrière, A. A escola ativa

- 54 — Filho, Lourenço Introdução ao estudo da Escola Nova
- 55 — Filho, Lourenço Testes A B C
- 56 — Filho, Lourenço Biblioteca de Educação
- 57 — Freire, Aracy Muniz Orientação educacional
- 58 — Gaupp, R. Psicologia del niño
- 59 — Gates, A. I. The improvement of reading
- 60 — Gates, A. I. Psicologia para estudantes de educação
- 61 — Gates, A. I. Princípios elementares de educação
- 62 — Goué, M. Como fazer observar nossos alunos
- 63 — Horne, H. H. A filosofia da educação
- 64 — Hamaide, A. La méthode Decroly
- 65 — Hoffer, Mlle. Reéducation des déficients psychique et des retardés scolaires
- 66 — Hovre, Fr. de Essai de philosophie pédagogique
- 67 — Hovre, Fr. de Le Catholicisme, ses pédagogues, sa pédagogie
- 68 — James, W. Précis de psychologie
- 69 — James, W. Palestras pedagógicas
- 70 — Jaspers, L. Psicologia e lógica
- 71 — Jaspers, L. Manual de Filosofia
- 72 — La Vaissière, J. Psychologie pédagogique
- 73 — La Vaissière, J. Psychologie expérimentale
- 74 — Lipmann, O. Psicologia para maestros
- 75 — Leôncio, Pe. Carlos Pedagogia
- 76 — Lienaux, F. O desenho racional na escola
- 77 — Mennucci, Sud A crise brasileira de educação
- 78 — Miranda, Teobaldo Filosofia da Educação
- 79 — Miranda, Teobaldo Jardim da Infância
- 80 — Miranda, Teobaldo Escola Primária
- 81 — Miranda, Teobaldo Psicologia educacional
- 82 — Miranda, Teobaldo Noções de História da Educação
- 83 — Morais, B. C. Trabalhos manuais em madeira
- 84 — Morais, B. C. Noções educativas de modelagem
- 85 — Menezes, Djacir Dicionário psico-pedagógico
- 86 — Mercante, V. Metodologia
- 87 — Marchamp e Decroly L'initiation a l'activité intellectuelle et motrice par les jeux éducatifs
- 88 — Montessori, M. Pedagogia científica
- 89 — Mercier, Cardeal Psychologie et Logique
- 90 — Negromonte, Pe. Álvaro A educação sexual
- 91 — Penteado, Onofre Fundamentos do método
- 92 — Perrelet, Artus O desenho a serviço da educação
- 93 — Pressey, Sydney et Lucilla L'initiation à la méthode des tests
- 94 — Piéron, H. Psicologia do comportamento
- 95 — Patrascoiu, J. Dicionário ilustrado
- 96 — Peixoto, Afrânio Ensinar a ensinar
- 97 — Pimentel, I. Noções de psicologia aplicada à educação
- 98 — Pyle, W. H. Psicologia del aprendizaje intelectual y manual
- 99 — Radice, G. L. Didática
- 100 — Rabelo, Sílvia Psicologia da Infância
- 101 — Rabelo, Sílvia Psicologia do desenho infantil
- 102 — Rudolfer, N. Silveira Introdução à psicologia educacional
- 103 — Siqueira, C.º Antônio Alves Filosofia da Educação
- 104 — Serrano, Jônatas A Escola Nova
- 105 — Serrano, Jônatas Metodologia da História na aula-primária
- 106 — Sampaio, Nereu Como ensinar desenho
- 107 — Spencer, H. Educação
- 108 — Santos, Lúcio J. Filosofia, Pedagogia, Religião
- 109 — Sáinz, T. El método de projetos
- 110 — Strauss, Alfred Introducción al estudio de la pedagogia terapéutica
- 111 — Toledo, J. Planos de lição
- 112 — Toledo, J. Didática

- 113 — Toledo, J. Escola Brasileira
 114 — Toledo, J. O crescimento mental
 115 — Teixeira, A. Educação progressiva
 116 — Thorndike, E. Psicologia da aritmética
 117 — Warren, W. Psicologia
 118 — White, E. A arte de ensinar

2.^a Série.

a) Dicionários. b) Gramáticas. c) Consulta. d) Literatura.

- 1 — Aulete, Caldas Dicionário Contemporâneo
 2 — Ali, Said Meios de expressão
 3 — Ali, Said Gramática Histórica
 4 — Andrade, L. P. Silva Gramática Histórica
 5 — Assis, Machado Quincas Borba
 6 — Assis, Machado Memorial de Aires
 7 — Assis, Machado Dom Casmurro
 8 — Barbosa, Rui Coletânea Literária
 9 — Barbosa, Rui Cartas de Inglaterra
 10 — Barbosa, Rui Réplica
 11 — Barbosa, Rui Oração aos moços
 12 — Barreto, Mário Série Completa
 13 — Bueno, Silveira Manual de Caligrafia, Caligrafia, Calirritmia e a Arte de Escrever
 14 — Bueno, Silveira A arte de escrever
 15 — Cunha, Euclides da Os Sertões
 16 — Carvalho, Ronald História da Literatura Brasileira
 17 — Cruz, Marques da Português Prático
 18 — Dias, Epifânio Sintaxe histórica portuguesa
 19 — Dias, Epifânio Os Lusíadas
 20 — Fernandes, Francisco Dicionário de verbos e regimes
 21 — Figueiredo, Sandoval Vícios de Linguagem
 22 — Figueiredo, Cândido Dicionário da Língua Portuguesa
 23 — Figueiredo, Cândido Falar e escrever
 24 — Figueiredo, Cândido A arte de escrever (Albalat)
 26 — Filólogos, Um grupo de A formação do estilo (Albalat)
 27 — Freire, Laudelino Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa
 28 — Graça, Heráclito Vocabulário Ortográfico
 29 — Lima, Mário de Sousa Fatos da Linguagem
 30 — Mendes de Almeida, Napoleão Gramática Expositiva
 31 — Moreira, Júlio Gramática metódica da língua portuguesa
 32 — Mota, Otoniel Estudos de Língua Portuguesa (I e II)
 33 — Mota, Otoniel O Meu Idioma
 34 — Moraes, Raimundo Lições de Português
 35 — Moraes, Raimundo Na planície amazônica
 36 — Nascentes, Antenor Dicionário Etimológico
 37 — Nunes, J. J. Crestomatia arcaica
 38 — Nunes, J. J. Digressões lexicológicas
 39 — Peixoto, A. e P. Pinto Dicionário dos Lusíadas
 40 — Pereira, Lúcia Miguel Machadô de Assis
 41 — Pereira, Eduardo Carlos Machadô de Assis
 42 — Pujol, Alfredo Gramática Histórica
 43 — Ribeiro, João Curiosidades verbais
 44 — Ribeiro, Carneiro Serões gramaticais
 45 — Ribeiro, Carneiro Defesa do Projeto do Código Civil
 46 — Rodrigues, José Maria Os Lusíadas
 47 — Rodrigues, José Maria Lírica de Camões

- 48 — Sousa, Sílvio de Aguiar Análise lógica no diagrama
 49 — Silveira, Sousa Trechos seletos
 50 — Silveira, Sousa Lições de Português
 51 — Stringari, Pe. José Regime de verbos
 52 — Taunay, V. de Céus e terras do Brasil
 53 — Taunay, V. de Inocência
 54 — Viana, Gonçalves Vocabulário ortoépico remissivo
 55 — Viana, Gonçalves Apostilas aos dicionários
 56 — Vasconcelos, José Leite Lições de filologia portuguesa

3.^a Série.

a) História. b) Geografia. c) Sociologia.

- 1 — Abreu, Capistrano de O descobrimento do Brasil
 2 — Andrade Filho, B. História ou Educação
 3 — Anchéro Jr., Achilles Noções de Sociologia
 4 — Ataíde, Tristão de Introdução à sociologia
 5 — Azevedo, Fernando Principios de Sociologia
 6 — Calmon, Pedro Anchieta o Santo do Brasil
 7 — Calmon, Pedro História da Civilização Brasileira
 8 — Calógeras, J. Pandiá O Marquês de Barbacena
 9 — Calógeras, J. Pandiá História da Civilização Brasileira
 10 — Calógeras, J. Pandiá Res nostra
 11 — Carvalho, Delgado de Sociologia Educacional
 12 — Cintra, Assis D. Pedro I e o Grito da Independência
 13 — Cunha, Euclides da Os Sertões
 14 — Faria, Alberto Mauá
 15 — Figueiredo, Fidelino Estudos da História Americana
 16 — Ferreira, Tito Lívio História do Brasil
 17 — Gonçalves, Artur Campos Noções de Cosmografia e Geografia
 18 — Kretschmer, C. História de la geografia
 19 — Magalhães, Couto de Viagem ao Araguaia
 20 — Magalhães, Couto de O selvagem
 21 — Madre de Deus, Fr. Gaspar Memórias para a História da Capitania de S. Vicente
 22 — Martins, Oliveira História de Portugal
 23 — Moacir, Primitivo A Instrução e o Império
 24 — Monroe, Paul História da Educação
 25 — Monteiro, Tobias História do Império
 26 — Orico, Osvaldo Lendas e contos do Brasil
 27 — Pais Leme, Pedro Taques História da Capitania de S. Vicente
 28 — Peeters, Me. Francisca História da Pedagogia
 29 — Peeters, Me. Francisca Noções de Sociologia
 30 — Pereira, Juvenal Paiva Um esquema de sociologia geral
 31 — Pereira, Batista Vultos e episódios do Brasil
 32 — Pinto, Roquette Rondônia
 33 — Pombo, Rocha História do Brasil
 34 — Salvador, Frei Vicente do História do Brasil
 35 — Rodrigues, Nina Os africanos no Brasil
 36 — Sousa, Alberto de Os Andradas
 37 — Serrano, Jônatas História da Civilização
 38 — Silva e Voss Curso de Cartografia
 39 — Sérgio, A. História de Portugal
 40 — Taunay, Afonso Grandes Vultos da Independência
 41 — Taunay, Afonso Mapa geral das Bandeiras paulistas
 42 — Taunay, Afonso Na era das bandeiras
 43 — Taunay, Visconde de A Retirada da Laguna
 44 — Taunay, Visconde de O grande Imperador
 45 — Taunay, Visconde de José Maurício e Carlos Gomes
 46 — Torres, Alberto O Problema Nacional Brasileiro



- 47 — Vallaux, C.
 48 — Viana, Oliveira
 49 — Viana, Oliveira
 50 — Wells, H. G.
- Les sciences géographiques
 Populações meridionais
 A evolução do povo brasileiro
 História da Civilização

4.ª Série.

- a) Aritmética. b) Geometria. c) Álgebra. d) Trigonometria.
- 1 — Bortolotti, Ettore
 2 — Benali, Forte e Marcolongo
 3 — Cohen
 4 — Caraça
 5 — Faunery, J.
 6 — F. G. M.
 7 — F. G. M.
 8 — Glasser
 9 — Granville
 10 — Hersenberg
 11 — Lucas
 12 — Murer, Vittorio
 13 — Marcolongo
 14 — Mahler
 15 — Nicoletti e Sansone
 16 — Niewenglouski
 17 — Piucherle
 18 — Rosatti e Benedetti
 19 — Scarpis
 20 — Severi
 21 — Wentworth
 22 — Wells, Webster
- Aritmetica Generale e Algebra
 Elementi de Trigonometria
 Eléments de la Théorie des Nombres
 Noções de Álgebra e Análise
 Leçons d'Arithmétique
 Exercices d'Arithmétique
 Exercices d'Algèbre
 Exercices de Géométrie
 Exercices de Trigonometrie
 Geometria del Espacio
 Trigonometry
 Trigonometria
 Théorie des Nombres
 Introduzione alla teoria dei Numeri
 Complementi di Algebra e Analisi
 Geometria del Plano
 Cours d'Algèbre
 Lezioni de Algebra complementari
 Geometria
 Primi elementi della teoria dei Numeri
 Elementos de Geometria
 Higher Algebra
 University Algebra
 Enciclopedia delle matematiche elementari
 Questioni Reguardenti le matematiche elementaria

5.ª Série.

- a) Ciências físicas e naturais. b) Higiene.
- 1 — Almeida, Júnior
 2 — Almeida, Júnior
 3 — Almeida Toledo, S.
 4 — Brandão, H. Soares
 5 — Brito, E. de Sousa
 6 — Brito, E. de Sousa
 7 — Burgerstein, L.
 8 — Basin, J.
 9 — Bernardinelli, W.
 10 — Domingos, O.
 11 — Fabre, J. H.
 12 — Fabre, J. H.
 13 — Fabre, J. H.
 14 — Fontenele
 15 — Guimarães, Pinheiro
 16 — Leitão, C. de Melo
 17 — Lira da Silva, H.
 18 — Peixoto, Afrânio
 19 — Ricardo, Aristides
 20 — Romano, Raul
- Anatomia e fisiologia humanas
 Biologia educacional
 Cooperação da escola primária no combate ao tracoma
 Trabalhos práticos de química
 Os vegetais — sua vida e sua utilidade
 Botânica geral e aplicada
 Higiene escolar
 Lições de química (2 volumes)
 Biotipologia
 Eugenia em cinco lições
 La vie des insectes
 Souvenirs entomologiques
 Les merceilles de l'instinct chez les insectes
 Higiene
 A hereditariedade normal e patológica
 A vida maravilhosa dos animais
 Problemas práticos de física (cadernos de)
 Higiene
 Noções de higiene escolar
 Tratado de Física

XXVIII

LIVRO DIDÁTICO

Reproduzimos na integra o Decreto-lei n.º 1.006, sobre o livro didático, com modificações nele introduzidas por vários decretos posteriores. (1)

Logo após a publicação do primeiro, a Comissão de Estudos da Diretoria do Serviço de Orientação Pedagógica (2) realizou interessante estudo de seus itens e organizou quatro fichas para o julgamento dos livros compreendidos no referido decreto-lei. Pretendia o Departamento de Educação, oferecê-las como contribuição paulista à Comissão Nacional do Livro Didático, instituído por aquele decreto. Circunstâncias diversas, porém, impediram que isso fôsse feito, motivo porque vão elas aqui reproduzidas.

Manda a honestidade profissional declarar que as fichas em apreço foram inspiradas em modelo oficial, de outras, organizadas pela Comissão de Revisão de Leitura Didática do Departamento de Educação.

DECRETO-LEI N.º 1.006, DE 30 DE DEZEMBRO DE 1938

Estabelece as condições de produção, importação e utilização do livro didático

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 180 da Constituição, decreta:

CAPÍTULO I

Da elaboração e utilização do livro didático.

- Art. 1.º — É livre, no país, a produção ou a importação de livros didáticos.
- Art. 2.º — Para os efeitos da presente lei, são considerados livros didáticos os compêndios e os livros de leitura de classe.
- § 1.º — Compêndios são os livros que exponham, total ou parcialmente, a matéria das disciplinas constantes dos programas escolares.
- § 2.º — Livros de leitura de classe são os livros usados para leitura dos alunos em aula.
- Art. 3.º — A partir de 1.º de janeiro de 1940, os livros didáticos que não tiverem sido autorização prévia, concedida pelo Ministério da Educação, nos termos desta lei, não poderão ser adotados no ensino das escolas pré-primárias, primárias, normais, profissionais e secundárias, em toda a República.
- Parágrafo único — Os livros didáticos próprios do ensino superior independem da autorização de que trata este artigo, nem estão sujeitos às demais determinações da presente lei mas é dever dos professores orientar os alunos, a fim de que escolham as boas obras, e não se utilizem das que lhes possam ser perniciosas à formação da cultura.

(1) Ver nota no fim do capítulo.

(2) Faziam parte dessa Comissão os professores: Vicente Peixoto, José B. Madeira, D. D. Maria Odila Guimarães Bueno, Adalvia de Toledo, Matilde Brasileira, Dirce Ribeiro, Palmira A. Sampaio, Maria Aparecida Pimenta, Haidê Bueno de Camargo e Mayre Fabrício de Barros.

Art. 4.º — Os livros didáticos editados pelos poderes públicos não estarão isentos da prévia autorização do Ministério da Educação, para que sejam adotados no ensino pré-primário, primário, normal, profissional e secundário.

Art. 5.º — Os poderes públicos não poderão determinar a obrigatoriedade de adoção de um só livro ou de certos e determinados livros para cada grau ou ramo de ensino, nem estabelecer preferência entre os livros didáticos de uso autorizado, sendo livre aos diretores, nas escolas pré-primárias e primárias, e aos professores, nas escolas normais, profissionais e secundárias, a escolha de livros para uso dos alunos, uma vez que constem da relação oficial das obras de uso autorizado, e respeitada a restrição formulada no artigo 25 desta lei.

Parágrafo único — A direção das escolas normais, profissionais e secundárias sejam públicas ou particulares, não poderão, relativamente ao ensino desses estabelecimentos, praticar os atos vedados no presente artigo.

Art. 6.º — É livre ao professor a escolha do processo de utilização dos livros adotados, uma vez que seja observada a orientação didática dos programas escolares.

Parágrafo único — Fica vedado o ditado de lições constantes dos compêndios ou o ditado de notas relativas a pontos dos programas escolares.

Art. 7.º — Um mesmo livro poderá ser adotado, em classe, durante anos sucessivos. Mas o livro adotado no início de um ano escolar, não poderá ser mudado no seu decurso.

Art. 8.º — Constitui uma das principais funções das caixas escolares, a serem organizadas em todas as escolas primárias do país, com observância do disposto no art. 130 da Constituição, dar às crianças necessitadas, nessas escolas matriculadas, os livros didáticos indispensáveis ao seu estudo.

CAPÍTULO II

Da Comissão Nacional do Livro Didático

Art. 9.º — Fica instituída, em caráter permanente, a Comissão Nacional do Livro Didático.

§ 1.º — A Comissão Nacional do Livro Didático se comporá de sete membros, dentre pessoas de notório preparo pedagógico e reconhecido valor moral, das quais duas especializadas em metodologia das línguas, três especializadas em metodologia das ciências e duas especializadas em metodologia das técnicas.

§ 2.º — Os membros da Comissão Nacional do Livro Didático não poderão ter nenhuma ligação de caráter comercial com qualquer casa editora do país ou do estrangeiro.

§ 3.º — Os membros da Comissão Nacional do Livro Didático perceberão, por sessão a que comparecerem, a diária de cem mil-réis, limitado, porém, a um conto de réis, o máximo dessa vantagem em cada mês.

Art. 10 — Compete à Comissão Nacional do Livro Didático:

- examinar os livros didáticos que lhe forem apresentados, e proferir julgamento favorável ou contrário à autorização de seu uso;
- estimular a produção e orientar a importação de livros didáticos;
- indicar os livros didáticos estrangeiros de notável valor, que mereçam ser traduzidos e editados pelos poderes públicos, bem como sugerir-lhes a abertura de concurso para a produção de determinadas espécies de livros didáticos de sensível necessidade e ainda não existentes no país;
- promover, periodicamente, a organização de exposições nacionais dos livros didáticos cujo uso tenha sido autorizado na forma desta lei.

Art. 11 — O expediente administrativo da Comissão Nacional do Livro Didático ficará a cargo de uma secretária, que será dirigida por um secretário, designado pelo Ministro da Educação, dentre os funcionários efetivos de seu Ministério.

Parágrafo único — Todo o demais pessoal, efetivo ou extranumerário da Secretaria da Comissão Nacional do Livro Didático será constituído na forma da lei.

CAPÍTULO III

Do processo de autorização do livro didático

Art. 12 — A autorização para uso do Livro Didático será requerida pelo interessado, autor ou editor, importador ou vendedor, em petição dirigida ao Ministro da Educação, à qual se juntarão três exemplares da obra, impressos ou datilografados, acompanhados nesta última hipótese, de uma via dos desenhos, mapas ou esquemas, que da mesma forem parte integrante.

Parágrafo único — É vedado aos membros da Comissão Nacional do Livro Didático requerer autorização para uso de obras de sua autoria.

Art. 13 — As petições de autorização serão encaminhadas à Comissão Nacional do Livro Didático, que tomará conhecimento das obras a examinar, segundo a ordem cronológica de sua entrada no Ministério da Educação.

§ 1.º — Com relação a cada obra, a Comissão Nacional do Livro Didático proferirá julgamento, mencionando os motivos precisos da decisão e concluindo pela outorga ou recusa da autorização de seu uso.

§ 2.º — A Comissão Nacional do Livro Didático poderá, na sua decisão, indicar modificações a serem feitas no texto da obra examinada para que se torne possível a autorização de seu uso. Nesta hipótese, deverá a obra, depois de modificada, ser novamente, submetida ao exame da Comissão Nacional do Livro Didático, para decisão final.

§ 3.º — Do julgamento não unânime da Comissão Nacional do Livro Didático, caberá recurso para o Ministério da Educação, que dele decidirá ouvido o Conselho Nacional de Educação.

§ 4.º — Resolvida a matéria por qualquer das formas dos parágrafos anteriores, será a solução publicada, e comunicada ao interessado. A publicação e a comunicação de que a obra teve o uso autorizado farão menção do número de registro de que trata o art. 17 desta lei.

Art. 14 — Quando a Comissão Nacional do Livro Didático autorizar o uso de um livro, à vista dos originais datilografados, deverá fornecer ao autor ou ao editor recomendações quanto à sua impressão.

Parágrafo único — Depois de impresso, deverá o livro ser submetido novamente ao exame da Comissão Nacional do Livro Didático, para as necessárias verificações.

Art. 15 — Sempre que a Comissão Nacional do Livro Didático julgar conveniente, poderá solicitar o parecer de especialistas a ela estranhos, para maior elucidação da matéria sujeita ao seu exame.

Art. 16 — As reedições de livros didáticos, cujo uso tenha sido autorizado, poderão ser feitas, caso não incluam importantes edições ou alterações, independentes de nova petição, mas deverão ser comunicadas à Comissão Nacional do Livro Didático: caso sejam nelas incluídas tais adições ou alterações, a petição de nova autorização deverá ser feita, na forma desta lei.

Art. 17 — De cada livro, cujo uso fôr autorizado, fará a Comissão Nacional do Livro Didático, registro especial, devidamente numerado, de que constem todas as indicações a ele relativas, inclusive um sumário de sua matéria.

Art. 18 — O Ministério da Educação fará publicar, no "Diário Oficial", em janeiro de cada ano, a relação completa dos livros didáticos de uso autorizado, agrupados segundo os graus e ramos do ensino, e apresentados, em cada grupo, pela ordem alfabética dos autores.

Parágrafo único — A menção de cada livro será acompanhada de todas as indicações a que se refere o art. 17 desta lei.

Art. 19 — Os livros didáticos, cujo uso tenha sido autorizado na forma desta lei, deverão conter na capa, impresso diretamente ou por meio de etiqueta, os seguintes dizeres: Livros de uso autorizado pelo Ministério da Educação. Em seguida, entre parêntesis, declarar-se-á ainda o número do registro feito pela Comissão Nacional do Livro Didático, pela maneira seguinte: (Registro n.º).

CAPÍTULO IV

Das causas que impedem a autorização do livro didático

- Art. 20 — Não poderá ser autorizado o uso do livro didático:
- que atente, de qualquer forma, contra a unidade, a independência ou a honra nacional;
 - que contenha, de modo explícito ou implícito, pregação ideológica ou indicação da violência contra o regime político adotado pela Nação;
 - que envolva qualquer ofensa ao Chefe da Nação, ou autoridades constituídas, ao Exército, à Marinha ou às demais instituições nacionais;
 - que despreze ou escureça as tradições nacionais, ou tente deslustrar as figuras dos que se bateram ou se sacrificaram pela pátria;
 - que encerre qualquer afirmação ou sugestão, que induza o pessimismo quanto ao poder e ao destino da raça brasileira;
 - que inspire o sentimento da superioridade ou inferioridade do homem de uma região do país, com relação ao das demais regiões;
 - que incite ódio contra as raças e as nações estrangeiras;
 - que desperte ou alimente a oposição e a luta entre as classes sociais;
 - que procure negar ou destruir o sentimento religioso, ou envolva combate a qualquer confissão religiosa;
 - que atente contra a família, ou pregue ou insinue contra a indissolubilidade dos vínculos conjugais;
 - que inspire o desamor à virtude, induza o sentimento da inutilidade ou desnecessidade do esforço individual, ou combata as legítimas prerrogativas da personalidade humana.
- Art. 21 — Será ainda negada autorização de uso ao livro didático:
- que seja escrito em linguagem defeituosa, quer pela incorreção gramatical, quer pelo inconveniente ou abusivo emprego de termos ou expressões regionais ou da gíria, quer pela obscuridade do estilo;
 - que apresente o assunto com erros de natureza científica ou técnica;
 - que esteja redigido de maneira inadequada, pela violação dos preceitos fundamentais da pedagogia ou pela inobservância das normas didáticas oficialmente adotadas, ou que esteja impresso em desacordo com os preceitos essenciais da higiene da visão;
 - que não traga por extenso o nome do autor ou autores;
 - que não contenha a declaração do preço de venda, o qual não poderá ser excessivo em face do seu custo.
- Art. 22 — Não se concederá autorização, para uso no ensino primário, de livros didáticos que não estejam escritos em língua nacional.
- Art. 23 — Não será autorizado o uso do livro didático que, escrito em língua nacional, não adote a ortografia estabelecida por lei.
- Art. 24 — Não poderá ser negada autorização para uso de qualquer livro didático, por motivo de sua orientação religiosa.

CAPÍTULO V

Disposições gerais e transitórias

- Art. 25 — A partir de 1.º de janeiro de 1940, será vedada a adoção de livros didáticos de autoria do professor, na sua classe, do diretor, na sua escola, e qualquer outra autoridade escolar de caráter técnico ou administrativo, na circunscrição sobre que se exercer sua jurisdição, salvo se esse livro fôr editado pelos poderes públicos.
- Art. 26 — Fica proibida a prática de atos de propaganda favorável ou contrária a determinado livro didático, dentro das escolas.

Parágrafo único — A proibição deste artigo não impede que autores, editores e livreiros, ou representantes seus, remetam exemplares de obras de uso autorizado, bem como circulares, prospectos ou folhetos explicativos sobre as mesmas, aos professores, ou aos diretores das escolas.

Art. 27 — É vedado a professores ou a quaisquer outras autoridades escolares de caráter técnico ou administrativo tornarem-se agentes ou representantes de autores, editores ou livreiros, para venda ou propaganda de livros didáticos, ainda que tais atos se pratiquem fora das repartições ou estabelecimentos em que trabalham.

Art. 28 — Uma vez autorizado o uso de um livro didático, o preço de sua venda não poderá ser alterado, sem prévia licença da Comissão Nacional do Livro Didático.

Art. 29 — Serão impostas as seguintes penalidades:

- ao autor ou editor que, violando a disposição da segunda parte do art. 16 desta lei, fizer constar do livro didático, a declaração de uso autorizado e a todo aquele que incluir essa declaração em livro cujo uso não tenha sido autorizado, ou violar o dispositivo nos arts. 26 e 28 desta lei, a multa de um conto de réis a cinco contos de réis.
- aos infratores da proibição constante do parágrafo único do art. 5.º ou dos arts. 25 e 27 desta lei, e ainda aos diretores das escolas pré-primárias ou primárias e aos professores das escolas normais, profissionais ou secundárias, que a partir de 1.º de janeiro de 1940, admitirem no ensino de sua responsabilidade, livros didáticos de uso não autorizado, a multa de cem mil-réis a dois contos de réis, se não forem empregados públicos, ou, se o forem, a suspensão, por quinze a sessenta dias.

§ 1.º — Nas reincidências, serão os infratores punidos com o dobro da multa, nos casos da alínea "a" deste artigo.

§ 2.º — A reincidência, nos casos da alínea "b" deste artigo, acarretará aos responsáveis a exoneração do cargo ou função que ocuparem.

Art. 30 — As penalidades de que trata o artigo anterior serão aplicadas, com relação aos particulares e aos empregados públicos federais, pelas autoridades federais, e com relação aos empregados públicos estaduais e municipais, respectivamente, pelas autoridades estaduais e municipais.

Art. 31 — As autoridades federais, estaduais e municipais, prestarão uma às outras o necessário auxílio para a perfeita vigilância do cumprimento desta lei.

Art. 32 — Da imposição de uma penalidade por qualquer autoridade federal, estadual ou municipal, caberá recurso, uma vez, para a autoridade imediatamente superior, se a houver, dentro do prazo de vinte dias contados da data da respectiva comunicação à parte interessada.

Art. 33 — Será proibido o funcionamento do estabelecimento particular de ensino que não determinar o afastamento dos responsáveis pela reincidência nos casos da alínea "b" do art. 29 desta lei.

Art. 34 — Será apreendida a edição dos livros didáticos que contiverem a declaração de uso autorizado pelo Ministério da Educação, sem que essa autorização tenha sido concedida.

Art. 35 — Verificando que apesar de não ter o uso autorizado, circula no país livro didático, que, por incidir numa ou mais das hipóteses previstas nos arts. 20 a 21 desta lei, seja manifestamente pernicioso à formação espiritual da infância ou da juventude, a Comissão Nacional do Livro Didático, em exposição circunstanciada, o denunciará ao Ministro da Educação, o qual, aceitos os fundamentos da denúncia, providenciará a apreensão da respectiva edição.

Art. 36 — Aos livros didáticos escritos na língua nacional, editados até à data da publicação da presente lei, não será negada a autorização de uso, pelo fato de não adotarem a ortografia oficial.

Parágrafo único — Todavia, a partir de 1.º de janeiro de 1941, não poderão ser usados, nos estabelecimentos de ensino de todo o país, livros didáticos escritos na língua nacional, que não adotarem a ortografia oficial, sob pena de apreensão, a ser mandada fazer pelo Ministro da Educação.

B — Assuntos

- I — Em relação à criança: está de acôrdo com a psicologia infantil?
- II — Em relação ao meio: { Há predominância de temas da vida da cidade?
Há predominância de temas da vida do campo?
Serve aos dois ambientes?
- III — Em relação à maneira de ser apresentado: { a) desperta interêsse?
1 — pela variedade do assunto?
2 — pela originalidade?
b) traz prefácio de valor elucidativo?
- IV — Em relação às noções há exatidão?

C — Ilustrações

Adequadas à lição? Sugestivas? Educativas?

VALOR MORAL E CÍVICO

- a) Desperta o sentimento de amor à família? ao próximo?
- b) Incute respeito à autoridade?
- c) Inspira amor às virtudes? ao trabalho?
- d) Nega, combate ou destrói qualquer confissão religiosa?
- Observações:
- O livro satisfaz as condições expressas nos itens desta ficha?
- Em vista de satisfazer a essas condições, a Comissão é de parecer que o livro seja aprovado.

A Comissão:

.....

.....

.....

— 2 —

PADRÃO DE FICHA PARA O JULGAMENTO DE CARTILHAS

Dados para identificação do livro

Nome do livro N.º do protocolo:

Nome do autor (por extenso) Sede da casa editora

Editor Preço

N.º da edição Data da edição Já aprovado?

Grau a que se destina Quando?

Onde?

Data em que foi aprovado pela Comissão Nacional do Livro Didático

Categoria do livro — Cartilha de Alfabetização

Data da distribuição à Comissão

" " devolução

" " parecer da Comissão Revisora

" " publicação no Diário Oficial { da União
do Estado

PARTE MATERIAL

Encadernação { Dorso: de papel e tela?
de pano? de couro?

sólida: { Capa: cartonada? de percalina?

HIGIENE

Capa — De côr conveniente? Tons suaves?

Papel: das fôlhas — Côr — levemente creme?

Opaco? Fôsko?

Linhas: { Número em cada página linhas
Comprimento das linhas centímetros
Largura das entrelinhas milímetros

Tipo: Dimensões milímetros

{ Distribuição da tinta
Côr

ESTÉTICA

Ilustrações do texto: { São nítidas? São harmônicas?

Estão bem situadas? Em tôdas as lições?

Quantas são as coloridas?

Capa: { Bem colorida?

Apresenta ilustração artística?

Dizeres bem impressos?

Bem distribuídos?

Páginas: { Margens bem espaçadas?

Parágrafos bem destacados? Uniformes?

Entrelinhas de acôrdo com as normas higiênicas?

LINGUAGEM

Há culto do idioma nacional?

É correta sob o ponto de vista:

a) Da ortografia oficial?

Páginas em que foram assinaladas incorreções

- b) Do vocabulário: { Há propriedade de termos?
 Há estrangeirismos?
 Há emprêgo de termos da gíria?

Páginas em que foram assinaladas incorreções

- c) Da sintaxe: { De concordância?
 De regência?
 De colocação?

Páginas em que foram assinaladas incorreções

É satisfatório o estilo: pela simplicidade?

clareza? concisão?

Outras observações:

VALOR PEDAGÓGICO

A — Método

analítico? misto?

sinético? original?

I — Quanto ao ponto de partida: (palavra — sentença — sílaba — letra)

II — Quanto à técnica de apresentação:

a) Conduz à finalidade do livro: leva ao domínio da técnica de ler?

b) Há graduação de dificuldades quanto: { ao n.º de lições?
 ao n.º de sentenças?
 à extensão das sentenças?

ao aparecimento de palavras novas { quanto à significação?
 quanto à grafia?

aos exercícios de fixação { jogos?
 exercícios?
 análise?
 repetição?

c) Tem seqüência lógica em cada lição?

B — Assuntos

I — Em relação à criança: está de acôrdo com a psicologia infantil?

II — Em relação ao meio: { Há predominância de temas da vida da cidade?
 Há predominância de temas da vida do campo?
 Serve aos dois ambientes?

III — Em relação à maneira de ser apresentado:

a) Desperta interesse { pela variedade de assuntos?
 pela variedade de gêneros literários? { poesia
 prosa { descrição
 narração

b) Há prefácio de valor elucidativo?

IV — Em relação às noções há exatidão?

C — Ilustrações

Adequadas à lição? Sugestivas? Educativas?

VALOR MORAL E CÍVICO

Desperta sentimento de brasilidade?

Desperta sentimento de amor à família? à sociedade?

Incute respeito à autoridade? Infunde respeito às nações estrangeiras?

..... inspira amor à virtude? ao trabalho?

Nega, combate ou destrói qualquer confissão religiosa?

Observações:

O livro satisfaz às condições expressas nos itens desta ficha?

Em vista de satisfazer a essas condições, a Comissão é de parecer

que o livro seja aprovado.

A Comissão:

.....

— 3 —

PADRÃO DE FICHA PARA JULGAMENTO DE LIVROS DE LEITURA

N.º do protocolo:

Nome do livro

Nome do autor (por extenso)

Editor Sede da casa editora

N.º da edição Data da edição Preço

Grau a que se destina Já aprovado?

Onde? Quando?

Data em que foi aprovado pela Comissão Nacional do Livro Didático

Categoria do livro — Prática de leitura

Data da distribuição à Comissão

" " devolução

" " parecer da Comissão Revisora

" " publicação no Diário Oficial { da União

{ do Estado

PARTE MATERIAL

Encadernação { Dorso: de papel e tela?

sólida: { de pano? de couro?

{ Capa: cartonada? de percalina?

HIGIENE

- Papel: { Côr conveniente?
 Tons suaves?
 Opaco? Fôsko?
 Levemente creme?
- Linhas: { Número em cada página linhas
 Comprimento das linhas centímetros
 Largura das entrelinhas milímetros
- Tipo: Dimensões Milímetros
- Impressão: Há uniformidade na distribuição da tinta? Há nitidez?

ESTÉTICA

- Ilustrações do texto: { São nítidas? São harmônicas?
 Estão bem situadas? Em tôdas as lições?
 Quantas são as coloridas?
- Capa: { É bem colorida? Apresenta ilustração artística?
 Dizeres bem impressos? Bem distribuídos?
- Páginas: { Margens bem espaçadas?
 Parágrafos bem destacados?
 Uniformes?

LINGUAGEM

- Há culto ao idioma nacional?
- É correta sob o ponto de vista:
- a) Da ortografia oficial?
- Páginas em que foram assinaladas incorreções
- b) Do vocabulário: { Há propriedade de termos?
 Há estrangeirismos?
 Há emprêgo de termos da gíria?
- Páginas em que foram assinaladas incorreções
- c) Da sintaxe: { De concordância?
 De regência?
 De colocação?
- Páginas em que foram assinaladas incorreções
- É satisfatório o estilo: pela simplicidade?
- clareza? concisão?
- Outras observações:

VALOR PEDAGÓGICO

A — Método

- I — Quanto à técnica de apresentação:
- a) Conduz à finalidade do livro?
- Fins primários: Serve à leitura expressiva? Torna eficiente a leitura silenciosa?
- Fins secundários: Serve ao ensino globalizado? Serve ao ensino das matérias discriminadas?
- Tem seqüência lógica em cada lição?
- b) Há graduação de dificuldades quanto: { ao n.º de lições?
 à extensão das lições?
 à extensão das sentenças?
 ao vocabulário?
- c) Apresenta questionários e sugestões para exercícios gramaticais de valor pedagógico?
- d) Apresenta exercícios de caligrafia?

B — Assuntos

- I — Em relação à criança: está de acôrdo com a psicologia infantil?
- II — Em relação ao meio: { Há predominância de temas da vida da cidade?
 Há predominância de temas da vida do campo?
 Serve aos dois ambientes?
- III — Em relação à maneira de ser apresentado:

- a) Desperta interesse { pela variedade de assunto? { narração
 pela variedade de gêneros literários? { prosa { dissertação
 poesia { descrição
 contos
 pela originalidade?
- b) Há prefácio de valor elucidativo?

C — Ilustrações

- Adequadas à lição? Sugestivas? Educativas?

VALOR MORAL E CÍVICO

- Desperta o sentimento de brasilidade?
- Desperta sentimento de amor à família? à sociedade?
- Incute respeito à autoridade? Infunde respeito às nações estrangeiras?
- inspira amor à virtude? ao trabalho?
- Nega, combate ou destrói qualquer confissão religiosa?

O livro está de acôrdo com o grau a que se destina?

Observações:

O livro satisfaz às condições expressas nos itens desta ficha?

Em vista de satisfazer a essas condições, a Comissão é de parecer que o livro seja aprovado.

A Comissão:

.....

.....

.....

— 4 —

PADRÃO DE FICHA PARA O JULGAMENTO DE COMPÊNDIOS

Dados para identificação do livro

Nome do livro N.º do protocolo:

Nome do autor (por extenso) Sede da casa editôra

Editor Data da edição Preço

N.º da edição Já aprovado?

Grau a que se destina Quando?

Onde? Quando?

Data em que foi aprovado pela Comissão Nacional do Livro Didático

Categoria do livro — Compêndio

Data da distribuição à Comissão

" " devolução

" " parecer da Comissão Revisora

" " publicação no Diário Oficial { da União
do Estado

PARTE MATERIAL

Encadernação sólida { Dorso: de papel e tela?
de pano? de couro?

Capa: cartonada? de percalina?

HIGIENE

Papel: { Opaco? Fôsko?

Côr — levemente creme?

Tons suaves?

Da capa: côr conveniente?

Linhas: { Número em cada página linhas

Comprimento das linhas centímetros

Largura das entrelinhas milímetros

Tipo: Dimensões Milímetros

Impressão: Há uniformidade na distribuição da tinta? Há nitidez?

ESTÉTICA

Ilustrações do texto: { São nítidas? São harmônicas?

Estão bem situadas? Em tôdas as lições?

Quantas são as coloridas?

Capa: { É bem colorida? Apresenta ilustração artística?

Dizeres bem impressos? Bem distribuídos?

Páginas: { Margens bem espaçadas?

Parágrafos bem destacados?

Uniformes?

LINGUAGEM

Está escrito em idioma nacional?

É correta sob o ponto de vista:

a) Da ortografia oficial?

Páginas em que foram assinaladas incorreções

b) Do vocabulário: Há propriedade de termos?

Páginas em que foram assinaladas incorreções

c) Da sintaxe?

Páginas em que foram assinaladas incorreções

É satisfatório o estilo: pela simplicidade?

clareza? concisão?

Outras observações:

VALOR PEDAGÓGICO

A — Método

I — Quando à técnica de apresentação:

a) Conduz à finalidade do livro?

Fins primários { Serve à formação de hábitos intelectuais?

Serve à formação de hábitos morais?

Desperta o espírito de pesquisa?

Fins secundários — Serve à educação ativa?

b) As partes mais importantes de cada lição estão convenientemente destacadas?

B — Assuntos

I — Em relação à criança: está de acôrdo com a psicologia infantil?

II — Em relação à maneira de ser apresentado:

- a) A seqüência, em cada lição contribui para despertar interesse:
- pela apresentação de exemplos?
 - " " de experiências?
 - " " das conclusões?
 - " " de questões práticas?
 - " " de exercícios de fixação, de verificação?
 - pela apresentação de esquemas, de sumários?
 - pela apresentação de trechos para leitura, relacionada com o assunto?

b) Há prefácio de valor elucidativo?

Páginas em que foram assinaladas incorreções

C — Ilustrações

Possui gravuras?

Desenhos esquemáticos?

Mapas?

Gráficos?

VALOR MORAL E CIVICO

Desperta sentimento de brasilidade?

Desperta sentimento de amor à família?

Desperta sentimento de amor à sociedade?

Incute respeito à autoridade?

..... inspira amor à virtude?

..... infunde respeito às nações estrangeiras?

..... ao trabalho?

Nega, combate ou destrói qualquer confissão religiosa?

O livro está de acôrdo com o grau a que se destina?

Observações:

O livro satisfaz às condições expressas nos itens desta ficha?

Em vista de satisfazer a essas condições, a Comissão é de parecer que o livro seja aprovado.

A Comissão:

Trabalhos práticos.

De acôrdo com as diretrizes do decreto e com os itens das fichas reproduzidas, os alunos de escola normal examinarão os seguintes livros, todos aprovados pelo Departamento de Educação de São Paulo.

1. *Cartilha de Brinquedo* — Ofélia e Narbal.
2. *Cartilha Analítica* — Arnaldo de Oliveira Barreto.
3. *Na Roça* (cartilha rural de alfabetização) — Renato S. Fleury.
4. *Cartilha Proença* — Antônio Firmino de Proença.
5. *Leitura Proença* — Antônio Firmino de Proença.
6. *Meu Livro* (segundas leituras) — João Köpke.
7. *Leituras Morais e Instrutivas* (2º livro) — João Köpke.
8. *Leitura I* — Erasmo Braga.
9. *Coração Infantil* (2º livro) — Teodoro de Moraes.
10. *Itha do Sol* — Ofélia e Narbal.
11. *2º Livro de Leitura* — Vicente Peixoto.
12. *Memínice* — Antônio Firmino de Proença.
13. *Contos Infantís* — Luis Gonzaga Fleury.
14. *Pindorama* — Adalina Lopes Vieira e Júlia Lopes de Almeida.
15. *Noosso Brasil* — Ofélia e Narbal.
16. *O Tesouro da Criança* — 1º, 2º, 3º e 4º graus — Antônio d'Ávila.

NOTA: Além do Decreto nº 1.417, de 3-7-1939, que reproduzimos, devem ser consultados a respeito do assunto deste capítulo os Decretos ns. 1.100, de 1938; 292, de 23-2-1938; 1.177, de 29-8-1939; 3.580, de 3-9-1941 e 93, de 31-12-1937.

XXIX

ESCRITURAÇÃO E CORRESPONDÊNCIA

Os livros da escola. — As escolas têm geralmente os seguintes livros: *Ponto, Chamada, Matrícula, Têrmos de visitas, Inventário, Registro de correspondência, Despesas de expediente, Atas de exame, Caixa Escolar, Exposições escolares*. Podem ter ainda *Histórico do estabelecimento, Endereços*, etc. Todos êsses livros devem ser abertos e rubricados pelas autoridades escolares.

Da chamada dos alunos. — Reproduzindo nesta parte uma fôlha de livro de chamada e outra de livro de matrícula, recomendamos ao professor de prática, que à vista delas, exercite os normalistas em sua escrituração, considerando: a) a chamada diária; b) a porcentagem de freqüência; c) o registro de notas semanais; d) a escrituração do resumo mensal; e) a matrícula e a eliminação dos alunos; f) a chamada de classes mistas; g) a de classes de vários graus; h) a passagem dos nomes de um para outro mês; i) o registro de observações e j) preenchimento do livro de matrícula de acôrdo com as instruções reproduzidas. De tudo dará o professor de prática minuciosa explicação e os normalistas copiarão o modelo de cada impresso escolar.

NOTA: O dia escolar se inicia com a chamada dos alunos e uma vez feita esta é preciso tirar a porcentagem de freqüência, obtida facilmente com a seguinte fórmula:

$$\frac{P \times 100}{M} \text{ em que } P = \text{presentes, } M = \text{matrícula.}$$

Em um canto do quadro negro devem estar diariamente afixados os seguintes dados:

Alunos matriculados

Comparecimentos

Faltas

Porcentagem de freqüência

A porcentagem de freqüência do mês é obtida igualmente pela citada fórmula, considerando-se *P* — presentes no mês e *M* matrícula do mês.

Pode-se fazer o seguinte cálculo: multiplicar os dias letivos pela matrícula, subtrair dêste produto as faltas do mês, multiplicar o resto por 100 e dividir o produto pela primeira multiplicação:

Freqüência média — É obtida em qualquer grupo de dias letivos, de acôrdo com a seguinte fórmula:

$$\frac{\Sigma \text{ dos c. d.}}{d. l.}$$

em que o numerador = soma dos comparecimentos diários e o denominador, os dias letivos.

Exemplo ou problema: Uma classe de 32 alunos trabalhou durante 15 dias letivos e os alunos deram 18 faltas. Qual a sua freqüência média e porcentagem de freqüência?

1*) Solução: 32 alunos \times 15 — 18 faltas \div dias.

Resposta: Freqüência média — 30,8.

2ª) Solução: $32 \text{ alunos} \times 15 \text{ dias} - 18 \text{ faltas} = 462 \text{ comparecimentos.}$

$$\frac{462 \text{ comp.} \times 100}{32 \times 15}$$

Resposta: Porcentagem de freqüência — 96,25%.

Boletim mensal. — Reproduzindo um modelo desse boletim, recomendamos ao professor de prática que exercite os alunos na sua escrituração, a fim de que eles escrevam com facilidade esse importante documento da escola.

Estatística. — Pela sua importância merece que na Escola Normal seja convenientemente tratada, guiando o professor de prática os normalistas para que eles, à vista de folhas de estatística, para preenchimento, saibam com segurança fornecer os dados pedidos.

Boletim do aluno. — Com o modelo à vista tenham os normalistas tôdas as informações a respeito desse boletim. Todos os seus dados devem ser minuciosamente conhecidos (Ver modelo anexo).

Inventário. — No livro 1.º deste capítulo há uma relação de móveis, utensílios e material didático. Percorrendo essa relação com os alunos, o professor de prática irá explicando o uso das coisas ali apresentadas, mostrando ainda a maneira de inventariá-las, quando mister.

Correspondência. — Nas relações escritas que mantiver com as autoridades escolares, instituições, casas editôras, famílias, autoridades locais, deve o professor procurar a máxima correção de estilo, clareza e concisão, deixando sempre na escola cópia do que expedir e guardando, cuidadosamente, o que receber.

Modêlo de memorando.

Data

Sr. professor

Realizando no próximo dia 7, neste grupo escolar, a solenidade comemorativa da Independência Nacional, solicito-lhe providências no sentido de serem ensaiados por seus alunos 5 números de declamação, canto ou ginástica, que, uma vez selecionados farão parte do programa.

Atenciosas saudações.

(a.)

Diretor.

Modêlo de circular.

São Paulo, 8 de outubro de 1938.

Senhor Delegado Regional do Ensino.

Considerando que os livros de leitura aprovados por este Departamento têm assegurados os seus direitos de adoção em tôdas as escolas primárias do Estado, e que aos professores cabe o direito de livre escolha desse livros, em virtude e por força da autonomia didática que lhes é concedida por lei, resolvo revogar as disposições da circular n.º 38, de 10 de setembro de 1937, que recomendou a escolha dos livros de leitura no mês de outubro, válida para o ano letivo seguinte.

Em virtude dessa revogação, fica assegurada aos professores primários plena liberdade de escolha de livros de leitura, pela qual adotarão em suas classes os de sua preferência, relacionados, porém, na publicação deste Departamento.

No início do ano letivo de 1939, feita a escolha pelos professores, remeterá essa Delegacia, com a máxima urgência os pedidos à Diretoria do Material, para que, prontamente, no interesse do Ensino, recebam os estabelecimentos os livros de que necessitam.

(a.) Diretor-Geral do Departamento de Educação.

NOTA: É indispensável que o aluno de escola normal conheça tôda a legislação de ensino. O Código de Educação e os decretos que o modificaram precisam ser conhecidos pelos futuros mestres. (1)

Modelos de ofício.

(1)

Data N.º

Sr. Prefeito Municipal.

Comunico a V. S. que nas proximidades deste Grupo Escolar existe um terreno fechado, pertencente à Prefeitura Municipal e que cedido a este estabelecimento para campo de esportes, poderia prestar bons serviços.

Certo de que V. S. cederá o aludido terreno para os fins supracitados, antecipo em meu nome e no do corpo docente deste estabelecimento os melhores agradecimentos.

Atenciosas saudações.

(a.)

Ao Sr.

M. D. Prefeito Municipal.

(2)

Data N.º

Nome da escola

Sr. Delegado do Ensino.

Comunico a V. S., apesar de, ingentes esforços que venho empregando, continua bastante precária a freqüência de minha escola, pelo fato de encontrar-se a população local entregue aos trabalhos da colheita do algodão.

A porcentagem que nos meses de fevereiro e março do corrente ano foi, respectivamente, de 92,25% e 94,30%, em virtude do fato aludido, entrou a decrescer nos meses de abril e maio, alcançando nesta última quinzena apenas 42,54%.

Levando o fato ao conhecimento de V. S., quero oferecer, desde já, os motivos que esclarecerão essa baixa de freqüência.

Atenciosas saudações.

(a.)

Professor.

A S. S., o professor

D. D. Delegado Regional do Ensino de

Exercícios — O professor de prática guiará os alunos na redação de ofícios dirigidos a outras autoridades escolares, religiosas, etc., aproveitando os seguintes assuntos:

- 1 — Comunicando o início de exercício.
- 2 — Comunicando faltas.
- 3 — Comunicando doações à escola.
- 4 — Comunicando ocorrências diversas.
- 5 — Dando notícias de melhoramentos introduzidos na escola.
- 6 — Dando ciência de medidas tomadas em benefício do ensino; da freqüência, da saúde dos alunos, etc.
- 7 — Comunicando impossibilidade de permanência no bairro.
- 8 — Comunicando deficiências do prédio escolar.
- 9 — Pedindo: programas, modelos de horários, publicações diversas, etc.
- 10 — Convidando para assistir a festividades, inaugurações, etc.

(1) Hoje Consolidação das Leis do Ensino.

Modêlo de requerimento.

Exmo. Sr. Dr. Secretário da Educação.
(8 linhas)

F. F. adjunta do Grupo Escolar de
achando-se doente, como prova o atestado médico que junta, vem requerer a V. Exa.
uma licença de dias para tratamento de saúde.

Por ser de justiça
P. D.

Data

Assinatura



Exercícios.

- 1 — Requerimento pedindo desentranhamento de papéis.
- 2 — Pedindo atestados.
- 3 — Pedindo contagem de tempo.
- 4 — Pedindo abono ou justificação de faltas.
- 5 — Pedindo nomeação de substituta efetiva.
- 6 — Pedindo remoção.
- 7 — Pedindo permuta.

Modelos de cartas (aos pais).

Escola
Data
Sr.

(1)

Realizando no próximo dia 7 de setembro, uma excursão dos escoteiros desta escola à vizinha cidade de a fim de participarem de uma concentração cívica, venho consultá-lo sobre a possibilidade de seu filho tomar parte nessa excursão.

De V. S., etc.
(a.)

Professor.

Escola
Data
Sr.

(2)

Comunico-lhe que, seu filho aluno desta escola, apesar de contínuas recomendações, continua a freqüentar as aulas desprovido de qualquer material escolar. Tal fato, sobre constituir mau exemplo para os demais alunos da

escola, prejudica visivelmente a instrução de seu filho, pelo que venho solicitar-lhe as providências que o assunto requer.

De V. S.

At.º Cr.º

(a.)

Professor.

(3)

Escola

Data

Sr.

Cabe-me comunicar-lhe que seu filho sem qualquer aviso da parte de V. S., vem faltando às aulas desta escola desde o dia do o que, sem dúvida, constitui sério prejuízo para a sua educação, e coloca V. S. sujeito às penas que a lei comina aos pais cujos filhos não freqüentam escolas.

Esperando uma providência de V. S., no caso,

Subscrevo-me seu at.º

Cr.º obr.º

(a.)

Professor.

Exercícios — Os normalistas praticarão redigir cartas como as do modêlo, aproveitando os seguintes assuntos:

- 1 — Para a visita à escola.
- 2 — Para visita à exposição de trabalhos.
- 3 — Para conhecer a organização da sopa escolar.
- 4 — Para visita à Biblioteca Infantil.
- 5 — Para visita à horta escolar.
- 6 — Para conhecer o funcionamento da cooperativa.
- 7 — Para uma reunião a fim de ser fundada a Associação de Pais e Mestres.
- 8 — Para conhecer o orfeão, o gabinete dentário, o cinema educativo, etc.
- 9 — Avisando faltas de aseo de alunos, moléstias; sobre a nacionalização, disciplina, etc.

Trabalhos práticos — O professor de prática exercitará os normalistas nestes cálculos:

a) Comparec.	Faltas	Dias letivos	Freq. média	Porc. de freq.
700	4	22	?	?
600	30	18	?	?
660	20	17	?	?
505	20	24	?	?
876	132	23	?	?
910	10	15	?	?
250	20	9	?	?
285	15	12	?	?

CAPÍTULO III

Dos Sócios

Art. 10 — Os sócios são classificados em contribuintes e beneméritos.

§ 1.º — São contribuintes os que concorrem com a mensalidade mínima de Cr\$

§ 2.º — São beneméritos os que prestem relevantes serviços ou auxílio financeiro à associação, a juízo do Conselho Deliberativo.

CAPÍTULO IV

Da Administração

Art. 11 — São órgãos administrativos do Centro:

- a) o Conselho Deliberativo;
- b) a Diretoria.

Art. 12 — O Conselho Deliberativo será constituído pelo Delegado de Ensino, inspetores escolares da região, diretores dos grupos da Região e um representante dos professores das escolas isoladas de cada município.

§ 1.º — Só tem direito a voto, nas reuniões do Conselho, os seus membros inscritos como sócios contribuintes.

§ 2.º — O Conselho será presidido pelo Delegado de Ensino ou seu representante legal.

§ 3.º — Os representantes dos professores das escolas isoladas serão eleitos por ocasião da primeira reunião pedagógica de cada ano.

Art. 13 — Cabe ao Conselho Deliberativo:

- a) reunir-se para estudo de questões relacionadas com a associação, quando convocado pelo presidente;
- b) zelar pelo cumprimento dos estatutos e regulamentos da associação;
- c) eleger na primeira quinzena de maio, entre os sócios contribuintes pertencentes ao Conselho, os membros da Diretoria;
- d) promover, por todos os meios, a mais íntima cooperação entre os professores da Região, para que seja plenamente atingido o objetivo social;
- e) alterar o mínimo previsto no § 1.º do art. 10, sempre que julgar necessário;
- f) resolver todos os casos não previstos nos presentes estatutos.

Art. 14 — A Diretoria será constituída de diretor, secretário e tesoureiro.

Art. 15 — Cabe à Diretoria administrar o Centro, obedecendo às normas que venham a ser traçadas pelo Conselho Deliberativo.

Art. 16 — Nenhum associado poderá exercer cargo na Diretoria por mais de dois mandatos seguidos.

Art. 17 — A Diretoria deverá se reunir pelo menos uma vez por mês, e, em caráter extraordinário, sempre que houver necessidade.

Art. 18 — Cabe aos membros da Diretoria:

- a) ao Diretor, superintender todos os serviços sociais, e representar o Centro em juízo ou fora dele;
- b) ao Secretário, dirigir todos os serviços da secretaria, designando um associado para seu auxiliar, se julgar necessário;
- c) ao Tesoureiro, dirigir todos os serviços da tesouraria, designando um associado para seu auxiliar, se julgar necessário;

§ único — O Diretor designará o secretário ou o tesoureiro para substituí-lo em seus impedimentos.

CAPÍTULO V

Das Disposições Gerais

Art. 19 — O ano social começa a 1.º de maio e termina em 30 de abril.

Art. 20 — Os sócios não respondem individual ou subsidiariamente pelas obrigações contraídas em nome do Centro.

Art. 21 — O presidente designará todos os meses um membro do Conselho para vistoriar a escrituração do Centro e apresentar parecer a respeito.

Art. 22 — A Diretoria dará publicidade aos balancetes mensais.

Art. 23 — Cabe ao Conselho Deliberativo resolver sobre o destino dos bens da associação, caso venha ela a ser dissolvida.

Art. 24 — A primeira diretoria eleita após a aprovação destes estatutos exercerá seu mandato até

Art. 25 — Estes estatutos aprovados pelos abaixo-assinados, sócios fundadores, entram imediatamente em vigor.

Publicado no Diário Oficial de 17-10-1964.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO — DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Serviço de Instituições Auxiliares da Escola

Seção de Divulgação

1965 — "Portaria n.º 7 de 9, publ. a 10-1-1959"

Estatuto padrão para "clubes filatélicos" escolares

Da organização, denominação, localização e finalidades

Art. 1.º — Com a denominação de "clube filatélico escolar"
fica fundado com sede no Grupo Escolar "....."
em, um clube filatélico escolar.

Art. 2.º — O clube filatélico escolar terá por finalidade formar no educando o hábito de ordem, de pesquisa, de observação, de trabalho, enfim, contribuir para o maior desenvolvimento cultural, educativo e social dos escolares associados.

Da administração

Art. 3.º — O clube filatélico escolar será administrado por uma diretoria, eleita anualmente, constituída de alunos e professores, composta de: presidente, vice-presidente, 1.º e 2.º secretários, 1.º e 2.º tesoureiros, 1.º e 2.º diretores da sede e 1.º e 2.º diretores orientadores.

§ 1.º — Obrigatoriamente, o diretor do grupo escolar será o supervisor geral do clube.

§ 2.º — Os diretores e orientadores são dois: um professor e um aluno, no mínimo, escolhidos entre os que apresentarem maior possibilidade de estabilidade no estabelecimento, maior interesse pela fundação e possuir em se tratando de professor-orientador, conhecimento sobre o assunto.

Da competência dos cargos

Art. 4.º — Compete:

- a) Ao diretor do estabelecimento: supervisionar a fundação, instalação e o funcionamento geral do "clube", e substituir, nos impedimentos, ao diretor-orientador.
- b) Ao presidente: convocar e presidir as reuniões semanais e mensais do clube e representar o mesmo em todas as ocasiões que se fizerem necessárias.
- c) Ao secretário: lavrar e ler as atas das reuniões, redigir toda a correspondência do clube e anotar a frequência das reuniões.
- d) Ao tesoureiro: proceder ao recebimento das contribuições dos sócios. Fazer a escrituração do livro "caixa" e dos boletins mensais e anuais; efetuar o pagamento das despesas. Depositar na "Caixa Econômica Estadual" da localidade o saldo existente, desde que seja elevado.
- e) Aos diretores de "sede": preparar ambiente para as reuniões dos associados. Cuidar do material filatélico do clube. Cuidar das "mostras filatélicas".
- f) Aos diretores-orientadores: ao diretor-professor cabe orientar todas as atividades filatélicas do clube; escolher os seus auxiliares diretos, entre alunos, encaminhá-lo em sua tarefa; aos diretores-alunos, acompanhar de perto as atividades do diretor-professor e auxiliá-lo em suas tarefas; servir como diretor de trocas das reuniões.

Da eleição da diretoria

Art. 5.º — Será feita durante o mês de março, por votação secreta, em reunião convocada pelo diretor do estabelecimento, como os associados, professores e alunos das classes mais adiantadas.

§ 1.º — A duração do mandato da diretoria será de um ano.

§ 2.º — No caso de vacância do cargo ou licenciado de um dos membros da diretoria assumirá o seu cargo respectivo suplente.

§ 3.º — A primeira diretoria do clube será eleita na data de sua fundação.

Da Constituição do Quadro Social

Art. 6.º — O clube será formado por 20 sócios, no mínimo, dentre alunos e professores que o desejarem.

§ 1.º — Poderão também ser sócios do clube:

- a) ex-alunos do estabelecimento;

- b) entusiastas da filatelia residentes no bairro ou cidade.
c) Poderão ser admitidos sócios em qualquer época do ano.

Das mensalidades

Art. 7.º — A mensalidade do clube será fixada, no mínimo, por ocasião da reunião geral para eleição da diretoria.

Das reuniões

Art. 8.º — As reuniões serão realizadas no próprio estabelecimento, fora do horário escolar dos associados.

Art. 9.º — As reuniões para troca e orientação são semanais, em dias e horas fixadas pela diretoria.

§ 1.º — Do livro de frequência deverá constar a assinatura dos associados presentes.

§ 2.º — O associado que deixar de comparecer, sem causa justificada, a um terço das reuniões de cada semestre, terá cancelada a sua inscrição.

Art. 10 — As reuniões ordinárias de associados são para orientação filatélica, trocas, compra e venda de selos e material.

§ 1.º — A troca de selos entre os associados deve ser coordenada e desenvolvida como uma das bases da cooperação entre colecionadores.

Art. 11 — A diretoria do clube reunir-se-á na última semana de cada mês, em dia pré-fixado, ocasião em que será preenchido o "boletim mensal".

Das livros de escrituração

Art. 12 — Os livros do clube são os seguintes: "livro de ata", "de registro de sócios", "de caixa", "de frequência às reuniões" e "uma pasta de arquivo".

Dos boletins trimestrais

Art. 13 — Os "boletins trimestrais" serão preenchidos em três vias, das quais uma ficará no arquivo e duas irão para a Delegacia de Ensino, destas uma é destinada ao SIAE.

§ único — O boletim trimestral obedecerá ao modelo uniforme e oficial estabelecido pelo SIAE.

Das recompensas aos sócios

Art. 14 — Aos sócios de melhor assiduidade às reuniões, será oferecido, pelo clube, um prêmio de valor filatélico.

§ único — Os sócios que distinguirem pelo capricho de suas coleções, pelo trabalho de colaboração e interesse, não só pela filatelia como pelo desenvolvimento do seu clube, serão escolhidos pela direção do estabelecimento para participarem de visitas e reuniões em outros clubes e sociedades, onde comparecerão acompanhados pelo diretor-orientador.

Da mostra filatélica

Art. 15 — Cada clube poderá organizar, com a colaboração dos sócios, um álbum geral de selos universais, para o mais perfeito conhecimento dos selos por parte dos associados.

§ único — Esse álbum pertencerá ao estabelecimento e ficará sob a guarda e uso do clube filatélico escolar.

Art. 16 — Nas exposições dos trabalhos dos estabelecimentos haverá uma seção para a "mostra de filatelia do ano", onde serão expostas coleções dos associados do clube.

Art. 17 — O clube participará da "mostra filatélica geral ou parcial" que as autoridades promoverem anualmente em local determinado.

§ único — Para concorrer a tais "mostras filatélicas", o clube escolherá suas melhores coleções, montadas em folhas avulsas.

Disposições Gerais

Art. 18 — O dia 6 de maio — "dia do filatelista universal" e o dia 1.º de agosto — "dia do selo brasileiro", serão comemorados festivamente pelo clube.

Art. 19 — O clube manterá relações sociais, por intermédio de seu diretor-orientador, com clubes, sociedades e federações filatélicas do país e mesmo do estrangeiro.

Art. 20 — Durante os primeiros tempos de organização do clube e mesmo enquanto assim for julgado conveniente, para maior facilidade do seu desenvolvimento e economia dos associados, o clube providenciará, por seu intermédio, a compra de material filatélico necessário, ou sejam, capas, folhas, cadernos, charneiras, catálogos, etc.

Art. 21 — O "Clube Filatélico", fundado em/...../19....., de acordo com o Ato n.º 24 de 31/7/1957, publicado a 1/8/1957, da Secretaria da Educação, reger-se-á pelo presente "estatuto" e será registrado na Chefia do Serviço de Instituições Auxiliares da Escola (SIAE) do Departamento de Educação do Estado de São Paulo.

Art. 22 — Este estatuto entrará em vigor a partir da data de sua aprovação pela Chefia do SIAE do Departamento de Educação.

São Paulo, 8 de janeiro de 1965.

SIAE — Supervisora — Maria da Conceição Costa /VSG

Biblioteca

O Serviço de Instituições Auxiliares das Escolas, do Departamento de Educação, em janeiro do corrente, mimeografou um trabalho intitulado — Biblioteca Escolar — A Biblioteca, que divulgou pelas Escolas do Estado. É Supervisora desse Serviço D. Maria Conceição Costa. Do trabalho em apêço, já conhecido, extraímos uma parte, de interesse para os trabalhos de catalogação.

Sistema Decimal de Melvil Dewey

1.º sumário

Classes

- 000 — obras gerais
- 100 — filosofia
- 200 — religião
- 300 — ciências sociais
- 400 — lingüística
- 500 — ciências puras
- 600 — ciências aplicadas
- 700 — artes e divertimentos
- 800 — literatura
- 900 — história
- 910 — geografia

2.º sumário

- 000 — OBRAS GERAIS
 - 010 — bibliografia
 - 020 — biblioteconomia
 - 030 — enciclopédias gerais
 - 040 — coleções de ensaios
 - 050 — periódicos gerais
 - 060 — sociedade em geral, museus
 - 070 — jornalismo, jornais
 - 080 — poligrafia
 - 090 — livros raros
- 100 — FILOSOFIA
 - 110 — metafísica
 - 120 — metafísica especial
 - 130 — psicologia fisiológica, metapsíquica
 - 140 — doutrinas e sistemas filosóficos
 - 150 — psicologia
 - 160 — lógica
 - 170 — ética
 - 180 — filósofos antigos
 - 190 — filósofos modernos
- 200 — RELIGIÃO
 - 210 — teologia natural
 - 220 — bíblia
 - 230 — dogmas, doutrinas
 - 240 — devoção, prática
 - 250 — homilética, pastoral, paroquial
 - 260 — igreja: instituições e trabalho
 - 270 — história geral da igreja
 - 280 — igrejas cristãs e seitas
 - 290 — igrejas não cristãs
- 300 — CIÊNCIAS SOCIAIS, SOCIOLOGIA
 - 310 — estatística
 - 320 — ciência política
 - 330 — economia política
 - 340 — direito
 - 350 — administração pública

- 360 — serviço social: associações e instituições
 370 — educação
 380 — comércio, comunicações (ponto de vista social e político)
 390 — usos e costumes, folclore
- 400 — **FILOGIA** (lingüística)
 410 — filologia comparada
 420 — filologia inglesa e anglo-saxônica
 430 — filologia alemã e outras línguas teutônicas
 440 — filologia francesa, provençal, catalã
 450 — filologia italiana e romena
 460 — filologia espanhola
 470 — filologia latina e de outras itálicas
 480 — filologia grega e outras helênicas
 490 — filologia de outras línguas
- 500 — **CIÊNCIAS PURAS**
 510 — matemática
 520 — astronomia
 530 — física
 540 — química
 550 — geologia
 560 — paleontologia
 570 — biologia, antropologia
 580 — botânica
 590 — zoologia
- 600 — **CIÊNCIAS APLICADAS**
 610 — medicina
 620 — engenharia
 630 — agricultura
 640 — economia doméstica
 650 — organização comercial ou industrial, comunicação (ponto de vista técnico)
 660 — tecnologia química
 670 — manufaturas
 680 — profissões mecânicas
 690 — construção prática
- 700 — **ARTES E DIVERTIMENTOS**
 710 — urbanismo
 720 — arquitetura
 730 — escultura
 740 — desenho, decoração
 750 — pintura
 760 — gravura
 770 — fotografia
 780 — música
 790 — divertimentos
- 800 — **LITERATURA**
 810 — americana
 820 — inglesa
 830 — alemãs e outras teutônicas
 840 — francesa, provençal, catalã
 850 — italiana, romena
 860 — espanhola
 870 — latina e outras itálicas
 880 — grega e outras helênicas
 890 — outras literaturas
- 900 — **HISTÓRIA**
 910 — geografia, viagens
 920 — biografias
 930 — história antiga
 940 — Europa
 950 — Ásia
 960 — África
 970 — América do Norte
 980 — América do Sul
 981 — Brasil
 990 — Oceania, Regiões Polares

ÍNDICE ALFABÉTICO DOS PRINCIPAIS ASSUNTOS

- Alfabetização* — 44, 45, 46
Alunos — número de — 52
 retirada de — 53
 seleção de — 19
 seleção empírica de — 20
 seleção pelos testes ABC — 20
- Aritmética* — 225
 atividades preparatórias — 226
 conceito de número — 225
 definições em — 232
 erros na — 232
 objetivação na — 241
 objetivos do ensino — 225
 problemas na — 233, 234, 235, 241
 programa mínimo — 231
 quatro operações — 226
- Associação Pais e Mestres* — 113
- Auditório* — 188
- Banco da escola* — 11
 medidas do — 11
 tipos de — 11
- Biblioteca da classe* — 90
 do aluno — 90
 do professor — 309
 ficha do leitor na — 92, 95
 impressos para a — 92
 infantil — 90, 92
 jornal da — 87, 88, 89
 livros para a — 88
 mobiliário para a — 87
 regulamento da — 97, 309
 relação de livros para a — 310
 sala da — 87
- Biografia* — 249, 250
Boletim do aluno — 341, 342
- Caixa Escolar* — 99, 101
 impressos para a — 105
 organização da — 101
 regulamento da — 101
- Cálculo* — 226, 228
Caligrafia muscular — 223
- Carta* — 210
Carteira escolar — 11
Cartilha — 164, 176
Castigos — 56, 57
- Centros de interesse* — 291
 cadernos de documentação nos — 292
 modelos de — 292
 observ., assoc. expr. nos — 291
- Chamada de alunos* — 331, 335, 342
Cinema educativo — 110
Classes — 51
 coeducativas — 51
 de reajustamento — 52
 de repetentes — 51
 de vários professores — 52
 fracas — 51
 multigraduadas — 51
 organização de — 51
- Clube agrícola* — 115, 118
 impressos para o — 117
- Clubes de leitura* — 91
- Compêndio* — 328
Composição dirigida — 207, 208
 questionário na — 209
 sumário na — 209
- Conversação* — 208
Cooperativa escolar — 106
 estatuto da — 107
 histórico da — 106
- Cópia* — 206
Correção de trabalhos — 218
Correlação do ensino — 281
Correspondência — 331
 modelos — 332
- Dalton* — 296
Deficientes — 48
Desajustados — 48
Descrição — 208
Despesas de expediente — 344
Diagrama — análise no — 215
 modelos de — 216
- Dicionário* — 183
Disciplina — 55
 conceito de — 56
 e sanções — 57
 preventiva — 58

- Ditado* — 207
- Dramatização* — 200
- Edifício escolar* — 7
dependências do — 7
- Educação* — o sentido visual na — 17
- Ensino*
da leitura — 161
formas do — 126, 127
matérias do — 132
métodos de — 161
processos de — 126
- Escola* — equipamento da — 14
- Escrita* — 221
a letra na — 222
o processo fisiológico na — 221
o processo psicológico na — 222
orientação do ensino na — 223
- Escrituração escolar* — 331
- Estágio de prática* — 137, 144
- Estudo* — 145
- Exames de audição* — 39
da visão — 41
- Fadiga* — 59, 60
- Férias* — 59
- Festas escolares*
dramatizações — 200
- Ficha do aluno* — 146
do leitor — 95
- Frações* — 230
- Frequência* — 52
causas de má — 53
como melhorar — 54
legislação sobre — 54
médica — 335
porcentagem de — 336
- "Gangs" infantis — 56
- Geografia* — 262
cartografia e mapas na — 264
cinema na — 263
estudo do país na — 266
do mundo na — 267
excursões em — 266
fundamentos do estudo da — 262
ilustrações a serviço da — 265
livros de texto na — 263
nomes em — 268
questionário na — 267
relêvo na — 264
sugestões para o ensino da — 267
sumários em — 267
testes em — 271
viagens em — 269
- Globalização* — 282
- Gramática* — 217
- Gravuras* — 166, 178
- Grupos de discussão* — 146
- Grupos escolares* — 62
- História* — 244
biografia na — 250, 251
datas e nomes na — 251
e nacionalização — 245
ensino sistemático da — 246
"maquetas" na — 248
métodos na — 246
planos de trabalho de — 245
problemas na — 244
psicologia do ensino de — 245
testes no ensino da — 256
trabalhos práticos no ensino da — 247
viagens no ensino da — 252
- Histórias* — análise de — 192, 193, 195
assuntos das — 192, 200
crítica de — 196
invenção de — 195
linguagem nas — 192
modelos de — 196
para crianças — 196
personagens de — 180, 196
- Horário* — 60
colocação das matérias no — 63
modelos de — 78, 86
paulista (1889) — 71
- Instituições escolares* — 87
- Jornais infantis* — 88, 214
- Leitura* — 160
aprendizagem da — 160
aproveitamento da — 145, 181
corrente — 187
ensino da — 160
expressiva — 187
fichas de — 95
fixação de vocabulário na — 167, 168
gravuras na — 166, 178
jogos na — 168
livro de — 180
método fônico na — 164
métodos de ensino da — 161
notas de — 145
palavras e sílabas na — 167
planos de aula na — 173
planos de trabalho na — 170
preparo da — 165
pronúncia na — 185, 186
revisão na — 168
silenciosa — 188
teste de — 167, 188
vocabulário na — 166
- Liberdade e licença* — 57

- Lição* — 129
defeitos da — 135
duração da — 133
matéria da — 132
modelo de Lay — 131
objetivos da — 132
passos da — 129
planos de — 134, 135
ponto de partida — 133
- Linguagem escrita* — 206
planos de trabalho — 206
oral — 192
- Livro*
aproveitamento do — 181
aspecto material do — 181
didático — 315
gravuras no — 166, 178
graduação do — 180
legislação sobre o — 315
letras do — 182
linguagem do — 179
- Logicidade* — 242
- Material escolar* — 13
- Matérias discriminadas* — 281
- Matrículas de alunos* — 51, 339
- Método* — 124
analítico — 125
Cousinet — 302
fônico — 164
fundamentos — 307
material no — 307
Montessori — 307
e processo — 126
- Mobiliário escolar* — 10, 11, 12, 49
renovado — 13
- Móveis escolares* — 14
- Montessori* — 307
- Museu didático* — 156
documentação — 158
material para o — 157
- Música* — 111
- Observações* — exercícios de — 137
- Ornamentação escolar* — 17
de trabalhos — 18
direções para — 18
motivos de — 18
- Passos formais* — 130
- Plano Dalton* — 296
divisão do tempo no — 301
gráfico no — 299
modelo de contrato — 298
princípios do — 296
- Poesia* — 203
hora da — 204
modelos de — 204, 205
rimas na — 204
- Prática de ensino* — 136
crítica na — 155
defeitos da — 136
documentação na — 156
estágio na — 144
sala de — 153
trabalho de — 153
- Problemas* — 233
compostos — 239
de logicidade — 242
em série — 235
para vestir — 234
para crítica — 236
práticos — 234
raciocínio nos — 238
sem números — 234
simples — 236
solução dos — 238
- Professor* — 120
aperfeiçoamento do — 121
biblioteca do — 309
formação do — 120
leigo — 121
papel do — 122
predicados do — 122
- Programas* — 65
bases do — 65
italiano — 70
mínimo — 72
renovação do — 65, 66
soviético — 69
tipos de — 66
- Projetos* — 283
classificação dos — 284
e o professor — 284
modelos dos — 285, 289
passos formais nos — 284
vantagens e desvantagens dos — 283
- Prolação* — defeitos de — 185, 186
- Quociente de inteligência* — 29
- Rádio* — 111
- Reajustamento* — 52
- Recreio escolar* — 8
- Repetentes* — 43, 44, 51
- Reprodução* — 207
- Reprovações* — 43, 47, 51
- Resumo mensal* — 337
- Retardados*
pedagógicos — 43
- Sala de aula*
dimensões da — 9
iluminação da — 8
pintura da — 9
- Seleção de alunos* — 19
empírica — 20, 51
histórico da — 19

<i>Seminário</i> — 146	psicograma nos — 23, 24
<i>Sentenças</i> — 206	quadro de frequência nos — 27
<i>Sistema Winnetka</i> — 304	de Ballard — 33
confronto entre — e o plano Dalton — 305	Binet-Simon — 29, 30
fundamentos do — 304	provas da escola — 31
indicações sobre o — 304	de vocabulário e inteligência — 30
<i>Tabuada</i> — 228	avaliação dos — 31
ideal de multiplicação — 229	material dos — 31
<i>Tarefas para casa</i> — 276, 278	<i>Tipos psicológicos</i> — 230
<i>Teatro</i> — 111, 112	<i>Trabalho</i>
<i>Tempo escolar</i> — distribuição do — 60, 61, 63	da criança — 58, 59
<i>Testes</i>	dirigido e livre — 112
A B C — 20, 29	do estudante — 58
avaliação dos — 23	escrito — correção — 218
exemplo de aplicação dos — 21	individual e coletivo — 63
frequência e valor médio nos — 28	por equipes — 64
histograma nos — 25, 29	<i>Utensílios escolares</i> — 14
leitura silenciosa — 189	<i>Verbos</i> — 210
perfil nos — 26	<i>Vocabulário</i> — 166, 219
	<i>Winnetka</i> — 304

ÍNDICE GERAL

Prefácio da 10. ^a edição	5
I — A escola. O mobiliário. O material	7
II — Ornamentação escolar	17
III — Dos alunos. Sua seleção. Exames diversos. Ficha escolar	19
IV — Retardados e repetentes	43
V — Da organização das classes, frequência e disciplina. O trabalho do aluno	51
VI — Programas e horários	65
VII — Instituições e associações escolares	87
VIII — Do professor	120
IX — Do método e dos processos	124
X — A lição	129
XI — A prática do ensino nas escolas normais	136
XII — O ensino da leitura (1. ^a parte)	160
XIII — O ensino da leitura (2. ^a parte)	178
XIV — O ensino da linguagem oral	192
XV — O ensino da linguagem escrita	206
XVI — O ensino da escrita	221
XVII — O ensino da aritmética	225
XVIII — O ensino da história	244
XIX — O ensino da geografia	262
XX — Tarefas para casa	276
XXI — A correlação e globalização do ensino. Projetos	281
XXII — Decroly e os centros de interesse	291
XXIII — Plano Dalton	296
XXIV — Método Cousinet	302
XXV — Sistema de Winnetka	304
XXVI — Método Montessori	307
XXVII — Biblioteca do professor	309
XXVIII — Livro didático	315
XXIX — Escrituração e correspondência	331

★
Este livro foi composto e impresso nas
oficinas gráficas de SARAIVA S. A., à
Rua Sampson, 265, São Paulo (Brasil),
em fevereiro de mil novecentos e sessenta
e cinco, e 51º ano da fundação da
organização Sarativa.

★

SARAIVA
S. A.
LIVREIROS
EDITÔRES
- UMA
ORGANIZAÇÃO
BRASILEIRA
A
SERVIÇO
DA
CULTURA

DEPARTAMENTO EDITORIAL - Rua Fortaleza, 53
VAREJO: LIVRARIA ACADEMICA - Largo do Ouvidor, 28
OFICINAS GRÁFICAS - Rua Sampson, 265
End. Tel.: "ACADÊMICA" - S. PAULO - Caixa Postal 2.362